
PRESERVAÇÃO DOS HÁBITOS COMUNITÁRIOS NAS ALDEIAS DO CONCELHO DE BOTICAS



FICHA TÉCNICA

Preservação dos Hábitos Comunitários nas Aldeias do Concelho de Boticas - Maio 2006 - **Propriedade e Edição:** Câmara Municipal de Boticas - **Direcção:** Fernando Campos - **Sub-direcção:** Fernando Queiroga - **Coordenação Editorial:** Cristina Barros, Dorinda Sanches, Ricardo Mota - **Coordenação Científica:** Rogério Borrallheiro - **Desenvolvimento de Conteúdos:** Isabel Carneiro - **Fotografia:** Isabel Carneiro, João Adegas, Arquivo da Câmara Municipal de Boticas - **Cartografia:** Susana Rodrigues - **Copy Desk:** Cristina Barros, Dorinda Sanches, Isabel Carneiro, Ricardo Mota, Rogério Borrallheiro - **Concepção Gráfica:** Gabinete de Imprensa, João Adegas - **Acabamentos e Execução Gráfica:** Scan-graphic - **Tiragem:** 150 exemplares - **Depósito Legal:** 246223/06 - **Distribuição Gratuita**

Mensagem



O Concelho de Boticas possui um vasto e riquíssimo património arquitectónico e uma identidade cultural muito própria, marcada pelas práticas comunitárias bem enraizadas que desde tempos ancestrais fazem parte do dia-a-dia do nosso Povo.

Essas práticas comunitárias foram a forma encontrada por estas populações de montanha para enfrentarem os rigores do clima e tirarem da terra todos os rendimentos e proveitos para o seu sustento.

À medida que os anos foram passando houve alguns costumes ancestrais que se foram perdendo, mas outros há que subsistem, como a exploração dos baldios, o forno e o moinho comunitário, a vezeira e o boi de cobrição, entre muitos outros. São estas práticas e estes costumes que verdadeiramente caracterizam o nosso povo e a Alma Barrosã e que urge preservar, mantendo a sua autenticidade e genuinidade e transmitindo-os aos nossos filhos e netos.

Depois de ouvidas as histórias que os mais velhos tinham para contar e de interpretadas as marcas que o tempo deixou gravadas na nossa memória e no granito das nossas casas foi possível a realização deste documento, que mais não é que a história viva do Povo do nosso Concelho e que ficará como legado para as próximas gerações.

Esperamos, com este trabalho, contribuir para a preservação da memória do nosso Povo, para que os nossos netos, embora vivendo num Barroso diferente do nosso, se conservem tão barrosões como nós e sejam capazes de manter as suas raízes culturais e a herança social que lhes legamos.

Fernando Campar

(Presidente da Câmara Municipal de Boticas)

Índice Geral

Apresentação	11	Alojamento	55
Localização Geográfica	13	O Brasão do Concelho	56
Principais Características do Espaço Físico	14	Perspectiva Histórica	56
Diversidade Climática	15	O Concelho de Boticas: Traços da sua Fundação	57
Hidrografia	17	Marcas da História Antiga	60
A Fauna e a Flora	18	As Freguesias do Concelho de Boticas	69
Ocupação do Solo	19	Freguesia de Alturas do Barroso	70
Evolução Populacional	20	Freguesia de Ardãos	72
População Residente	21	Freguesia de Beça	74
Densidade Populacional	22	Freguesia de Bobadela	76
Estrutura Etária da População Residente	23	Freguesia de Boticas	78
Níveis de Instrução da População Residente	23	Freguesia de Cerdedo	80
A Agricultura	25	Freguesia de Codessoso	82
Estrutura Fundiária	25	Freguesia de Covas do Barroso	84
Produção Agrícola	25	Freguesia de Curros	86
Actividade Pecuária	26	Freguesia de Dornelas	88
Produção Florestal	28	Freguesia de Fiães do Tâmega	90
Apicultura	29	Freguesia de Granja	92
Indústria	31	Freguesia de Pinho	94
Comércio e Serviços	32	Freguesia de S. Salvador de Viveiro	96
Equipamentos de Ensino	33	Freguesia de Sapiãos	98
Ensino Pré-Escolar	33	Freguesia de Vilar	100
1º Ciclo do Ensino Básico	34	As Aldeias de Barroso	102
2º e 3º Ciclos do Ensino Básico	36	O Comunitarismo - Modelo de Vida	102
Ensino Profissional	37	O Comunitarismo em Barroso	104
Ensino Secundário	37	Exemplos de Comunitarismo Agrário	105
Santa Casa da Misericórdia de Boticas	37	A Terra	108
Outras Iniciativas de Apoio Social	40	Os Baldios	110
Saúde	40	Os Caminhos	110
Unidade Móvel de Saúde	41	As Lamas/Lameiras do Povo ou do Boi	111
Cuidados de Saúde Particulares	41	A Água	112
Administração Pública	42	O Gado	118
Equipamentos Desportivos	43	O Boi do Povo	119
Equipamentos Culturais e Educacionais	44	A Vezeira	122
Equipamentos e Espaços de Lazer	47	A Bênção do Gado	123
Associativismo	48	O Porquinho de Santo António	124
Turismo	48	O Pão	125
Gastronomia	50	Os Moinhos na Economia Local	126
Artesanato	51	Tipos de Moinhos	126
Feiras Temáticas	51	Distribuição e Localização dos Moinhos	127

Construção e Organização Interna dos Moinhos	28
Sistemas de Captação de Água	128
Mecanismos de “Motor” e de Moagem	128
Os Fornos do Povo	130
A Entrejuda nos Trabalhos Agrícolas	137
Festividades Cíclicas	137
A Matança do Porco	142
O Fumeiro e a Carne Fumada	144
As Feiras	145
Festas e Romarias	145
Festa de S. Sebastião em Alturas do Barroso	147
Festa de S. Sebastião em Cerdedo	148
Festa de S. Sebastião em Vila Grande	149
Festa de S. Sebastião em Viveiro	151
As Festas do Corpo de Deus	151
Festa do Sr. do Monte - Pinho	152
Festa do Divino Salvador do Mundo	153
Festa de Nossa Senhora da Livração - Boticas	153
O Ciclo da Vida - O Nascimento	154
O Namoro	155
O Casamento	155
A Morte	157
Religião e Medicina Popular	158
Adágios Populares	164
Glossário	166
Bibliografia	167

Índice de Figuras

- Fig.1 - Mapa de Localização do Concelho de Boti-
cas
- Fig. 2 - Altimetria do Concelho de Boticas
- Fig. 3 - Zonas Climáticas do Concelho de Boticas
- Fig. 4 - Hidrografia do Concelho de Boticas
- Fig. 5 - Lobo Ibérico
- Fig. 6 - Ocupação do Solo em 2004
- Fig. 7 - Evolução da População Residente
- Fig. 8 - População Residente nas Freguesias
- Fig. 9 - Densidade Populacional das Freguesias
- Fig. 10 - Estrutura Etária da População Residente
- Fig. 11 - Níveis de Instrução da População
- Fig. 12 - Utilização das Terras por Culturas
- Fig. 13 - Gado Barrosão no Pasto
- Fig. 14 - Espaços Florestais em 2004
- Fig. 15 - Apicultor em Covas do Barroso
- Fig. 16 - Indústria de Extracção de Granito
- Fig. 17 - Parque Eólico da Serra do Barroso
- Fig. 18 - Crianças do Ensino Pré-Escolar
- Fig. 19 - Dia Mundial da Árvore
- Fig. 20 - Viagem das Crianças a Lisboa
- Fig. 21 - Escola EB 2,3 de Boticas
- Fig. 22 - Distribuição dos Centros Comunitários
- Fig. 23 - Centro Comunitário de Sapiãos
- Fig. 24 - Apoio Domiciliário na Freguesia de Beça
- Fig. 25 - CADAT
- Fig. 26 - Centro de Saúde de Boticas
- Fig. 27 - Unidade Móvel de Saúde
- Fig. 28 - Gabinete de Atendimento ao Município
- Fig. 29 - Estádio Municipal de Boticas
- Fig. 30 - Espaço Internet na Biblioteca Municipal
- Fig. 31 - Auditório Municipal
- Fig. 32 - Biblioteca Municipal de Boticas
- Fig. 33 - Parque de Feiras e Exposições
- Fig. 34 - Interior do Museu Rural
- Fig. 35 - Escola Municipal de Educação Rodoviária
- Fig. 36 - Museu Rural de Boticas
- Fig. 37 - Piscinas Municipais de Boticas
- Fig. 38 - Passeio TT Caminhos da Carne Barrosã
- Fig. 39 - Percursos Pedestres da Rota dos Moinhos
- Fig. 41 - Feira Gastronómica do Porco
- Fig. 42 - Agro Barroso
- Fig. 43 - Feira do Mel de Barroso e da Carne Bar-
rosã
- Fig. 44 - Mapa do Património Arqueológico
- Fig. 45 - Castro de Carvalhelhos
- Fig. 46 - Castro do Lesenho
- Fig. 47 - Mapa das Freguesias e Aldeias do Conce-
lho
- Fig. 48 - Mapa da Rede Viária do Concelho
- Fig. 49 - Mapa de Localização da Freguesia de Alturas
do Barroso
- Fig. 50 - Rebanho de Cabras e Ovelhas (Vilarinho
Seco)
- Fig. 51 - Carranca - Igreja de Santa Maria Madalena
(Alturas do Barroso)
- Fig. 52 - Mapa de Localização da Freguesia de Ar-
dãos
- Fig. 53 - Igreja Paroquial de Ardãos
- Fig. 54 - Cruzeiro e Fonte de Mergulho (Ardãos)
- Fig. 55 - Mapa de Localização da Freguesia de Beça
- Fig. 56 - Igreja de São Bartolomeu (Beça)
- Fig. 57 - Ponte Pedrinha (Beça)
- Fig. 58 - Mapa de Localização da Freguesia de Bo-
badela
- Fig. 59 - Igreja e Cruzeiro de Bobadela
- Fig. 60 - Poço das Freitas
- Fig. 61 - Mapa de Localização da Freguesia de Bo-
ticas
- Fig. 62 - Igreja de Nossa Senhora da Livração (Bo-
ticas)
- Fig. 63 - Posto de Turismo (Boticas)
- Fig. 64 - Mapa de Localização da Freguesia de Cer-
dedo
- Fig. 65 - Igreja Paroquial de Cerdedo
- Fig. 66 - Casa com Passadiço (Coimbró)
- Fig. 67 - Mapa de Localização da Freguesia de Co-
desso
- Fig. 68 - Igreja Paroquial de Codesso
- Fig. 69 - Eira com Espigueiro (Secerigo)

- Fig. 70 - Mapa de Localização da Freguesia de Covas do Barroso
- Fig. 71 - Igreja Paroquial de Covas do Barroso
- Fig. 72 - Capela de São José (Romainho)
- Fig. 73 - Mapa de Localização da Freguesia de Curros
- Fig. 74 - Igreja Paroquial de Curros
- Fig. 75 - Paisagem Rural (Curros)
- Fig. 76 - Mapa de Localização da Freguesia de Dornelas
- Fig. 77 - Pelourinho (Vila Grande)
- Fig. 78 - Dorna em Pedra (Vila Grande)
- Fig. 79 - Mapa de Localização da Freguesia de Fiães do Tâmega
- Fig. 80 - Igreja Paroquial de Fiães do Tâmega
- Fig. 81 - Capela de S. Martinho (Veral)
- Fig. 82 - Mapa de Localização da Freguesia da Granja
- Fig. 83 - Igreja Paroquial da Granja
- Fig. 84 - Fachada Principal do Convento da Granja
- Fig. 85 - Mapa de Localização da Freguesia de Pinho
- Fig. 86 - Santuário do Senhor do Monte (Pinho)
- Fig. 87 - Fachada da Capela de Santa Bárbara (Valdegas)
- Fig. 88 - Mapa de Localização da Freguesia de S. Salvador de Viveiro
- Fig. 89 - Santuário do Divino Salvador do Mundo ou S. Salvador do Mundo
- Fig. 90 - Estátua do Guerreiro Calaico (Réplica)
- Fig. 91 - Mapa de Localização da Freguesia de Sapiãos
- Fig. 92 - Igreja Românica (Sapiãos)
- Fig. 93 - Capela de Santo Amaro (Sapelos)
- Fig. 94 - Mapa de Localização da Freguesia de Vilar
- Fig. 95 - Igreja Paroquial de Vilar
- Fig. 96 - Capela do Senhor dos Milagres (Vilar)
- Fig. 97 - Limpeza dos Regos na Freguesia da Granja
- Fig. 98 - Boi do Povo de Ardãos na Lama do Souto
- Fig. 99 - A Terra como Fonte de Riqueza
- Fig. 100 - A Água na Vida das Populações
- Fig. 101 - Poça de Rega em Secerigo
- Fig. 102 - Relógio Solar de Veral
- Fig. 103 - Rol de Rega de Covas do Barroso
- Fig. 104 - Poça de Rega em Curros
- Fig. 105 - Rebanho de Cabras em Alturas do Barroso
- Fig. 106 - Chega de Bois
- Fig. 107 - Gado no Santuário de S. Salvador do Mundo
- Fig. 108 - Rodízio
- Fig. 109 - Moinho de Água em Vilarinho Seco
- Fig. 110 - Interior de um Moinho
- Fig. 111 - Mapa de Localização dos Fornos do Povo
- Fig. 112 - Reconstituição de Malhada Tradicional
- Fig. 113 - Forno do Povo de Covas do Barroso
- Fig. 114 - Aquecer o Forno do Povo (Beça)
- Fig. 115 - Confeção do Pão da Forma Tradicional
- Fig. 116 - Folares no Forno do Povo
- Fig. 117 - Caretos
- Fig. 118 - Retirar das Entranhas do Porco
- Fig. 119 - Sarrabulho

Índice de Quadros

Quadro I - Ocupação do Solo em 1990 e em 2004	19
Quadro II - Variação da População entre 1991 e 2001	20
Quadro III - Efectivo Animal Existente no Concelho	28
Quadro IV - Tipos de Comércio e Serviços Existentes no Concelho	32
Quadro V - Equipamentos Desportivos Existentes no Concelho	43
Quadro VI - Tipos de Alojamento	55
Quadro VII - Calendário das Festas e Romarias do Concelho	146

Nota Prévia

A publicação deste trabalho corresponde a uma das etapas finais do projecto *Preservação dos Hábitos Comunitários nas Aldeias do Concelho* que a Câmara Municipal de Boticas promoveu de Junho de 2004 a Junho de 2006.

Este projecto integra o princípio de que todos os aspectos materiais da actividade humana - desde o trabalho do campo com as suas alfaias agrícolas até aos utensílios de cozinha - adquirem um valor que os torna parte integrante de um sistema cultural determinado; explicam a cultura como sistema de comportamentos aprendidos e transmitidos pela educação, pela imitação e pelo condicionamento num dado meio social.

O trabalho que se apresenta inscreve-se na caminhada que agora termina, com a edição da síntese de todo o trabalho nesta monografia do concelho, visando registar de forma definitiva as memórias ainda disponíveis nas populações porque se entende que a sociedade muito tem a lucrar com o conhecimento e divulgação do legado dos seus antepassados.

Neste percurso de cerca de dois anos contou-se com a colaboração da população das freguesias, particularmente dos mais idosos, depositários de um património que se regista e se integra naquela expressão nostálgica sempre repetida “o mundo que nós perdemos”. Este trabalho é o testemunho concreto de que vale sempre a pena mobilizar, no seu conjunto, as populações não só nas actividades produtivas como também nas actividades lúdicas, culturais e históricas.

A utilização e publicação das informações e de outros testemunhos e documentos, foi sendo feita através de entrevistas e recolhas locais junto da comunidade e dos seus representantes locais. Certamente não foram ouvidos todos, podendo ficar no esquecimento testemunhos indispensáveis a um mais amplo conhecimento da realidade histórico-cultural e antropológica das terras. Riscos próprios dos trabalhos desta natureza que o futuro ajudará a resolver. Espera-se e deseja-se que este não seja o fim do caminho mas sim o princípio de outro mais profícuo.

Por isso, em conjunto partimos em busca da identidade local Barrosã e transmontana, recolhendo, identificando e registando marcas da comunidade do concelho de Boticas que agora passam definitivamente para o domínio público.

Para a realização deste trabalho, para além dos autores que subscrevem a obra, contou-se com a colaboração inextinguível dos funcionários da Câmara Municipal que, só com eles seria possível.

Rogério Borralheiro

Apresentação

Esta monografia resulta da recolha etnográfica realizada no âmbito do projecto “Preservação dos Hábitos Comunitários nas Aldeias do Concelho de Boticas” que o Município de Boticas desenvolveu de Junho de 2004 a Junho de 2006.

Dadas as características físicas do concelho, a população fez da actividade agro-pastoril o seu modo de vida e a fonte de subsistência. O ambiente, muitas vezes hostil, os rigores do clima e os poucos recursos levaram as comunidades rurais a adoptar estratégias de sobrevivência. Assim, mais do que uma área geográfica delimitada, cada aldeia é em si mesma uma comunidade organizada, em que todos os elementos (físicos e humanos) se encontram interligados, em que a especificidade de cada é um complemento no conjunto. O comunitarismo agro-pastoril, enquanto sistema sócio-económico, baseia-se quer na entajuda durante o “pico” dos trabalhos agrícolas, quer na comunhão de determinados bens e na sua utilização com base nos direitos e deveres estabelecidos pela comunidade.

À semelhança do que acontece noutras zonas rurais do interior, nos últimos anos o concelho tem vindo a sofrer processos de desertificação e envelhecimento populacional que, entre outros factores, estão a provocar a perda dos valores e identidade social das aldeias. Tendo em conta que a transmissão desses conhecimentos é essencialmente oral e que, com o passar dos anos, parte deles se têm vindo a perder, quer porque já não são utilizados, quer por desinteresse ou porque já não há a quem os transmitir, este projecto tem como objectivo principal registar, por escrito, toda a informação ainda disponível na memória das populações aldeãs, sobre os hábitos comunitários preservados até hoje.

Durante meses procedeu-se a um trabalho de campo exaustivo e recolheram-se variados testemunhos etnográficos em cada uma das aldeias e lugares do concelho. Testemunhos orais e documentais, longas

horas de conversa com os mais idosos, verdadeiras memórias de saber, *fiéis depositários* das regras, tradições, usos e costumes. É todo um manancial de conhecimento que agora divulgamos na esperança de que, enquanto registo, permita não apenas a preservação deste vasto património cultural, mas também a sua promoção e revitalização.

Este trabalho encontra-se dividido em duas partes. A primeira parte, descreve o Concelho de Boticas, em termos territoriais, populacionais, a economia da região, bem como as diferentes valências (educacionais, culturais e recreativas) existentes. Damos ainda a conhecer, a evolução histórica do concelho e os vestígios que possui da história antiga. No que se refere às freguesias, dado que este trabalho é complementar às separatas, também editadas no âmbito do referido projecto, e que para cada freguesia foi editada uma obra com referências bastante completas, fazemos aqui uma abordagem genérica, abordando-as sob uma perspectiva muito superficial.

A segunda parte, trata do comunitarismo no Barroso enquanto modelo de vida adoptado pelas comunidades camponesas do Norte de Portugal e refere alguns exemplos de comunitarismo agrário que de algum modo permaneceram bem vivos até aos anos 60 do século passado. Por fim, damos a conhecer quais as regras e valores da vida em comunidade que sobreviveram até aos nossos dias e que continuam a ser a linha de orientação das vivências locais.

Este trabalho vai para além dos objectivos primeiros do projecto que lhe deu origem “a preservação dos hábitos comunitários nas aldeias do concelho” mas decorre de uma dinâmica que a sua concretização gerou entendendo nós que lhe deveríamos dar voz, designadamente na análise também a outras áreas da vida social, como as tradições, os *usos e costumes* pois, afinal não é possível explicar (compreender) o funcionamento de uma comunidade sem fazer referência aos vários aspectos que a compõem.

Localização Geográfica

O Concelho de Boticas situa-se na parte norte de Portugal, na Província de Trás-os-Montes, distrito de Vila Real e encontra-se integrado na NUT III – Alto Trás-os-Montes. Faz também parte da Associação de Municípios do Alto Tâmega (AMAT), constituída pelos concelhos de Boticas, Chaves, Montalegre, Ribeira de Pena, Valpaços e Vila Pouca de Aguiar. Os concelhos de Boticas e Montalegre constituem, por seu lado, a região do Barroso, unidade paisagística e natural caracterizada por uma topografia complicada, com altas montanhas e vastos planaltos, com características singulares nos aspectos humano, económico e cultural.

Delimitado a Norte pelo concelho de Montalegre,

a Este pelo de Chaves, a Sul pelos concelhos de Vila Pouca de Aguiar e Ribeira de Pena, a Oeste pelos concelhos de Cabeceiras de Basto e Montalegre, o concelho de Boticas estende-se desde a Serra do Barroso até às Serras do Leiranco e Pindo, e da Serra das Melcas ou dos Marcos até ao Rio Tâmega, ao longo de uma área de aproximadamente 322 km².

Durante muitos séculos as características físicas do território, aliadas aos difíceis acessos, contribuíram para o isolamento da região. Nos últimos anos, esta barreira tem vindo a ser suplantada com a melhoria significativa das condições de acessibilidade, nomeadamente: a beneficiação da rede viária, EN-103 e

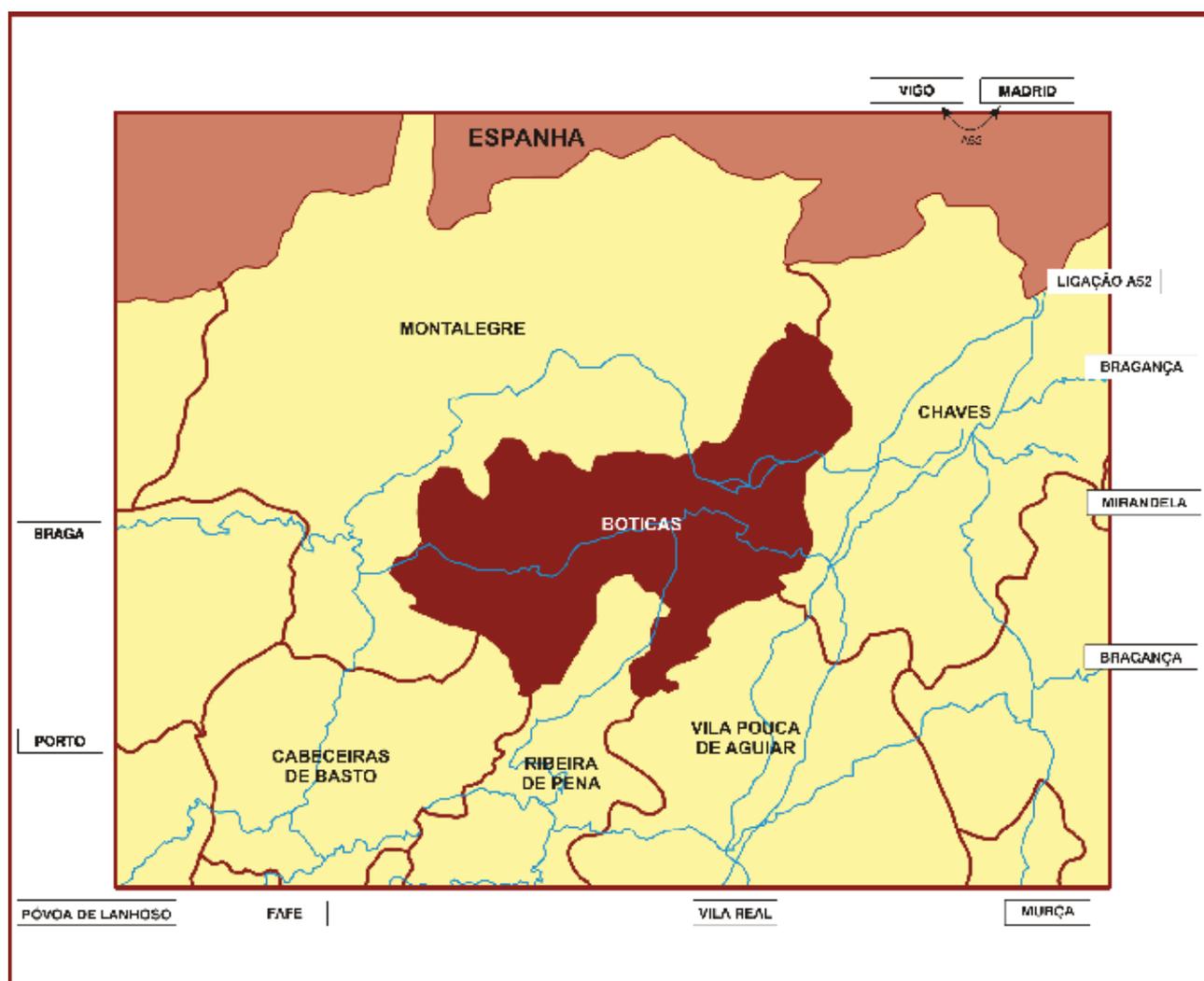


FIG.1 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DO CONCELHO DE BOTICAS

ER-311, construção de novas vias, como a A24 e a A7, ambas em fase de conclusão, e cuja proximidade será uma mais valia, dado que encurta a distância relativamente aos grandes pólos urbanos, de que é exemplo a cidade do Porto.

Boticas tornou-se concelho no século XIX, no contexto da reforma administrativa de 1836, através do Decreto de 6 de Novembro de 1836, e corresponde a uma parte da antiga Terra do Barroso, com freguesias desanexas aos concelhos vizinhos (Chaves e Mon-

talegre) e ao extinto Couto de Dornelas.

Administrativamente, o concelho é, actualmente, constituído por 16 freguesias: Alturas do Barroso, Ardãos, Beça, Bobadela, Boticas, Cerdedo, Codesoso, Covas do Barroso, Curros, Dornelas, Fiães do Tâmega, Granja, Pinho, São Salvador de Viveiro, Sapiãos e Vilar; subdivididas em 52 povoações.

Principais características do espaço físico

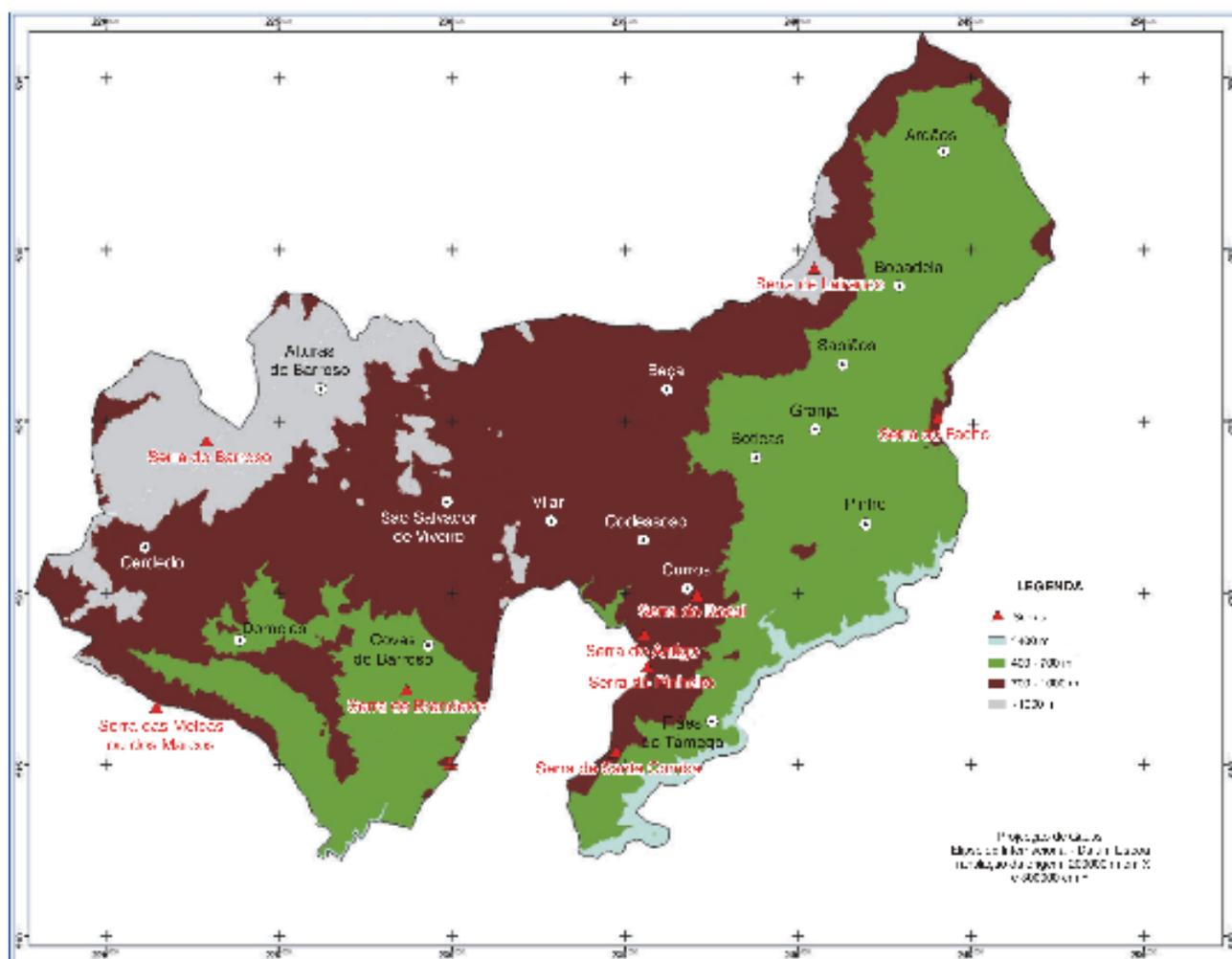


FIG. 2 - ALTIMETRIA DO CONCELHO DE BOTICAS

O relevo do concelho corresponde a um mosaico diversificado de cadeias montanhosas e vales encaixados.

Na parte mais elevada, que representa 13% da área do concelho, encontra-se, orientada de NE a SW, a Serra do Barroso (1279 m), de onde deriva o nome da região que Boticas integra e que corresponde ao ponto mais alto do concelho. Mais a Este, encontra-se a Serra do Leiranco (1155 m).

No prolongamento destas duas serras, vastas áreas de planalto (700 m – 1000 m) ocupam grande parte da zona central do concelho. Aí se localizam outras serras, como Santa Comba (901 m), Pinheiro (1002 m), Antigo (968 m), Bocal (906 m), Melcas (949 m), Brandelos (560 m) e Facho (775 m), que ocupam a maior proporção do território.

No nível seguinte, dos 400 m – 700 m, que corresponde a 39% da área do concelho, encontram-se alguns dos vales mais férteis, junto dos principais cursos de água: na parte Este, os vales dos Rios Tâmega e Terva, e na parte Oeste do concelho, os vales das Ribeiras das Lousas e do Couto e do Rio Covas.

Por fim, no que se refere à classe de altimetria mais baixa, dos 0-400 m, podemos afirmar que é a menos representativa no concelho, correspondendo apenas a

2% da área total, distribuindo-se ao longo das encostas dos vales encaixados dos rios Covas e Tâmega.

O desnível entre as cotas extremas, 1279 m em Alturas do Barroso e 225 m em Fiães do Tâmega, é bastante considerável. Assim, Boticas encerra uma diversidade de paisagens, que vão desde as altas montanhas graníticas, aos vales cobertos por prados naturais (os lameiros). Os pontos mais altos, entre os quais se destacam a Serra do Barroso e a Serra do Leiranco, pela sua posição estratégica e pela sua altitude, constituem excelentes miradouros naturais que permitem uma vasta e alargada visão para as Serras de Sanábria (Espanha), Larouco, Gerês, Cabreira e Marão, oferecendo, assim, uma rara imensidão de horizonte, por vezes entrecortado pelas águas da barragem do Alto Rabagão. Encaixadas nestas múltiplas paisagens encontram-se as aldeias e lugares do concelho, dispostas em planaltos, nas encostas das serras ou protegidas nos vales. A conjugação destes diferentes tipos de paisagens proporciona momentos únicos aos visitantes e constitui uma das imagens de marca do concelho.

Diversidade climática

Longe do mar e isolado das suas influências pela barreira natural formada pelas inúmeras cadeias montanhosas que constituem a região do Barroso, domina o clima exposto às influências continentais. A isto se alia o facto de o concelho se encontrar numa zona planáltica e montanhosa, modelada por vales profundos, o que faz com que se registem alguns contrastes climatéricos.

Os Invernos são agrestes e prolongados, durante os quais é frequente ocorrerem fortes nevões, especialmente nos pontos mais altos, e geadas em alguns períodos do ano. Por seu lado, os Verões são muito quentes e pouco prolongados. Rigores de um clima,

que o adágio popular “*Em Barroso, nove meses de Inverno e três de inferno*” tão bem descreve.

Em termos gerais, a temperatura média anual é tendencialmente crescente de Norte para Sul, sendo que as temperaturas mais baixas se registam ao longo das Serras do Barroso e Leiranco, enquanto que as temperaturas mais elevadas se encontram confinadas nas encostas mais a Sul, nos vales encaixados dos rios Beça, Covas e Tâmega.

Todavia, se tivermos em conta os valores médios anuais de temperatura e a precipitação média anual, o concelho divide-se em cinco zonas climáticas, conforme se pode observar na figura 3.

- A Terra Fria de Montanha (M1) corresponde à zona mais elevada do concelho, a Serra do Barroso, região muito fria, com elevadas precipitações médias anuais e alguns nevões durante o Inverno.

- A Terra Fria de Planalto (F1). Embora mantenha as elevadas precipitações médias anuais, possui uma temperatura mais amena, estendendo-se por uma vasta área do concelho e encerrando algumas serranias da Zona Oeste, como são os casos das Serras de Santa Comba, Pinheiro, Antigo e Bocal, Leiranco e a Serra das Melcas, na parte Este.

- A Terra de Transição (T1) localiza-se essencialmente na parte Sul do concelho, ao longo dos vales encaixados das Ribeiras das Lousas e do Couto e

do Rio Covas e parte intermédia das encostas do Tâmega.

- As Terras de Transição (T2, T3, T4) ocupam a parte Este do concelho, sendo que à medida que nos aproximamos da fronteira com o concelho de Chaves se verifica um decréscimo da precipitação e a manutenção da temperatura.

- A Terra Quente (Q1) é uma zona extremamente explosiva do ponto de vista climático, dado possuir em simultâneo elevadas precipitações e elevadas temperaturas médias anuais. Encontra-se circunscrita a uma pequena área na parte Sul do concelho, ao longo das partes mais baixas das encostas dos Rios Beça e Tâmega.

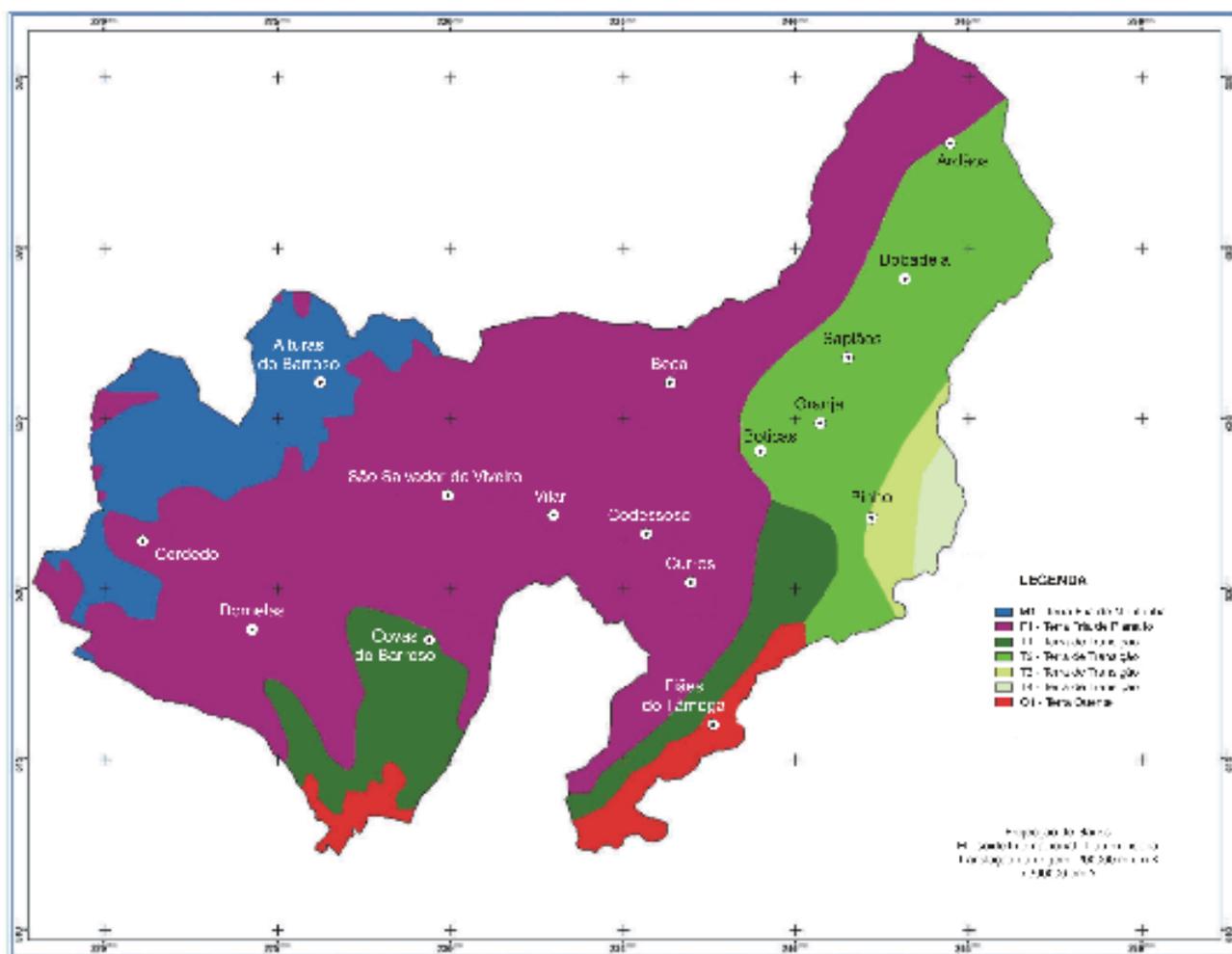


FIG. 3 - ZONAS CLIMÁTICAS DO CONCELHO DE BOTICAS

Hidrografia

No que se refere à água, Boticas apresenta uma vasta e rica rede hidrográfica, com especial destaque para os Rios Beça, Covas, Tâmega e Terva que, quer pela sua dimensão, quer pela área que abrangem, modelam a paisagem ao longo do seu percurso, fecundando os campos e oferecendo nos seus leitos um manancial piscícola. Possui também um elevado número de ribeiros e corgos, conforme se pode observar na figura 4.

A água sempre desempenhou uma enorme importância para esta região, sendo aproveitada e adaptada conforme as necessidades da população local que a utiliza para os mais diversos fins, que vão desde a rega dos prados naturais (lameiros) e dos campos de cultivo, à moagem dos cereais nos inúmeros moinhos de água existentes junto ao seu curso, e ainda para a produção de energia hidroeléctrica ou a prática da pesca.

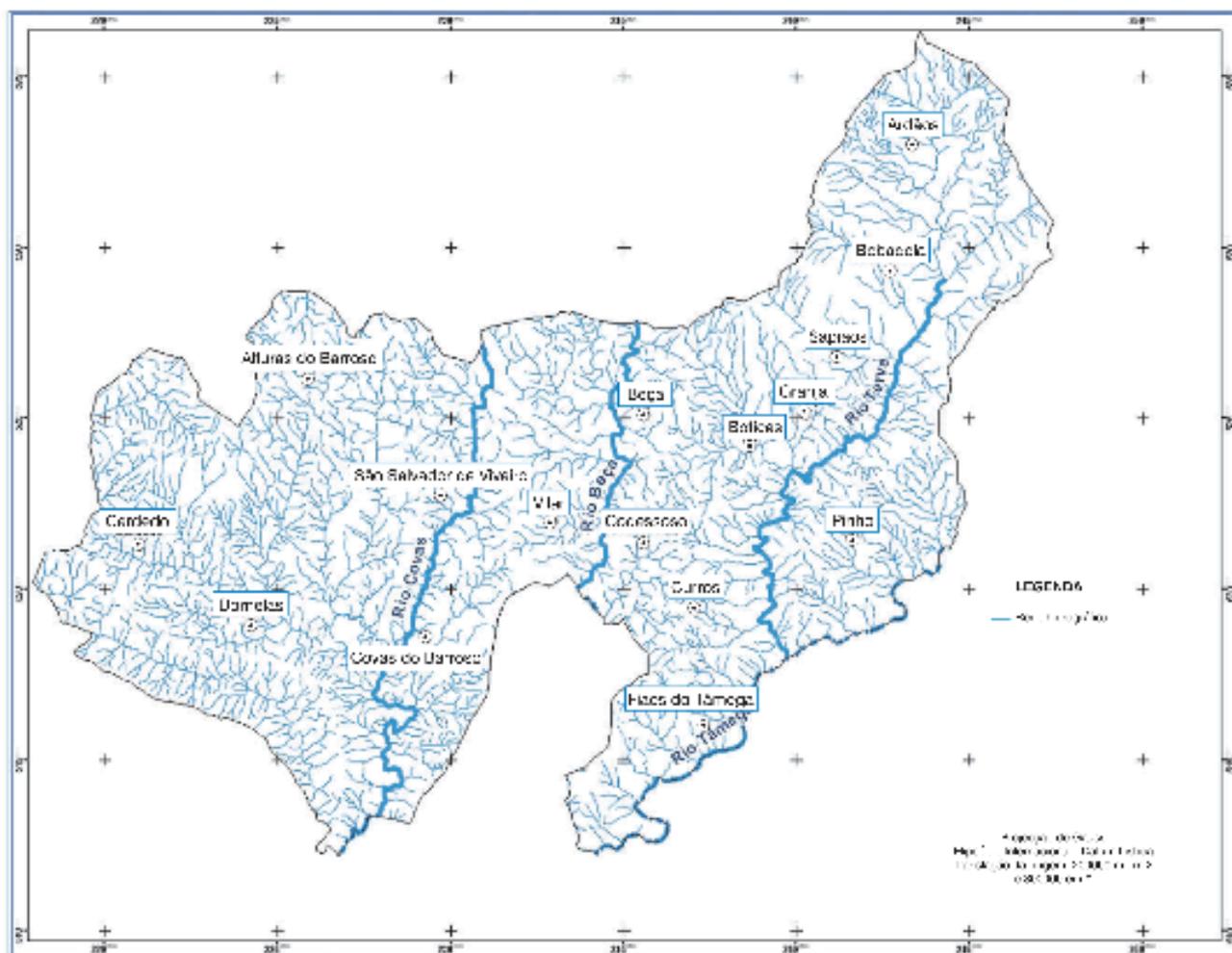


FIG. 4 - HIDROGRAFIA DO CONCELHO DE BOTICAS

A Fauna e a Flora

Relativamente à fauna, este concelho é povoado por um leque variado de espécies. Os rios e ribeiros existentes, relativamente protegidos das alterações das condições ambientais, criam nas suas águas frescas e puras: trutas, escalos, barbos, vogas, enguias e lontras. Nas serras e nos bosques encontram-se um grande número de mamíferos, cuja presença e fixação nesta zona depende de diversos factores como a vegetação, as linhas de água e a alimentação. Nas encostas das Serras do Barroso, Leiranco e Santa Comba predominam lobos, raposas, texugos, doninhas, esquilos, águias, corujas, mochos reais e milhafres, para além de espécies cinegéticas como perdizes, codornizes, lebres, coelhos, corsos e javalis.

No que se refere à flora, o concelho possui uma grande diversidade que acompanha as diferentes paisagens. Nas zonas mais elevadas do concelho, as massas arbóreas naturais predominantes são constituídas por carvalhais mistos, com especial destaque para o carvalho roble (*Quercus robur*) e o carvalho negral (*Quercus pyrenaica*), pinheiros bravos (*Pinus pinaster*) e pinheiros-silvestres (*Pinus sylvestris*). No substrato sub-arbustivo encontram-se a urze (*Erica australis*), a queiroga (*Erica umbelata*), a torga (*Calluna vulgaris*),

o tojo (*Ulex europaeus* e *Ulex parviflorus*), a carqueja (*Chamaepartium tridentatum*) e a giesta (*Genista florida*). A um nível mais baixo, é possível encontrar também castanheiros (*Castanea sativa*). Junto das linhas de água encontra-se o freixo (*Fraxinus angustifolia*), o amieiro (*Alnus glutinosa*), o salgueiro (*salix atrocinera*) e o vidoeiro (*Bétula pubescens*). Um pouco por todo o concelho existem também cogumelos bravos, alguns dos quais comestíveis como, por exemplo, os mísscaros, os tortulhos e os chamados “frades”, entre outros.

De forma a valorizar o vasto património natural existente no concelho, a Autarquia está a desenvolver esforços para criação do Parque Natureza do Barroso e Alto Tâmega (PNBAT). Localizado entre as freguesias de Beça, Codessoso e Vilar, ao longo de um espaço com uma área de cerca de 56 hectares, que representa a paisagem rural característica desta região, este parque será constituído por áreas florestais, intercaladas com áreas de cultivo e pastagens. Sendo o objectivo da Autarquia dinamizar esta área nas valências ambientais, patrimoniais e recreativas, tornando-a uma mais-valia turística para Boticas e para os concelhos vizinhos.



FIG. 5 - LOBO IBÉRICO

Evolução populacional

	1991	2001	Var. 1991-2001 (%)
Continente	9 375 926	9 869 343	5.3%
Região Norte	3 472 715	3 687 293	6.2%
NUT III – Alto Trás -os-Montes	235 241	223 333	- 5.1%
AMAT	112 511	104 768	- 6.9%
Boticas	7 936	6 417	- 19.1%

QUADRO II – VARIACÃO DA POPULAÇÃO ENTRE 1991 E 2001

Boticas acompanha as tendências de regressão demográfica do Alto Trás-os-Montes (NUT III).

Observando o quadro, verifica-se que, enquanto que o Continente e a Região Norte apresentam um acréscimo de habitantes, entre 1991 e 2001, o Alto Trás-os-Montes regista uma diminuição populacional no período homólogo. Estes valores demonstram bem as duas realidades - Litoral e Interior - da Região Norte de Portugal. Se o primeiro vê aumentar a sua população, em grande parte devido ao poder de atracção exercido pelos grandes pólos urbanos aí localizados, os dados que se registam a partir do NUT III revelam o esvaziamento demográfico que assola o rural profundo, o Interior Norte.

Esta tendência de regressão verifica-se na totalidade das freguesias do concelho, à excepção da freguesia de Boticas, onde se encontra a sede do concelho, cuja tendência registada aponta para a manutenção e mesmo uma ligeira evolução da população.

O declínio populacional que se registou na segunda metade do século XX justifica-se, em larga medida, pela intensificação dos fluxos migratórios que se registaram a partir da década de 60, associados a uma quebra da taxa de natalidade. Década após década, o concelho assistiu ao decréscimo constante da sua população residente, perdendo cerca de 55% (8 064 habitantes) dos residentes entre 1960 e 2001.

Os dados demonstram que este concelho, bem

como toda a região do Barroso, foi especialmente atingido pelo fenómeno das migrações. Até aos anos 60 (do século XX), a emigração era essencialmente efectuada de forma clandestina para países como a França, ou através de *cartas de chamada*, para países como os Estados Unidos da América ou Brasil. Dadas as dificuldades existentes na época, este fenómeno era ainda pouco significativo. Com a abertura das fronteiras à emigração, a partir dos anos 60, deu-se o *boom* migratório. Em apenas uma década, as aldeias viram diminuir drasticamente o número dos seus residentes. Algumas delas viram reduzidos para metade, os seus habitantes, pois muitos foram os que partiram em busca de melhores condições de vida. Se na primeira vaga migratória partiram essencialmente homens, nas décadas seguintes as mulheres seguiram-lhes os passos.

Os destinos mais comuns destas vagas migratórias foram a França, Espanha, Alemanha, Itália, Suíça, Inglaterra, Bélgica, Estados Unidos da América (EUA), Brasil, Canadá e Luxemburgo. Mas em muitos outros países é possível encontrar botiquenses, opções mais esporádicas e que apresentam por isso valores muito residuais, como por exemplo Holanda, Dinamarca, Venezuela, Argentina, África do Sul e Austrália, entre outros.

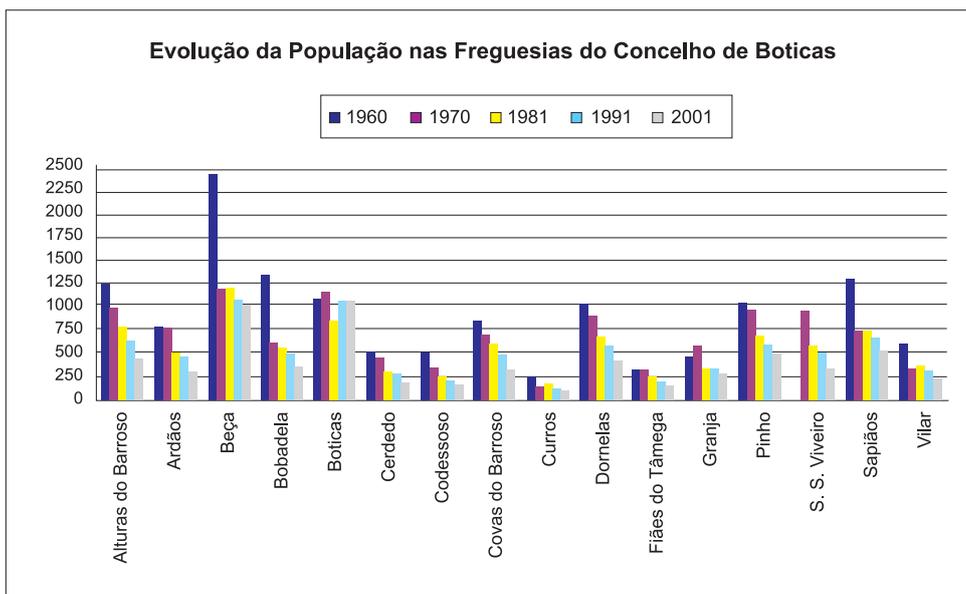


FIG. 7 – EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE BOTICAS, ENTRE 1960 E 2001 (FONTE: INE)

População residente

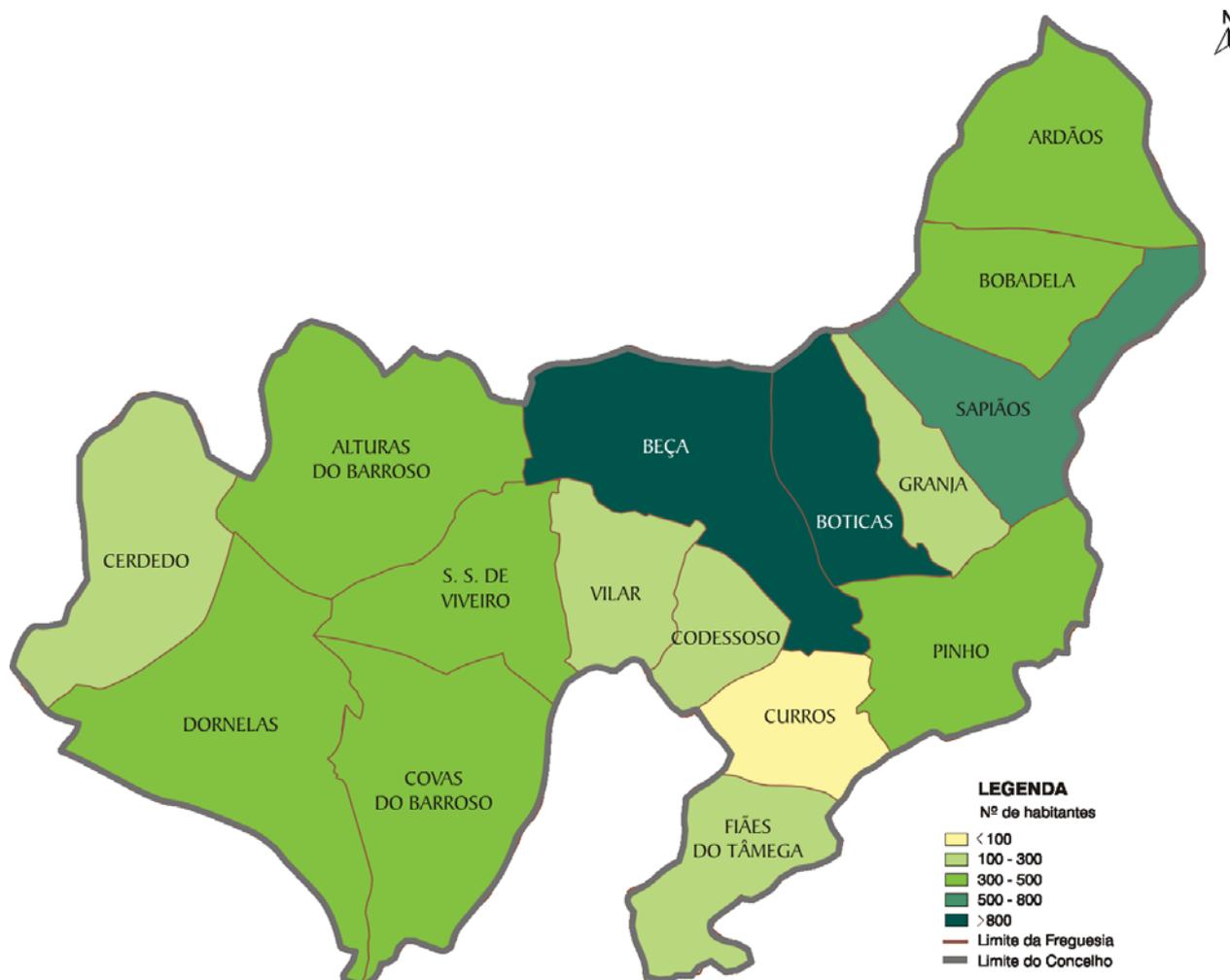


FIG.8 - POPULAÇÃO RESIDENTE NAS FREGUESIAS DO CONCELHO, EM 2001 (FONTE: INE)

A pesar do acentuado declínio demográfico que se registou nos anos 60 e 70 (do século XX), nas últimas décadas a evolução populacional tem vindo a estabilizar. Os fluxos migratórios abrandaram substancialmente, a que se alia o retorno de alguns emigrantes à sua terra natal.

Todavia, a quebra de natalidade registada não permitiu uma renovação geracional capaz de inverter

a tendência de diminuição da população residente, existindo freguesias no concelho que registam valores populacionais mínimos, como é o caso da freguesia de Curros com apenas 87 residentes repartidos por três aldeias: Antigo de Curros, Curros e Mosteirão.

Densidade Populacional

A redução demográfica ocorrida originou, inevitavelmente, a desertificação do território concelhio, cuja densidade populacional se situava nos 19.7 hab/km² em 2001.

O mapa que se segue revela uma notória con-

centração da população na sede de concelho ou nas freguesias limítrofes, zona do concelho onde se concentra a grande maioria do comércio e indústria existente e, inerente a eles, as ofertas de emprego.

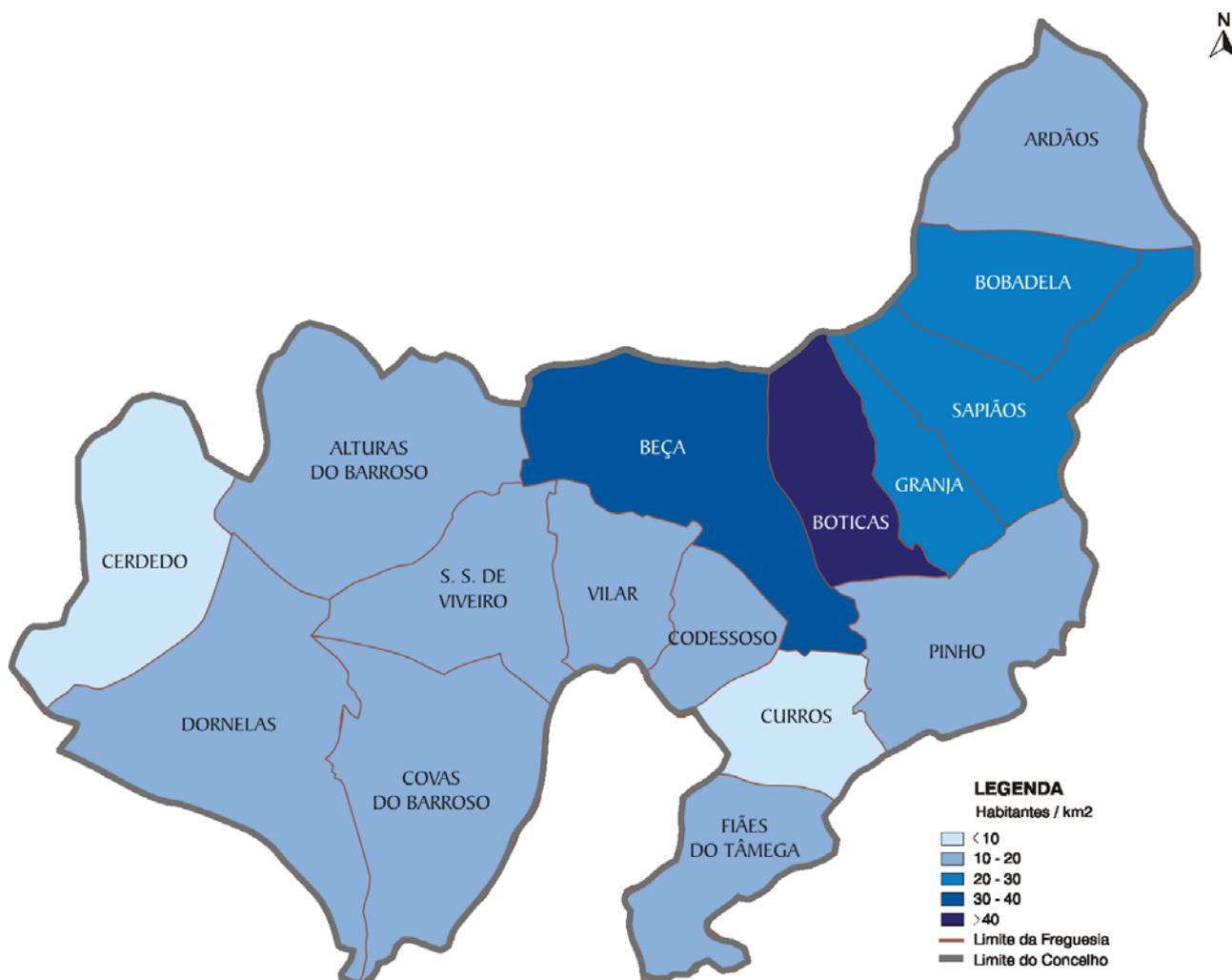


FIG.9 - DENSIDADE POPULACIONAL DAS FREGUESIAS DO CONCELHO, EM 2001 (FONTE: INE)

Estrutura etária da população residente

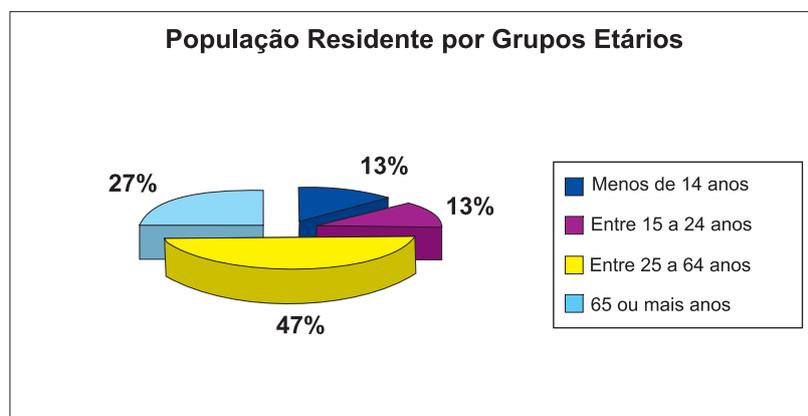


FIG. 10 – ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO RESIDENTE NO CONCELHO DE BOTICAS, EM 2001
(FONTE: INE)

As migrações ocorridas, sobretudo nas camadas mais jovens, para além da desertificação, levaram ao rápido envelhecimento da população, bem como a uma quebra na taxa de natalidade, condicionando, desta forma, a capacidade de renovação geracional do concelho.

Conforme se pode observar pela figura 10, a estrutura etária da população residente no concelho revela uma grande tendência para o envelhecimento, a que se aliam as dificuldades de renovação geracional, condicionando desta forma as tendências futuras do

concelho em termos de crescimento demográfico. O processo de envelhecimento populacional é claramente visível, simultaneamente, pela elevada percentagem de idosos e pela reduzida percentagem de crianças e jovens (13% cada).

As freguesias mais periféricas são aquelas que registam um maior envelhecimento populacional, resultante do êxodo da população jovem para outros territórios, em busca de novas oportunidades, dada a escassez de oferta de emprego nas suas freguesias de origem.

Níveis de instrução da população residente

Os níveis de instrução da população residente são baixos, verificando-se em todas as freguesias uma elevada percentagem de pessoas sem qualquer nível de ensino. O valor mais baixo regista-se na freguesia de Boticas, que em termos de níveis de instrução apresenta os valores mais elevados, e o mais elevado em Ardãos.

Este fenómeno explica-se, em parte, pela elevada percentagem de idosos, pois são eles quem mais contribui para esta realidade. Como alguns deles afirmam, com certa tristeza, *nasceram num tempo em que ir à escola não punha pão na mesa*. Na sua infância,

a escolaridade não era uma prioridade e ser criança, mais do que uma boca a alimentar, era sinónimo de braços para trabalhar, ajuda essencial para a economia familiar. Às crianças eram entregues tarefas como pastorear o gado, libertando assim os braços mais fortes, dos mais velhos, para os trabalhos agrícolas mais pesados. Ir à escola era encarado como um desperdício de tempo, pelo que as crianças, quando a frequentavam, era apenas o tempo suficiente para aprenderem a ler e escrever.

O 1º Ciclo é o nível de ensino predominante entre

a população residente. Muitas das pessoas que apenas conseguiram concluir este nível, por vezes por não terem oportunidade de prosseguir os estudos, tudo fazem para que, hoje, os seus filhos *estudem e tirem um curso*, de forma a acederem a melhores oportunidades de emprego. Este investimento na educação dos filhos reflecte-se nos valores que encontramos nos níveis seguintes, que apresentam uma tendência de evolução

quando comparados com os dados do Recenseamento Geral da População de 1991. Aliados à mudança de mentalidades relativamente ao ensino, os apoios e o investimento feitos pela Autarquia nesta área, foram a base de sustentação que tem permitido que esta tendência de evolução se concretize.



FIG. 11 – NÍVEIS DE INSTRUÇÃO DA POPULAÇÃO RESIDENTE NO CONCELHO DE BOTICAS, EM 2001 (FONTE: INE)

A Agricultura

Boticas continua a ser um concelho marcadamente rural, dado que grande parte da sua população, aproximadamente 30,1%, continua a dedicar-se às actividades agro-pastoris.

No entanto, a produção agrícola tem sofrido algumas alterações ao longo das últimas décadas. Ao êxodo rural que se registou a partir de 1960, seguiu-se um decréscimo da produção agrícola.

Estrutura fundiária

O concelho integra uma região de minifúndio. A Superfície Agrícola Utilizada (SAU) encontra-se dividida, por vezes até ao extremo possível, em parcelas de dimensão e formas variáveis, bem como diferentes níveis de produtividade. Segundo os dados do Recenseamento Geral de Agricultura (RGA) de 1999, o concelho dispunha de 11031ha de SAU, repartida pelas 1339 explorações agrícolas então existentes, o que dá uma média de 8,24ha de SAU por exploração.

Todavia, uma parte significativa desta SAU integra parcelas de dimensão tão pequena, onde apenas é possível a horticultura. Estas parcelas encontram-se, geralmente, localizadas junto ao perímetro urbano das localidades. Acresce a isto o facto de a SAU de cada uma das explorações se encontrar dispersa ao longo do espaço territorial das aldeias, o que causa sérios constrangimentos à agricultura local.

Produção Agrícola

Entre as culturas predominantes, destaca-se pela sua qualidade e sabor a batata, produzida em todo o concelho, essencialmente para auto-consumo, mas também para venda. Nas culturas temporárias destacam-se, também, os cereais para grão (essencialmente centeio e milho) e as culturas forrageiras. A produção de centeio e milho encontra-se perfeitamente adaptada à morfologia e clima do concelho. Enquanto que o centeio predomina nas terras mais altas, no Norte e Centro do concelho, região do Barroso, à medida que se segue para Oeste, região mais próxima do Minho, e Sul, ganha predominância a cultura do milho. Esta tendência atinge o seu extremo na freguesia de Fiães do Tâmega, onde dada a grande inclinação do terreno apenas se

cultiva milho. Todavia, outros factores podem influir na opção de cultivar milho em detrimento do centeio. Por exemplo, na freguesia de Dornelas, a dimensão de alguns caminhos não permite a passagem das modernas ceifeiras debulhadoras, bem como a pequena dimensão das parcelas agrícolas, que não permite a rentabilidade da sua utilização. Estes factos levaram a uma reconversão na cultura dos cereais, ao abandono do cultivo do centeio e à crescente adopção da cultura do milho.

Também a vinha, embora em menor dimensão, desempenha um papel importante na agricultura local, exceptuando as freguesias situadas na parte Norte do concelho, onde o clima não é propício a este tipo de cultura. O vinho produzido, de castas

seleccionadas, destina-se essencialmente para auto consumo. Existe, todavia, um vinho, que, dadas as suas qualidades excepcionais, se vem afirmando cada vez mais ao nível de mercado. É o famoso “Vinho dos Mortos”. No sentido de divulgar este vinho, impulsionando desta forma a sua produção

e venda, a Autarquia está a construir, em Granja, o Repositório do Vinho dos Mortos, para divulgação, observatório e preservação desse produto. A Cooperativa Agrícola de Boticas (CAPOLIB) é a detentora do registo da patente do “Vinho dos Mortos”.

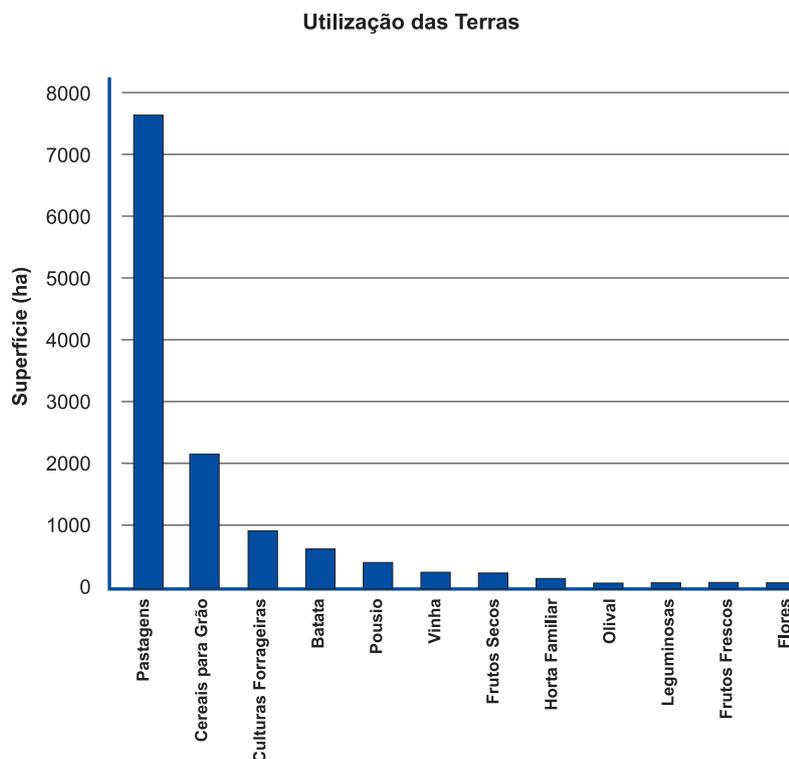


FIG. 12– UTILIZAÇÃO DAS TERRAS DE ACORDO COM OS TIPOS DE CULTURAS, SEGUNDO O RECENSEAMENTO GERAL DA AGRICULTURA (RGA) EM 1999. (FONTE: INE)

Actividade Pecuária

Conforme se pode observar na figura 12, no concelho há uma clara predominância de pastagens, que ocupam 63% da SAU, o que indicia a grande expressão que a pecuária assume em Boticas.

Na criação e exploração animal distingue-se o gado bovino, onde, por tradição, se destaca a Raça Barrosã. Habitantes ancestrais das terras altas do Norte de Portugal, os bovinos barrosãos são herdeiros naturais de um património genético único, transportam e preservam a genuinidade e autenticidade de uma raça. Referência emblemática da bovinicultura portuguesa,

a Raça Barrosã distingue-se de todas as outras pela lira alta da sua cornamenta, o perfil acentuadamente côncavo e pelo sabor inigualável da carne que produz. Manjar dos reis, em séculos passados, hoje, seleccionada e criada sob um rigoroso controlo, esta carne é detentora da Denominação de Origem Protegida (D.O.P.).

A CAPOLIB, em parceria com a Autarquia, realiza, anualmente, o Concurso Pecuário da Raça Barrosã, que no ano 2005 comemorou a sua XIII edição, integrado no programa das festas do concelho, em honra de Nossa Senhora da Livração. Este concurso tem

vindo a granjear uma adesão cada vez maior, conta com mais de meia centena de produtores inscritos, estando praticamente representada toda a área onde a Raça Barrosã está implantada (Barroso e Minho). Neste evento são premiados os melhores exemplares, em cada uma das categorias a concurso: Touros, Novilho, Vitelos, Vacas, Novilhas e Vitelas.

Nos últimos anos tem-se registado um aumento significativo, quer em termos de criadores, quer em termos de efectivos bovinos de Raça Barrosã. Esta tendência é impulsionada por vários factores, entre os quais se destaca o aumento da procura da carne destes bovinos, para o que tem contribuído a sua promoção na “Feira do Mel do Barroso e da Carne Barrosã”, certame promovido anualmente pela Autarquia, em parceria com a CAPOLIB. Também a Confraria Gastronómica da Carne Barrosã, ao reunir confrades das mais diversas regiões de Portugal, tem tido um papel fundamental na divulgação de tão saborosa carne. Por último, ao aumento do efectivo bovino desta raça também não são alheios os apoios financeiros concedidos, no âmbito da Política Agrícola Comum

(PAC), às Raças Autóctones. Para além desta, existem no concelho bovinos de outras raças.

Os vastos prados naturais, os lameiros, enquanto pastos e produtores de forragens (feno) para o Inverno, asseguram grande parte da alimentação destes animais. A par do gado bovino, existe também muito gado ovino e caprino, para os quais as áreas de maninho, os baldios, constituem a principal fonte de alimentação. Estes animais, pastoreados em rebanhos, são uma mais valia para os agregados familiares. Se por um lado asseguram parte da sua alimentação, por outro, são também uma fonte de rendimento com o dinheiro obtido pela venda das crias.

Os equídeos são aqueles que menor expressão tem, no total do efectivo animal do concelho. Todavia, nos últimos anos, apresentam uma tendência de crescimento. À medida que os agricultores envelhecem, torna-se cada vez mais difícil pastorear o gado, e assegurar todos os cuidados que este exige, pois *a idade e a saúde já não ajudam*. Assim, regista-se uma tendência de substituição dos bovinos por equídeos, em especial pelos asininos, animais que por um lado



FIG. 13 - GADO BARROSÃO NO PASTO

Espécies Animais	Nº de cabeças
Bovinos	4130
Caprinos	5111
Ovinos	4392
Equídeos	427

QUADRO III - EFECTIVO ANIMAL EXISTENTE NO CONCELHO (FONTE: RGA, 1999)

asseguram a execução dos trabalhos agrícolas e por outro são de trato mais fácil. Estes animais não são pastoreados, nem necessitam da guarda constante do pastor, pois são levados até às pastagens e presos, deixando-se aí a pastar, havendo apenas o trabalho de os conduzir às pastagens e, mais tarde, de regresso à *corte* onde pernoitam.

A criação do gado suíno, com destaque para o Porco Bísaro, assumiu especial importância para a sobrevivência das populações locais, para quem este animal constitui um dos alimentos base. O saber humano aliado, às especificidades do clima, criaram condições para que o fumeiro da região adquirisse qualidades especiais. Nos últimos anos, tem-se registado um crescimento na produção e venda de fumeiro tradicional. A promoção destes produtos na “Feira Gastronómica do Porco”, certame que a Autarquia promove anualmente, tem sido fundamental para o lançamento económico desta actividade tradicional. Mais que uma peça importante para a subsistência dos agregados familiares, o fumeiro tende a transformar-se numa fonte complementar de rendimento.

Numa forte aposta na tradição, qualidade e de forma a garantir a viabilidade económica destes produtos tradicionais, a Autarquia incentivou a criação de micro-empresas, através de apoios concedidos à população, no âmbito da medida AGRIS, para a criação de “Pocilgas Familiares” e de “Cozinhas de Venda Directa”. Estas asseguram que as actividades de criação do gado suíno e produção de fumeiro cumprem todas as normas de boas práticas ambientais e de saúde pública, de forma a garantir a máxima qualidade dos produtos. A criação do gado suíno está sujeita a um rigoroso controlo médico-veterinário, que acompanha as condições de criação e abate dos animais.

Este investimento já viu os seus esforços recompensados, pelo seu elevado índice de qualidade e sabor foram reconhecidos com a Indicação Geográfica (IG) os seguintes produtos¹: a Alheira de Boticas, a Linguça de Carne² de Boticas, o Salpicão de Boticas, o Chouriço Azedo de Boticas, a Farinhota de Boticas, a Orelheira de Boticas, a Peituga Fumada de Boticas, o Ranhão Fumado de Boticas, os Rojões na Banha de Boticas e os Rojões no Mel de Boticas.

Produção Florestal

Também a produção florestal ocupa uma posição de relevo na economia do concelho. Aproximadamente 23% do território concelhio é área florestal. Nas últimas décadas, foi realizado um grande investimento na florestação de extensas áreas de baldios. A floresta, principalmente o pinheiro bravo, espécie dominante no concelho, constitui um importante factor de desenvolvimento económico dos espaços rurais, quer pela comercialização de

madeira, quer através de uma série de actividades complementares como a resinagem, a apicultura, a caça e a produção de cogumelos.

Todavia, nos últimos anos o concelho tem sido assolado por inúmeros fogos florestais, que queimaram mais de 12 000 ha de floresta entre 1993 e 2002, o que tem contribuído para o agravamento da erosão, uma vez que as encostas das montanhas ficam sem o coberto vegetal que protege o solo das intempéries.

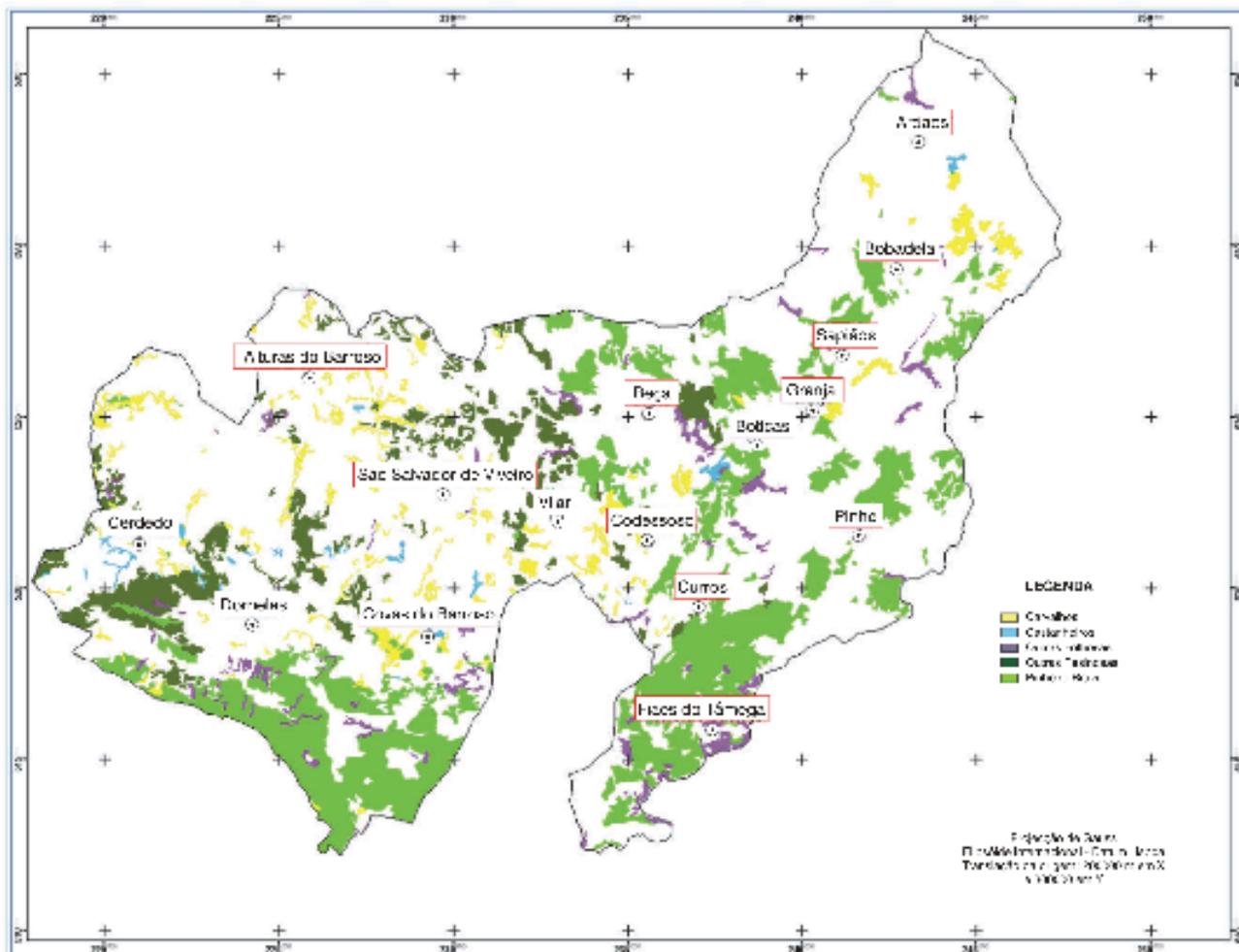


FIG. 14 - ESPAÇOS FLORESTAIS EM 2004.

Em finais de 2004, foi criado, pela Autarquia, o Gabinete Técnico Florestal (GTF), que centraliza as atribuições cometidas à Comissão Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios (CMDFCI), ao nível Municipal, desenvolvendo acções de Defesa da Floresta Contra Incêndios; sendo apoiada pela Direcção Geral dos Recursos Florestais (DGRF).

No âmbito da medida AGRIS foram criados, pelo Município, Grupos de Primeira Intervenção, Apoio ao Combate e Rescaldo – Equipas AGRIS. Estes grupos, que fazem vigilância, desmatação e limpeza das florestas, estão activos sazonalmente (de Junho a Setembro) e contam com uma viatura própria, equipada para o efeito.

Apicultura

A produção do mel desde sempre teve grande importância no concelho. Assim o testemunham provas materiais como uma grande dorna³, localizada junto à Igreja Paroquial de Vila Grande (Dornelas), onde a população local

depunha os tributos, em cera, pagos ao Arcebispado de Braga, como vem referido nas memórias paroquiais de 1758 (Capela e Borralheiro, 2001).

O papel da apicultura no concelho encontra-se também reflectido no brasão do município, onde a

imagem de uma abelha se destaca.

O Mel do Barroso, produto com Denominação de Origem Protegida (D.O.P.), constitui uma verdadeira dádiva da natureza, que a mão e sabedoria do homem souberam aproveitar. Provém das abelhas *Mellifera mellifera*, que o criam e depositam nos favos das colmeias, a partir do néctar das flores características desta região montanhosa, como o queiró e a urze. É um mel de cor acentuadamente escura, possuindo um teor de pólen de ericácias superior a 35%, com um aroma e sabor únicos, que o torna um produto invulgarmente rico e apreciado.

Nos últimos anos, aproveitando a vasta e rica flora

existente, a produção de mel tem vindo a consolidar-se. Para esta tendência tem sido muito importante a divulgação deste produto na “Feira do Mel do Barroso e da Carne Barrosã”, certame anualmente promovido pela Autarquia, em parceria com a CAPOLIB. Também a “Casa do Mel”, pelo apoio que presta aos apicultores, é fundamental para a promoção e venda deste produto, prestando acompanhamento nas fases de desoperculação, extracção (centrifugação), decantação e armazenamento do mel, garantindo as devidas condições higio-sanitárias. É aí que se procede também à criação de lotes, para maior valorização do produto, embalagem e posterior saída para comercialização.



FIG. 15 - APICULTOR EM COVAS DO BARROSO



FIG. 16 - INDÚSTRIA DE EXTRACÇÃO DE GRANITO



FIG. 17 - PARQUE EÓLICO DA SERRA DO BARROSO

Indústria

A indústria registou, nos últimos tempos, uma expansão e consolidação, empregando, actualmente, aproximadamente 32,3% da população local. Aproveitando os inúmeros recursos naturais de que o concelho dispõe, existe uma variedade de indústrias.

No âmbito das águas minerais, a água de Carvalhelhos, importante factor de desenvolvimento económico e turístico do concelho, é uma água mineral natural, hipotermal, hiposalina, bicarbonatada sódica, fluoretada e silicatada, de origem profunda e mineralização equilibrada. Esta água brota naturalmente de duas nascentes, a Lucy e a Stela, sem recurso a qualquer tipo de processo mecânico.

Nesse local, encontra-se instalada a empresa com o mesmo nome, Águas de Carvalhelhos, S.A., que possui cerca de 180 funcionários e tem uma capacidade de enchimento de aproximadamente 67.000

garrafas/hora. Os produtos comercializados por esta empresa são as águas com gás, sem gás e aromas. Tem um volume de exportações bastante significativo, sendo França, Estados Unidos da América, Bélgica, Inglaterra, Austrália, Angola, Moçambique, Canadá, Suíça, Luxemburgo e Cabo Verde os países que mais contribuem para este volume de exportações.

No concelho, existe também uma outra grande unidade industrial, a EURONETE, é uma fábrica de cordas que emprega uma considerável parte da população local, aproximadamente 190 pessoas.

Na área da indústria extrativa (granito), no sector de rochas ornamentais existem quatro empresas que se dedicam à extracção, transformação e comercialização do granito, comercialmente designado por Granito Amarelo de Boticas. Existe ainda uma empresa na área dos materiais de construção civil (blocos).

Na indústria alimentar existe, no concelho, uma

fábrica do fumeiro tradicional.

As energias renováveis – e não poluentes - apresentam, nos dias de hoje, uma crescente importância, constituindo-se como uma das apostas do Município no tocante ao sector energético. Aproveitando as elevadas altitudes a que se encontram algumas zonas do concelho, existem, actualmente, quatro parques eólicos: o Parque Eólico das Alturas do Barroso (Alturas do Barroso), o Parque Eólico da Serra do Barroso (Cerdedo), o Parque Eólico do Alto do Seixal (Atilhó - Alturas do Barroso) e o Parque Eólico do Leiranco (Sapiãos).

No que se refere à energia hídrica, existe a Central Hidroeléctrica de Covas do Barroso e, num futuro próximo a central Hidroeléctrica de Canedo. A Central Hidroeléctrica de Covas do Barroso localiza-se na confluência dos rios Covas e Couto e possui dois grupos turbina-gerador. Tem uma produção energética média anual de 18,4 GWh, podendo variar entre

os 14 e os 19 GWh, dependendo da pluviosidade de cada ano. A curto prazo, produção de energia hídrica será ampliada com a construção do Empreendimento Hidroeléctrico de Canedo.

O Aproveitamento Hidroeléctrico de Canedo será construído no Rio Beça, que faz parte da bacia hidrográfica do Rio Tâmega, cuja área é de aproximadamente 114,5 km². Este aproveitamento destinar-se-á exclusivamente à produção de energia eléctrica. A central mini-hídrica será constituída por uma barragem, por duas condutas adutoras e por uma central hidroeléctrica. Prevê-se que a albufeira tenha um volume útil de 74 000 m³ e estará localizada no Rio Beça, próximo da aldeia de Secerigo, pertencente à Freguesia de Codessoso, Concelho de Boticas. A central hidroeléctrica, equipada com um grupo turbina-gerador com potência global de 10 MVA, ficará localizada em Canedo (Concelho Ribeira de Pena).

Comércio e Serviços

A área do comércio e serviços, que emprega cerca de 37,6% da população, é o sector que maior crescimento tem registado em todo o concelho.

Existe uma clara predominância da cafetaria e do pequeno comércio, presente em todo o concelho à excepção da freguesia de Curros, onde não existe qualquer estabelecimento comercial.

Observando o quadro, podemos ver que é no eixo central, nas freguesias de Beça e Boticas, sede do

concelho, que se regista uma maior diversidade de comércio e serviços, não sendo por isso de admirar que sejam estas as freguesias que registam uma maior densidade populacional, como já foi referido.

Neste sector destaca-se a RESAT – Valorização e Tratamento de Resíduos Sólidos, S.A, que dispõe no concelho de um Centro de Tratamento e Valorização de Resíduos Sólidos. Esta empresa, responsável pela recolha e tratamento dos resíduos sólidos nos concelhos do Alto Tâmega, emprega cerca de 90 pessoas.

Freguesias	Tipos de Comércio e Serviços Existentes							
Alturas do Barroso								
Ardãos								
Beça								
Bobadela								
Boticas								
Cerdedo								
Codessoso								
Covas do Barroso								
Curros								
Dornelas								
Fiães do Tâmega								
Granja								
Pinho								
S. S. Viveiro								
Sapiãos								
Vilar								

	Restauração
	Cafetaria
	Panificadoras
	Pequeno Comércio
	Oficinas de Reparação Automóvel
	Serralharias
	Serrações de Madeira / Carpintaria
	Unidades Hoteleiras
	Outros

QUADRO IV - TIPOS DE COMÉRCIO E SERVIÇOS EXISTENTES NO CONCELHO

Equipamentos de Ensino

O ensino é uma das áreas, a par da acção social, onde a Autarquia mais tem investido. Dispondo, o concelho, de um leque variado de estabelecimentos, nos últimos anos foram

realizados inúmeros investimentos de beneficiação e construção de equipamentos educativos, bem como a criação e desenvolvimento de programas educacionais complementares.

Ensino Pré-escolar

A educação pré-escolar, destinada a crianças entre os 3 e os 5 anos de idade, tem lugar em estabelecimentos educativos designados por Jardins de Infância. Tem como objectivo proporcionar o desenvolvimento saudável e integral das crianças, estimulando o seu convívio, promovendo desta forma a sua integração social.

O ensino pré-primário do concelho é assegurado por 5 Jardins de Infância, que pertencem à rede oficial do Ministério da Educação, onde se encontravam inscritas 64 crianças, no ano lectivo 2005/2006. Para além destes estabelecimentos, existe, em Boticas, um Jardim de Infância privado, o Jardim de Infância da Santa Casa de Misericórdia de Boticas, onde no ano lectivo de 2005/2006 se encontravam inscritas 37 crianças.

Os Jardins de Infância públicos encontram-se distribuídos pelo concelho, geralmente nas sedes de freguesia, ou em aglomerados estrategicamente situados, sendo que 11 freguesias, dado o número limitado de crianças, não dispõem deste nível de ensino. As crianças desses aglomerados são deslocadas para os Jardins de Infância mais próximos, foram adquiridas carrinhas, pela Autarquia ou em protocolo com a Santa Casa da Misericórdia de Boticas (SCMB), que asseguram o seu transporte.

Os edifícios foram construídos de raiz ou resultam da reconversão de escolas primárias entretanto desactivadas, pelo que as instalações são boas e adequadas às funções que desempenham. Nas cantinas, localizadas nos Centros Comunitários, são diariamente confeccionadas as refeições (almoço e lanche) das crianças. O transporte entre os dois edifícios é asse-



FIG. 18 - CRIANÇAS DO ENSINO PRÉ-ESCOLAR

gurado pelas carrinhas.

Para este nível de ensino, a Autarquia criou um Serviço de Apoio à Família (SAF), que garante a rede de transportes, as refeições das crianças e o prolongamento de horário com actividades lúdicas desenvolvidas por monitores contratados para o efeito. O prolongamento de horário, varia de acordo com as diferentes necessidades sentidas pelos pais, podendo ir, nalguns casos, até às 18:30 horas.

1º Ciclo do Ensino Básico

A rede do 1º Ciclo do ensino Básico do Município de Boticas era constituída, no ano lectivo 2005/2006, por 17 escolas primárias públicas, com 196 alunos inscritos. Nos últimos anos foram encerradas várias escolas, localizadas nos aglomerados de menor dimensão, e as crianças encaminhadas para as escolas mais próximas da sua área de residência.

Dada a atenção que a Autarquia dispensa ao ensino, os edifícios encontram-se em bom estado de conservação, assim como as suas áreas envolventes, que em algumas escolas possuem equipamentos lúdicos (escorregas, baloiços, etc.), e as infraestruturas básicas. Atendendo aos rigores do Inverno, foram criados mecanismos de apoio, em parceria com as Juntas de Freguesia, de forma a garantir o aquecimento das salas de aula.

Aos alunos deste nível de ensino, a Autarquia concede apoios diversos como a oferta dos manuais escolares, mochilas e material escolar, de forma a colmatar as dificuldades financeiras que alguns

agregados familiares enfrentam. Estes alunos beneficiam também do SAF. Estes apoios funcionam como um incentivo à aprendizagem, combatendo o insucesso e o abandono escolar.

No início do ano lectivo 2001/2002 a Autarquia colocou em prática um programa pioneiro, a que deu o nome “Crescer e Aprender”, que permitiu às crianças desenvolverem actividades extra-curriculares diversificadas, como natação, aulas de inglês, educação rodoviária, educação ambiental, saúde oral e oftalmológica, etc. Estas actividades abrangeram todas as escolas do 1º Ciclo do Ensino Básico. De duas em duas semanas, nalguns casos menos, uma tarde era reservada para as aulas de natação nas Piscinas Municipais, garantindo a Autarquia o transporte e lanche das crianças, bem como o professor de natação.

Actualmente, com a alteração do programa e do conteúdo funcional do 1º Ciclo, as actividades desenvolvidas, até então, através do referido programa,



FIG. 19 - TODOS OS ANOS, NO DIA MUNDIAL DA ÁRVORE, A CÂMARA DE BOTICAS PROMOVE ACÇÕES DE SENSIBILIZAÇÃO JUNTO DAS CRIANÇAS DO 1º CICLO

foram integradas nas actividades extra-curriculares das escolas, contando com o apoio da Autarquia.

Existe também a preocupação de envolver as crianças em várias iniciativas promovidas pela Autarquia, como o Dia Mundial da Água, ou o Dia Mundial da Árvore, em que desenvolvem variadas actividades, em conjunto com o GTF. Estas actividades permitem consciencializar as crianças para as questões do ambiente, educando assim futuros cidadãos, atentos e responsáveis.

A Autarquia promove, anualmente, uma visita de estudo a Lisboa para os alunos do 4º ano. Esta viagem dá às crianças a oportunidade de visitarem alguns dos mais importantes monumentos de Lisboa e outros locais emblemáticos como o Oceanário. Nesta viagem, as crianças têm também oportunidade de viajar, muitas delas pela primeira vez, em diferentes meios de transporte uma vez que, lhes é dada a oportunidade de fazerem o percurso Porto – Lisboa de avião, e Lisboa – Porto em Comboio, sendo o resto da viagem

feito em autocarro.

Todos os anos, a Autarquia promove vários eventos dirigidos às crianças do ensino pré-escolar e do 1º ciclo básico como o Dia Mundial da Criança (1 de Junho) e a Festa de Natal das Escolas do Município de Boticas (início de Dezembro). Estas festas, para além de possibilitarem o convívio entre todos os alunos do concelho, que frequentam estes níveis de ensino, permite às crianças assistirem aos mais variados espectáculos infantis, desde o teatro, à dança, palhaços, etc. Fazem-se também concursos de trabalhos manuais, com atribuição de prémios. Organiza-se, todos os anos, um desfile de Carnaval, que percorre as principais avenidas da vila sede de concelho, onde participam os alunos de todas as escolas do concelho, de todos os níveis de ensino.



FIG. 20 - A CÂMARA LEVA TODOS OS ANOS A LISBOA AS CRIANÇAS QUE FREQUENTAM O 4º ANO DO 1º CICLO

2º e 3º Ciclos do Ensino Básico

Os 2º e o 3º ciclos do Ensino Básico, são ministrados na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos de Boticas (EB 2,3 de Boticas), localizada na vila sede de concelho, que concentra todos os alunos que frequentem estes níveis de ensino, 285 no ano lectivo 2005/2006.

De construção relativamente recente, esta escola possui instalações em bom estado de conservação e possui as infra-estruturas básicas. Este estabelecimento de ensino dispõe de três pavilhões onde são ministradas as aulas e onde se encontram as instalações de apoio aos alunos e professores (biblioteca, salas de convívio, salas de estudo, bar e cantina) e um campo de jogos ao ar livre. Para a prática desportiva utilizam o Polidesportivo e o Pavilhão Gimnodesportivo, localizados contíguos à escola, e as Piscinas Municipais que se encontram relativamente perto, sendo o transporte, entre os dois espaços, garantido pela Autarquia.

O transporte escolar dos alunos é assegurado pela Autarquia em autocarros próprios ou pela Auto-Viação do Tâmega, em regime de serviço contratado pela Autarquia.

Numa região caracterizada por uma população en-

velhecida, torna-se necessário dinamizar as condições de aprendizagem e lazer dos jovens, concentrando equipamentos e infra-estruturas que lhes permitam igualdade de oportunidades para uma aprendizagem mais completa.

Neste contexto, a Autarquia, colocando em prática o conceito “Escola Integrada”, vai, em breve, concentrar na sede de concelho todas as crianças e jovens em idade escolar. O “Centro Escolar de Boticas” resulta da ampliação da EB 2,3 de Boticas, de forma a garantir a instalação dos diversos níveis de ensino, concentrando-os num mesmo espaço físico e criando as condições ideais para o seu funcionamento.

A localização deste “Centro Escolar de Boticas” caracteriza-se pela proximidade, a que se encontra, relativamente a todos equipamentos que podem ser usufruídos pelos mais jovens: Pavilhão Polidesportivo, Biblioteca Municipal, Espaço Internet, Museu Rural, Auditório Municipal, Piscinas Municipais, Campo de Ténis, Estádio de Futebol, Parque de Exposições e Centro de Saúde. Neste contexto, prevê-se o encerramento da grande maioria das escolas das freguesias do concelho já a partir do ano lectivo 2006/2007.



FIG. 21 - ESCOLA EB 2,3 DE BOTICAS

Ensino Profissional

O concelho dispõe de uma valência de ensino profissional, um pólo da Escola Profissional de Chaves, denominado Escola Profissional de Chaves – Pólo de Boticas, que dá equivalência ao 12º ano.

As instalações deste estabelecimento de ensino, anexas à EB 2,3 de Boticas, são constituídas por um

pavilhão, onde são ministradas as aulas dos cursos profissionais, um Polidesportivo e o Pavilhão Gimnodesportivo, que partilha com os alunos da referida escola.

No ano lectivo 2005/2006 encontravam-se inscritos 54 alunos repartidos por três cursos profissionais⁴.

Ensino Secundário

Este concelho não dispõe de estabelecimentos onde se ministre este nível de ensino, sendo o mais próximo em Chaves. Aos alunos deste nível de ensino, a Autarquia concede apoios

financeiros: comparticipa 50% dos transportes e, para os alunos que não tenham transporte compatível com o seu horário escolar, atribui um subsídio mensal de alojamento.

Santa Casa da Misericórdia de Boticas

Grande parte dos serviços de acção social existentes no concelho são assegurados por uma Instituição Particular de Segurança Social (IPSS) – a Santa Casa da Misericórdia de Boticas (SCMB), que possui múltiplas e variadas valências de apoio à infância e à 3ª idade, espalhadas pelo concelho, com especial ênfase na freguesia de Boticas, e aproximadamente 120 funcionários.

No Apoio à Infância, a SCMB dispõe, desde 1986, de uma creche destinada a receber crianças entre os quatro meses e os três anos. Em 2005 a creche albergou 38 crianças. Possui também um Jardim de Infância, como já foi referido, e um ATL a funcionar em Vila Grande (Dornelas).

Possui, desde 2000, o Centro de Apoio a Deficientes do Alto -Tâmega (CADAT), composto um Centro de Actividades Ocupacionais e um Lar Residência. O CADAT serve um total de 42 utentes, com idades a

partir dos 16 anos.

Por seu lado, o apoio à 3ª idade tem várias valências: o Lar da 3ª Idade, Lar de Acamados e Centro de Dia, em Boticas. Dispõe também de vários Centros Comunitários, espalhados pelo território concelhio.

No que se refere aos Centros Comunitários, a Autarquia desempenhou um papel fundamental para a sua execução, uma vez que foi a entidade responsável pela sua construção, reconvertendo os edifícios de antigas escolas primárias, ou construindo edifícios de raiz. O funcionamento destes equipamentos é assegurado pela SCMB. Conforme se pode observar no mapa, o território concelhio dispõe de inúmeros equipamentos que prestam apoio domiciliário à quase totalidade das freguesias. As únicas freguesias que ainda se encontram a descoberto são Cerdedo e Fiães do Tâmega, sendo que esta já deu entrada com

Ensino Profissional

O concelho dispõe de uma valência de ensino profissional, um pólo da Escola Profissional de Chaves, denominado Escola Profissional de Chaves – Pólo de Boticas, que dá equivalência ao 12º ano.

As instalações deste estabelecimento de ensino, anexas à EB 2,3 de Boticas, são constituídas por um

pavilhão, onde são ministradas as aulas dos cursos profissionais, um Polidesportivo e o Pavilhão Gimnodesportivo, que partilha com os alunos da referida escola.

No ano lectivo 2005/2006 encontravam-se inscritos 54 alunos repartidos por três cursos profissionais⁴.

Ensino Secundário

Este concelho não dispõe de estabelecimentos onde se ministre este nível de ensino, sendo o mais próximo em Chaves. Aos alunos deste nível de ensino, a Autarquia concede apoios

financeiros: comparticipa 50% dos transportes e, para os alunos que não tenham transporte compatível com o seu horário escolar, atribui um subsídio mensal de alojamento.

Santa Casa da Misericórdia de Boticas

Grande parte dos serviços de acção social existentes no concelho são assegurados por uma Instituição Particular de Segurança Social (IPSS) – a Santa Casa de Misericórdia de Boticas (SCMB), que possui múltiplas e variadas valências de apoio à infância e à 3ª idade, espalhadas pelo concelho, com especial ênfase na freguesia de Boticas, e aproximadamente 120 funcionários.

No Apoio à Infância, a SCMB dispõe, desde 1986, de uma creche destinada a receber crianças entre os quatro meses e os três anos. Em 2005 a creche albergou 38 crianças. Possui também um Jardim de Infância, como já foi referido, e um ATL a funcionar em Vila Grande (Dornelas).

Possui, desde 2000, o Centro de Apoio a Deficientes do Alto -Tâmega (CADAT), composto um Centro de Actividades Ocupacionais e um Lar Residência. O CADAT serve um total de 42 utentes, com idades a

partir dos 16 anos.

Por seu lado, o apoio à 3ª idade tem várias valências: o Lar da 3ª Idade, Lar de Acamados e Centro de Dia, em Boticas. Dispõe também de vários Centros Comunitários, espalhados pelo território concelhio.

No que se refere aos Centros Comunitários, a Autarquia desempenhou um papel fundamental para a sua execução, uma vez que foi a entidade responsável pela sua construção, reconvertendo os edifícios de antigas escolas primárias, ou construindo edifícios de raiz. O funcionamento destes equipamentos é assegurado pela SCMB. Conforme se pode observar no mapa, o território concelhio dispõe de inúmeros equipamentos que prestam apoio domiciliário à quase totalidade das freguesias. As únicas freguesias que ainda se encontram a descoberto são Cerdedo e Fiães do Tâmega, sendo que esta já deu entrada com

um projecto, no âmbito do Programa de Apoio Integrado a Idosos (PAII), para reconversão do edifício da escola primária, que se encontra desactivada, em Centro Comunitário.

Nos aglomerados onde estes Centros Comunitários se encontram, grande parte dos idosos vão aí almoçar, em salas que funcionam, também, como “cantina”. A hora do almoço torna-se para muitos, especialmente aqueles que vivem sozinhos, preciosa, mais do que uma refeição quente, vale muitas vezes pelo convívio que proporciona, sendo as refeições acompanhadas por amenas conversas sobre o dia-a-dia.

Para os idosos que residem noutras localidades, ou para aqueles que têm dificuldades de locomoção, existe um sistema de Apoio Domiciliário, que consiste na distribuição de refeições ao domicílio, higiene pessoal e do domicílio, administração de fármacos e acompanhamento a consultas médicas no Centro de

Saúde de Boticas.

Para além destes serviços ministrados pela SCMB, a Autarquia, apostando numa política de proximidade e combate à exclusão social, a que este segmento da população está votado, promove, anualmente, eventos destinados aos idosos do concelho. Exemplos disso são o “Encontro do Idoso do Concelho de Boticas”, que em 2005 comemorou a sua IX edição, e o “Natal do Idoso”. O programa destes eventos, que se realizam no Pavilhão de Feiras e Exposições, é composto por Eucaristia, almoço e animação com Ranchos Folclóricos e Grupos de Cantares Tradicionais, do concelho. O transporte dos idosos, que aderem a estas iniciativas, é assegurado pela Autarquia. São cada vez mais os idosos que participam nestas iniciativas, sendo que, no ano de 2005 participaram, em cada um destes eventos, aproximadamente 1200 idosos.

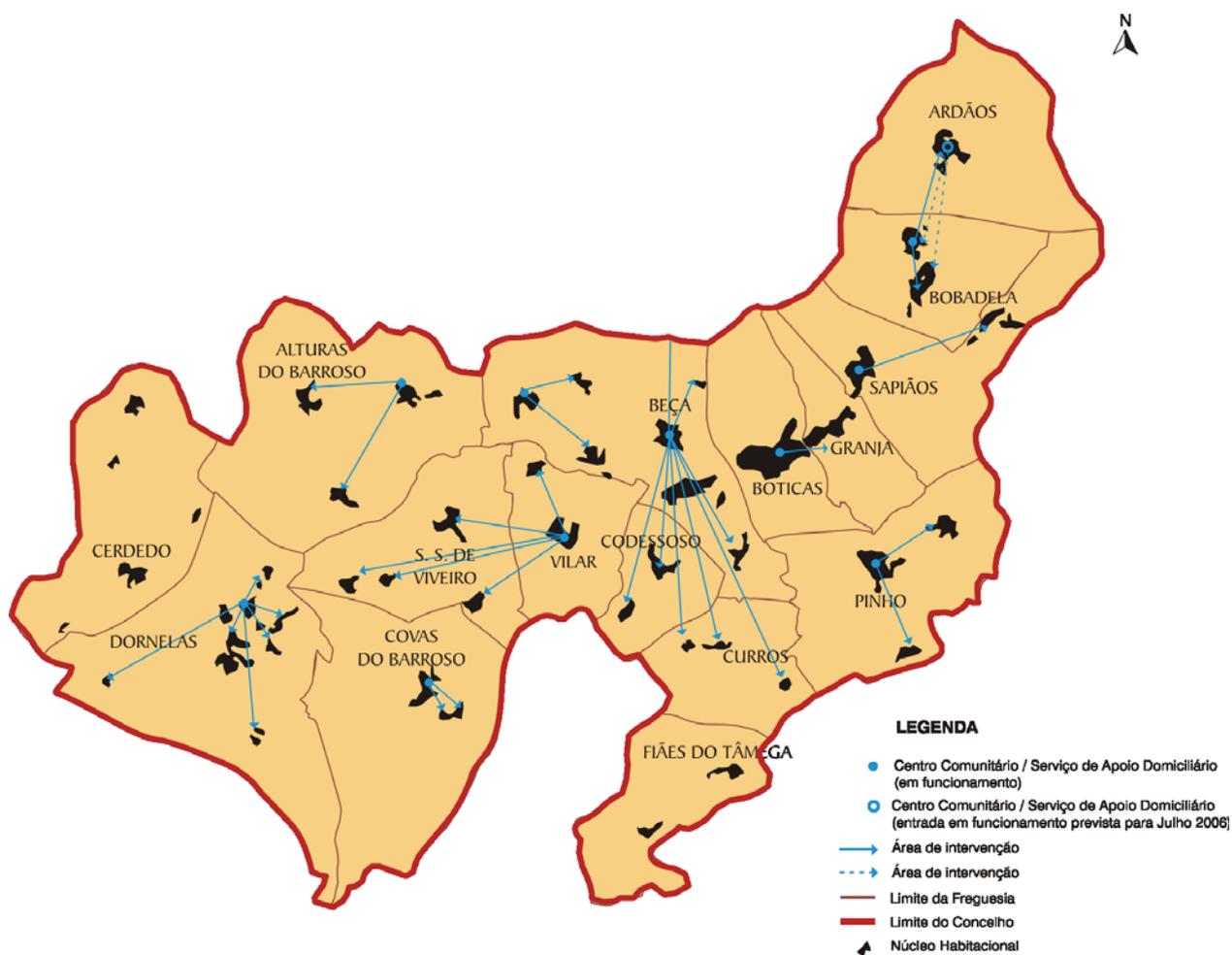


FIG. 22 - MAPA DE DISTRIBUIÇÃO DOS CENTROS COMUNITÁRIOS DO CONCELHO DE BOTICAS



FIG. 23 - CENTRO COMUNITÁRIO DE SAPIÃOS



FIG. 24 - APOIO DOMICILIÁRIO NA FREGUESIA DE BEÇA



FIG. 25 - CENTRO DE APOIO A DEFICIENTES DO ALTO TÂMEGA

Outras Iniciativas de Apoio Social

Em Março de 2004 teve início o projecto “Crescer Criança”, promovido pela Câmara Municipal de Boticas em parceria com a Santa Casa de Misericórdia de Boticas, o Centro Distrital de Segurança Social, o Centro de Saúde de Boticas, o Centro de Área Educativa, o Agrupamento de Escolas do Concelho de Boticas e as Juntas de Freguesia. Este projecto, que terá uma duração de três anos, é dirigido a crianças com idades até aos 12 anos, especialmente aquelas que são portadoras de deficiência ou situação vivencial de risco e que têm necessidades educativas especiais. Desta forma, o projecto pretende, sobretudo, actuar e propor medidas para ultrapassar situações de insucesso escolar,

muitas vezes associadas a vivências de risco, como o alcoolismo, e situações de pobreza e exclusão social.

Consciente da diminuição da taxa de natalidade no concelho e do crescente envelhecimento da população, a autarquia instituiu, no início de 2005, um conjunto de “Incentivos à Natalidade”, aos agregados familiares do concelho. São concedidos apoios pecuniários mensais para frequência de creches, infantários e outros estabelecimentos do género. Em situações excepcionais, os apoios são atribuídos em géneros considerados indispensáveis ao desenvolvimento da criança. Este incentivo é atribuído às crianças entre os cinco meses de idade e os três anos.

Saúde

No que se refere aos cuidados de saúde públicos, este concelho tem uma unidade de cuidados de saúde primários. O Centro de Saúde de Boticas, instalado num edifício construído para o efeito, responde aos problemas de saúde mais simples, que não necessitem de cuidados especializados. Actua também na área da vigilância

e promoção da saúde. As situações mais graves e que exijam mais cuidados, são encaminhadas para o Hospital Distrital de Chaves, que se encontra a cerca de 20 km.

Esta unidade de saúde dispõe de um corpo médico de clínica geral, bem como um corpo de enfermagem. O serviço de urgências funciona até às 20 horas.



FIG. 26 - CENTRO DE SAÚDE DE BOTICAS



FIG. 27 - UNIDADE MÓVEL DE SAÚDE DO CONCELHO DE BOTICAS

Unidade Móvel de Saúde

Desde o primeiro semestre de 2005, o concelho dispõe de uma Unidade Móvel de Saúde, resultante de uma parceria entre a Autarquia, a Santa Casa da Misericórdia de Boticas e a Administração Regional de Saúde do Norte, através do Centro de Saúde de Boticas.

Esta unidade, que percorre todos os dias as povoações do concelho, dispõe de uma viatura devidamente

equipada, onde segue um enfermeiro do Centro de Saúde de Boticas, em condições de prestar alguns cuidados de saúde à população, nomeadamente na área da enfermagem, do apoio domiciliário. Efectua rastreios (visão, audição, oral, campanhas de vacinação e saúde escolar, medição da tensão arterial, entre outros), para além do encaminhamento para o Centro de Saúde, das situações que assim o exijam.

Cuidados de Saúde Particulares

Ao nível de cuidados de saúde particulares, concentram-se na vila de Boticas diversos serviços: duas clínicas dentárias, duas

farmácias, três laboratórios de Análises Clínicas e duas Ópticas, com serviço de consultas de oftalmologia.

Administração Pública

A Vila de Boticas, sede do concelho, concentra os diversos equipamentos da administração pública como o Cartório Notarial, a Conservatória e Registo Civil, o Tribunal, a Repartição de Finanças, a Segurança Social, a Câmara Municipal e a Guarda Nacional Republicana.

Ao nível das Juntas de Freguesia, cada uma das freguesias do concelho dispõe de um edifício, sede das mesmas.

No sentido de aplanar as inúmeras dificuldades, burocráticas e de deslocação, entre outras, com que os cidadãos se deparam, a Autarquia criou dois Gabinetes de Apoio aos Cidadãos (GAC) fixos, em Alturas do Barroso e Vila Grande (Dornelas) e possui desde Maio de 2003 um Gabinete de Atendimento ao Múncipe (GAM).

O GAM é um serviço itinerante, que resulta de um protocolo que a Autarquia celebrou com a Direcção Regional da Administração Geral, ao abrigo do pro-

grama para a modernização da administração pública, e conta com a parceria do Projecto Trás-os-Montes Digital, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD).

Este serviço é constituído por uma viatura automóvel, devidamente equipada, que percorre todas as aldeias do concelho, de acordo com um roteiro e horários previamente definidos. O GAM está vocacionado para responder às necessidades das populações, sendo uma espécie de serviço descentralizado da administração local, que procura minimizar os aspectos burocráticos, evitar a deslocação das pessoas até à sede de concelho para tratar dos mais diversos assuntos, levando os serviços até junto dos munícipes. Este serviço permite, ao munícipe, tratar de assuntos referentes à Segurança Social, EDP, Telefones, todos os serviços da Autarquia, marcação de consultas para o CSB, pedido de receiptuários, e muitos outros serviços que os munícipes necessitem.



FIG. 28 - GABINETE ITINERANTE DE ATENDIMENTO AO MÚNCIPE

Equipamentos desportivos

Equipamentos Desportivos	Número
Campo de Mini Golf	1
Campos de Ténis	1
Estádio Municipal	1
Grandes Campos de Jogos	28
Pavilhão Gimnodesportivo	1
Piscinas Municipais*	1
Polidesportivos	8
Especiais	6

* Piscina Coberta e Piscina Descoberta

QUADRO V - EQUIPAMENTOS DESPORTIVOS EXISTENTES NO CONCELHO

Os equipamentos desportivos existentes no Concelho de Boticas são, na sua maioria, Grandes Campos de Jogos (28), próprios para a prática de futebol. É possível encontrar este tipo de recintos desportivos em todas as freguesias, sendo que algumas dispõem de mais de um recinto desportivo. Estes campos são de construção mais antiga, localizados fora dos aglomerados, a distâncias consideráveis e de difíceis acessibilidades o que condiciona a sua utilização e consequentemente o seu estado de conservação, que se vai deteriorando, de forma que a Autarquia prevê para breve o encerramento destes espaços.

Os Grandes Campos de Jogos tendem a ser substi-

tuídos por Polidesportivos, que permitem a prática de várias modalidades desportivas no mesmo espaço (futebol, basquetebol, andebol, voleibol, entre outras). Os Polidesportivos são de construção mais recente, estão localizados dentro dos aglomerados, encontram-se em bom estado de conservação, têm boas condições para a prática desportiva e bons acessos.

Nos equipamentos desportivos que catalogamos de especiais encontram-se o Percurso de Todo-o-Terreno para Jipes em Seirrãos (Beça), o Campo de Tiro / Pista de Enduro em Boticas, três Percursos Pedestres (Covas do Barroso e Alturas do Barroso) e a Pista de Trial de Seirrãos (Beça).

No que se refere aos restantes equipamentos encon-



FIG. 29 - ESTÁDIO MUNICIPAL DE BOTICAS

Equipamentos Culturais e Educacionais

O concelho dispõe de inúmeros equipamentos culturais, localizados na Vila de Boticas, onde ao longo do ano se desenvolvem as mais diversas actividades culturais e educacionais.

Entre os equipamentos culturais existentes destacam-se, pela importância que assumem para a vida cultural do município, os seguintes:

Auditório Municipal Dr. José S. Fernandes

Espaço moderno com capacidade para 200 pessoas, é onde se realizam os mais diversos acontecimentos e eventos municipais, como por exemplo as Assembleias Municipais e a Recepção ao Professor. No plano cultural são variados os acontecimentos que aí se realizam, como por exemplo o Encontro de Cantadores de Reis/Janeiras, colóquios, conferências ou seminários. Actualmente funciona também como sala de cinema e sala de teatro.

No piso térreo do edifício encontra-se um amplo espaço para exposições, que é utilizado como sala de exposições de pintura, escultura, entre outras. É nesse espaço que decorre também a Feira do Livro, evento integrado nas festas do concelho, em honra de Nossa Senhora da Livração.

Biblioteca Municipal

A Biblioteca Municipal encontra-se aberta ao público desde 2000, resultando da remodelação do antigo edifício dos Paços do Concelho.

A adaptação do edifício para Biblioteca Municipal exigiu da Autarquia um grande investimento que permitiu preservar as características originais do edifício, adaptando-o às novas funcionalidades. O resultado é um espaço atractivo, com modernos equipamentos e muito funcional. A biblioteca encontra-se dividida em secções bem identificadas. No rés-do-chão existem duas salas: a Sala da Hora do Conto, onde as crianças podem visionar vídeos e DVD's de histórias infantis, podem também fazer jogos e diversas actividades; a Sala Infante-Juvenil, com um grande acervo literário dedicado a esta faixa etária e onde as crianças e jovens podem ainda desenvolver algumas actividades com plasticina, jogos, etc. O primeiro andar tem a Sala Multimédia, onde estão disponíveis Vídeos,

Cd's, CD-Rom e DVD's (que é possível visionar e ouvir no local) e funciona também como espaço de leitura de jornais e revistas; o Espaço Internet, onde é possível consultar a Internet de forma gratuita; a Sala de Adultos, com um grande acervo de obras técnicas (Agricultura, Economia, Geografia, História, Psicologia, Sociologia, etc.) e literatura nacional e estrangeira. A Biblioteca Municipal disponibiliza também o empréstimo domiciliário de livros a quem possua cartão de utilizador.

Museu Rural de Boticas

Este museu aborda essencialmente a temática da ruralidade e da sociedade rural barrosã, um espaço que pretende ser um equipamento de compreensão para todos aqueles que, especialistas ou não, queiram lançar um olhar sobre as transformações do homem e do seu habitat ao longo dos tempos. Pretende também ser factor de dinamização dos Organismos e Autoridades Públicas e das Associações Culturais Locais, numa conjugação de esforços que reforce o sentimento colectivo e a identidade de um povo que se quer orgulhoso do seu passado e que nele saiba e queira projectar o seu futuro.

A lembrança da paisagem, das coisas e lugares, dos actos do quotidiano, das festas e romarias; o entendimento da importância das tradições locais; o orgulho pela herança cultural legada e a preocupação pela salvaguarda e recuperação do património que existe em cada aldeia e lugar, foram as razões que levaram à criação deste espaço cultural.

Parque de Feiras e Exposições

Este espaço moderno, multi-funcional, é constituído por cinco cozinhas de apoio, uma sala de para colóquios e um salão multiusos, que acolhe múltiplos e variados eventos desportivos e culturais e os mais importantes certames do Município. Na envolvente do parque encontram-se áreas ajardinadas e parques de estacionamento.

Escola Municipal de Educação Rodoviária

A construção da Escola Municipal de Educação Rodoviária foi um dos projectos pioneiros nesta área a nível nacional. Surgiu de uma parceria entre a

Câmara Municipal de Boticas, a Direcção Geral de Viação (DGV) e a Direcção Regional de Educação do Norte (DREN).

Tendo iniciado a sua actividade em Junho de 2002, este projecto tem como alvo a população escolar do Distrito e é encarado como um importante instrumento no apoio prático à Educação Rodoviária.

Vocacionada fundamentalmente para a vertente educacional, esta Escola encontra-se disponível para acolher todos os alunos do distrito de Vila Real que pretendam usufruir das instalações existentes para porem em prática acções de formação na área da Prevenção Rodoviária.

Numa área com cerca de 2.800m² são reproduzidas situações de circulação rodoviária semelhantes às do meio onde as escolas se encontram inseridas, o que permite de uma forma prática instruir os mais novos

acerca das regras de trânsito e comportamentos a ter no dia-a-dia na circulação rodoviária.

O traçado da pista de trânsito contempla vias de dois sentidos, vias de sentido único, vias com trânsito condicionado, vias com faixas de inversão de marcha, vias com passagem estreita, pista para ciclistas, parques de estacionamento, uma rotunda, um cruzamento com sinalização luminosa, cruzamentos e entroncamentos, passeios para peões, lombas e passadeiras.

Junto à pista de circulação existe um edifício de apoio constituído por uma sala de aula, gabinetes e outros espaços de apoio ao funcionamento de todo o complexo. Os espaços envolventes são constituídos por zonas ajardinadas.



FIG. 30 - ESPAÇO INTERNET NA BIBLIOTECA MUNICIPAL



FIG. 31 - AUDITÓRIO MUNICIPAL



FIG. 32 - BIBLIOTECA MUNICIPAL DE BOTICAS



FIG. 33 - PARQUE DE FEIRAS E EXPOSIÇÕES (PAVILHÃO MULTIUSOS)



FIG. 35 - ESCOLA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO RODOVIÁRIA



FIG. 34 - INTERIOR DO MUSEU RURAL



FIG. 36 - MUSEU RURAL DE BOTICAS

Equipamentos e Espaços de Lazer

No que se refere aos equipamentos de lazer existem no concelho três praias fluviais, localizadas em Antigo (Dornelas), Ardãos e Beça. Dos restantes equipamentos têm especial importância:

Complexo de Piscinas Municipais

O Complexo de Piscinas Municipais, inaugurado em Agosto de 2000, foi um dos investimentos mais significativos realizado no Concelho nos últimos anos, em termos de infra-estruturas de lazer.

Este espaço encontra-se em funcionamento durante todo o ano em diferentes modalidades. No Inverno funciona a piscina coberta e aquecida, onde, além da natação, estão abertas ao público aulas de hidroginástica. Este espaço é também um importante complemento às actividades desenvolvidas no âmbito do desporto escolar, sendo que durante o período lectivo há horários definidos para a sua utilização por parte das escolas do Concelho. Durante os meses quentes de Verão estão abertas ao público as piscinas ao ar livre.

Parque de Animação Turística e de Aventura

É um dos projectos em que a Câmara Municipal mais se tem empenhado nos últimos anos e promete constituir-se como a grande aposta da Autarquia em termos de turismo da natureza.

Trata-se de um espaço físico inserido na área natural da Serra do Leiranco onde se poderão promover actividades, projectos e acções em vários âmbitos: turístico, desportivo e ambiental.

São muitas e diversificadas as actividades que se poderão aqui levar a cabo: BTT, Caminhadas, Circuito de Manutenção, Paintball, Pontes Paralelas, Pontes Funiculares, Rappel, Slide, Tiro com Arco, Tirolesa, Todo-o-Terreno e Formação Outdoor.

Este espaço irá dispor também de uma zona de apoio a todas as actividades, composta por recepção, bar/restaurante, balneários e parque de merendas. A sua abertura está prevista para 2008.

Para além destes equipamentos, o concelho dispõe de vários Parques de Lazer, espalhados pelo seu território:

- Parque de Lazer da Presa do Padre Pedro (Boticas)
- Parque de Lazer da Relva (Beça e Vilar)
- Parque de Lazer da Senhora do Monte (Cerdedo)
- Parque de Lazer de Covas do Barroso
- Parque de Lazer de Gomeiros (Sobradelo-Pinho)
- Parque de Lazer de Peade (Alturas do Barroso)
- Parque de Lazer de S. Bartolomeu (Beça)
- Parque de Lazer de Valdegas (Pinho)
- Parque de Lazer do Noro (Boticas)
- Parques de Lazer de Sapiãos (2)



FIG. 37 - PISCINAS MUNICIPAIS DE BOTICAS

Gastronomia

As ofertas gastronómicas do Concelho são vastas e a sua qualidade reconhecida internacionalmente. A ela se associam de imediato a vitela Barrosã, o famoso cozido à moda do Barroso, os enchidos, o presunto, o pão, o “Vinho dos Mortos” e o “Mel de Barroso”.

Pode dizer-se que depois do pão, o porco é o alimento principal das refeições do transmontano. Todos apreciam o salpicão, os rojões, a grande variedade de enchidos, os presuntos cheios de pique e notável sabor, que tão apazível gosto possuem para o palato humano. O calor que vem das lenhas e pedras das lareiras das cozinhas montanhesas confere-lhes um aroma e sabor inconfundíveis. Esta excelência conduziu já à protecção (Indicação Geográfica – IG) de um conjunto de produtos, nomeadamente enchidos e fumados, cuja reputação ou características foram atribuídas à região de Boticas.

Ao se ouvir falar em “Vinho dos Mortos” associa-se de imediato a designação ao Concelho de Boticas. Tal terminologia tem despertado o interesse de numerosos estudiosos e não deixa indiferente o mais comum dos mortais, que de imediato se lança em inúmeros raciocínios, procurando “desvendar” o mistério e descobrir a origem de tal terminologia.

Entre as várias explicações existentes para esta denominação surge uma que, pela precisão com que se refere a factos históricos e pela comprovada veracidade científica do processo, tem vindo a ganhar terreno. Esta história leva-nos até ao ano de 1807, altura em que as tropas francesas, comandadas pelo general

Soult, invadiram pela segunda vez Portugal.

Quando os franceses invadiram a região, o povo, com medo que estes lhes pilhassem as suas colheitas e os seus outros bens, escondeu o que conseguiu, usando das formas mais expeditas: o vinho foi enterrado no chão das adegas, no saibro, debaixo das pipas e dos lagares.

Mais tarde, depois dos franceses terem sido expulsos, os habitantes recuperaram as suas casas e os bens que restaram. Ao desenterrarem o vinho, julgaram-no estragado. Porém, descobriram com agrado que estava muito mais saboroso, pois tinha adquirido propriedades novas. Era um vinho com uma graduação de 10º/11º, palhete, apaladado, e com algum gás natural, que lhe adveio da circunstância de se ter produzido uma fermentação no escuro e a temperatura constante.

Por ter sido “enterrado” ficou a designar-se por “Vinho dos Mortos” e passou a utilizar-se esta técnica, descoberta ocasionalmente, para melhor o conservar e otimizar a sua qualidade.

Assim, nasceu uma tradição de “enterrar” o vinho pelo menos durante um ano, que se foi transmitindo de geração em geração.

Hoje são já poucos os agricultores que mantêm viva esta tradição, sendo certo, todavia, que são as vinhas sobranceiras à Vila de Boticas e da Granja, nas encostas aí existentes, que possuem as condições de clima e solo adequadas à produção deste precioso vinho, o qual, não sendo abundante, tem no entanto sabor agradável que bem merece ser apreciado.



FIG. 40 - O CONCELHO DE BOTICAS É CONHECIDO PELA SUA ÍMPAR GASTRONOMIA TRADICIONAL

Artesanato

No que respeita ao artesanato local, algum do qual intrinsecamente ligado às actividades agrícolas, citam-se algumas peças de uso caseiro ou pessoal como as tradicionais capas

barrosas, confeccionadas em burel, as capuchas de lã, as croças de junco, as toalhas e colchas de linho, os socos de atanado com rastos de pau de vidoeiro ou bétula, entre outros.

Feiras Temáticas

Em Boticas realizam-se algumas das mais importantes feiras temáticas da região do Alto Tâmega. Anualmente a “Feira Gastronómica do Porco” e a “Feira do Mel de Barroso e da Carne Barrosã”, certames organizados pela Autarquia, em parceria com a CAPOLIB, trazem até à vila sede do Concelho, milhares de turistas que procuram, cada vez mais, os produtos alimentares característicos da região, reconhecendo a qualidade e sabor únicos do fumeiro aqui produzido, do mel do Barroso e da carne Barrosã.

De dois e dois anos, realiza-se também a Agro Barroso, uma feira em que a Autarquia tem vindo a investir, como forma de dinamizar as potencialidades da agricultura e da economia local.

“Feira Gastronómica do Porco”

A Feira Gastronómica do Porco realiza-se anualmente em Boticas, geralmente no mês de Janeiro, comemorando em 2005 a sua VII edição consecutiva.

É um certame essencialmente gastronómico, pese embora a venda de fumeiro e outros derivados do porco contribuam significativamente para o seu sucesso. No recinto da Feira, para além dos expositores de fumeiro (que rondam normalmente os 60), estão presentes as afamadas “Tasquinhas”, locais onde as ementas são constituídas na íntegra por pratos típicos da região confeccionados à base da carne de porco. Aqui, os visitantes podem provar, entre muitas e saborosas especialidades gastronómicas locais, o Arroz de Costelas e Chouriça, o Cozido à Barrosã, o Caldo Barrosão, os Rojões no Pote, o Sarrabulho

e Costelas de Vinho e Alho, para além dos produtos fumados como o salpicão, a chouriça, a alheira e a farinha, não esquecendo o muito apreciado presunto de Barroso, a bola centeia e os vinhos regionais. De resto, estes são produtos de inegável qualidade e característicos desta região, razão pela qual muitos deles detêm já a marca de certificação.

Este certame tem já um peso significativo na economia do concelho, tendo sido visitado na última edição por mais de 30 mil pessoas, oriundas de todas as regiões do país, e gerando um volume de receitas na ordem dos 300 mil euros. Na edição de 2005 foram vendidas no recinto da feira cerca de 30 toneladas de fumeiro, número que se espera venha possa ser superado de edição para edição. De facto, o evento tem já um grande significado para a economia local, em especial para aqueles que continuam a criar o porco e a fazer os enchidos da forma tradicional, que encontram nesta feira oportunidades de negócio únicas e o reconhecimento da qualidade dos seus produtos.

Para garantir uma maior qualidade do certame, todos os produtos alimentares presentes para venda na Feira são alvo de uma rigorosa inspecção à entrada no recinto. Para além disso, os produtos são acompanhados e inspeccionados pelos serviços veterinários da Autarquia nas várias fases, desde a criação e marcação dos animais até à produção dos enchidos.

O certame conta ainda com todo um programa de animação paralelo, onde se destacam as actuações dos grupos de folclore, os cantares ao desafio e as famosas “Chegas de Bois”.

“Feira do Mel do Barroso e da Carne Barro-

sã”

Realiza-se anualmente a Feira do Mel de Barroso e da Carne Barrosã, certame onde o Mel de Barroso e a Carne Barrosã, dois produtos de qualidade genuína dos quais a CAPOLIB detém a Denominação de Origem Protegida (DOP), estão em particular destaque, sendo a sua promoção e divulgação o principal objectivo do certame.

Para além da exposição e venda destes produtos no recinto da feira é ainda possível ao visitante deliciar-se com alguns pratos e iguarias tradicionais, já que no recinto estão também presentes alguns restaurantes, conhecidos por “Tasquinhas”, cujas ementas são previamente definidas pela organização.

Mas, desengane-se quem pensa que esta é mais uma feira como muitas outras, já que, simultaneamente, este certame procura atingir uma comunhão perfeita entre a natureza, os seus recursos e tudo o que ela encerra. Trata-se de dar a conhecer os seus mais genuínos produtos, num certame enquadrado dentro do espírito de respeito pela natureza e pelo ambiente.

Apesar do aspecto económico que sempre preside à realização deste género de eventos, procura-se que exista uma simbiose perfeita entre os produtos e a própria natureza. Quem se deslocar a Boticas para visitar esta feira tem, desde logo, oportunidade para participar nas diferentes actividades recreativas, lúdicas e de lazer programadas para os dias do certame, onde se destaca a prática de desportos de natureza e aventura, tais como passeios de todo-o-terreno, passeios pedestres, passeios em BTT (Bicicletas Todo-o-Terreno) e ainda Bike Trial, Moto Trial, Escalada, Rappel e outros desportos radicais, no recinto da Feira.

Ainda no recinto da Feira estão disponíveis para venda diferentes artigos desportivos relacionados com os desportos de natureza.

No certame está também presente o artesanato regional. A animação no recinto da feira está a cargo dos grupos de música tradicional (folclore), essencialmente do concelho. Outros dos atractivos são as conhecidas Chegas de Bois, que se realizam no exterior do recinto, espectáculo único nesta região do Barroso e gerador de verdadeiras romarias.

“Agro Barroso”

A Agro Barroso é uma feira que pretende, sobretudo, dinamizar e enriquecer as potencialidades do mundo rural barrosão, visando o fomento de culturas e produ-

tos tradicionais desta região de montanha, bem assim como a modernização e revitalização da agricultura e de todos os factores a ela associados.

Mais do que uma feira de produtos locais, a Agro Barroso procura combinar no mesmo espaço uma oferta diversificada, onde o visitante pode encontrar mostras de artesanato, máquinas e equipamentos agrícolas, gastronomia regional, bem assim como todo um conjunto de bens e serviços ligados ao mundo rural.

Paralelamente, a Agro Barroso conta também com exposições de espécies cinegéticas, de animais de quinta e raças bovinas autóctones, com particular destaque para a raça bovina barrosã, cujo agrupamento de produtores está sediado em Boticas.

Durante a feira é ainda dedicado um dia ao jovem agricultor, com actividades nesse âmbito, tais como seminários, colóquios e acções de formação, visando a sensibilização para a qualidade dos produtos criados nesta região.

A mostra conta habitualmente com perto de uma centena de expositores, que preenchem por inteiro os cerca de 40 mil metros quadrados do recinto onde decorre o certame, garantindo, assim, uma grande diversidade de produtos e uma excelente oportunidade de promover a agricultura local.

Para além das exposições permanentes e das mostras de produtos tradicionais, a Agro Barroso aposta forte na gastronomia tradicional, contando, mais uma vez, com a presença das “tasquinhas” no recinto da feira, onde são servidas algumas iguarias da gastronomia regional a preços convidativos, tais como a afamada vitela barrosã, o cabrito das serras altas, o arroz de costelas e as rabanadas com mel.

O certame conta ainda com um recheado programa de animação, onde se destacam as tradicionais chegas de bois, o concurso pecuário da raça barrosã, os cantares populares e a etnografia da região. Para além destes atractivos, a Agro Barroso conta ainda com diferentes actividades lúdicas e de lazer, como são exemplos as gincanas de tractores e as corridas de burros.



FIG. 41 - FEIRA GASTRONÓMICA DO PORCO



FIG. 42 - AGRO BARROSO



FIG. 43 - FEIRA DO MEL DE BARROSO E DA CARNE BARROSA

Alojamento

Tipo de Alojamento	Número
Albergaria	1
Estalagem	1
Turismo Rural	1
Residenciais	2
Parque de campismo	1
Abrigos de Montanha	4
Outro	1

QUADRO VI - TIPOS DE ALOJAMENTO

O concelho dispõe de unidades hoteleiras diversificadas, espalhadas por algumas freguesias do concelho, procurando responder aos diferentes tipos de turismo existentes,

com especial relevo para o turismo de montanha, turismo de saúde, turismo em espaço rural e ecoturismo, que têm registado nos últimos anos uma crescente procura.

O Brasão do Concelho



Descrição Heráldica

Armas – De prata, com uma abelha de negro realçada a ouro, acompanhada de quatro espigas de verde, cruzadas em ponta e atadas de vermelho. Em chefe e contra-chefe, quatro faixas onduladas de azul. Coroa mural de prata de quatro torres. Listel branco com os dizeres “Boticas” a negro.

Bandeira – De azul, cordões e bordas de prata e de azul. Haste e laça douradas.

Selo – Circular, tendo ao centro as peças de armas sem indicação dos esmaltes. Em volta, dentro de círculos concêntricos, os dizeres “Boticas”. A prata,

indicada para o campo das armas, é o metal que na heráldica significa humildade e riqueza. O negro da abelha, representa a terra e denota firmeza e honestidade, os rios são de azul, cor que significa caridade e lealdade. O verde das espigas representa a esperança e a fé. O atado vermelho significa força, vida e energia. Temos assim, a abelha, símbolo da ordem e do trabalho, e as espigas, que representam o valor regional e dos naturais de Boticas. Por sua vez, os rios representam a riqueza natural, que dá energia aos naturais que tiram da terra o seu sustento. É da cor dos rios a bandeira de Boticas.

Perspectiva Histórica

A *Terra de Barroso*, como sempre foi conhecido o território confinado entre a margem esquerda do Tâmega a Este, a Galiza a Norte, o Minho a Oeste e Sul, abrigava no seu seio várias terras com identidade jurídica e administrativa distintas. Caracterizava-se, esta terra de Barroso, por uma paisagem marcada pelos amplos terrenos incultos onde, em vales e encostas abrigadas, se desenvolviam matas de carvalhos, encimadas por montes decorados de cabeços de granito, com matos de urze, carqueja e tojo. Nos vales onde corriam o Cávado, o Beça e o Rabagão, assim como os inúmeros ribeiros e regatos abundavam as lamas e os lameiros onde pastava o gado graúdo e miúdo, particularmente o gado bovino

da Raça Barrosã. Nas encostas dos montes e terrenos mais agrestes surgiam as searas do centeio, pastavam os rebanhos de ovelhas e cabras.

Terra de Barroso é assim, desde tempos imemoriais, um topónimo que ajuda a plasmar a identidade integradora de um povo, correspondendo ao nível do governo central – a Coroa e/ou a Junta da Casa de Bragança – a um território único e institucionalizado. Razão porque, muitas vezes, se confundiam, nos meandros da política régia e senhorial, conduzida a partir dos paços do Rei e dos paços do Duque da Casa de Bragança, as diferentes unidades territoriais e administrativas com autonomia municipal existentes

Alojamento

Tipo de Alojamento	Número
Albergaria	1
Estalagem	1
Turismo Rural	3
Residências	2
Parque de campismo	1
Abrigos de Montanha	4
Outro	1

QUADRO VI - TIPOS DE ALOJAMENTO

O concelho dispõe de unidades hoteleiras diversificadas, espalhadas por algumas freguesias do concelho, procurando responder aos diferentes tipos de turismo existentes,

com especial relevo para o turismo de montanha, turismo de saúde, turismo em espaço rural e ecoturismo, que têm registado nos últimos anos uma crescente procura.

concelhos.

A partir desta lei de 1836 a administração e organização concelhia foi, profundamente reestruturada para ir de encontro à nova ordem político-constitucional e responder ao quadro de poderes e competências que lhe eram atribuídos.

O novo enquadramento jurídico-institucional pretendia exactamente colocar as câmaras ao serviço dos povos e do concelho, abolir e cercear o poder da ordem senhorial nos municípios.

Esta nova reorganização territorial dos concelhos permitiu que pudessem ser levados a cabo os grandes ideais reformistas liberais, a caminho de uma uniformização do poder e do exercício de governo permitindo conseguir e realizar os meios para tal fim: os meios populacionais e por eles os económicos, que proporcionassem condições de natureza social e política e também os recursos financeiros que lhes permitisse cumprir e corresponder aos novos desafios, poderes e competências que a reforma liberal lhes cometia. E também a implantação de um novo sistema eleitoral para as câmaras, mais aberto e participativo das populações.

O decreto de 20 de Março de 1827, um dos documentos principais que serviu para estruturar a reforma administrativa e territorial de 1832-1836 já alinhava as ideias centrais que propugnava para o município liberal estabelecendo os novos objectivos e enquadramentos: “por um lado atendendo à comodidade dos povos é necessário que as divisões, cada uma em sua espécie não sejam demasiado grandes, por outra parte, a economia da Fazenda, a boa proporção dos ordenados, a capacidade dos funcionários públicos e a facilidade no desempenho dos seus deveres nos obriga a dar-lhes uma certa expressão” (Capela, 1997:67). Conseguir encontrar o ponto certo entre os interesses dos povos e os do Estado em conjugação com a capacidade do novo aparelho administrativo era o que estava contido nas propostas da reforma administrativa.

O mapa dos concelhos trasmontanos, saído da Reforma de 1836 e reformas pontuais posteriores, veio assim apresentar uma realidade institucional, demográfica e territorial concelhia muito mais equilibrada e dimensionada. Em Trás-os-Montes dos 81 concelhos existentes passou-se para um número cerca de um terço menor, num total de 27 concelhos. Ficou profundamente alterado e simplificado de acordo com a nova filosofia institucional, criando uma rede

concelhia mais equilibrada assim como uma melhor racionalidade administrativa do território transmontano.

A Província de Trás-os-Montes, que estava dividida em quatro comarcas, passou a estar dividida em dois distritos o de Bragança e o de Vila Real, ficando este último com 14 concelhos demograficamente mais equilibrados, ainda que do ponto de vista da extensão do território permanecesse algum desequilíbrio, que se justifica pelo perfil montanhoso do Distrito, destacando-se ao lado dos grandes concelhos de Montalegre, Boticas, Chaves ou Vila Real os pequenos concelhos de Mesão Frio, Santa Marta de Penaguião ou Peso da Régua.

Facto mais assinalável desta nova composição concelhia e distrital é, em primeiro lugar, a extinção definitiva das mais pequenas e inorgânicas unidades administrativas municipais e a sua integração nas unidades maiores. Trata-se, sem dúvida, da mais drástica redução do número dos concelhos e por ela da mais profunda afectação de quadros de vida social e moral da população portuguesa, nalguns casos verdadeiro «quadro natural» da sua existência. Sem dúvida a mais radical machadada no Portugal velho e tradicional e cuja extinção afectaria profundamente o quadro das referências políticas, sociais e até afectivas das populações que dificilmente aceitariam tais medidas e se congratariam com o novo Regime. Dificilmente elas integrariam nos novos quadros político-administrativos a que foram anexadas, aos quais sempre resistiriam em luta pela restauração dos seus concelhos, constituindo em muitos casos, ainda hoje, suportes de um relativo modo de estar nos concelhos e de personalidades políticas ainda latentes e activas nos territórios.

As mais pequenas unidades foram extintas logo no primeiro momento e abrangidas no *Decreto de 6 de Novembro de 1836*: Água Revés, Atei, Barqueiros, Dornelas, Ervededo, Fontes, Galegos, Godim, Gralhas, Lordelo, Meixedo, Couto Místico (de Barroso), Moura Morta, Padornelos, Parada de Pinhão, Ribatua e Tourém. Outras unidades administrativas não resistiram à segunda fase da reforma do século, plasmada no *Decreto de 31 de Dezembro de 1853*: Alfarela de Jales, Canelas, Carrazedo de Montenegro e Vila de Failde, Cerva, Ermelo, Favaios, Guiães do Douro, Monforte de Rio Livre, Goivães do Rio e Provesende. Estas pequenas unidades extintas – concelhos, coutos e honras – integraram e compuseram os novos e alargados

concelhos que se criaram e sobreviveram às reformas administrativas e territoriais de 1836 e 1853.

Outras foram extintas e restauradas. É o caso de *Mesão Frio*, extinta em 1836 e restaurada posteriormente; *S^a Marta de Penaguião*, extinta em 26 de Setembro de 1895 e restaurada a 13 de Janeiro de 1898; Carrazedo de Montenegro, extinto em 1836 foi restaurado e definitivamente extinto em 1853.

Nesta reforma destaca-se a fundação de três novos concelhos. Logo em 1836 foi a fundação do concelho Boticas constituído, na sua grande parte, com freguesias do concelho de Montalegre. Veio a passar por alguma instabilidade, resultado do período político conturbado por que passou o Reino, de tal forma que foi extinto em 26 de Outubro de 1895, vindo a ser restaurado definitivamente a 13 de Janeiro de 1898.

O concelho de Boticas é, assim, no plano histórico uma terra ancestral com uma história antiga que os vestígios arqueológicos evidenciam e os diversos castros testemunham, e no plano administrativo é uma realidade e instituição muito recente de um Portugal novo saído das Reformas Liberais. Ele é uma criação do Liberalismo Português do século XIX emergindo com as grandes reformas da administração e da divisão territorial portuguesa desencadeadas pela segunda Revolução Liberal de 1832.

A nova legislação instituiu no quadro da divisão administrativa territorial os *Distritos de Vila Real e Bragança*, divisão que em grande parte assume em termos territoriais, o ordenamento espacial, que no Antigo Regime, era desempenhado pelas *comarcas*.

Do ponto de vista da divisão concelhia o facto mais assinalável na reformulação da carta dos concelhos da banda ocidental da Província transmontana, foi, sem dúvida, a criação e institucionalização do concelho de Boticas, que integra o elenco dos concelhos do decreto de 6 de Novembro de 1836.

Trata-se em grande medida de uma criação inesperada. Com efeito, de um modo geral a criação de novos concelhos em 1836 é o resultado de uma longa luta de reivindicação autonómica, assente em fundamentos que os mentores da proposta de criação sempre vão apresentando aos poderes políticos e assentes muitas vezes em actos de rebeldia e resistência mais ou menos activos, relativamente às unidades administrativas de que se querem separar, o que não parece ter-se verificado para Boticas.

A criação do concelho de Boticas não aparece, a título de exemplo, na proposta do novo desenho con-

celhio para a comarca de Chaves, elaborado em 1796 por Columbano Pinto R. de Castro, como solução para o redimensionamento territorial do concelho de Montalegre, que se pretendia reduzir em extensão para melhoria de sua administração.

E também relativamente ao território (no todo ou em parte) que virá a configurar o futuro concelho de Boticas, convém referir que por agora não se lhe conhece também nenhuma marca de distinção, princípio político-administrativo activo ou actuação e movimentação que promova a diferenciação deste espaço no conjunto do território de Montalegre. Nem se conhecem, por agora também, reivindicações sociais ou políticas vindas do seu território, de algumas das suas paróquias ou de alguns dos seus agentes sociais mais dinâmicos que se manifestassem e exprimissem com evidência pela criação do concelho no período que antecede 1835/36.

O concelho de Boticas aparece-nos, pois, claramente, mais como a criação de uma unidade política em resultado do espírito e dos objectivos que presidem à reforma administrativa de 1836, levada a cabo pela Revolução Setembrista marcada por um cunho social e político mais radical e descentralizador, naturalmente favorável à criação de novas unidades administrativas. Ao seu encontro irão naturalmente as forças vivas das terras sedeadas em Boticas, que viram nela a possibilidade de afirmação de um novo espaço político-administrativo, minorar sem dúvida os custos de uma articulação a um concelho, cuja sede se encontrava demasiado longínqua, e por ela promover o desenvolvimento do novo território.

Como já vimos o concelho de Boticas passa mesmo assim por um período de convulsões próprio de uma instituição jovem que tem que criar caminho, consolidar instituições e ganhar espaço político de afirmação. Nos termos do decreto que o criou, o concelho de Boticas ficou com 17 freguesias, a saber: Alturas do Barroso, Anelhe, Ardãos, Beça, Bobadela, Canedo, Cerdedo, Cervos, Codeçoso, Covas do Barroso, Curros, Dornelas, Eiró, Granja, Pinho, Sapiãos, e Vilar de Porro.

Em 1836 o concelho de Boticas surge com uma população aproximada de 7 684 habitantes para 1 921 fogos, que no cotejo com os outros concelhos o coloca em 4^o lugar à frente de Montalegre com 1778 fogos, Vila Pouca de Aguiar com 1891, constituindo uma unidade institucional equilibrada do ponto de vista territorial e demográfico.

Esta formação não é definitiva, vindo ao longo dos anos a perder e anexar novas freguesias, surgindo ainda algumas dúvidas a partir de alguns documentos. É o caso de Fiães do Tâmega, que em 1834 tinha sido criada paróquia vindo a fazer parte do concelho de Ribeira de Pena para mais tarde se fixar no concelho de Boticas. As freguesias de Anelhe, Canedo e Cervos deixaram de fazer parte do concelho, vindo porém a

ser criada a freguesia de S. Salvador de Viveiro em 28 de Janeiro de 1967, sendo o concelho de Boticas, hoje, constituído por 16 freguesias, com sede na Vila de Boticas, que hoje é a freguesia cujo nome antigo era Eiró.

Marcas da História Antiga

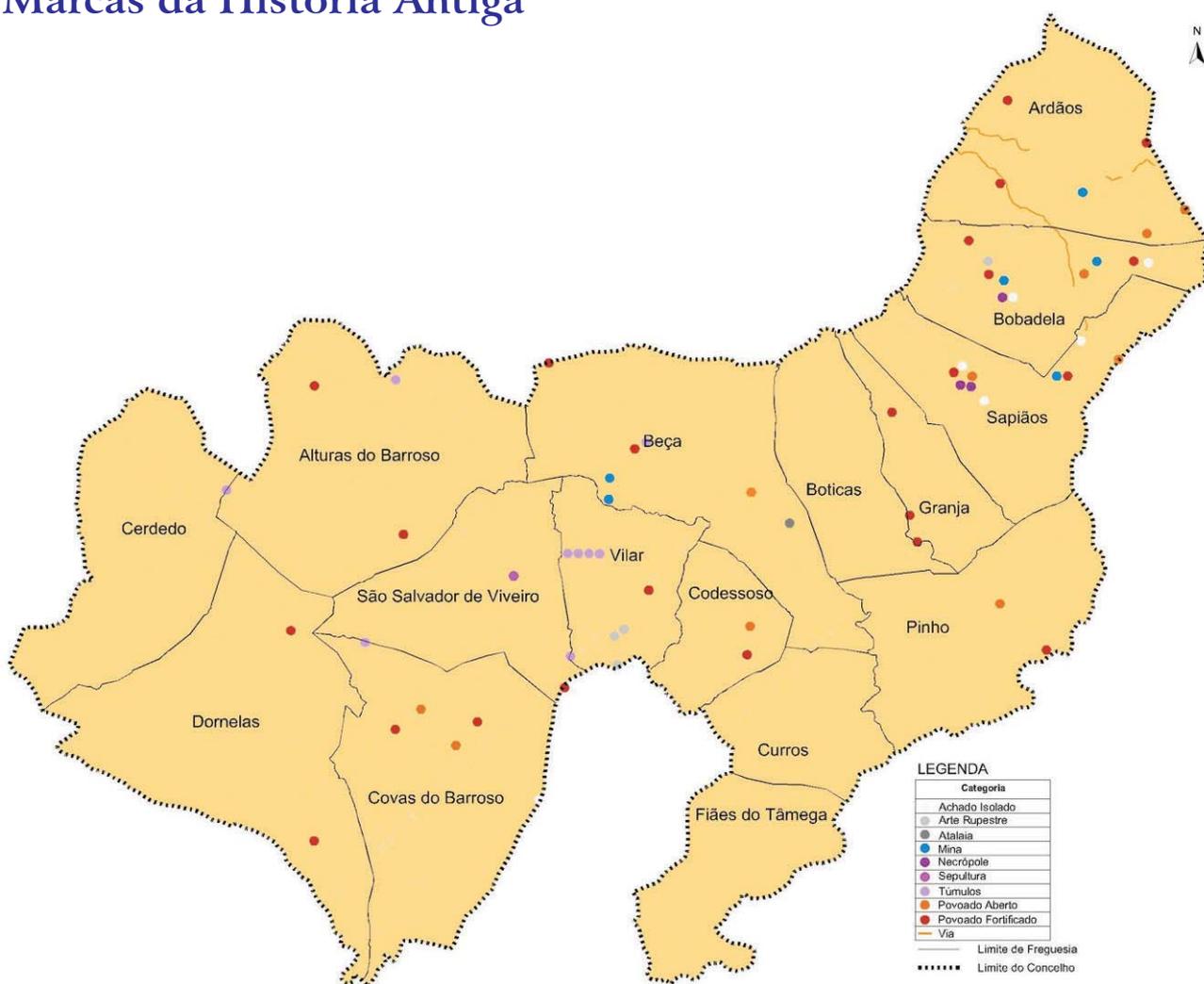


FIG. 44 - MAPA DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO

Apesar da sua história relativamente recente enquanto Município, as origens do povoamento do território concelhio perdem-se na imensidão dos tempos. No aspecto histórico, o concelho possui um vasto património, enriquecido por uma grande variedade de vestígios de povoações castrejas. Com destaque para a figura emblemática

do Guerreiro Calaico, um dos achados provenientes dos Castros de Boticas, expoente da estatuária castreja com profundo enraizamento popular e institucional que, por esse motivo, constitui hoje uma aposta forte do Município no que respeita à promoção e divulgação da sua imagem. Estas estátuas de Guerreiros

Calaios encontram-se, actualmente, expostas no Museu Nacional de Arqueologia.

Foram identificados 24 castros no concelho, o que atesta bem a expansão da cultura castreja neste território. Esses castros encontram-se “implantados em montes ou cabeços, mais ou menos altos, quase sempre junto ou na proximidade dum rio, ou ribeiro, e muitas vezes na confluência de cursos de água” (Santos Júnior *et al.*, 1983:402).

Segue-se a descrição, por freguesia, de alguns dos mais importantes castros do concelho⁵. A relação completa dos castros existentes encontra-se na listagem do património arqueológico das freguesias.

ALTURAS DO BARROSO

Castro de Vilarinho Seco

Designação: Castro de Vilarinho Seco/ Mena/ Couto ou Côtó dos Mouros

Localização: Vilarinho Seco (Alturas do Barroso)

Descrição: O castro de Vilarinho Seco, também conhecido como Couto dos Mouros, localiza-se a cerca de 1 km da aldeia de Vilarinho Seco, freguesia de Alturas do Barroso.

Quase na base da encosta do Castro, voltada a Poente, encontra-se a habitual fiada de pedras caóticas a assinalarem o alinhamento da muralha, totalmente derruída. Esta primeira linha de defesa começa num grande penedo, no lado Norte, segue para Sul e vai entestar noutra grande penedo. Apenas 2 m de muralha ligam este grande penedo a outro semelhante. Seguem-se 17 metros de ruínas de muralhas que entestam noutra penedo. Entre 20 a 30 metros acima da primeira muralha encontra-se a segunda, também derruída, que segue a crista do monte quase no alinhamento N/S, poucos metros adiante esbarra, no alto, num grande penedo. Nele se vê uma cruz gravada em sulcos pouco fundos. Esta segunda muralha esbarra em dois grandes penedos, sobranceiros a um despenhadeiro quase abrupto da vertente do lado Leste, encosta que é toda penedia contínua, com alguns penedos grandes, com 6 ou 7 metros de altura, encostados uns aos outros.

Côtó dos Corvos

Designação: Castro do Côtó dos Corvos

Localização: Alturas do Barroso

Descrição: No termo da aldeia de Alturas do Barroso, a cerca de 1km para Noroeste, há dois altos picotos

graníticos designados como *Cornos das Alturas do Barroso*. O do lado Nascente, sobranceiro à estrada que desce para a barragem dos Pisões, é o Coto dos Corvos, e o outro que lhe fica pelo Poente, é o Coto do Sudra. No Coto dos Corvos existem escassos vestígios do castro, reduzidos aos alinhamentos das suas quatro muralhas, três na encosta voltada a Nascente e uma quase no alto da pedregosa encosta do Poente. A primeira muralha mede 255 m de comprimento, na maior parte da sua extensão segue quase a linha de nível, mas no extremo do lado Norte inflecte à esquerda e sobe até ao montão de penedos onde esbarra. A segunda muralha tem 105 m de comprimento, segue 56 m acima da anterior e a sua ponta setentorial termina no mesmo montão de penedia onde esbarra a primeira muralha e perto dela. A terceira muralha é a mais curta, mede apenas 40 m de comprimento, fica a 55 m acima da segunda e termina do lado Norte na penedia que se estende até à crista do monte. Nos escassos terraplanos, a que os quase apagados restos de muralhas fazem amparo, não se viram quaisquer restos de alinhamentos de pedras que sugerissem tratar-se de construções, especialmente de casas.

ARDÃOS

Castro de Cunhas

Designação: Castro do Muro de Cunhas

Localização: Ardãos

Descrição: O castro do Muro de Cunhas fica a Nordeste de Ardãos num monte muito pedregoso especialmente no topo cimeiro.

O acesso ao castro faz-se de Ardãos pela estrada que vai para Chaves até uns 5km, depois à esquerda, uns 800 m, por estradão até à base do castro.

Na sua base vê-se um ouriçado de pedras fincadas, pequenas e não muito juntas, que se estende até à primeira muralha. Muralha essa com o paramento externo de cerca de 80cm de altura de pedras de granito bem apicotadas, de faces em perfeita esquadria rectangular, de tal modo que assentam e encostam em perfeito ajuste. A primeira muralha tem 3 m de largura e a face interna quase toda rente à terra. Acima 30 m encontra-se a segunda muralha, que é do mesmo tipo de construção da primeira e também com 3 m de largura. Existem neste castro restos de construções e pedras talhadas com covinhas e sulcos.

Castro da Gorda

Designação: Castro da Murada da Gorda / Murada

da Gorda

Localização: Ardãos

Descrição: O Castro da Gorda encontra-se a Noroeste da aldeia de Ardãos num cabeço empinado e pedregoso, a cerca de quilómetro e meio da aldeia.

O reduto cimeiro é oval com 82 m de comprimento, no alinhamento Nascente/Poente, e 63 m de largura no sentido Norte/Sul. Encontra-se rodeado de fiadas de penedos de granito e porções de muralhas entre os penedos terminais de cada fiada e o primeiro da fiada seguinte. O reduto é marginado por fragas mais ou menos alinhadas e quatro troços de muralhas derreadas, assinalados por fiadas de pedras em montões caóticos.

Partindo do Poente, da presumível porta do castro, há um pedaço de muralha com cerca de 60 m de comprimento. Aquela entrada no castro tem um grande penedo que forma, por assim dizer, a ombreira daquela presumível porta.

Três quartos do reduto são fraga viva plana, pedra em que quase não há mato, o que contrasta com a periferia do alinhamento da muralha, dos lados Nascente, Sul e Poente, cheia de mato espesso e alto. O lado Norte, o mais alto do reduto, é penedia, linha de defesa natural daquele lado do reduto. Não existe qualquer sinal de casas, nem restos de cerâmica. Segundo alguns autores, parece plausível admitir que o Castro da Gorda tenha sido um Couto para refúgio e pernoita de rebanhos.

Castro da Malhó ou de Amalhó

Designação: Castro da Malhó

Localização: Ardãos

Descrição: O Castro da Malhó fica a Poente de Ardãos, entre dois ribeiros: o da Amarela, que lhe corre pelo Norte, e o da Ferrugenta a Sul; na Linha Nascente/Poente a uns 2 km da aldeia de Ardãos.

O alto do castro é um montão acavalado de penedos. Na vertente do lado Nascente há também muitos penedos, como no cume. A cerca de 10 m do penedo do alto há uma fiada de 11 pedras pequenas, ligeiramente arqueada a N/W e posta entre dois penedos. Três metros abaixo daquela fiada há um troço de muralha de pedras de granito apicotadas com 5 m de comprimento, a ligar dois penedos. A muralha termina no topo do lado Norte entestada num montão de penedos, a que se seguem outros sete grandes penedos encostados uns aos outros e um tanto acavalados.

O recinto muralhado é de forma elíptica, com cerca de 90 m de comprimento e 45 m de largura. Há uma possível porta, que se segue a três pequenas porções de muralha entre penedos, que teria 1,95 m de largura e dá entrada a um terraplano, que se estende para o lado Norte, onde poderia ter havido casas.

BEÇA

Castro de Carvalhelhos (Património Classificado - IIP)

Designação: Castro de Carvalhelhos

Localização: Carvalhelhos (Beça)

Descrição: O Castro de Carvalhelhos assenta num cabeço sobranceiro às afamadas Águas de Carvalhelhos.

Este castro tem três linhas de muralhas. A primeira muralha, em alguns sítios com 3 m de largura, forma um anel à volta do reduto cimeiro, arredondado, com 51 m no sentido N/S e 42,5 m no sentido E/O; a segunda muralha entesta na primeira junto da porta do castro segue pela encosta do lado Poente direita ao ribeiro e a uma distância de 30 m da muralha cimeira. A terceira muralha, ou muralha da base, estende-se por mais de 100 m paralela e a curta distância do ribeiro. Existem 15 ou 16 rampas de acesso às muralhas, sendo 10 ou 11 na primeira e 5 na segunda. Uma particularidade que concorre para notabilizar o Castro de Carvalhelhos é a profundidade dos seus fossos. No castro foram descobertas algumas casas, sete no reduto cimeiro, sendo quatro circulares, uma das quais com vestíbulo parcialmente destruído, e três rectangulares; fora da muralha na encosta do lado Nascente encontram-se quatro casas, das quais duas são circulares, uma delas com vestíbulo, e duas rectangulares. Neste castro foram também encontradas algumas peças de metal: uma fivela de bronze, uma fíbula também em bronze e quatro moedas; e ainda duas contas de vidro, uma pedra de anel e vários pedaços de cerâmica.

Torre de Seirrãos

Designação: Castro da Torre ou Torre de Seirrãos

Localização: Seirrãos (Beça)

Descrição: O Castro da Torre fica em Seirrãos, freguesia de Beça. Localizado a Nascente da aldeia encontra-se o pequeno monte a que chamam o “Castro da Torre” ou apenas “A Torre”, pequeno cabeço, arredondado, com bastantes penedos. O monte tem de comprimento N/S 70 m entre o que se considera



FIG. 45 - CASTRO DE CARVALHELHOS

restos da muralha. Trata-se de um castro pequeno que nunca foi muralhado, mas apenas rodeado por um paredão suporte de terra, que à maneira de um anel o circundava. Quanto à designação local de “Torre”, diz-se que em tempos terá lá existido uma torre, possivelmente atalaia Medieval ou pequeno castelo, mandado construir pelo primeiro Duque de Bragança, no reinado de D. João I.

BOBADELA

Castro do Brejo

Designação: Castro do Brejo ou Cidadonha

Localização: Bobadela

Descrição: Este castro encontra-se a Oeste da aldeia de Bobadela, sobranceiro à casa florestal. Assenta no alto dum pequeno cabeço pedregoso com muitas fragas de granito, especialmente numerosas e amontoadas no topo cimeiro.

O acesso a este castro faz-se pelo caminho que vai da aldeia até à Casa Florestal e daí pela subida de uma ladeira com cerca de 200 m de comprimento.

O reduto ou terreiro, grande parte dele constituído por rocha, encontra-se limitado a Norte, Nascente e Sul por uma fiada descontínua de grandes pedras, com mais de um metro de altura, as quais se encontram em falta possivelmente por terem sido retiradas pelos habitantes da aldeia para a construção de casas. No local do castro foram encontrados fragmentos de cerâmica.

Perto deste castro corre o Ribeiro do Brejo, que rodeia o monte pelo Norte e Nascente.

Castro de Nogueira

Designação: Castro de Nogueira

Localização: Nogueira (Bobadela)

Descrição: o Castro de Nogueira fica no topo dum alto cabeço cónico por cima e a NO da aldeia de Nogueira, freguesia de Bobadela.

O acesso a este castro pode fazer-se pelo estradão até à Casa Florestal, dali aos lameiros da Serra, à Salgueira, e uns 200 m acima encontra-se um caminho de carro de bois que leva ao alto, junto das muralhas do castro, quase todas alagadas, embora haja algumas porções que ainda têm 1 m de altura.

No topo do castro existem indícios de aí terem existido casas. No que se refere às muralhas, estas encontram-se muito derruídas e quase imperceptíveis, não sendo possível aferir a sua dimensão. Foram en-

contrados vários pedaços de cerâmica neste espaço.

Perto do castro, do lado Nascente, encontra-se um ribeiro.

BOTICAS

Outeiro do Pardo

Designação: Outeiro do Pardo

Localização: Boticas

Descrição: O Outeiro do Pardo fica na margem direita do Rio Terva, é um picoto, ou cabeço, pedregoso, quase um ajuntamento de penedos. Na base do Outeiro, pelo Sul corre uma tosca muralha, de 30 m, paralela ao rio e que depois torce e segue direita ao rio. O Outeiro é alto, com cerca de 25 a 30 metros, tendo no cimo um montão de grandes fragas de granito.

A meia encosta há grandes fragas, que em alguns sítios parece terem sido ligadas por estreitas muralhas ou simples muretes. Entre a penedia há poucos e escassos plainos que pudessem oferecer condições para a implantação de casas, das quais não há vestígios. Se não fosse o achado de 11 pedaços de cerâmica de tipo castrejo apanhadas na margem do rio, àquele Outeiro não se lhe poderia atribuir a qualidade de agregado arqueológico de tipo castrejo.

CODESSOSO

Castro do Alto da Coroa

Designação: Castro do Alto da Coroa / Castro da Naia / Rio Mau

Localização: Codessoso

Descrição: O monte donde se localiza o Castro Alto da Coroa, ou simplesmente a “Coroa”, fica a cerca de 1km a N/W da aldeia de Codessoso.

Este castro possui dois fossos separados por um combro relativamente estreito. Uns 20 m acima do segundo fosso, há uns restos de parede que parecem vestígios de muralheta. Acima uns 12 m, há restos de outra parede que pode ser parte da segunda muralheta que corre paralela à primeira. Foi encontrada cerâmica, tégula, escórias e vestígios da fundição de ferro. Pensa-se que este castro terá sido romanizado.

COVAS DO BARROSO

Alto do Crasto

Designação: Alto do Crasto

Localização: Covas do Barroso

Descrição: Sobranceiro à aldeia de Covas encontra-

se o Alto do Castro, monte de encostas empinadas, principalmente a do lado Sul, voltada para Covas do Barroso. Tem um pequeno reduto, com 6 a 8 metros de diâmetro, rodeado por todos os lados, excepto no lado Sul onde se abre uma longa portada com 27 m de largura. Um pouco acima da linha dos 27 m da grande portada há uma fiada de 6 a 7 metros de pedras pequenas, que se supõe corresponderem ao miolo do paredão, ou muralheta, que fechava daquele lado o rodeio dos penedos que por três lados cercam a irregular e pedregosa plaina cimeira.

No local forma encontrados pedaços de cerâmica.

O Castro do Poio

Designação: Castro do Poio

Localização: Covas do Barroso

Descrição: O Castro do Poio fica no termo da freguesia de Covas do Barroso. Encontra-se localizado a uns 400m a jusante da ponte nova que atravessa o rio pela estrada de Covas do Barroso ao Couto de Dornelas.

O cabeço de pedra de xisto em que assenta o castro é uma espécie de promontório arredondado, rodeado pelo rio do Couto de Dornelas a Norte, Poente e Sul. Um grosso istmo liga-o pelo NE ao monte adjunto. O castro tem três muralhas. A primeira, no fundo da ladeira, fica a uns 10 a 12 metros acima da margem esquerda do rio, tem 1,70 m de largura, parte do fosso do lado Norte, abraça a base do promontório e vai desembocar no fosso, sensivelmente à mesma distância do rio. A segunda muralha também com 1,70 m de largura, na linha Nordeste/Sudoeste, fica 30 m acima da anterior e segue, em arco de ferradura, mais ou menos paralelo à primeira muralha num comprimento de 150 a 200 metros. Começa e acaba, como a anterior, nas duas portas do fosso. A terceira muralha, na linha NE/SO fica 50m acima da segunda. Mais acima na plaina do topo do monte, esta terceira muralha estreita a 1 m de largura, forma um conjunto elipsóide com um lacete, onde se distinguem três anéis de pedra amontoadas que devem corresponder a outras tantas casas circulares.

O fosso, com 6 m de boba e 3m de fundo, foi rasgado a cortar o istmo daquele promontório e estende-se seguindo o pendor das encostas, aproximadamente 60 m de cada lado, até ao rio.

DORNELAS

Castro de Ervas Ruivas

Designação: Castro de Ervas Ruivas / Areais

Localização: Lousas (Dornelas)

Descrição: Este castro, localizado a cerca de 1 km de Lousas, assenta num monte situado no fundo do vale rodeado a Nascente, Sul e Poente pela Ribeira de Lousas.

O esboralhado de pedras a marcar o alinhamento da primeira muralha começa na porta Sul do talude e estende-se 26 m no alinhamento S/N. Na ponta do lado Norte a primeira muralha desanda à esquerda em ângulo recto, bordeja o recinto cimeiro e desce a encosta setentorial num extensão de 50 m. A segunda muralha desce ao lado e abaixo da primeira, dela separada 10 m, desta muralha apenas se vê uma fiada de pedra que marca o seu alinhamento, formando um patamar com 2 a 3 metros de largura cuja borda, em alguns sítios tem de 1 a 2 metros de altura, mas na maior parte do seu comprimento menos de 1m. O topo cimeiro é limitado a Norte pela primeira muralha e a Sul por penedia.

Castro de Gestosa (Património Classificado - IIP)

Designação: Castro de Gestosa ou Souto da Lama

Localização: Gestosa (Dornelas)

Descrição: Existe na aldeia de Gestosa, freguesia de Dornelas, um velho Castelo de Mouros a que o povo chama Castro de Lamas ou Souto de Lamas. O monte em cujo topo assenta o castro fica ao lado da ER 311, a uma distância de 300 m, sendo defendido por três linhas de muralhas.

À muralha que defende o topo Sul segue-se uma rampa que termina em dois fossos justapostos, que rodam para cima e estendem-se ao longo da encosta Nascente do castro originando um grande fosso. O topo Norte do terreiro é marcado por um montão de fragas. A ladeira da face poente, abaixo da muralha do terreiro, é toda semeada de fragas até um pequeno patamar amparado pela segunda muralha. Desta muralha existe o seu alinhamento de 80m ao longo da ladeira Poente, que desanda para Norte e vai terminar num conjunto de fragas de granito, natural linha defensiva. Entre 20 a 30 metros abaixo da segunda muralha corre a terceira muralha, que se estende num comprimento de pelo menos 100 m, com altura média de 2 m. Esta muralha, tal como a segunda, parece estar rota numa abertura de uns 2 m que se pode considerar o vão de uma possível porta. Foram encontrados vestígios de casas circulares e restos de cerâmica. Na base do monte do castro corre

o Ribeiro da Gestosa.

GRANJA

Castro do Cabeço (Património Classificado - IIP)

Designação: Castro do Cabeço

Localização: Granja

Descrição: O castro do Cabeço localiza-se no termo da freguesia da Granja. O monte, cónico ou cabeço, onde assenta o castro fica a escassos 300 m da EN 103, km 146, entre Sapiãos e o Alto do Fontão.

O castro possui duas linhas de muralhas, que se encontram separadas entre si por um espaço de cerca de 15 m, a segunda muralha está separada do fosso do reduto por cerca de 21 m.

Existem neste castro vários vestígios de casas circulares com pavimento lageado, tégula ou telha de rebordo, mós e pedaços de bronzes.

Couto dos Mouros

Designação: Couto dos Mouros

Localização: Granja

Descrição: O Couto dos Mouros é um cabeço pedregoso com grandes fragas de granito, localizado sobranceiro ao Rio Terva.

Do lado Norte tem um pequeno troço de muralha com 10 m de comprimento, assinalado em parte por uma fiada de pedras em montão linear caótico. Há outro troço do lado Poente com 12 m de comprimento e feito de pedra tosca. No alto do castro há vestígios de uma casa circular com 2,7 m de diâmetro e paredes ao rés da pedra com 80 cm de largura, feitas de pedra tosca. Foi encontrada no local metade de uma mó circular de moinho.

PINHO

Castro do Mouril

Designação: Castro do Mouril

Localização: Pinho

Descrição: Este castro encontra-se no extremo do lado Nascente da freguesia de Pinho, a confrontar com a povoação de Arcossó, da freguesia de Vidago, do concelho de Chaves. O monte do Mouril é rodeado a Nascente e a Sul pelo rio Tâmega e fica na confluência da ribeira de Sampaio com o Tâmega, ribeira que limita o castro pelo Poente.

O castro tem duas linhas de muralhas. Quase no cimo do topo Sul há um pedaço da primeira muralha

com 40 m, feita de pedras de xisto e algumas pedras de granito, em forma de cunha e face do topo apicotado. A segunda muralha tem 2,6 m de largura e 50 a 60 cm acima da terra; tem um troço levemente arqueado a rodar para o topo do lado Poente do castro, com 30m de comprimento. Entre as duas muralhas há um patamar de 12 m de largura. Existem vestígios de três casas circulares e foi encontrada no local uma mó de um moinho manual. Existe também um penedo com gravuras e covinhas.

SÃO SALVADOR DE VIVEIRO

Castro do Lesenho (Património Classificado - IIP)

Designação: Castro do Lesenho

Localização: Campos (S. Salvador de Viveiro)

Descrição: o Castro do Lesenho encontra-se a cerca de 700 m da aldeia de Campos, freguesia de S. Salvador de Viveiro.

Este castro é um monte cónico e pedregoso cuja altura se pode calcular em 50 a 60 metros. Tem três linhas de muralhas, sendo a cimeira a melhor definida pelos alinhamentos de pedras em montão caótico, a entestar os penedos. A segunda e terceira muralhas, na sua maior parte derruídas, são também assinaladas pelas fiadas de montões de pedras. A maior parte das muralhas têm dois metros de largura. Além da porta aberta na muralha fundeira, que pode considerar-se a entrada principal, há mais duas portas, uma no topo da terceira muralha, a outra no lado Poente da primeira muralha.

O Castro do Lesenho notabiliza-se pelo facto de nele se terem encontrado, talvez no século XVIII, quatro estátuas de Guerreiros Galaicos ou Calaios

Na base Nordeste do castro foi encontrado um pequeno penedo com gravuras.

O monte onde se localiza o castro, dada a sua altitude e localização, é um excelente miradouro natural. Daí avistam-se uma vastidão de paisagens: a Norte os *Cornos das Alturas*, as cristas da Serra do Gerês e a Serra do Larouco, pelo Nascente a Serra de Sanábria (Galiza); além Tâmega a Serra de Santa Bárbara, para Sul o Alvão e o Marão; mais perto a Serra da Cabreira, os cerros de Cabeceiras de Basto e a Serra da Eira.

SAPIÃOS

Castro do Muro ou Casas dos Mouros

Designação: Castro do Muro / Casas dos Mouros



FIG. 46 - CASTRO DO LESENHO

/ Muro

Localização: Sapiãos

Descrição: o Castro do Muro fica ao lado e acima da EN 103, sentido Braga a Chaves, cerca de 400 m adiante de Sapiãos.

O “Muro” de Sapiãos é um castro de encosta, quase assente na base da ladeira do monte fundeiro do Leiranço. O perímetro da muralha é de 270 m. Nalguns sítios vêem-se os paramentos externo e interno da muralha que tem 3,50 m de largura. Na sua maior parte está derruída e é assinalada por fiada de pedras em amontoado caótico. A maior parte do recinto intra muralha é, por assim dizer, penedia. Distinguem-se dois pequenos terreiros sem penedia, um na base e outro a meio. A eira dos mouros é um espaço quadrilátero com quase 40 m de comprimento na linha E/W, e de contorno subtrapezoidal, que vai alargando de cima para baixo. No alto tem 16 m de largura, a meio 21 m e quase no fundo 26 m de largura. No local do castro foram encontrados restos de cerâmica.

Castro do Muro ou da Cerca

Designação: Castro do Muro ou da Cerca

Localização: Sapelos (Sapiãos)

Descrição: O castro da Cerca ou Muro localiza-se a Nordeste de Sapelos, freguesia de Sapiãos. É um castro de situação baixa assente na encosta pendente pelo lado poente sobre o rio Terva, que lhe corre na base, ao fundo da encosta, e a cerca de 100 m da muralha fundeira.

O castro é elíptico de eixo SW/NE, com um comprimento de 122 m e largura máxima de 47 m. Tem duas muralhas. A muralha cimeira tem patente e relativamente conservado o seu paramento interno, mas do lado do fosso a maior parte do paramento foi derruído. O paramento interno é de pequenas pedras de granito e o externo de pedras de quartzo, também pequenas. A segunda muralha está praticamente toda derruída, no entanto no topo do lado Sudeste e num comprimento de cerca de 60 m, ainda se patenteiam algumas pedras de granito da base dos paramentos, sobretudo do interno. Do lado Nascente há dois fossos, com largo lombo de separação, que seguem na base do talude e depois afastam-se da base da muralha e vão direitos à ribeira que desce a encosta e vai desaguar no Terva. Os castrejos podiam abastecer-se de água quer da ribeira, quer do rio Terva.

Castro de Sapelos

Designação: Castro de Sapelos (Sapiãos)

Localização: Sapelos

Descrição: o castro de Sapelos fica junto à EN 103, ao km 151, no alinhamento da ponte pedrinha, assenta na crista do monte que lhe fica fronteiro pelo Nascente. Subindo pelo lado Norte deparamo-nos com um fosso com 3m de boca a rodear a fraga, que marca o início de um longo patamar com 155 m de comprimento e 40 a 45 metros de largura.

O patamar, ligeiramente ascendente, estende-se até ao cabeço onde assenta propriamente o castro, rodeado da muralha e fossos. O topo Sul do terreiro tem um combro de terra com o comprimento de 10 m e em média com 1 m de altura, que será resto da muralha de terra. O castro deve ter sido muralhado a toda a volta, do lado Nascente vê-se pedaços de muralha com 1 m e com apenas 3 fiadas de pedra de granito; do lado Poente, há uma fiada de pedra de granito em montão caótico, numa extensão de 50 a 70 metros, fiada que deve corresponder à segunda muralha. Muitas das pedras da muralha foram retiradas pelas pessoas para a construção de casas na aldeia. Não foram descobertos restos de construções no local, apenas dois pedaços de cerâmica.

VILAR

Alto do Crasto ou Castelo dos Mouros

Designação: Alto do Crasto / Castelo dos Mouros

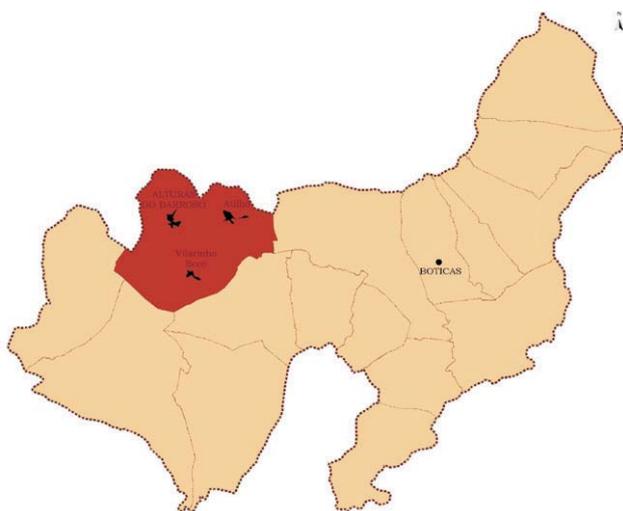
Localização: Vilar

Descrição: o Castro de Vilar de Porro fica abaixo da aldeia de Vilar, mesmo ao lado do sítio de Fervença, e é designado pelo povo como Castelo dos Mouros.

Embora tenha três patamares ascendentes e uma muralha na borda de cada um deles, as suas condições de defesa estão longe das dos outros castro da região, que com muralhas altas ofereciam muito boas condições de defesas. O patamar da base na linha Leste/Oeste tem cerca de 35 m de largura. A este patamar segue-se para Oeste uma rampa ascendente com 10 m de comprimento, e a seguir o segundo patamar que na linha Leste/Oeste tem 11 m de largura. Logo se empina nova rampa ascendente que na mesma linha tem 5 m de comprimento e conduz ao patamar cimeiro ou coroa do castro com 80 m de comprimento.

Existem vestígios de várias construções circulares.

FREGUESIA DE ALTURAS DO BARROSO



Localização geográfica: Situa-se em pleno coração da Serra do Barroso, na parte Noroeste do concelho.

Distância relativamente à sede do concelho: aproximadamente 18 km

Acesso viário: Pela ER 311, vira-se em direcção a Carvalhelhos e percorre-se a EM 520. Em alternativa, pode seguir-se pela ER 311, vira-se em direcção a Vilarinho Seco e percorre-se o CM 1035 até Alturas do Barroso.

Área total da freguesia: 32,8 km²

Localidades: Alturas do Barroso, sede de freguesia, Atilhó e Vilarinho Seco

População: 444 habitantes

Orago: Santa Maria Madalena

Festas e Romarias

S. Sebastião, 20 de Janeiro, Alturas do Barroso.

S. Sebastião, Domingo a seguir ao dia 20 de Janeiro, Atilhó.

Santa Cruz, 03 de Maio, Vilarinho Seco

Sto António,* 13 de Junho, Alturas do Barroso e Atilhó

Santa Maria Madalena,* 26 de Junho, Alturas do Barroso

S. Paio,* 26 de Junho, Vilarinho Seco

Santa Ana, 26 de Julho* / início de Agosto, Alturas do Barroso

Santa Margarida, último domingo de Agosto, Atilhó

Santa Bárbara,* 04 de Dezembro, Atilhó

Santa Luzia,* 13 de Dezembro, Atilhó

(*) Apenas celebração religiosa.

Património Arqueológico

Castro de Vilarinho Seco / Couto dos Mouros

Castro do Côto dos Corvos

Mamoá da Pedra do Sono / Pedra do Sono

Mamoá de Chã do Seixal / Chã do Seixal

Património Edificado

Capela de Nossa Sra. de Fátima (Alturas do Barroso)

Capela de Sampaio (Vilarinho Seco)

Capela de Santa Margarida (Atilhó) – Património Classificado (IIM)

Casas de Vilarinho Seco

Forno do Povo de Alturas do Barroso

Forno do Povo de Atilhó

Forno do Povo de Vilarinho Seco

Igreja Paroquial de Santa Maria Madalena (Alturas do Barroso)

Relógio de Sol (Vilarinho Seco)

Outros locais de interesse turístico

Casas com cobertura de colmo

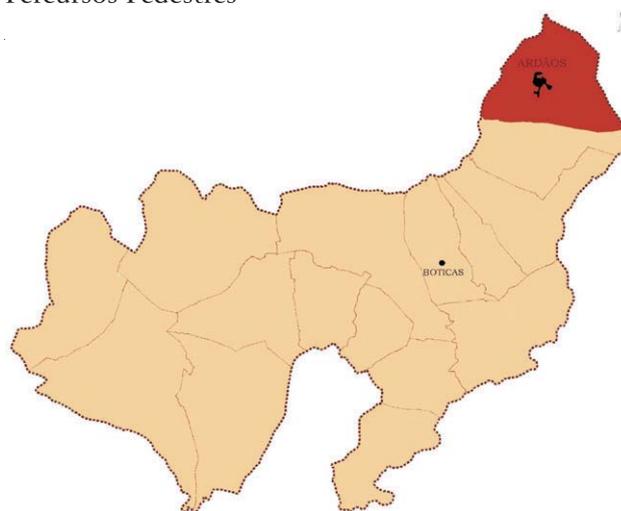
Miradouros Naturais da Serra do Barroso

Moinhos

Museu Rural de Alturas do Barroso

Parque de Lazer de Peade (Alturas do Barroso)

Percursos Pedestres



Localização geográfica: A freguesia de Ardãos fica extremo nordeste do concelho de Boticas.

Distância relativamente à sede do concelho: aproximadamente 10 km.

Acesso viário: Pela EN 312. Em Sapiãos segue-se pela EN 103 na direcção Chaves. Virando depois em direcção a Bobadela, percorre-se a EM 527 até

As freguesias do Concelho de Boticas



FIG. 47 - MAPA DAS FREGUESIAS E ALDEIAS DO CONCELHO DE BOTICAS

Como já foi referido, o concelho é constituído por 16 freguesias: Alturas do Barroso, Ardãos, Beça, Bobadela, Boticas, Cerdedo, Codessoso, Covas do Barroso, Curros, Dornelas, Fiães do Tâmega, Granja, Pinho, São Salvador de Viveiro, Sapiãos e Vilar. Conforme se pode observar na fig. 47, as freguesias encontram-se subdivididas em 52 povoações. De dimensão variável, estas freguesias, na

sua generalidade são constituídas por duas ou mais localidades, à exceção de Ardãos, sendo Beça aquela que mais localidades possui (nove).

O território concelhio encontra-se servido por uma extensa rede viária, que liga os aglomerados entre si e assegura o acesso viário à sede de concelho, bem como aos diversos concelhos com que o Município de Boticas confronta.

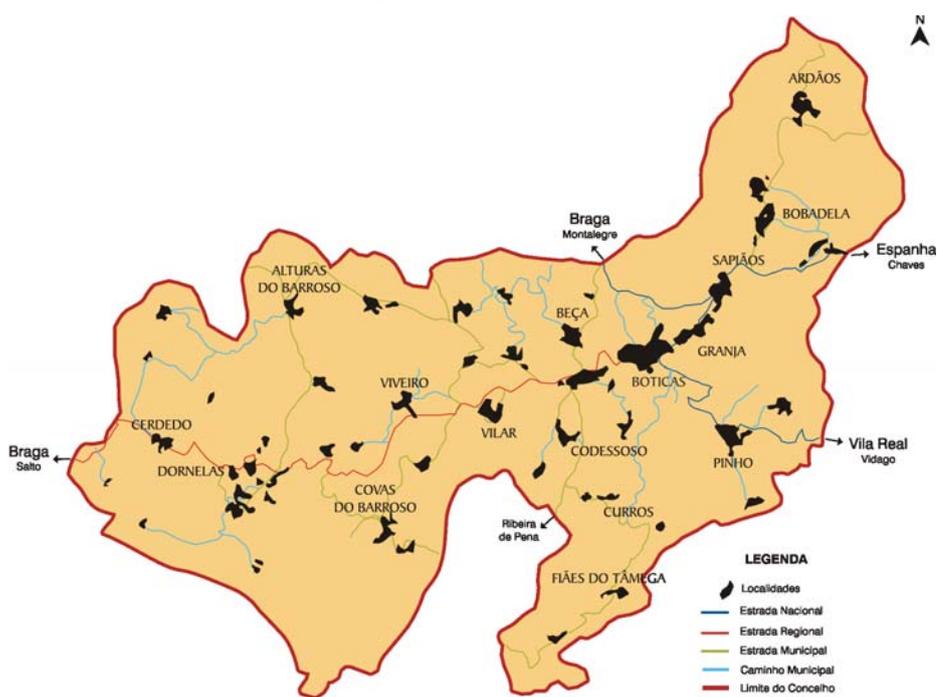


FIG. 48 - MAPA DA REDE VIARIA DO CONCELHO DE BOTICAS

Freguesia de Alturas do Barroso

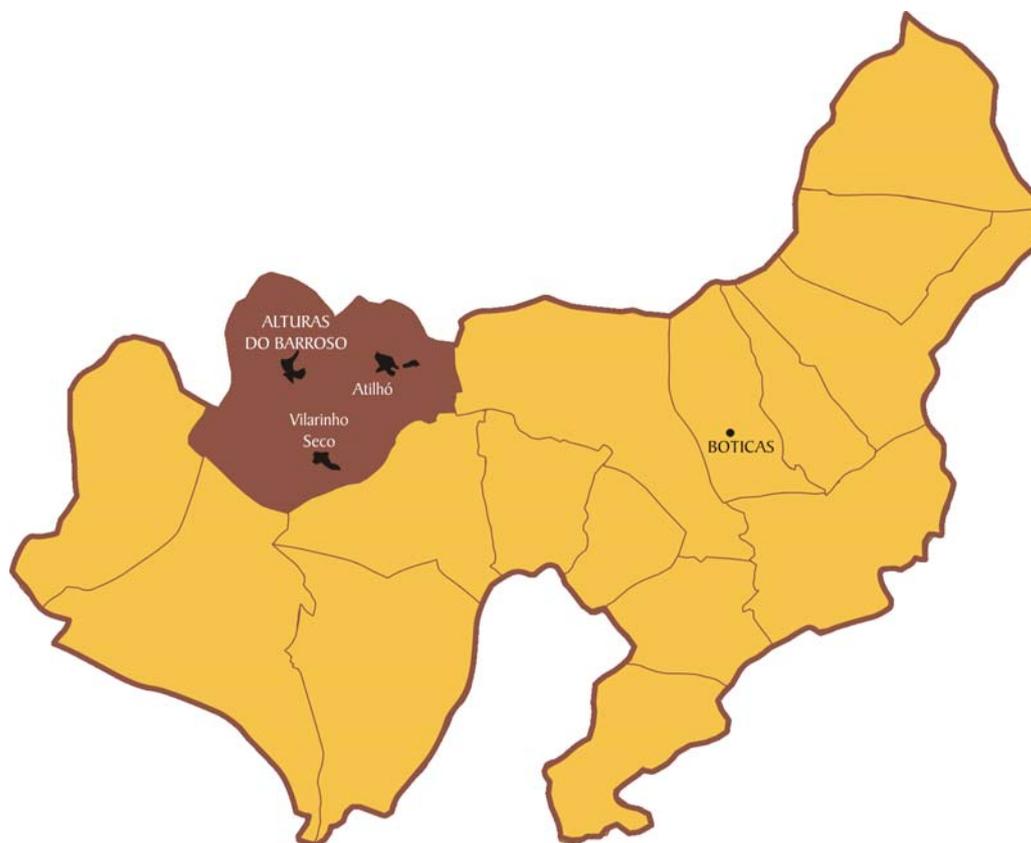


FIG. 49 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE ALTURAS DO BARROSO

Localização geográfica: Situa-se em pleno coração da Serra do Barroso, na parte Noroeste do concelho.

Distância relativamente à sede do concelho: aproximadamente 18 km

Acesso viário: Pela ER 311, vira-se em direcção a Carvalhelhos e percorre-se a EM 520. Em alternativa, pode seguir-se pela ER 311, vira-se em direcção a Vilarinho Seco e percorre-se o CM 1035 até Alturas do Barroso.

Área total da freguesia: 32,8 km²

Localidades: Alturas do Barroso, sede de freguesia, Atilhó e Vilarinho Seco

População: 444 habitantes

Orago: Santa Maria Madalena

Festas e Romarias

S. Sebastião, 20 de Janeiro, Alturas do Barroso.

S. Sebastião, Domingo a seguir ao dia 20 de Janeiro,

Atilhó.

Santa Cruz, 03 de Maio, Vilarinho Seco

Sto António,* 13 de Junho, Alturas do Barroso e Atilhó

Santa Maria Madalena,* 26 de Junho, Alturas do Barroso

S. Paio,* 26 de Junho, Vilarinho Seco

Santa Ana, 26 de Julho* / início de Agosto, Alturas do Barroso

Santa Margarida, último domingo de Agosto, Atilhó

Santa Bárbara,* 04 de Dezembro, Atilhó

Santa Luzia,* 13 de Dezembro, Atilhó

(*) Apenas celebração religiosa.

Património Arqueológico

Castro de Vilarinho Seco / Couto dos Mouros

Castro do Côto dos Corvos

Mamoá da Pedra do Sono / Pedra do Sono

Mamoia de Chã do Seixal / Chã do Seixal

Património Edificado

Capela de Nossa Sra. de Fátima (Alturas do Barroso)

Capela de Sampaio (Vilarinho Seco)

Capela de Santa Margarida (Atilhó) – Património Classificado (IIM)

Casas de Vilarinho Seco

Forno do Povo de Alturas do Barroso

Forno do Povo de Atilhó

Forno do Povo de Vilarinho Seco

Igreja Paroquial de Santa Maria Madalena (Alturas do Barroso)

Relógio de Sol (Vilarinho Seco)

Outros locais de interesse turístico

Casas com cobertura de colmo

Miradouros Naturais da Serra do Barroso

Moinhos

Museu Rural de Alturas do Barroso

Parque de Lazer de Peade (Alturas do Barroso)



FIG. 50 - REBANHO (VILARINHO SECO)



FIG. 51 - CARRANCA
IGREJA DE SANTA MARIA MADALENA (ALTURAS DO BARROSO)

Freguesia de Ardãos

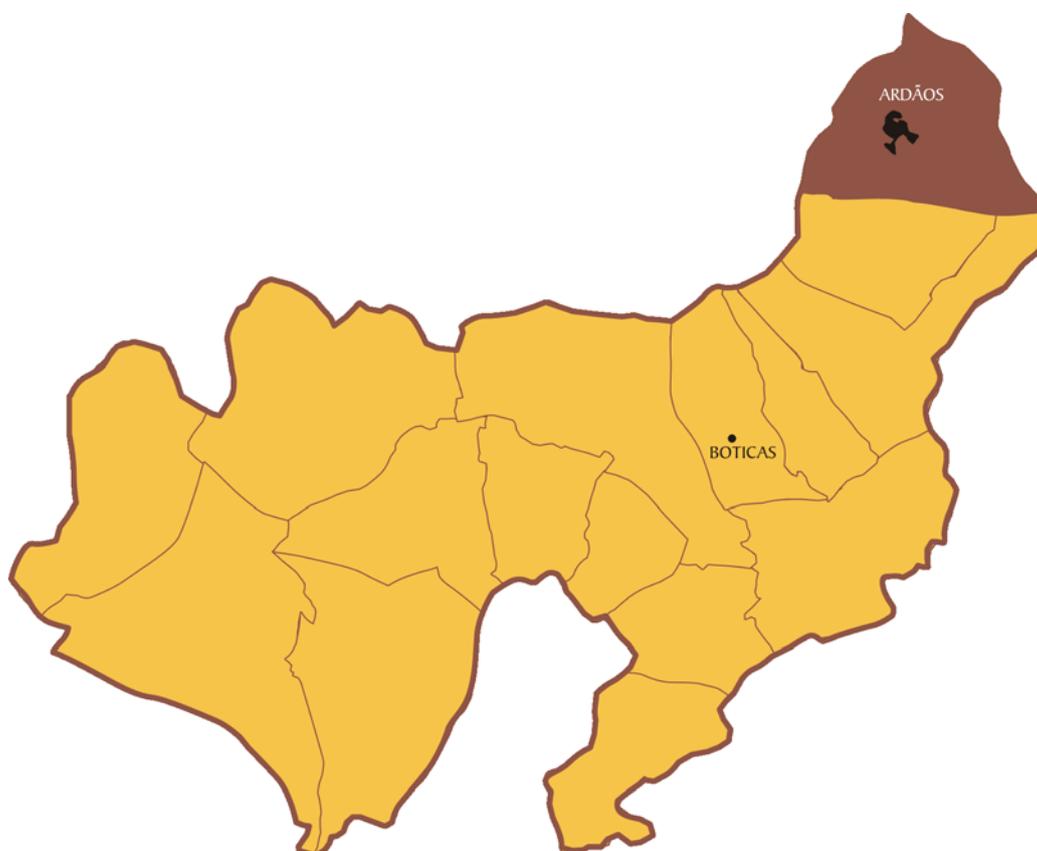


FIG. 52 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE ARDÃOS

Dois Percursos Pedestres

Alojamento

Casa do Pedro

Localização geográfica: A freguesia de Ardãos fica extremo nordeste do concelho de Boticas.

Distância relativamente à sede do concelho: aproximadamente 10 km.

Acesso viário: Pela EN 312. Em Sapiãos segue-se pela EN 103 na direcção Chaves. Virando depois em direcção a Bobadela, percorre-se a EM 527 até Ardãos.

Área total da freguesia: 22,4 Km²

Localidades da freguesia: Ardãos

População: 311 habitantes

Orago da freguesia: Santo André

Feiras

1º Sábado de cada mês

Festas e Romarias

Santo André,* Último Domingo de Maio

Nossa Sra. das Neves, 3º ou 4º domingo de Agosto

Património Arqueológico

Calçada Romana / Via

Castro da Malhó

Castro da Murada da Gorda / Castro da Gorda

Castro do Muro de Cunhas / Castro de Cunhas

Cidade das Batocas

Cortas das Batocas

Cruz da Moça

Estação Arqueológica da Senhora das Neves

Povoado da Senhora das Neves

Povoado do Alto da Ribeira

Património Edificado

Alminhas

Calvário

Capela de Santo António

Capela de São Roque

Casarios tradicionais

Cruzeiro
Fonte de mergulho
Forno do Povo
Igreja Paroquial de Ardãos



FIG. 53 - IGREJA PAROQUIAL DE ARDÃOS



FIG. 54 - CRUZEIRO E FONTE DE MERGULHO (ARDÃOS)

Freguesia de Beça

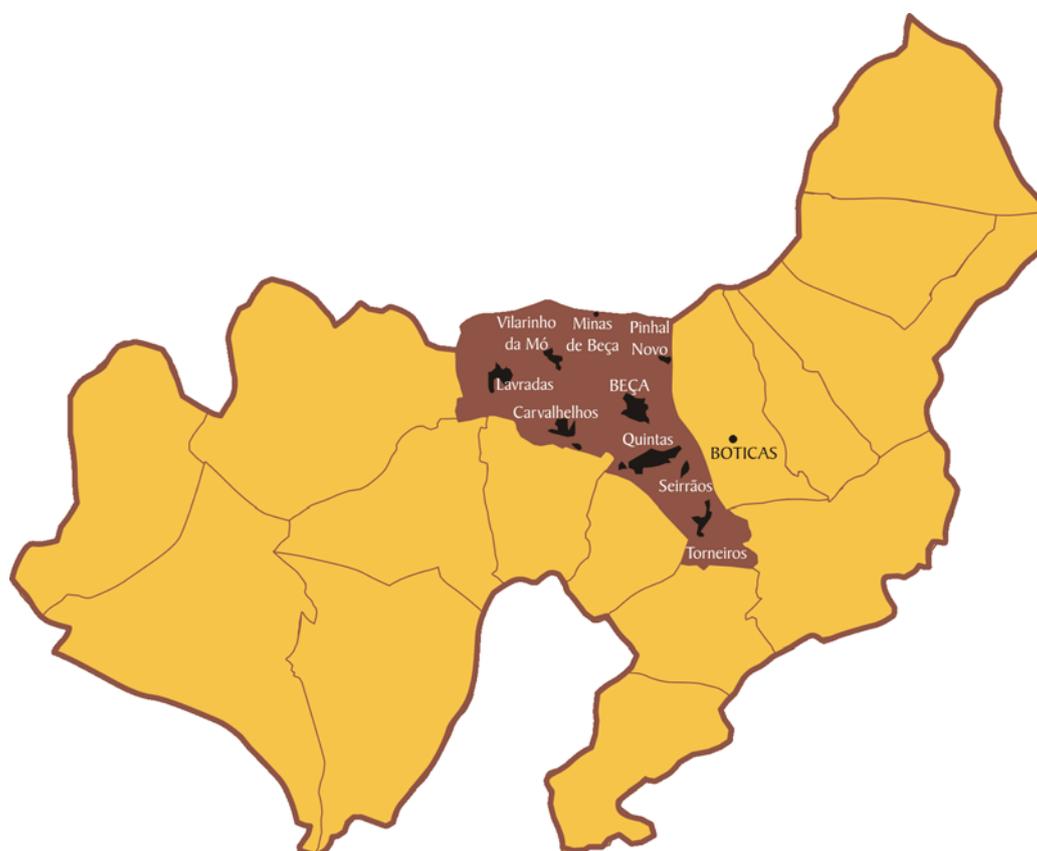


FIG. 55 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE BEÇA

Santuário / Capela da Senhora das Neves

Outros locais de interesse turístico

Praia Fluvial

Localização geográfica: A freguesia de Beça situa-se na parte Centro/Norte do concelho de Boticas

Distância relativamente à sede do concelho: aproximadamente 6 km.

Acesso viário: pela ER 311, virando na indicação Beça segue-se pela EM 311-2.

Área total da freguesia: 29,9 Km²

Localidades: Beça, sede de freguesia, Carvalhelhos, Lavradas, Minas de Beça, Pinhal Novo, Quintas, Seirrãos, Torneiros e Vilarinho da Mó.

População: 1031 habitantes

Orago da freguesia: S. Bartolomeu

Festas e Romarias

S. Brás, 1º Domingo de Fevereiro, Beça

Nossa Sra de Fátima,* 13 de Maio, Torneiros e

Beça

Santo António,* 13 de Junho, Beça e Lavradas

Nossa Senhora da Saúde,* 20 de Julho, Quintas

Nossa Senhora de Fátima, 1º Domingo de Agosto, Torneiros

S. Mamede,* 17 de Agosto, Vilarinho da Mó

S. Bartolomeu, 24 de Agosto, Beça

Sta Bárbara, Último Domingo de Agosto, Carvalhelhos

S. Martinho,* 11 de Novembro, Seirrãos

Património Arqueológico

Castro de Carvalhelhos - Património Classificado (IIP)

Castro de Lavradas – Lama Chã

Mamoas de Fornelos / Fornelos

Mina do Alto do Coto / Coto de Carvalhelhos

Torre de Seirrãos

Via de Esculca

Património Edificado

Capela da Senhora da Saúde (Quintas)
 Capela de Nossa Senhora de Fátima (Torneiros)
 Capela de S. Mamede (Vilarinho da Mó)
 Capela de S. Martinho (Seirrãos)
 Capela de Santa Bárbara (Carvalhelhos)
 Capela de Santo António (Lavradas)
 Cruzeiro e alminhas de Nossa Senhora da Conceição (Carvalhelhos)
 Fonte de Mergulho (Beça)
 Forno Comunitário (Carvalhelhos)
 Forno do Povo de Quintas
 Forno do Povo de Vilarinho da Mó
 Igreja de Nossa Senhora da Apresentação (Beça)
 Igreja de S. Bartolomeu (Beça)
 Ponte Pedrinha (Ponte Medieval) – Património Classificado (IIP)
 Residência Paroquial (Beça)

Outros locais de interesse turístico

Forno do Povo de Beça (construção recente)
 Forno do Povo de Lavradas
 Forno do Povo de Pinhal Novo
 Forno do Povo de Torneiros (construção recente)
 Forno do Povo Seirrãos (construção recente)
 Miradouro de Seirrãos
 Parque de Lazer da Relva
 Termas de Carvalhelhos

Alojamento

Albergaria Rio Beça
 Estalagem de Carvalhelhos

Rede de Tabernas do Alto Tâmega

Cozinha da Eugénia (Carvalhelhos)
 Taberna do Tio João (Carvalhelhos)

Restaurantes

Albergaria Rio Beça
 Estalagem de Carvalhelhos
 Restaurante “Martinho”



FIG. 56 - IGREJA DE S. BARTOLOMEU (BEÇA)



FIG. 57 - PONTE PEDRINHA (BEÇA)

Freguesia de Bobadela

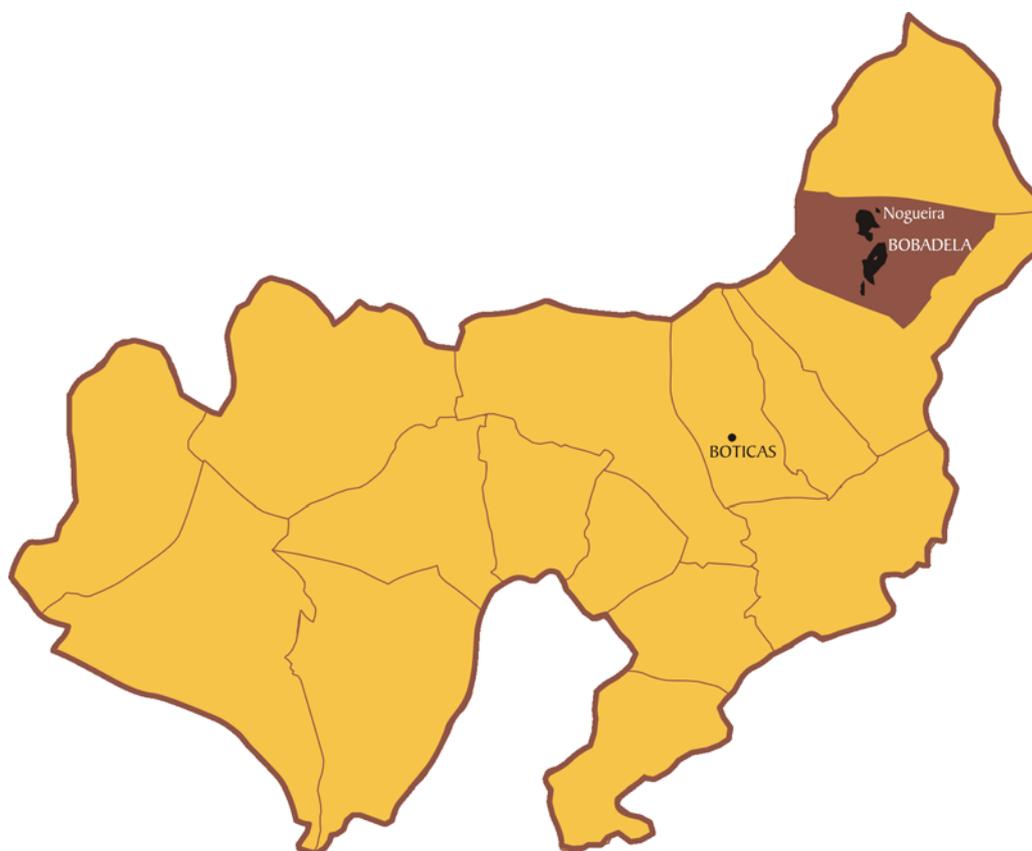


FIG. 58 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE BOBADELA

Restaurante “O Caçador”

Restaurante “O Pastor”

Localização geográfica: A freguesia de Bobadela situa-se na parte Nordeste do concelho de Boticas

Distância relativamente à sede do concelho: aproximadamente 7 km.

Acesso viário: Pela EN 312 até Sapiãos. Apanha-se, depois, a EN 103 na direcção de Chaves, virando-se onde surge a placa com a indicação de Bobadela e percorrendo a EM 527.

Área total da freguesia: 14,7 km²

Localidades: Bobadela, sede de freguesia, e Nogueira.

População: 354 habitantes

Orago da freguesia: S. Miguel

Festas e Romarias

Santa Cruz, * 03 de Maio, Nogueira

S. Caetano, * 1º Domingo de Agosto, Nogueira

S. Lourenço, * 10 de Agosto, Bobadela

S. Miguel, * 29 de Setembro, Bobadela

Património Arqueológico

Ara (Capela de S. Lourenço)

Castro de Nogueira

Castro do Brejo / Cidadonha

Estação Arqueológica do Habitat do Poço das Freitas

Gravuras de Barrenhas

Mina do Brejo

Necrópole de Lageado

Poço das Freitas

Património Edificado

Alminhas (Bobadela)

Base de Cruzeiro (Bobadela)

Calvário (Nogueira)

Capela de S. Lourenço (Bobadela)

Capela de S. Mamede (Nogueira)

Casa da Família Macedo (Bobadela)
Casa Senhorial (Bobadela)
Casario tradicional (Bobadela)
Cruzeiro (Bobadela)
Cruzeiro (Nogueira)

Forno Comunitário (Bobadela)
Forno do Povo de Nogueira
Igreja Paroquial de S. Miguel (Bobadela)
Janela Manuelina (Bobadela)
Relógio de Sol (Bobadela)



FIG. 59 - IGREJA E CRUZEIRO DE BOBADELA

FIG. 60 - POÇO DAS FREITAS



Freguesia de Boticas

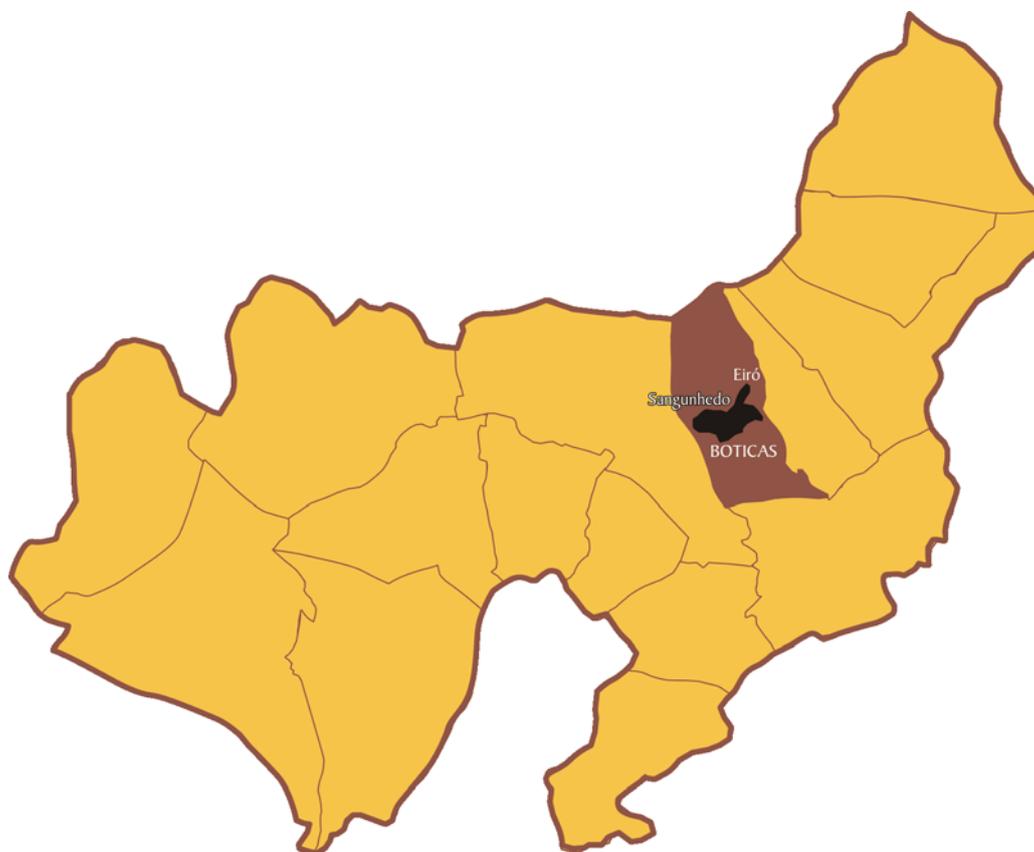


FIG. 61 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE BOTICAS

Terraço Suportado por Abóbodas (Bobadela)

Outros locais de interesse turístico

Moinhos de Rodízio (Bobadela)

Localização Geográfica: A Freguesia de Boticas situa-se na parte Este do concelho.

Acesso Viário: Pela EN 311, ou pela EN 312 e ainda pela ER 311

Área total da freguesia: 13,9 Km²

Localidades: Boticas, sede da freguesia, Eiró e Sangunhedo

População: 1065 habitantes

Orago: Nossa Senhora da Livração

Feiras: Duas feiras mensais, dias 10 e 20, excepto quando estes dias coincidem com o fim-de-semana ou feriado, passando então a realizar-se no dia útil imediatamente a seguir.

Feira dos Santos – 10 de Novembro, é a maior feira do ano, quer em termos do número de comerciantes/

vendedores que nela participam, quer em termos de afluência de pessoas

Festas e Romarias

Santa Bárbara, * 2º fim-de-semana de Maio, Eiró

Corpo de Deus, * Festa Móvel, Boticas

Santo Aleixo, * 2º ou 3º fim-de-semana de Julho, Sangunhedo

3º Fim-de-semana de Agosto, Nossa Senhora da Livração, Boticas

Património Arqueológico

Castro do Outeiro do Pardo

Património Edificado

Antigos Paços do Concelho (Boticas)

Calvário (Boticas)

Capela de Santo Aleixo (Sangunhedo)

Casa Brasonada (Eiró)

Igreja de Santa Bárbara (Eiró)

Igreja Paroquial de Nossa Senhora da Livração (Bo-

ticas)

Outros locais de interesse turístico.

Miradouro Natural da Serra do Leiranco

Museu Rural de Boticas

Parque de Lazer da Presa do Padre Pedro

Posto de Turismo

Ribeiro do Fontão

Alojamento

Casa de S. Cristóvão (Turismo Rural)

Parque de Campismo de Boticas

Residencial Prato D'Ouro

Residencial Ribeiralta

Restaurantes

Restaurante “Gina”

Restaurante “Bar Fernandes”

Restaurante “Europa”

Restaurante “Barroso”

Restaurante “Marialva”

Restaurante “Prato D'Ouro”



FIG. 62 - IGREJA NOSSA SENHORA DA LIVRAÇÃO (BOTICAS)



FIG. 63 - POSTO DE TURISMO (BOTICAS)

Freguesia de Cerdedo

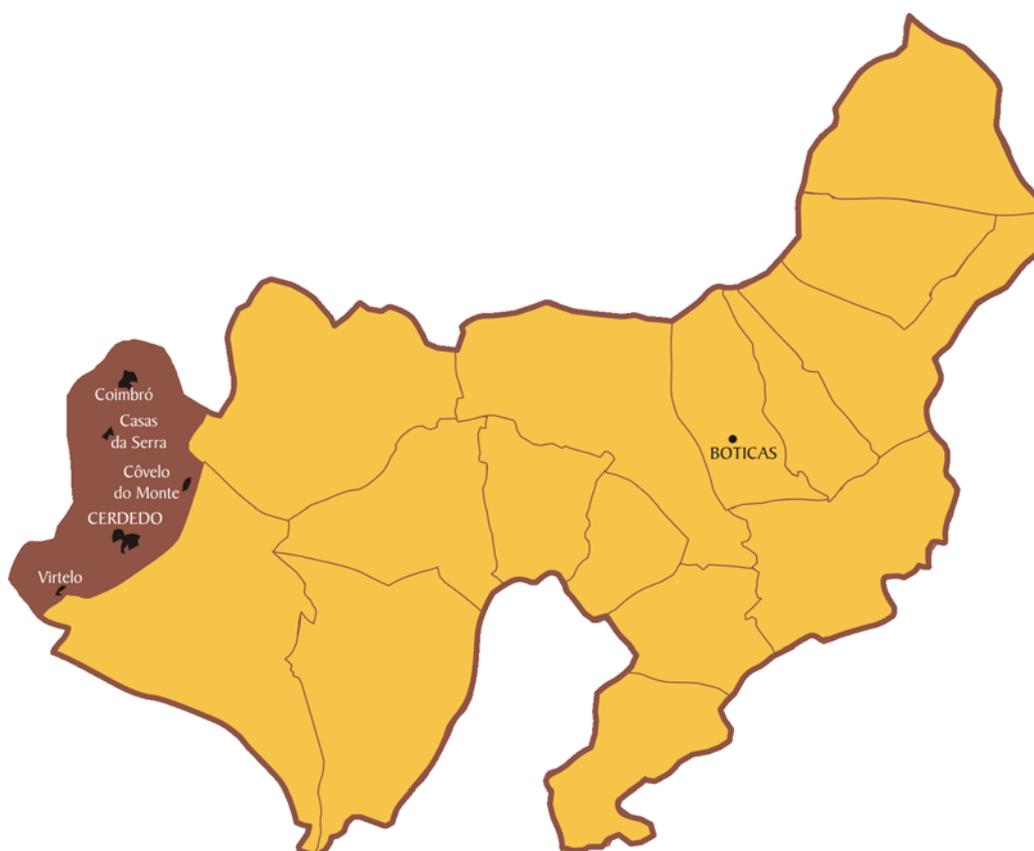


FIG. 64 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE CERDEDO

Restaurante “Ribeiralta”

Restaurante “Rodrigues”

Localização geográfica: A freguesia de Cerdedo situa-se no extremo Oeste do concelho de Boticas.

Distância relativamente à sede do concelho: aproximadamente 25 km

Acesso viário: Pela ER 311 até aparecer a indicação Cerdedo.

Área total da freguesia: 23,9 km²

Localidades: Casas da Serra, Cerdedo, sede de freguesia, Coimbró, Covêlo do Monte e Virtelo.

População: 176 habitantes

Orago: S. Tiago

Festas e Romarias:

Santo Amaro,* 15 de Janeiro, Coimbró

S. Sebastião, 20 de Janeiro, Cerdedo

Santo António e S. Lourenço,* Terceiro Domingo de Agosto, Cerdedo

Nossa Senhora da Saúde, Agosto, Coimbró
Senhora do Monte, 08 de Setembro, Cerdedo

Património Edificado

Assento de Lavoura

Capela da Senhora do Monte (Cerdedo)

Capela de N. Sr.^a da Ajuda (Virtelo)

Capela de Santo Amaro (Coimbró)

Casa do Morgado de Coimbró

Casario Tradicional de Coimbró - Património em vias de Classificação

Forno do Povo de Cerdedo

Forno do Povo de Coimbró

Igreja Paroquial de S. Tiago (Cerdedo)



FIG. 65 - IGREJA PAROQUIAL DE CERDEDO

FIG. 66 - CASA COM PASSADIÇO (COIMBRÓ)



Freguesia de Codessoso

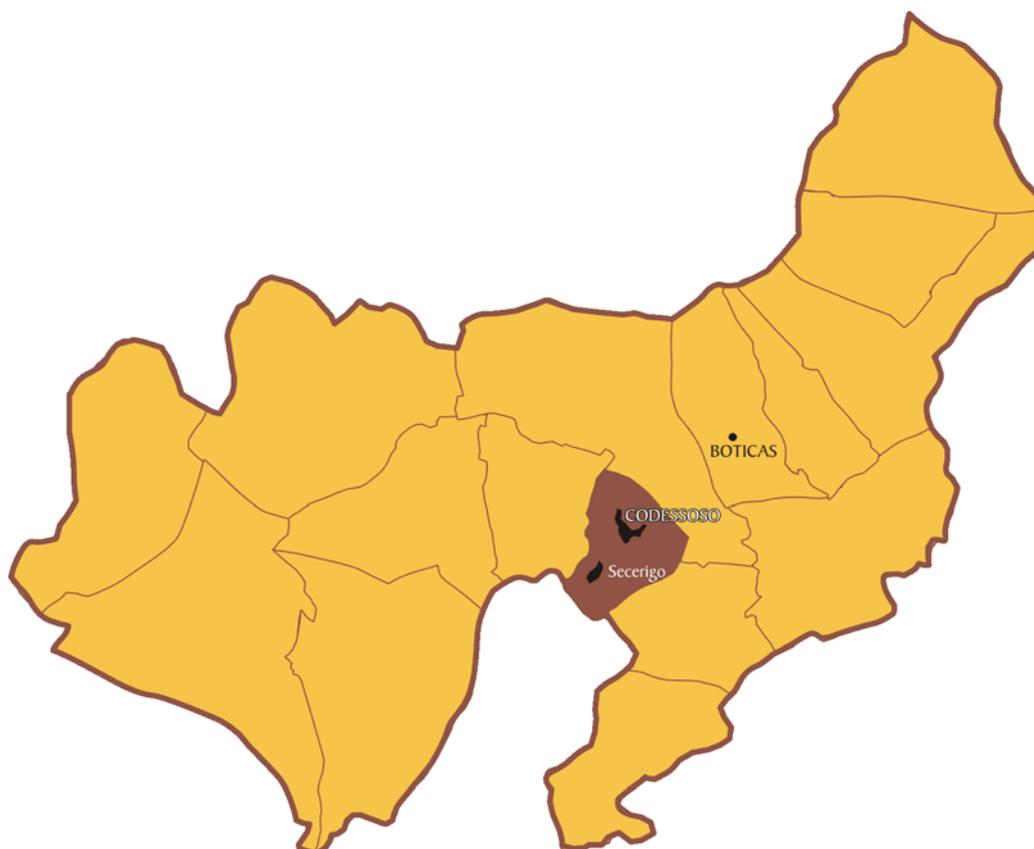


FIG. 67 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE CODESSOSO

Alojamento

Turismo Rural - Casa de Paula (Virtelo)

Localização geográfica: A freguesia de Codessoso situa-se na parte sul do concelho de Boticas.

Distância relativa à sede do concelho: aproximadamente 6,5 km.

Acesso viário: Pela ER 311 virando na indicação Codessoso segue-se pelo CM 1039-A, ou, em alternativa, segue-se pela ER 311, apanha-se a EM 312 e vira-se na indicação Codessoso.

Área total da freguesia: 8,7 km² (é a mais pequena freguesia do concelho)

Localidades: Codessoso, sede de freguesia, e Secerigo.

População: 168 habitantes

Orago: S. Lourenço

Festas e Romarias

S. Frutuoso, 16 de Abril, Secerigo

S. Lourenço,* 10 de Agosto, Codessoso

Nossa Senhora de Guadalupe,* 08 de Setembro, Codessoso

Património Arqueológico

Castro do Alto da Coroa / Castro da Naia / Rio Mau

Povoado de Santa Bárbara

Património Cultural e Edificado

Calvário (Codessoso)

Capela de Nossa Senhora de Guadalupe

Capela de S. Frutuoso (Secerigo)

Casario tradicional (Codessoso)

Forno do Povo de Codessoso

Igreja Paroquial de S. Lourenço (Codessoso)



FIG. 68 - IGREJA PAROQUIAL DE CODEOSSO

FIG. 69 - EIRA COM ESPIGUEIRO (SECERIGO)



Freguesia de Covas do Barroso

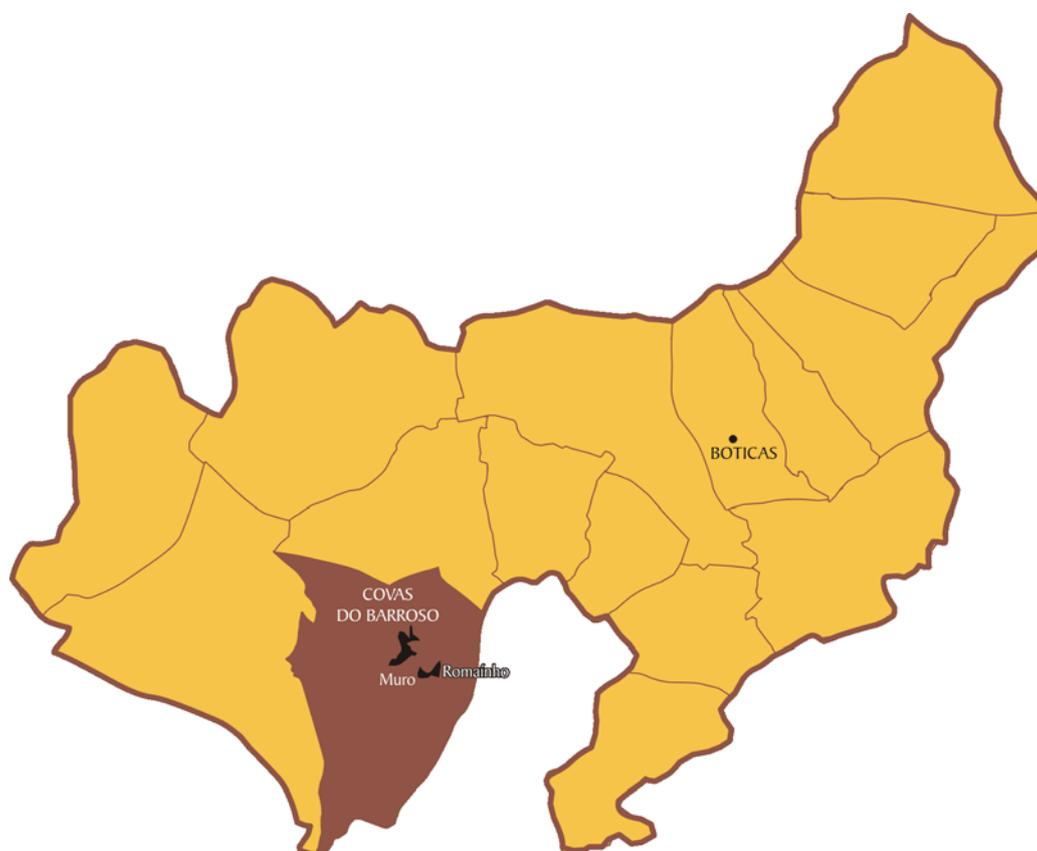


FIG. 70 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE COVAS DO BARROSO

Outros locais de interesse turístico

Forno do Povo de Secerigo

Localização geográfica: A freguesia de Covas do Barroso situa-se na parte Sul do concelho de Boticas

Distância relativamente à sede do concelho: aproximadamente 20 km

Acesso viário: seguindo pela ER 311, virando na indicação Campos / Covas do Barroso, percorre-se a EM 519-C até à aldeia de Covas do Barroso, ou, em alternativa, percorre-se a ER 311 e virando na indicação Covas do Barroso segue-se pela EM 519-1C.

Área total da freguesia: 29,6 km²

Localidades: Covas do Barroso, sede de freguesia, Muro e Romaínho.

População: 348 habitantes

Orago: Santa Maria

Festas e Romarias

S. José,* 19 de Março, Romaínho

Nossa Senhora da Saúde, 1º domingo de Junho, Covas do Barroso

Santo António,* 13 de Junho, Covas do Barroso

Carolo de Santo António, 14 de Junho, Covas do Barroso

Património Arqueológico

Alto do Castro

Castro do Poio

Povoado de S. Martinho

Povoado do Cemitério de Covas do Barroso

Património Edificado

Capela de Nossa Sra da Saúde (Covas do Barroso)

Cruzeiro de Covas do Barroso – Património Classificado (IIP)

Fontanário (Covas do Barroso)

Forno Comunitário de Covas do Barroso

Igreja Paroquial de Covas do Barroso – Património

Classificado (IIP)
Tribunal (Covas do Barroso)
Capela de S. José (Romaínho)
Outros locais de interesse turístico.

Forno do Povo de Romaínho (construção recente)
Dois Moinhos de Rodízio (Covas do Barroso)
Um Percurso Pedrestre
Alojamento



FIG. 71 - IGREJA PAROQUIAL DE COVAS DO BARROSO

FIG. 72 - CAPELA DE S. JOSÉ (ROMAINHO)



Freguesia de Curros

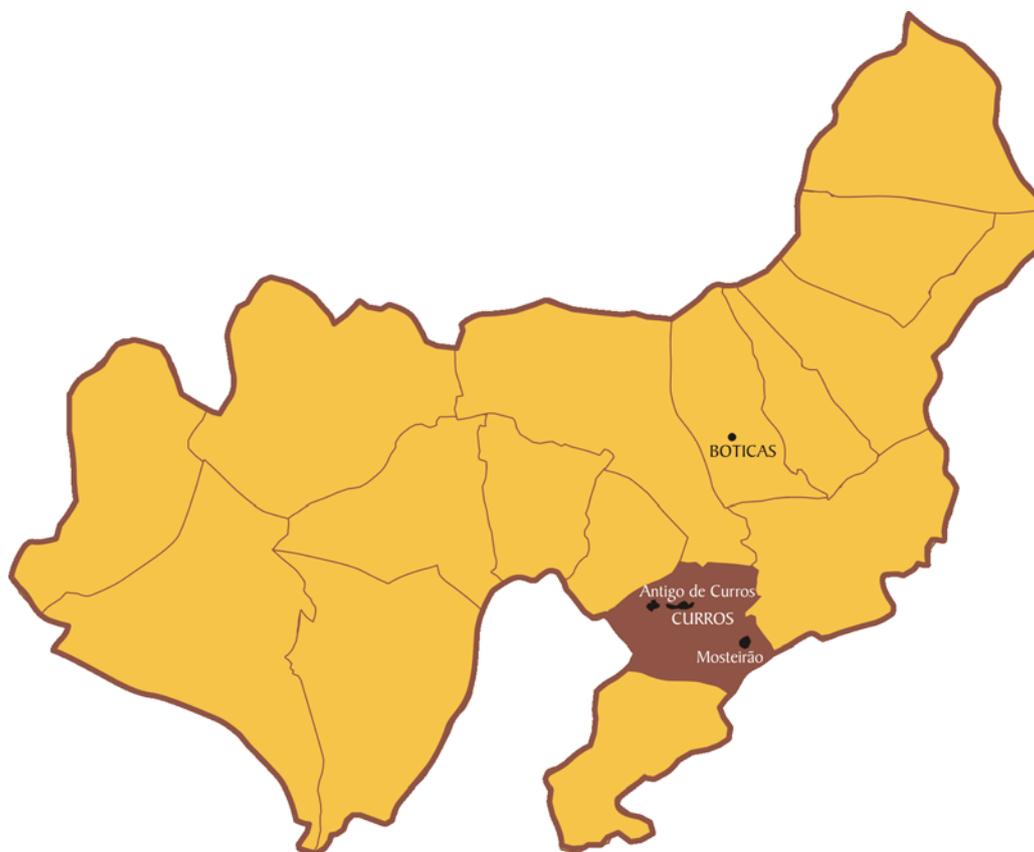


FIG. 73 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE CURROS

Dois Abrigos de Montanha

Localização geográfica: A freguesia de Curros situa-se na parte Sul do concelho de Boticas.

Distância relativamente à sede do concelho: aproximadamente 10,5 km.

Acesso viário: pela ER 311. Apanhando a EM312 no lugar da Carreira da Lebre, em direcção a Ribeira de Pena, vira-se depois na indicação Antigo de Curros e percorre-se o CM 1048; em alternativa pode seguir-se pelo CM 1050 e depois pelo CM 1048.

Área total da freguesia: 12 km²

Localidades: Antigo de Curros, Curros, sede de freguesia, e Mosteirão.

População: 87 habitantes

Orago: Nossa Senhora das Neves

Festas e Romarias:

S. Brás, 03 de Fevereiro, Antigo de Curros

Santo António,* 13 de Junho, Curros

Nossa Senhora das Neves,* 05 de Agosto, Curros

Nossa Senhora de Fátima e Santa Bárbara, em Agosto, Mosteirão

Santa Bárbara,* 04 de Dezembro, Mosteirão

Património Cultural e Edificado

Capela de Mosteirão

Capela de S. Brás (Antigo de Curros)

Cruzeiro

Forno do Povo de Antigo de Curros

Forno do Povo de Curros

Igreja de Nossa Senhora das Neves

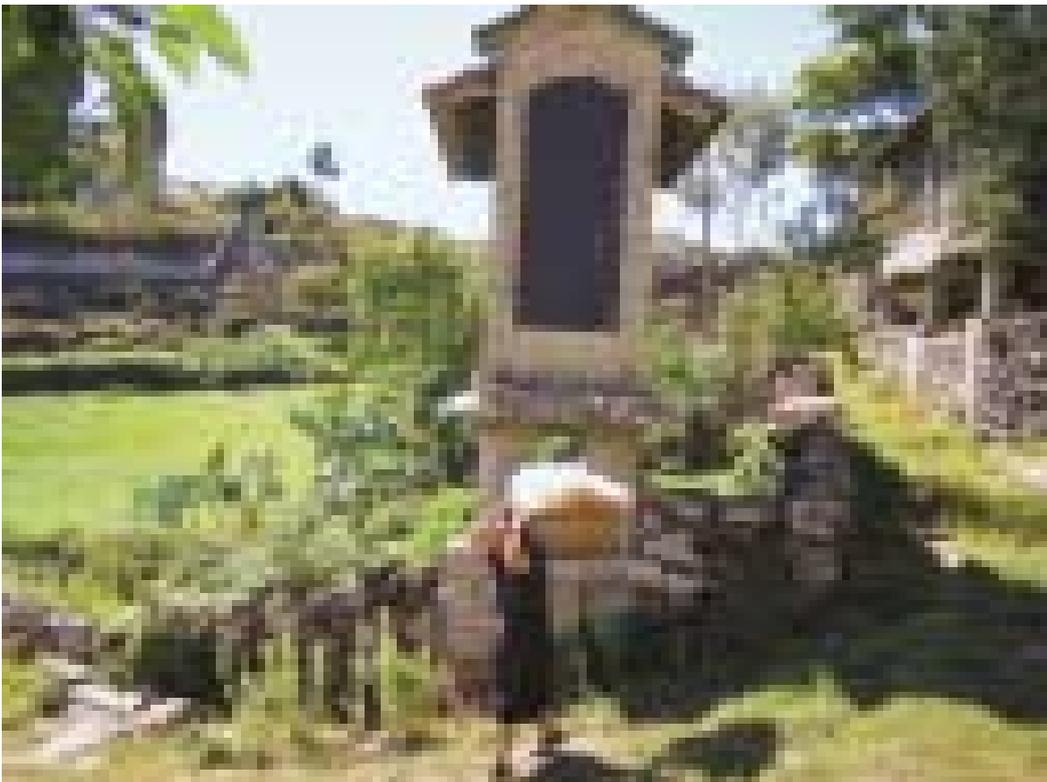
Outros locais de interesse turístico

Forno do Povo de Mosteirão (construção recente)



FIG. 74 - IGREJA PAROQUIAL DE CURROS

FIG. 75 - PAISAGEM RURAL (CURROS)



Freguesia de Dornelas

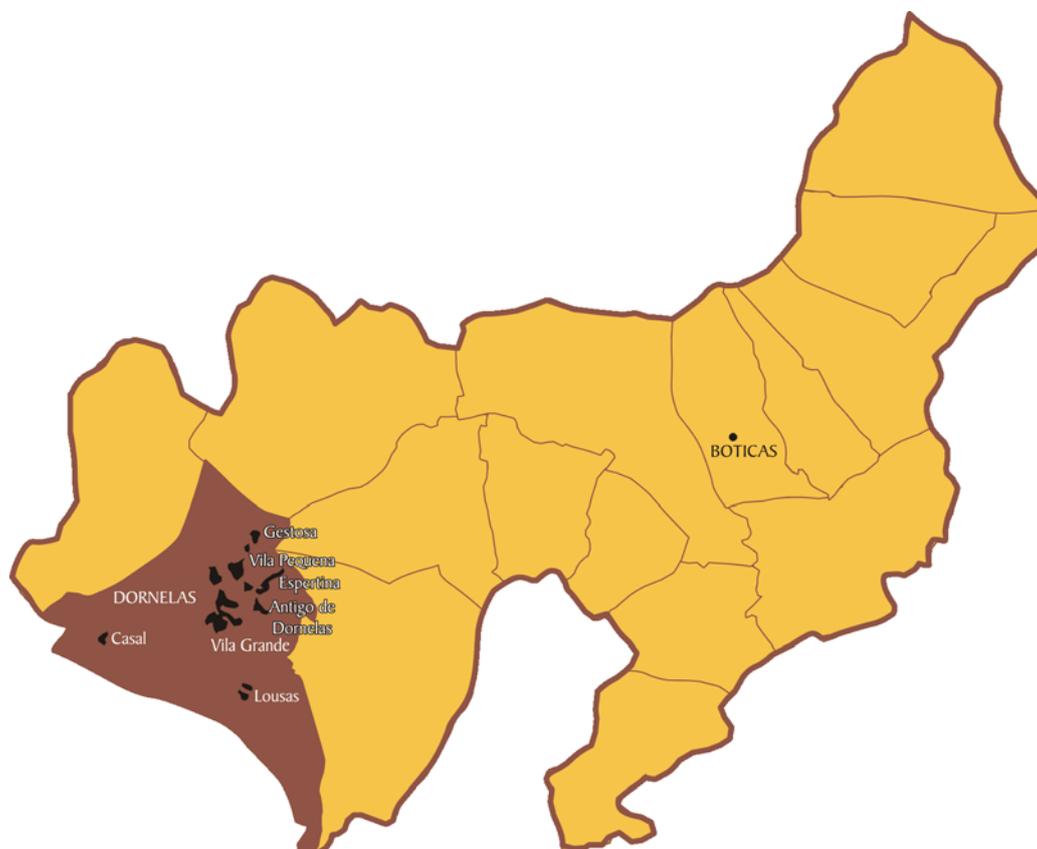


FIG. 76 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE DORNELAS

Moinhos (Mosteirão)

Localização geográfica: A freguesia de Dornelas situa-se na parte mais a sudoeste do concelho de Boticas

Distância relativamente à sede do concelho: aproximadamente 23,5 Km

Acesso viário Pela ER 311, sentido Braga. Vira-se na indicação Espertina e depois segue-se pelo CM 1046. Ou, em alternativa, percorre-se um pouco mais a ER 311 e segue-se pelo CM 1045.

Área total da freguesia: 36,6 km² (é a maior freguesia do concelho)

Localidades: Antigo, Casal, Espertina, Gestosa, Lousas, Vila Grande, sede da freguesia, e Vila Pequena

População: 413 habitantes

Orago: S. Pedro

Festas e Romarias

“Mezinha” de S. Sebastião, 20 de Janeiro, Vila

Grande

S. Brás,* 03 de Fevereiro, Espertina

S. Marcos,* 25 de Abril, Lousas

S. Bento,* 11 de Julho, Gestosa

Nossa Sra das Neves, 05 de Agosto, Vila Pequena

S. Caetano,* 07 de Agosto, Antigo

Nossa Senhora dos Remédios, 17 de Agosto, Vila Grande

Património Arqueológico

Castro de Ervas Ruivas / Areais

Castro da Gestosa - Património Classificado (IIP)

Património Edificado

Alminhas (Vila Grande)

Capela (Vila Grande)

Capela da Senhora das Neves (Vila Pequena)

Capela de S. Bento (Gestosa)

Capela de S. Marcos (Lousas)

Capela de Santo Antão (Espertina)

Casario (Vila Grande)
Casario Tradicional (Gestosa)
Cruzeiros
Dorna em Pedra (Vila Grande)

Igreja Paroquial de Dornelas
Pelourinho de Dornelas (Vila Grande) - Património
Classificado (IIP)
Tribunal (Vila Grande)



FIG. 77 - PELOURINHO (VILA GRANDE)



FIG. 78 - DORNA EM PEDRA (VILA GRANDE)

Freguesia de Fiães do Tâmega

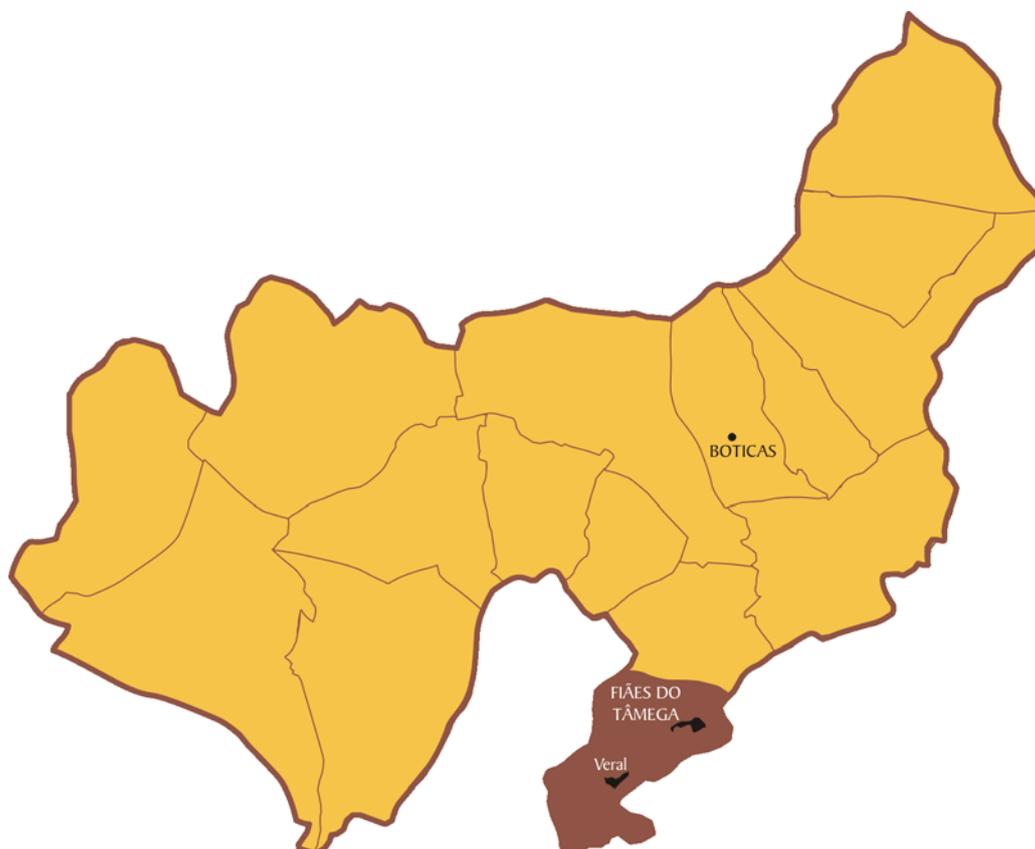


FIG. 79 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE FIÃES DO TÂMEGA

Outros locais de interesse turístico

Praia Fluvial (Antigo de Dornelas)

Localização geográfica: A freguesia de Fiães do Tâmega situa-se na extremidade mais a Sul do concelho de Boticas.

Distância relativamente à sede do concelho: aproximadamente 13 km.

Acesso viário: Seguindo pelo CM 1050 até Fiães, ou, em alternativa, segue-se pela ER 311, apanha-se a EM 312, vira-se na indicação Veral e segue-se pelo CM 1050.

Área total da freguesia: 14,5 km²

Localidades: Fiães do Tâmega, sede de freguesia, e Veral.

População: 167 habitantes

Orago: S. Bernardino

Festas e Romarias:

S. Bernardino,* 20 de Maio, Fiães do Tâmega

Santa Susana, 11 de Agosto, Fiães do Tâmega

S. Martinho, 11 de Novembro, Veral

Património Cultural e Edificado

Igreja Paroquial de Santa Susana (Fiães do Tâmega)

Capela de S. Martinho (Veral)

Forno do Povo de Fiães do Tâmega

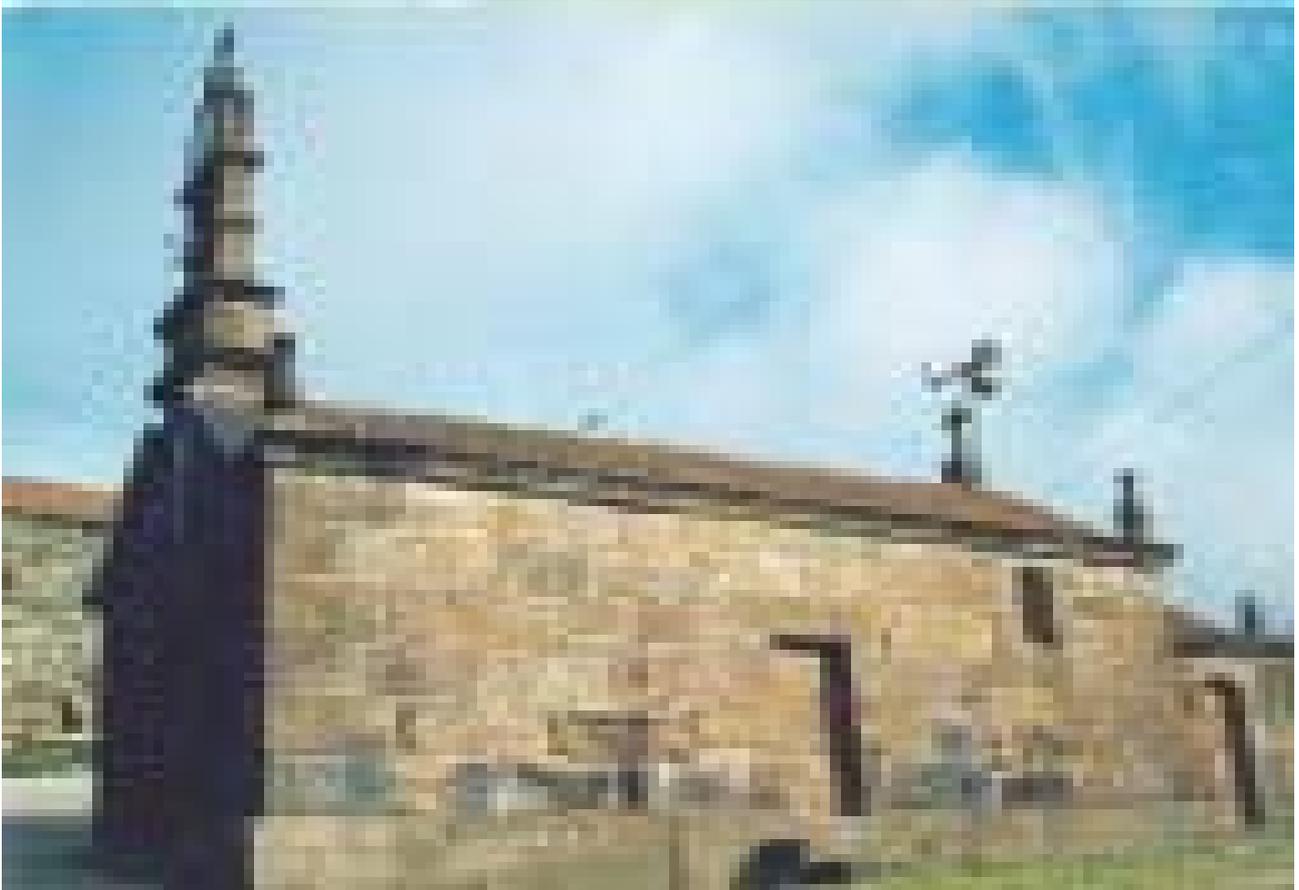


FIG. 80 - IGREJA PAROQUIAL DE FIÃES DO TÂMEGA

FIG. 81 - CAPELA DE S. MARTINHO (VERAL)



Freguesia da Granja

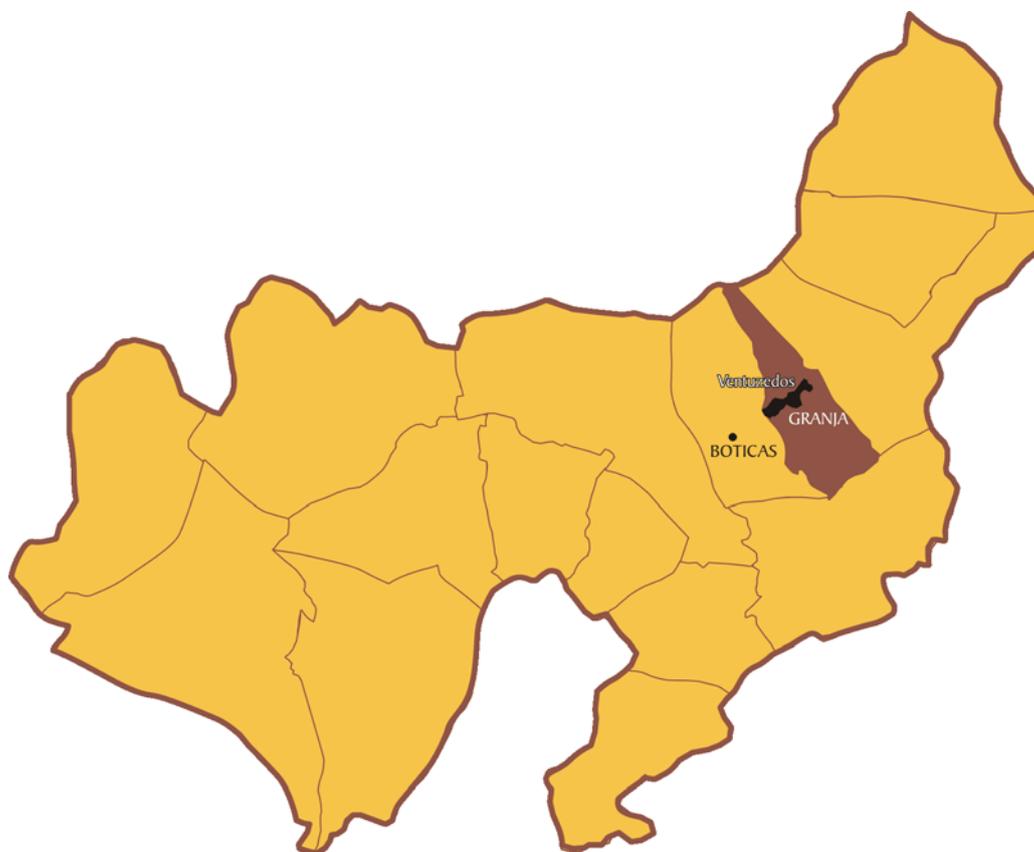


FIG. 82 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DA GRANJA

Outros locais de interesse turístico

Ponte de Arame (Veral)

Localização geográfica: A freguesia da Granja é uma das freguesias mais próximas de Boticas, localizada a Este da vila de Boticas.

Distância relativa à sede do concelho: aproximadamente 2 km do centro da Vila de Boticas

Acesso viário: pela EN 312.

Área total da freguesia: 8,8 Km²

Localidades: Granja, sede de freguesia, e o lugar de Ventuzelos

População: 266 habitantes

Orago: Santa Maria

Festas e Romarias:

Corpo de Deus,* Festa Móvel, Granja

Santo António,* 13 de Junho, Granja

Nossa Senhora da Assunção, 15 de Agosto, Granja

Património Arqueológico

Castro do Cabeço - Património Classificado (IIP)

Castro do Couto dos Mouros

Povoado do Cabeço

Património Cultural e Edificado

Calvário

Capela de S. Domingos

Capela Particular

Convento da Granja

Igreja Paroquial da Granja



FIG. 83 - IGREJA PAROQUIAL DA GRANJA



FIG. 84 - FACHADA PRINCIPAL DO CONVENTO DA GRANJA

Freguesia de Pinho

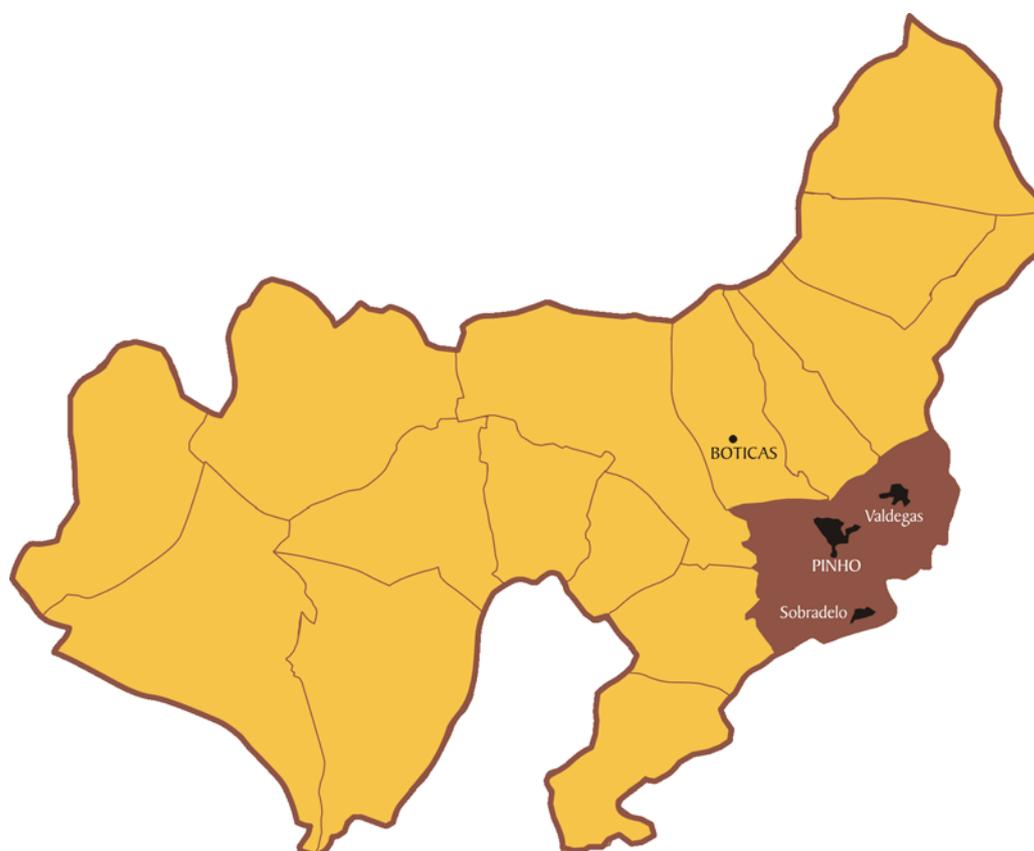


FIG. 85 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE PINHO

Outros locais de interesse turístico

Forno do Povo de Granja (construção recente)

Localização geográfica: A freguesia de Pinho situa-se na parte Sudeste do concelho de Boticas

Distância relativamente à sede do concelho: aproximadamente 5,5 km

Acesso viário: Pela ER 311, sentido Vidago, virando na indicação Pinho

Área total da freguesia: 22,4 km²

Localidades: Pinho, sede de freguesia, Sobradelo e Valdegas

População: 478 habitantes

Orago: Santa Marta

Festas e Romarias

Divino Espírito Santo, Maio, Valdegas

Senhor do Monte, último domingo de Julho, Pinho
Santo André,* último domingo de Novembro, Sobradelo.

Património Arqueológico

Castro do Mouril

Povoado da Lage / Prados

Património Cultural e Edificado

Calvário (Pinho)

Calvário (Valdegas)

Quinta de Santa Bárbara (Valdegas)

Relógio de Sol (Valdegas)

Santuário do Senhor do Monte

Outros locais de interesse turístico.

Forno do Povo de Valdegas (construção recente)

Parque de Lazer de Gomeiros

Parque de Lazer de Valdegas



FIG. 86 - SANTUÁRIO DO SENHOR DO MONTE (PINHO)



FIG. 87 - FACHADA DA CAPELA DE SANTA BÁRBARA (VALDEGAS)

Freguesia de S. Salvador de Viveiro

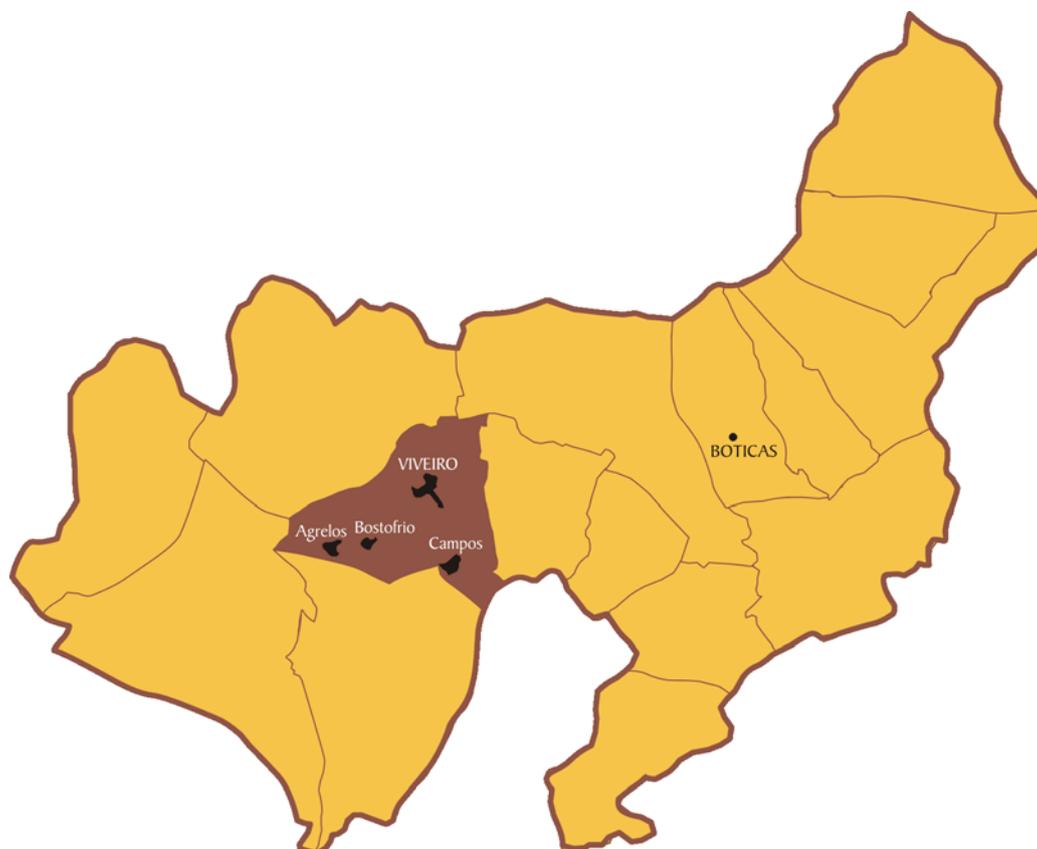


FIG. 88 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE S. SALVADOR DE VIVEIRO

Localização geográfica: A freguesia de S. Salvador de Viveiro situa-se na parte Centro/ Oeste do concelho de Boticas.

Distância relativa à sede do concelho: aproximadamente 11,5 km

Acesso viário: pela ER 311 até aparecer a indicação Viveiro. Percorre-se um pequeno troço da EM 519-B e segue-se pelo CM 1036. Em alternativa segue-se pela ER 311 e, virando na indicação Viveiro, segue-se pelo CM 1036.

Área total da freguesia: 18,8 Km²

Localidades: Agrelas, Bostofrio, Campos e Viveiro, sede da freguesia.

População: 345 habitantes

Orago: Divino Salvador do Mundo

Festas e Romarias:

Santo Amaro,* 15 de Janeiro, Campos

S. Sebastião, Janeiro, Viveiro

S. Marçal,* 30 de Junho, Bostofrio

Divino Salvador do Mundo ou S. Salvador do Mundo, segundo Domingo de Agosto, Viveiro

S. Mamede, 17 de Agosto, Agrelas

Património Arqueológico

Alto da Raposeira / Agrelas (Tumulus)

Castro do Lesenho (Campos) - Património Classificado (IIP)

Reigal / Chã de Lesenho (Tumulus)

Sepultura

Património Edificado

Capela de S. Mamede (Agrelas)

Capela de S. Marçal (Bostofrio)

Capela de Santo Amaro (Campos)

Capela de Viveiro

Casa do Morgado de Agrelas

Cruzeiro – Agrelas

Fonte de Mergulho (Agrelos)
Forno do Povo de Agrelos
Forno do Povo de Bostofrio

Forno do Povo de Viveiro
Santuário do Divino Salvador do Mundo
Outros locais de interesse turístico



FIG. 89 - SANTUÁRIO DO DIVINO SALVADOR DO MUNDO OU S. SALVADOR DO MUNDO



FIG. 90 - ESTÁTUA DO GUERREIRO CALAICO (RÉPLICA)

Freguesia de Sapiãos

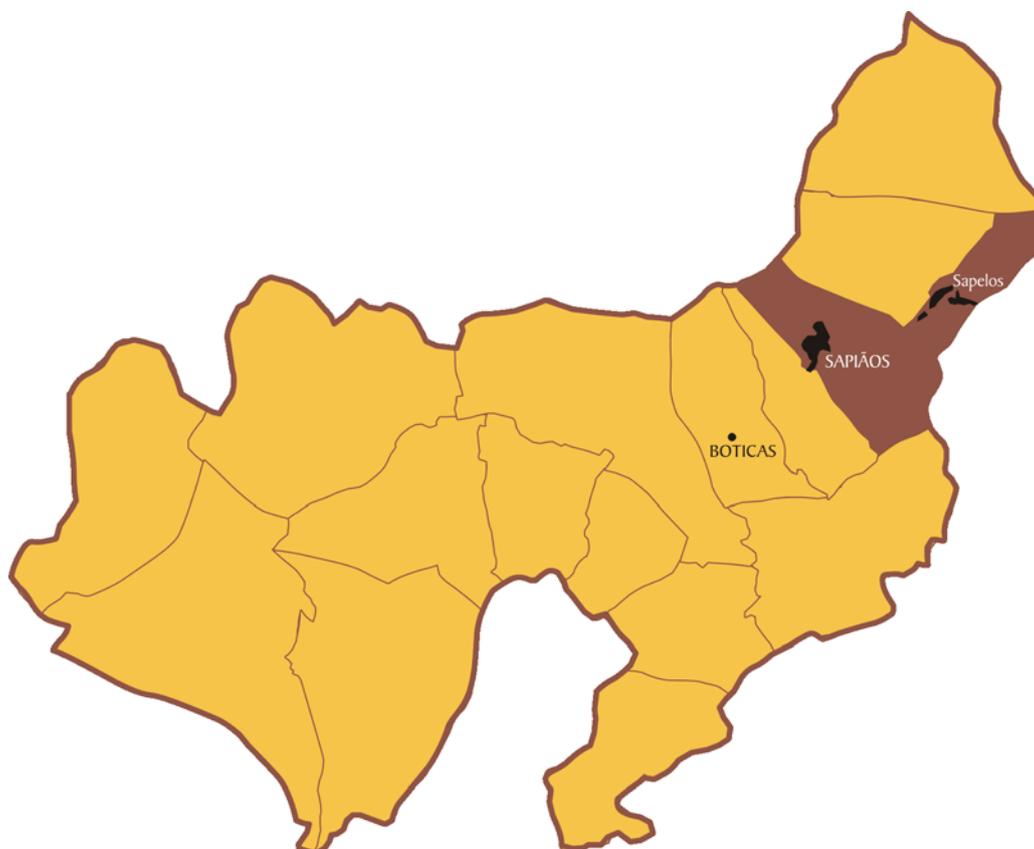


FIG. 91 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE SAPIÃOS

Forno do Povo de Campos (construção recente)

Miradouro Natural do Castro do Lesenho

Localização geográfica: A freguesia de Sapiãos encontra-se localizada na parte Este do concelho

Distância relativamente à sede do concelho:

Acesso viário: Pela EN 312, vira-se na indicação Sapiãos.

Área total da freguesia: 21,1 Km²

Localidades: Sapelos e Sapiãos, sede de freguesia

População: 526 habitantes

Orago: S. Pedro

Festas e Romarias

Santo Amaro, 15 de Janeiro, Sapelos

Corpo de Deus, Festa Móvel, Sapiãos

Senhor dos Milagres, 1º domingo de Setembro, Sapelos

Património Arqueológico

Ara de Sapelos

Castro de Sapelos

Castro do Muro ou Casas dos Mouros (Sapiãos)

Castro do Muro ou da Cerca (Sapelos)

Minas de Sapelos

Povoado do Cemitério de Sapiãos

Sepulturas Antropomórficas

Sepulturas de Pássaros (Necrópole)

Património Edificado

Alminhas

Calvário (Sapiãos)

Capela de Nossa Senhora dos Anjos (Sapiãos)

Capela de Santo Amaro (Sapelos)

Cruzeiro (Sapelos)

Cruzeiros (Sapiãos)

Forno do Povo de Sapelos

Forno do Povo de Sapiãos

Igreja Paroquial de São Pedro (Sapiãos)

Igreja Românica de Sapiãos – Património Classificado

(IIM)
Santuário do Senhor dos Milagres (Sapeiros)
Outros locais de interesse turístico.

Capela particular do séc. XVIII
Parques de Lazer
Restaurantes
Restaurante Ferreira

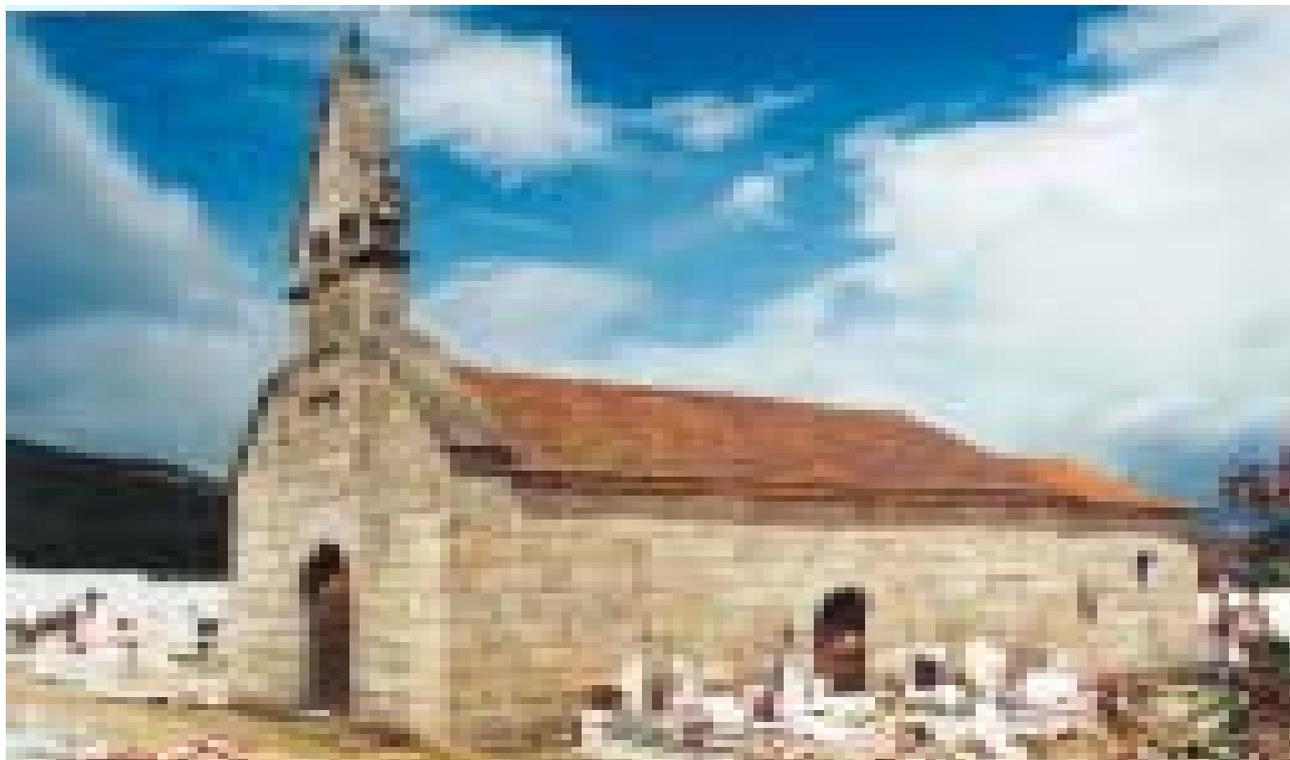


FIG. 92 - IGREJA ROMÂNICA (SAPIÃOS)

FIG. 93 - CAPELA DE SANTO AMARO (SAPELOS)



Freguesia de Vilar

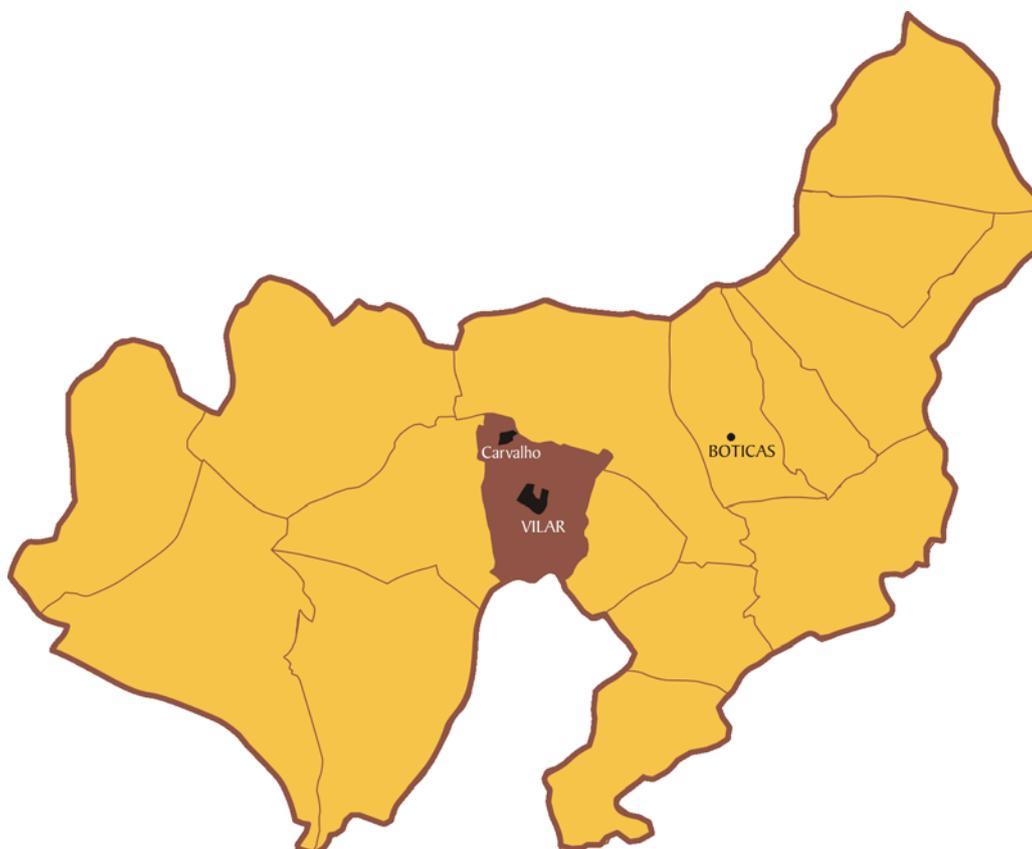


FIG. 94 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DA FREGUESIA DE VILAR

Restaurante “Stop”

Localização geográfica: A freguesia de Vilar situa-se na parte Centro/Este do concelho de Boticas.

Distância relativamente à sede do concelho: aproximadamente 8 km

Acesso viário: Pela ER 311, virando na indicação Vilar segue-se pela EM 528

Área total da freguesia: 12,1 km²

Localidades: Carvalho e Vilar, sede de freguesia

População: 238 habitantes

Orago: Nossa Senhora da Guia

Festas e Romarias

Nossa Senhora da Guia, 15 de Agosto, Vilar

Senhor dos Milagres, 1º domingo de Setembro, Vilar

S. Mateus,* 21 de Setembro, Carvalho

Património Arqueológico

Castro Alto do Crasto / Castelo dos Mouros

Gravuras de Chainça

Gravuras de Quilhoso

Tumulus

Património Edificado

Capela do Senhor dos Milagres (Vilar)

Cruzeiros (Vilar)

Fonte de Mergulho (Vilar)

Fornos do Povo de Vilar (Arrabal de Baixo e Arrabal de Cima)

Igreja Paroquial Senhora da Guia (Vilar)

Alojamento

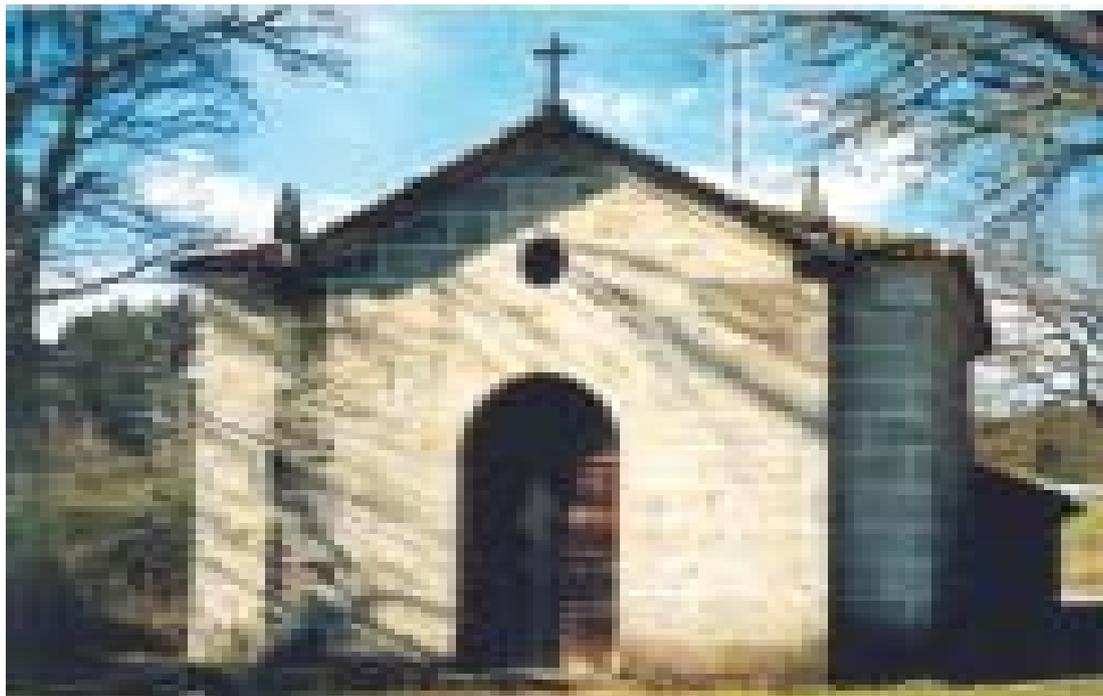
Turismo Rural - Casa da Eira Longa (Vilar)

Rede de Tabernas do Alto Tâmega



FIG. 95 - IGREJA PAROQUIAL DE VILAR

FIG. 96 - CAPELA DO SENHOR DOS MILAGRES (VILAR)



As Aldeias de Barroso

Esta região de Barroso desde sempre foi habitada pelo homem. Disso são marca os inúmeros vestígios da ocupação humana de que os povoados castrejos identificados nos cotos dos montes são o inequívoco e principal testemunho (Santos Júnior *et al.*, 1983 e Santos Júnior *et al.*, 1986).

O sentido da palavra aldeia significa o ajuntamento de casas onde se aglomeram famílias, que se organizam em comunidade de vizinhos.

A típica aldeia trasmontana e particularmente a barrosã é caracterizada por ser um aglomerado de casas que se tocam de perto, separadas apenas por pequenas hortas ou logradouros. Normalmente têm um quintal anexo nas traseiras e cortes para os animais. Outra fachada, a principal, abre-se à rua ou largo, espaço de convívio e partilha da comunidade. Depois alongam-se, seguindo a orientação da rua principal ou irradiando pelas suas travessas a partir do centro onde, normalmente, se situa a capela ou igreja.

Outros elementos de uso colectivo situam-se em lugar estratégico, como a eira onde os vizinhos, ajuda por ajuda, se auxiliavam nos trabalhos; o forno onde todos cozem à vez e que também funcionava como espaço de partilha e fruição comunitária, albergue de peregrinos ou almocreves em rota de passagem para os centros de peregrinação e comércio, pousada de pedintes e indigentes; a corte do boi do povo, animal de cobrição e reprodução, alimentado e guardado por todos, situava-se também no perímetro mais próximo da aldeia. Em torno deste aglomerado de casas, logradouros e “equipamentos” existiam, se a terra e o clima o permitissem, as hortas e campos de novidades: o segadiço, o linhal, o nabal donde se colhiam os legumes, as ervas sempre frescas para os

animais de criação e o linho que haveria de servir para a organização do bragal.

Num anel exterior, os lameiros e os campos de cultivo onde pastam os animais e se produz o centeio, a batata e algum milho e vinho, este nas terras abrigadas da ribeira. Muitos destes eram terrenos de fruição comunitária, uns anos terra de sementeira, outros terra de pasto.

Mais distante o monte, *os baldios*, onde o povo se abastece de mato e lenha e o pastor leva o gado a pastar.

A partir de uma, duas ou mais aldeias se construiu a comunidade de fregueses que constitui a freguesia ou paróquia. Ligada à igreja onde pontifica o pároco, é nesta figura tutelar que se encontra a dignidade matricial da paróquia, à volta da qual se organiza a vida quotidiana dos fregueses e se registam os momentos vitais da comunidade. A freguesia cimenta-se na vivência dos vários momentos da celebração na igreja – nascimento, sacramentos da confissão e comunhão, casamento e funeral. Na igreja ou no adro organiza-se também a vida da comunidade, funcionando como centro de decisão da vida económica e social: os trabalhos agrícolas, a distribuição das águas, a colheita do cereal, a limpeza dos montes, a organização do pastoreio dos gados, etc. Da igreja centro, aos limites territoriais claramente definidos do seu termo se fixa o horizonte geográfico da freguesia. É, pese embora a origem remota de algumas destas aldeias e lugares e da conseqüente influência cultural dos inúmeros povos e civilizações que aqui passaram e deixaram as suas marcas, nesta realidade, plasmada ao longo dos últimos séculos, que se sedimentou o carácter e a identidade do povo de Barroso.

O Comunitarismo – Modelo de Vida

As pequenas comunidades de montanha não são apenas o espaço físico da aldeia onde se desenrola o dia-a-dia das comunidades aldeãs, mas essencialmente todo um conjunto de sistemas de regulamentação colectiva que têm permitido

a sua sobrevivência ao longo dos tempos.

Efectivamente a aldeia Barrosã até meados do século XX não se restringia apenas a um agrupamento de casas e respectiva população cujo centro se situava na igreja matriz com o seu pároco, mas era também uma

forma de vida social inscrita num modelo de vida que se veio a designar por comunitarismo.

Este sistema de organização da sociedade rural do norte de Portugal Trasmontano e Minhoto foi objecto da curiosidade da comunidade científica e de observadores mais atentos a esta particular forma de vida. De entre estes observadores destaca-se Leite de Vasconcelos, que considerou este modelo de organização comunitária como “uma organização democrática e igualitária, espontânea e equiparável a um comunismo primitivo”. Tão longe não foi Rocha Peixoto que sem aprofundar o estudo do comunitarismo o designou de “formas do regime comunalista em Portugal”. Outro observador atento foi Tude de Sousa que, por força da sua actividade profissional, pôde observar participando no meio camponês na serra do Gerês, convivendo intensamente com os seus habitantes, vindo por isso a conhecer a natureza e o perfil destes camponeses e da sua comunidade, que descreveu em pormenor. Mas foi Jorge Dias que deu visibilidade ao comunitarismo impondo-o não só pela novidade, como pela forma como foi apresentado.

A questão é, como permanece durante tanto tempo no seio destas comunidades camponesas europeias um modo de vida com marcas primitivas. A explicação mais consistente parece residir no isolamento histórico-cultural destas comunidades, imposto pelas condições naturais do meio montanhês, que agravava o desconhecimento e abandono por parte dos núcleos urbanos mais desenvolvidos e centros do poder.

O resultado final destas observações e estudos permite afirmar que o comunitarismo é consequência das características geográficas do ambiente serrano, mas também sujeito aos condicionalismos da história, aos velhos costumes de então e naturalmente à cultura e temperamento dos povos que habitam esta região (Polanah, 1992:57-66). O modelo de ocupação e povoamento do território fronteiriço no tempo da afirmação de Portugal independente, a partir dos meados do século XII, e seguintes foi também um factor decisivo para este modo de vida comunitário. O sistema de empraçamento e enfiteuse em casais e quintas parece ser não só a causa da origem de muitas povoações e lugares actuais como também da fruição comunitária de alguns bens e equipamentos (Borrallheiro, 2005:75 e ss.). A preservação dos baldios e terrenos maninhos como terrenos dos povos, apesar de inúmeros movimentos de ocupação e aforamento, pelos mais poderosos é disso testemunho

inequívoco⁶.

Durante séculos estas comunidades enfrentaram os mais diversos constrangimentos. O seu isolamento físico, associado a deficientes vias de comunicação, tem contribuído para criar uma imagem, por vezes romantizada, de um mundo à parte, onde o mundo moderno dificilmente consegue entrar. Hoje como ontem teima-se em encarar os aldeãos como os (nosos) “primitivos” que uns colocam de lado pois não se enquadram num mundo cada vez mais globalizado e que outros encaram como o paraíso perdido, o espaço onde se pode descansar e fugir dos males e do stress do mundo actual, mas que na realidade são populações e regiões esquecidas e quase sempre colocadas à margem das políticas de desenvolvimento.

As características geográficas, o seu isolamento, mais imposto do que desejado, as especificidades do clima e dos solos, moldaram as (sobre) vivências dos seus habitantes. Perante os constrangimentos e os poucos recursos foi necessário criar mecanismos, que permitissem às comunidades rurais (sobre) viver. Para isso criaram formas de cooperação e formas de regulamentação colectiva, vulgarmente denominadas como “hábitos comunitários”. Perante um ambiente hostil a “*união faz a força*”. Mais do que cada um por si, foi necessário a força do colectivo, a cooperação, a ajuda, a solidariedade, para garantir a sobrevivência e reprodução dos agregados domésticos seguindo a lógica de que “*o pouco bem repartido dá para todos*”.

Mas a visão dos cientistas sociais e outros que se debruçaram sobre esta temática nem sempre coincide, antes a apresentam com alguma variedade sob perspectivas em que a descrevem. Para Jorge Dias (1983) o comunitarismo é “*um tipo de organização social em que os direitos das famílias são regulados em função da propriedade colectiva tradicional que serve de base às suas economias... A vida social é considerada como um todo no qual o bem comum é colocado acima dos interesses individuais*”.

Esta abordagem configura a existência de uma sociedade solidária mas sobretudo igualitária que, nos meados do século XX, encontrou um ambiente favorável à construção de uma imagem idílica destas comunidades rurais, como pequenos paraísos, em que o bem-estar da comunidade é o objectivo último.

Mais tarde outros autores com outras abordagens metodológicas, como O’Neill (1984), Portela (1986), Ribeiro (1997) e Silva (1998) demonstram em vários estudos que a realidade desmente o aparente igualitarismo que o conceito “comunitarismo” possa

comportar. Comunitarismo refere-se a comunidades, onde a estratificação social se encontra bem definida. Os recursos materiais (terra, animais, bens materiais, etc.) encontram-se distribuídos de forma desigual e mesmo as formas de cooperação agrícola (*trabalho por favor* ou *torna jeira*) encerram em si desigualdades quer na troca de mão-de-obra, quer no tempo de trabalho dispendido. As vivências comunitárias encontram-se trespassadas de elementos reais ou simbólicos de diferenciação, prestígio ou hierarquização social. Esta diferenciação encontra-se de tal forma cristalizada que, até mesmo os rituais de

passagem, como a morte, podem ser utilizados como meio de abordagem aos sistemas de estratificação social (Ribeiro, 1991).

Todavia, é na cooperação entre elementos, muitas vezes opostos, que a comunidade encontra o seu equilíbrio e se reproduz. Os agregados domésticos, independentemente da sua posição na hierarquia social, necessitam da cooperação e da entreaajuda de outros agregados domésticos para subsistir. Além disso, nestas comunidades, onde os recursos são poucos, a existência de bens comunais permite colmatar a deficiência, ou inexistência, das propriedades

O Comunitarismo em Barroso

Na região de Barroso à semelhança do que se verifica na generalidade dos meios rurais do interior, as condições físicas do território, que se caracterizam por altas montanhas, planaltos e vales profundos, e os rigores de um clima com “nove meses de Inverno e três de inferno” moldaram as (sobre) vivências das populações que fizeram das actividades agro-pastoris o seu modo de vida e a sua forma de subsistência. Ao longo dos séculos e no decorrer da sua labuta diária pela sobrevivência, criou-se uma relação muito próxima entre a actividade humana

e a natureza, na tentativa de manter em equilíbrio os frágeis ecossistemas. Assim, a vida do aldeão gravita em volta dos recursos que lhe são preciosos para a sua sobrevivência: a terra, a água e os animais.

O espaço territorial das aldeias tem diferentes funcionalidades conforme o relevo e as características do solo. As zonas de cultivo, mais planas e mais férteis, encontram-se dispostas à volta da aldeia, divididas em parcelas, de área variável e repartidas de forma desigual entre os seus habitantes. As hortas e os nabais junto às casas são as parcelas de menor dimensão,



FIG. 97 - NA FREGUESIA DA GRANJA A LIMPEZA DOS REGOS MOBILIZA GRANDE PARTE DA POPULAÇÃO

muito férteis e produtivas e as mais intensamente cultivadas. Nelas semeiam-se essencialmente leguminosas para auto-consumo. As lameiras fornecem erva tenra para os animais. Num território exterior, logo a seguir, muitas vezes em forma de anel rodeando o agregado urbano, localizam-se as parcelas maiores, as leiras ou veigas e os prados (lameiros). As leiras ou veigas são parcelas menos férteis. Terras de sequeiro, exigem uma maior preparação no seu amanho e uma adubação especial. É onde se cultivam, num sistema de afolhamento bienal, as batatas e o milho ou o centeio. Dependendo do tipo de cultura praticada anualmente numa determinada folha, assim se utiliza ou não a água de rega nessa área de cultivo. Os prados, aqui designados como lameiros, servem de pastos para o gado (bovino, equídeo e actualmente também ovino) e para produção de forragem para o

Inverno (*feno*). As parcelas agrícolas são de pequena dimensão e acham-se dispersas pelo termo da aldeia, o que causa sérios constrangimentos à actividade produtiva. Uma exploração agrícola pode ser constituída por parcelas com distâncias muito acentuadas entre si.

Como complemento a estas propriedades privadas, que muitas vezes se revelam insuficientes para a subsistência dos agregados domésticos, há recursos e infra-estruturas comunais, que pertencem a todos os habitantes da aldeia.

São vários os bens comunais, de que se destacam os baldios ou maninhos, as águas, os caminhos, as veigas e lameiros, o forno e o moinho e muitas vezes a eira. Vejamos as características particulares de alguns destes bens no seio das comunidades de Barroso⁷, que perduraram até aos anos 60 (século XX).

Exemplos de Comunitarismo Agrário

Os Baldios - Propriedade comunal, localizados na parte mais distante e montanhosa, desempenham um papel muito importante para a economia aldeã. *“Embora ocupando de longe a maior parte das terras mais altas e pobres da aldeia, a importância primordial dos baldios reside nas suas enormes extensões de urzes, mato e outros arbustos selvagens fundamentais para a pastorícia e para as actividades agrícolas. Os direitos comuns dos baldios são permanentes e ilimitados.”* (O’Neill, 1984:67)”. Considerando que estas populações dependem das actividades agro-pastoris e dada a limitação, quer em termos de área, quer em termos produtivos das propriedades particulares, os baldios sempre desempenharam um papel muito importante na sobrevivência dos agregados domésticos. Enquanto terrenos comunais – logradouros comuns - são passíveis de serem utilizados de diversas maneiras como: área de pastagem para o pastoreio do gado ovino e caprino ao longo do ano e do gado bovino no Inverno; área de recolha de lenha e de matos (carqueja, giesta, tojo, urze, etc.). Algumas parcelas destes terrenos, as cavadas, também eram exploradas individualmente pelos aldeãos mais pobres, muitas vezes sem qualquer outro recurso fundiário para cultivo, de forma a mitigar um pouco a sua pobreza e garantir recursos mínimos de

subsistência.

O Regadio Colectivo - A água de rega é um bem precioso e limitado. Há dois tipos de rega: a rega de Inverno e a rega de Verão, ou, como Orlando Ribeiro (1998) lhe chamou, a rega da abundância (destinase a intensificar a produção, mas na realidade podia dispensar-se) e a rega da carência (que se destina a corrigir as condições do clima e sem a qual não era possível produzir).

A água para a rega é encaminhada das nascentes através de regos ou canais de rega até aos tanques (*poças*) sendo depois distribuída pelos terrenos segundo regras ancestrais bem definidas (*aviação*). De forma a evitar desperdícios da água de rega, o seu sistema de rotação era feito, geralmente, de acordo com a ordem dos terrenos. Os direitos de rega são transmitidos de geração em geração através da tradição oral. Por vezes acontece proceder-se ao seu registo escrito (*rol*).

Os caminhos – espaço comunal utilizado para deslocação. O seu arranjo e manutenção era responsabilidade dos habitantes da aldeia. Assim, era convocado o ajuntamento do povo para o arranjo dos caminhos.

As Lamas / Lameiras do Povo ou do Boi – em grande parte das aldeias o Boi do Povo tinha as suas

próprias lamas / lameiras que garantiam parte da sua alimentação (erva e feno). Para além destes bens, em alguns sítios o boi do povo tinha também cortes e palheiros próprios.

O Forno do Povo – propriedade colectiva da aldeia, edifício térreo, coberto de colmo, era o café dos pobres. A sua utilização estava sujeita a regras próprias, como a obrigatoriedade de *quentar* o forno. Para além disso era um espaço de convívio.

Os Moinhos – Em algumas aldeias havia o moinho do povo, propriedade comum dos habitantes da aldeia, onde quem precisasse ia moer os cereais (centeio e milho).

Associados a estes bens e equipamentos comunitários andam os trabalhos comunitários que também se denominam por hábitos comunitários. Muitos destes trabalhos extinguíram-se ou estão em vias de desaparecimento por força da alteração do modelo de produção agrícola e das mudanças do modelo demográfico. De facto, a redução da mão-de-obra e a mecanização da agricultura alteraram drasticamente os modos de vida agrícola nestas aldeias rurais de Barroso. Muitos dos trabalhos comunitários como a *segada* e a *malhada* do centeio, as *sachas* colectivas dos batatais, o arranjo dos caminhos e a condução de águas deixaram de ter sentido. A *segada* e a *malhada* passaram a fazer-se através de meios mecânicos, dispensando os ranchos de homens e mulheres e reduzindo o hábito da *entreaajuda* e *torna jeira*. A produção agrícola da batata foi drasticamente reduzida, o boi do povo tende a ser substituído pela inseminação artificial num combate e redução das doenças transmissíveis e na tentativa do apuramento da raça, e os trabalhos de conservação dos caminhos e condução de águas, entre outros, têm vindo a ser assumidos pelas autoridades autárquicas (municipais e da freguesia) no âmbito das suas competências. Permanecem porém alguns, por interesse efectivo das populações ou recusa de perda de gestos, usos e costumes que se pretendem conservar e manter sobretudo como marca etnográfica e elemento de atracção de turistas e apaixonados pelos hábitos e tradições destas comunidades da terra barrosã. É

o caso da *vezeira*, do Boi do Povo, da limpeza de levadas, regos e nascentes.

Os Trabalhos Comunitários - A expressão trabalhos comunitários, “...compreende todas as tarefas que beneficiam a comunidade ou que se referem aos bens de propriedade comum, e para os quais se torna indispensável a organização de grandes grupos de trabalho.” (O’Neill, 1984 :160). Os principais eram a limpeza dos caminhos, do regadio, manutenção dos moinhos e do forno do povo. Os trabalhos nos caminhos realizavam-se durante o Inverno, geralmente aos sábados, quando havia mais *bagar*, o regadio era limpo, uma vez antes do início da época de rega, procedendo-se à limpeza e ao arranjo dos regos e das *poças*. Estes trabalhos faziam-se através dos *ajuntamentos do povo*, geralmente no largo da igreja à saída da missa, o regedor ou o cabo de ordens dava as *ordes* relativas à comunidade ou às coisas comunais. Tocava-se o sino da igreja e um elemento de cada agregado familiar comparecia ao *ajunto*.

A Entreaajuda - A *entreaajuda* ocorria essencialmente na altura do pico dos trabalhos agrícolas: sementeiras, ceifa (*segada*) do feno e do centeio, *malhadas*, arranque das batatas, desfolhada do milho, vindimas, etc. As pessoas trocavam trabalho ou outros tipos de ajuda de forma a assegurar força de trabalho ou apoio perante uma situação semelhante. Além da troca de trabalho, há outras formas de troca como a cedência de animais, concessão de favores ou comida.

O Boi do Povo – Propriedade colectiva dos lavradores da aldeia que garantiam a sua alimentação e manutenção de acordo com o número de vacas que tinham. A sua função era essencialmente a reprodução. Acontecia por vezes fazerem *chegas* com os bois das aldeias vizinhas.

A Vezeira - rebanho comum de gado da mesma espécie, pertencente a várias pessoas da mesma povoação. Era pastoreada nas zonas de pasto comum – baldio – ou nas terras de *restolho*, à vez por cada uma das pessoas de acordo com o número de cabeças de gado que tivessem, ou entre todos pagavam a um pastor para *ir com a vezeira*.



FIG. 98 - O BOI DO POVO DE ARDÃOS NA LAMA DO SOUTO

A Terra

Na Região de Barroso, a população local fez das actividades agro-pastoris a sua forma de vida e fonte de subsistência. A terra, condição natural e factor de produção, é a principal fonte de riqueza dos agregados domésticos, desempenhando um papel central na sua sobrevivência.

É da terra que provém uma parte significativa da alimentação. De tal forma que, as principais actividades dos agregados familiares giram à volta deste recurso, cuja propriedade e posse são fulcrais para a sua sobrevivência sócio-económica. Como já foi referido, o espaço territorial das aldeias desta região encontra-se dividido conforme a sua localização, relevo e características dos solos. Assim, os espaços agrários encontram-se bipartidos entre as áreas de cultivo e exploração agrícola e as áreas de maninho, os baldios, terrenos incultos de fruição comunitária.

As condições físicas do território condicionam a agricultura local, o que levou a uma divisão da SAU consoante a aptidão agrícola das parcelas. Junto ao perímetro urbano das localidades, *paredes-meias com as casas*, encontram-se as hortas, pequenos pedaços de terreno, intensamente cultivadas. Aí se encontra um conjunto de culturas hortícolas, para auto consumo, que exigem abundância de água de rega, estrume e muitos cuidados. Junto a estas parcelas, encontram-se também os nabais, onde se cultivam essencialmente nabos, couves e as batatas *“temporãs”*, e as lameiras, que produzem erva para os animais.

Num nível a seguir, localizam-se as leiras e os lameiros. O cultivo das leiras, dada a fraca produtividade dos solos, exige a rotatividade anual das culturas. Assim, estes espaços agrícolas dividem-se em duas *“folhas”*, consoante se cultive nelas batata /milho ou centeio, alternadamente. À *“folha”* onde se cultiva centeio, costuma chamar-se *“folha cheia”*. Por seu lado, os lameiros garantem a alimentação do gado, enquanto pastos naturais e enquanto produtores de feno, forragens com que se alimenta o gado no Inverno.

Dadas as características e a aptidão agrícola dos solos, aliado à sua importância na produção de meios que garantem a subsistência dos agregados domésticos, não é por isso de admirar que o acesso à propriedade e posse da terra sejam questões fundamentais na sua reprodução sócio-económica. A terra é, simultaneamente, factor de

produção, riqueza e prestígio social.

Até aos anos 60, do século XX, a posse da terra era um factor determinante na estratificação da sociedade rural do Barroso, dividida em duas classes sociais: os Lavradores e os Cabaneiros. Todavia, a emigração permitiu aos cabaneiros aceder a meios pecuniários e comprar bens e terras, conquistando assim a sua autonomia produtiva.

O acesso à propriedade da terra pode fazer-se através de heranças e partilhas, compra ou troca. São as heranças e sucessivas partilhas, quem mais tem contribuído para o contínuo retalhamento das parcelas agrícolas

“Uma regra fundamental nos processos de partilhas de terra no Barroso é a que prevê que o lote de parcelas que couber a cada um dos herdeiros deve integrar, obrigatoriamente, unidades com diferentes aptidões culturais, que são, no seu conjunto, a base do sistema agrário da região – lameiros (de feno, de sega e de pasto), cortinhas, Nabais, touças e terras (de sementeira), desde, como é evidente, a casa as possua” (Ribeiro, 1996:347).

É a complementaridade destas parcelas que assegura o funcionamento e autonomia das explorações agrárias. A venda de terrenos agrícolas não é muito comum, há um grande *“amor à terra, património legado pelos pais”*, em especial as parcelas mais próximas da aldeia, cuja venda, dada a sua importância simbólica e económica, pode ser considerada um indício de decadência da família, pelo que, apenas em ocasiões de crise é que se desfazem destes bens. Mais comum é o recurso à troca, de forma a ampliarem as suas parcelas agrícolas. Por vezes, os agricultores tentam adquirir a(s) parcela(s) contígua(s) em troca de parcelas semelhantes (em dimensão e/ou em produtividade) localizadas noutra local. As terras de cultivo também podem ser arrendadas ou emprestadas, a quem se comprometa a explorá-las.

Como complemento a estas propriedades privadas, que muitas vezes se revelam insuficientes para a subsistência dos agregados domésticos, há recursos e infra-estruturas comunais, que pertencem a todos os habitantes da aldeia.

Os bens comunais que se destacam são os **baldios ou maninhos, os caminhos e as lamas / lameiras do povo ou do boi.**

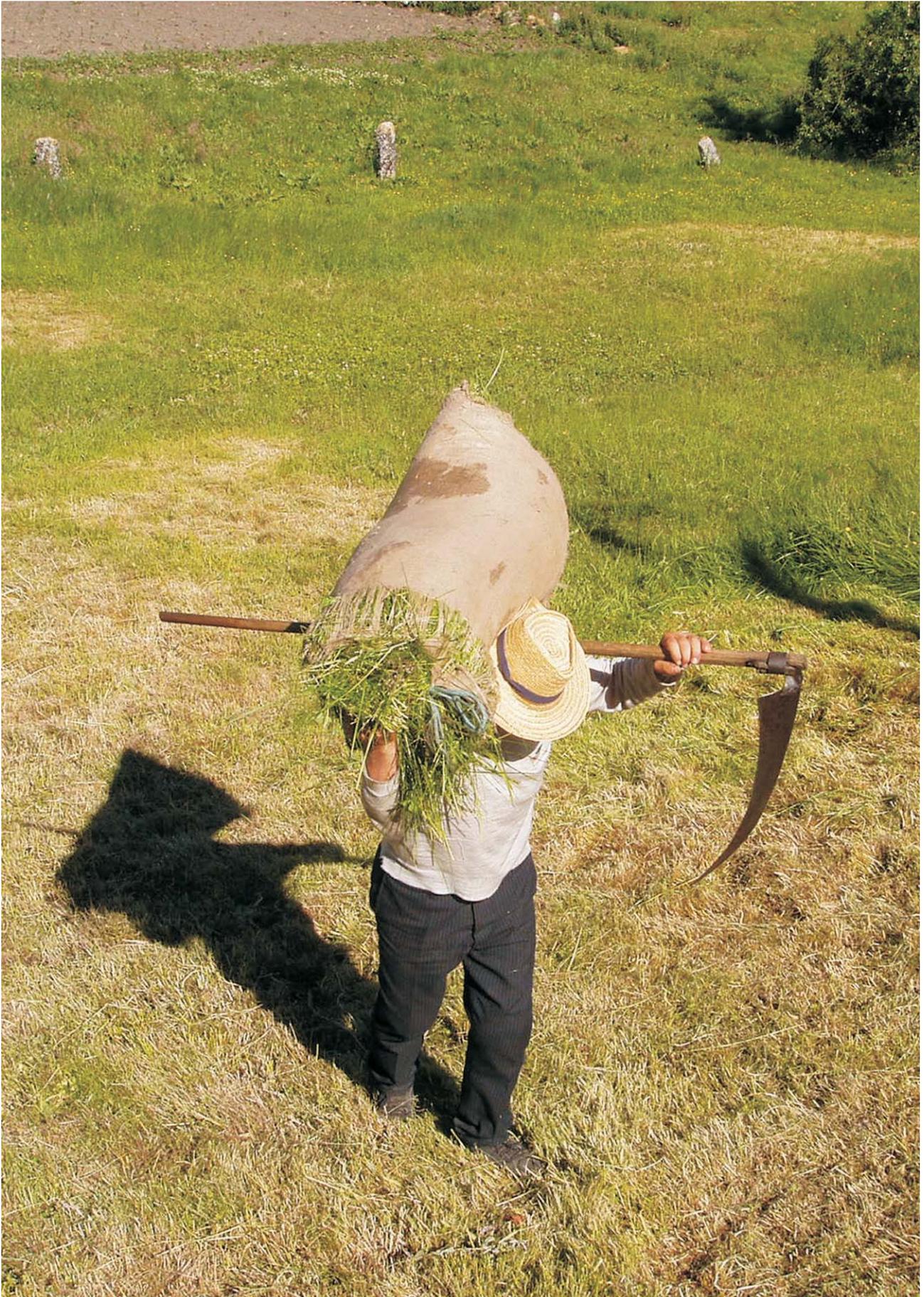


FIG. 99 - A TERRA CONTINUA A SER UMA IMPORTANTE FONTE DE RIQUEZA DESTA REGIÃO DO BARROSO

Os Baldios

Cada uma das aldeias do concelho possui extensas áreas de baldios, cobertos de vegetação arbustiva espontânea (giesta, urze, carqueja, etc.). Estes espaços são propriedade de toda a comunidade aldeã, terrenos maninhos, indivisos, situados na parte mais distante da aldeia, em geral nos altos e nas encostas impróprias para a agricultura, e desempenham um papel importante na economia agro-pastoril.

Tendo em conta que estas populações dependem das actividades agro-pastoris, e dada a limitação, quer em termos de área, quer em termos produtivos, das propriedades particulares, os baldios são fundamentais para a sobrevivência dos agregados domésticos. Enquanto terrenos comunais – logradouros comuns – são passíveis de serem utilizados de diversas formas: como área de pastagem para o pastoreio do gado ovino e caprino ao longo do ano e do gado bovino no Inverno; área de recolha de lenha e de mato (carqueja, giesta, tojo, urze, etc.) para a cama do gado e preparação do estrume. Algumas parcelas destes terrenos, *as cavadas*, também eram exploradas individualmente pelos aldeãos mais pobres, muitas vezes sem qualquer outro recurso fundiário para cultivo, de forma a mitigar um pouco a sua pobreza e garantir recursos mínimos de subsistência. Actualmente, ainda existem cavadas, na aldeia de Alturas do Barroso.

Ao longo dos anos, estes espaços comunais adquiriram novas valorizações com a florestação, entretanto levada a cabo, a resinagem e, mais recentemente, com o aproveitamento das áreas de grande altitude para a instalação de parques eólicos. A produção de energia eólica encontra-se em franca expansão no concelho, onde se encontram instalados 4 parques eólicos: o Parque Eólico de Alturas do Barroso (Alturas do

Barroso), Parque Eólico do Alto do Seixal (Atilhó – Alturas do Barroso), Parque Eólico da Serra do Barroso (Casas da Serra – Cerdedo) e o Parque Eólico do Leiranco (Sapiãos). Os benefícios económicos provenientes dos investimentos realizados nestes espaços, até então de maninho, revertem a favor da comunidade a que pertencem. Geralmente, são utilizados para obras de beneficiação e construção de espaços comunitários.

No que se refere à gestão destes espaços comunais, são, geralmente, as Juntas de Freguesias, enquanto representantes da população local, que gerem em comum os baldios das aldeias, que compõem cada uma das freguesias. Todavia, nalgumas aldeias foram criados Conselhos Directivos dos Baldios. Em 2005 existiam 12 Conselhos Directivos dos Baldios, que assumiram a gestão desses espaços, nas respectivas aldeias.

Os baldios encontram-se demarcados com cruces gravadas na terra, ou em penedos, com marcos, ou com barreiras físicas naturais formadas por rios e corgos. Geralmente, esta delimitação apenas é feita ao nível externo da freguesia, relativamente às freguesias vizinhas. Todavia, existem algumas freguesias cujos baldios, por terem diferentes entidades de gestão, também se encontram delimitados a nível interno, divisão nem sempre estabelecida de forma consensual entre as aldeias que as compõem. Independentemente de existir delimitação interna ou não, cada aldeia conhece mais ou menos os limites dos seus baldios, sendo que estes espaços podem ser utilizados por pessoas de outras aldeias, desde que pertençam à mesma freguesia.

Os Caminhos

São espaços comunais utilizados pela população para se deslocarem no espaço territorial da aldeia. Dado que todos utilizam estes espaços, o seu arranjo e manutenção era

feito pela comunidade aldeã. Assim, no final do Inverno e início da primavera, o Regedor e o Cabo de Ordens, mais tarde substituídos nessas funções pelo Presidente da Junta ou um seu representante, ou o Presidente do Conselho Directivo, à saída da

missa, no largo junto à igreja, convocavam o *ajunto* ou *ajuntamento do povo* (um homem de cada casa) para *ir aos caminhos*. No dia combinado, geralmente aos sábados, ao toque do sino, o *povo* juntava-se num largo da aldeia, junto a uma igreja ou capela, e iam *dar um jeito* aos estragos provocados pelos rigores do Inverno e limpar os caminhos. Se, na generalidade das aldeias, participava nestes trabalhos o *povo todo junto*, nos dias marcados para arranjar os caminhos, na aldeia de Pinho, em cada um dos dias, iam *aos caminhos quatro ou cinco casas* (um representante de cada uma delas) conforme os trabalhos a realizar, num sistema de rotatividade pelas casas da aldeia *até dar a volta ao povo*.

Nestes trabalhos, participavam apenas os homens, *cabeça de casal* ou um filho seu. Às mulheres, estavam reservados trabalhos mais leves como a limpeza das fontes e dos tanques da aldeia.

Actualmente, o *arranjo* e a manutenção dos caminhos são da responsabilidade das Juntas de Freguesias ou dos Conselhos Directivos do Baldios, nas aldeias onde estes foram criados, que pagam jeiras às pessoas para executarem estes trabalhos.

Nos últimos anos, para além dos trabalhos de manutenção, e com o apoio da Câmara Municipal, têm

também procedido à beneficiação e alargamento dos caminhos, de forma a permitir uma melhor circulação das máquinas agrícolas, bem maiores e mais largas que os tradicionais carros de bois.

Para além destes caminhos públicos, existem os chamados caminhos de herdeiros e as passagens de rega. Os caminhos de herdeiros apenas podem ser utilizados em determinadas alturas do ano. A passagem, por se fazer através dos terrenos de cultivo, está sujeita a duas regas consuetudinárias: a regra da sementeira e a regra da colheita, ou seja, apenas *estão abertos a passagem* durante a época das sementeiras (Abril/Maio) e das colheitas (Setembro/Outubro), o que implica o cultivo de produtos semelhantes para que estes períodos coincidam. Em algumas aldeias existem também lameiros cujo acesso é feito através deste tipo de caminhos.

As passagens de rega, pequenos *carreiros* que acompanham os regos de rega através de terrenos particulares, apenas podem ser utilizados durante a época de rega.

As Lamas / Lameiras do Povo ou do Boi

Em algumas aldeias existem lamas/lameiras do povo ou do boi, propriedade comum da aldeia. Nas aldeias onde existiu boi do povo, estas propriedades garantiam parte da sua alimentação, sendo utilizadas como pastagem e para a produção de forragens (*feno*). Actualmente, estas propriedades, geridas pelas Juntas de Freguesias ou pelos Conselhos Directivos dos Baldios, são arrendadas aos lavradores que delas precisem. Anualmente, ou de cinco em cinco anos, como acontece em Nogueira (Bobadela), são *postas a leilão* e *arrematadas* por quem fizer melhor oferta, pois como costumam dizer “*quem mais dá, mais amigo é do Santo*”.

Todavia, existe ainda no concelho uma excepção - três lamas do Boi, das cinco existentes em Ardãos, a Lama da Sorte e a Lama do Souto são utilizadas para pasto do Boi do Povo e a Lama da Herdade para

produção de forragens para o Inverno.

Para além destas lamas/lameiras, que são propriedades comunais, existem terrenos doados à Igreja, a um Santo, ou ao padre da paróquia. *Antigamente* quando os padres se deslocavam entre as aldeias, faziam-no a cavalo de um burro, estes espaços serviam assim para o pasto do animal. No concelho, existem várias propriedades destas, como por exemplo as Lamas da Igreja, em Bobadela, a Lama do Padre, em Vilar e Lama da Santa, que pertence à Senhora da Guia, também em Vilar. Estas propriedades, geridas pelas Comissões Fabriqueiras das respectivas igrejas, são, anualmente, colocadas a leilão e *arrematadas* pelos agricultores que melhor oferta fizerem.

A Água

A água, elemento dominante da paisagem uma boa parte do ano, desempenha um importante papel na sobrevivência das economias agro-pastoris da região. São inúmeras as suas aplicações: garante da produtividade das parcelas agrícolas e dos lameiros, sustento dos gados, força motriz dos inúmeros moinhos de água existentes ao longo dos corgos e dos rios; estende a sua utilidade ao quotidiano das aldeias, aos tanques, bebedouros dos animais e aos lavadouros públicos existentes.

Dadas as características dos solos e os rigores do clima da região, a água, seiva da terra, desempenha um papel fulcral na produtividade agrícola.

No território do concelho pratica-se a rega por gravidade. A água de rega, proveniente de várias fontes de água superficiais, localizadas nas encostas dos montes e serras junto às aldeias, é utilizada para regar as parcelas localizadas a juzante.

Para otimizar a utilização deste recurso, foram criadas infra-estruturas para a rega. Os regos conduzem a água desde as nascentes, corgos ou ribeiras, até às poças/tanques de rega, reservatórios de retenção da água. Da poça/tanque, a água é encaminhada, também através de regos, até às parcelas agrícolas. Acontece, por vezes, as nascentes brotarem no local onde se encontra a poça/tanque. Em quase todas as aldeias, estas infra-estruturas, outrora em terra batida e pedra, foram alvo de obras de beneficiação, remodeladas, e construídas em cimento e betão armado, de forma a rentabilizar este recurso, reduzindo ao mínimo o seu desperdício ao longo do percurso que faz até às parcelas agrícolas.

Geralmente, cada uma das aldeias dispõe, no seu termo territorial, de nascentes, regatos ou ribeiros, donde provém a água para rega. Todavia, existem situações em que diferentes aldeias têm que partilhar a utilização da água. A partilha de água entre aldeias, geralmente conflituosa, levou à criação de regras de utilização bem definidas, nem sempre respeitadas pelos seus habitantes, ou à posse dessa água por apenas uma das aldeias. Existem no concelho três aldeias em que parte da água, que utilizam para rega, é proveniente de outra aldeia: em Antigo (Dornelas) regam com água de Gestosa (Dornelas), em Carvalhelhos (Beça), regam com água de um ribeiro de Carvalho

(Vilar), e em Lavradas (Beça) regam com água de Lamachã (Negrões - Concelho de Montalegre). Cada uma destas aldeias tem direito a essa água por um determinado período, durante o qual *os da outra aldeia não podem tornar a água*. Esta regra nem sempre é respeitada, acontecendo por vezes as pessoas andarem a regar e a *água faltar*, porque alguém da outra aldeia *a tornou*. Estas situações, além dos conflitos que geram entre os intervenientes, acarretam inúmeras canseiras, pois quem quer regar tem que *ir buscar a água* à outra aldeia e guardá-la para que não lha voltem *a tornar*.

As aldeias de Bobadela e Fiães do Tâmega, que partilhavam água com as aldeias vizinhas (Nogueira e Veral), recorrendo a determinadas estratégias, conseguiram ficar na posse dela. Na freguesia de Bobadela, ficou na memória dos aldeãos a história do “*Santo Ladrão*”. Conta a história que, há muitos anos atrás, *no tempo dos antigos*, Bobadela e Nogueira dividiam entre si uma água que vinha da Serra do Leiranco. Os de Bobadela achavam que aquela água lhes pertencia por direito e que não tinham que partilhá-la com os de Nogueira, pois estes já tinham muita água, doutras nascentes dessa Serra. Assim, arranjaram um estratagema para ficarem com a água toda, sem que os de Nogueira pudessem contestar tal apropriação. Um dia, juntaram-se as pessoas de ambas as aldeias, dirigiram-se à Serra, ao tornadouro de divisão das águas e combinaram deitar metade da água para Bobadela e a outra metade para Nogueira. A aldeia onde a água chegasse primeiro, ficava com ela. O sinal da chegada da água era o toque do sino da capela, em Nogueira, ou da capela de S. Lourenço, em Bobadela. Ora, os moradores de Bobadela, já com ela fisgada, ainda a água vinha longe, já eles estavam a tocar o sino. Os de Nogueira aceitaram a sentença, mas, convencidos que tinha havido batota, passaram a chamar-lhe o *Santo Ladrão*.

Em Fiães do Tâmega, a água da Poças das Breiras era pertença comum dos habitantes de Fiães do Tâmega e Veral. Reza a história que, estes tentaram apropriar-se da água, mas os de Fiães do Tâmega foram mais rápidos. Numa noite, juntaram-se todos e fizeram um rego pela serra abaixo. *Botaram a água* para Fiães e fizeram um rol da água para que os moradores de Veral não a pudessem reclamar.

Estes conflitos ilustram bem a importância que este recurso, capaz de mobilizar aldeias e recorrer a estratégias menos claras, tem para a agricultura local.

Se durante o Inverno a água é abundante, graças à elevada precipitação que se faz sentir na região, durante o período Estival torna-se escassa e, simultaneamente, mais necessária para as culturas. Para um melhor aproveitamento deste recurso, em cada uma das aldeias, as infra-estruturas de rega, acima mencionadas, estão organizadas em sistemas de irrigação colectivos, designados como regadios tradicionais ou regadios colectivos, “*regadios a que todas as casas duma aldeia, ou a maior parte dela têm acesso, no período de rega de Verão*” (Portela, 1996:372), e em sistemas de irrigação de menor abrangência como os de herdeiros ou particulares.

As poças/tanques de rega encontram-se localizadas em diferentes locais, ao longo do espaço territorial das aldeias, de forma a permitirem o aproveitamento da água das nascentes que brotam dos vários lados, bem como uma melhor distribuição da água pelas parcelas agrícolas localizadas à volta das aldeias. A localização das poças/tanques visa também responder à rotação anual das culturas.

A utilização da água de rega varia de acordo com as épocas do ano. No Inverno, é utilizada para regar os lameiros destinados a pastagens ou à produção de feno, a chamada *rega de lima*, que protege as plantas das baixas temperaturas, aquecendo-as de forma a permitir a produção de forragens. No Verão, dada a sua escassez, é encaminhada para culturas como a batata e as hortícolas, produtos base do auto-consumo familiar, ou o milho, utilizado na alimentação do gado.

As diferentes utilizações, bem como o diferente caudal de água disponível, em cada uma destas épocas do ano, implica diferentes regras de gestão deste recurso. No Inverno, dado o menor número de regantes e a abundância de água, a distribuição da água permite a rega em abundância.

Com a Primavera, aproxima-se a época de rega, que normalmente decorre de Maio/Junho a Setembro, na generalidade das aldeias. Torna-se, então, necessário proceder à limpeza e arranjo dos regos e poças/tanques de rega. Fazem-se os *ajuntamentos para ir aos regos*. O Presidente da Junta, um representante seu, ou o Presidente do Conselho Directivo dos Baldios, consoante a aldeia, convoca o povo e combinam o dia em que se irá proceder a esses trabalhos. No dia combinado,

bem cedo, muitas vezes ainda mal raiou a aurora, comparecem os regantes, um representante de cada casa, geralmente um homem, mas também participam mulheres, e vão limpar os regos, poças/tanques e *juntar as águas*. Nas aldeias onde o regadio foi alvo de obras de beneficiação, estes trabalhos encontram-se simplificados e limitados à limpeza das zonas envolventes das infra-estruturas de rega. Todavia, nas aldeias onde os regos e as poças/tanques ainda são em terra batida e em pedra, como acontece em Secerigo (Codessoso), estes trabalhos são árduos. É necessário não apenas sarchar e arrancar as ervas, mas também calçar bem a terra e tapar os buracos provocados pelas intempéries e pelas toupeiras, de forma a não se desperdiçar tanta água ao longo do percurso dos regos.

Todos os regantes, para poderem usufruir dos seus direitos de água, estão obrigados a participar nos ajuntamentos dos regos, sob pena de não poderem regar. Na prática, isso não acontece. O faltoso, nalgumas situações, apenas se arrisca a uma reprimenda verbal; noutras aldeias, como por exemplo Nogueira, quem, por algum motivo, não possa participar nestes *ajuntos* pode “compensar” os regantes que o fizeram, fazendo outro trabalho a favor da comunidade, como por exemplo limpar uma fonte ou um tanque. Existe, todavia, uma aldeia em que este castigo se aplica aos faltosos. Em Granja, quem não participar na limpeza do regadio, não pode regar quando a água andar *à roda* entre os regantes. Assim, quem não puder participar nestes trabalhos, tem que enviar alguém no seu lugar. No final desses trabalhos, o Presidente da Junta faz a chamada, de acordo com o rol existente e assinala os presentes, excluindo os restantes da lista de rega desse ano.

O que se verifica, cada vez mais, é que, a não aplicação de sanções, a avançada idade dos regantes, aliados ao crescente abandono das práticas agrícolas, faz com que sejam cada vez menos os regantes a participar nestes trabalhos. Por exemplo, em Vilar, essa obrigação, que era da comunidade, foi transferida para a responsabilidade da Junta de Freguesia, pelo que são as pessoas contratadas à jeira, para fazer a limpeza dos caminhos, que se encarregam também da limpeza dos regos e poças/tanques de rega.

Uma vez realizados estes trabalhos de limpeza e manutenção, a água é retirada dos lameiros e é encaminhada para essas culturas, base do auto-consumo familiar. Dá-se, então, início à época de rega, como dizem em Vilar, onde a época tem início no dia 29 de



FIG. 100 - A ÁGUA DESEMPENHA UM PAPEL FUNDAMENTAL NA VIDA DAS POPULAÇÕES

Junho, “*Dia de S. Pedro, água por todo o rego*”.

Quanto mais precioso e escasso é um determinado bem, mais rígidas são as regras que regem a sua utilização pela comunidade. Assim, a utilização da água para rega obedece a regras, *acordos estabelecidos há muito tempo pelos antigos*, que passaram de geração em geração através da tradição oral, ou em raros casos, registadas por escrito num rol da água de rega, que o costume tornou lei. Sendo mais escassa, é minuciosamente dividida e cada regante rega consoante os direitos de água que tem. Os direitos de rega, geralmente associados à dimensão da área a regar, passam de geração em geração, consoante as heranças e partilhas dos terrenos de cultivo. Muitas vezes, as origens desses direitos perdem-se na memória dos tempos. Acredita-se que, pelo menos grande parte deles, remontem à construção das infra-estruturas de rega, tendo sido atribuídos aos camponeses em troca da sua contribuição. Em Bobadela o acesso à água de rega estava directamente ligado à obrigação de aquecer o forno do povo. Ou seja, quem quisesse ter direito à água de rega, tinha que aquecer o forno quando chegasse a sua vez. Todavia, este sistema que já vinha *dos antigos* deixou de responder às necessidades da população actual e gerava conflitos, pois muitos deixaram de cozer no forno do povo e as pessoas de idade tinham dificuldade em o aquecer, mas queriam água para regar e quando regavam havia conflitos com os que tinham cumprido a obrigação de aquecer o forno. Assim, a população, em conjunto com a Junta de Freguesia, decidiu desligar o direito à água de rega da obrigação de *quentar* do forno do povo.

Dado o valor deste recurso, acontece por vezes que quem vende as parcelas agrícolas, não associe à transacção os direitos de rega, conservando-os, servindo-se deles para regar outras. Acontece, embora raramente, o contrário, alguém vender os direitos de água e ficar com o terreno. Por causa da multiplicidade de transacções possíveis, nem sempre os direitos de água estão directamente relacionados com a área a regar. Uma forma que os agricultores utilizam, para preservar os direitos de água a que cada uma das suas parcelas agrícolas tem direito, é registar, juntamente com estas, os direitos de água.

A divisão da água processa-se em períodos temporais ou em quantidades de água, sendo que cada um deles assume uma multiplicidade de formas, ao longo do território concelhio. Os períodos temporais podem ser horas solares, de amplitudes temporais

variáveis, ou horas “*de relógio*” como por vezes são designadas. As horas solares, que indicam quando se deve ceder ou desviar a água, são definidas pela sombra, em determinados locais. Por exemplo, o *Sol Quente*, em Covas do Barroso, *é quando o sol toca num penedo localizado no crasto*, ou então definem as “horas” consoante a sombra toca os riscos marcados na base dos cruzeiros, como também acontece em Covas do Barroso, ou ainda através de relógios de sol, como por exemplo em Veral. Estas “horas” têm uma dimensão temporal variável, podendo cada “hora” corresponder a períodos temporais de 4, 8, 12 ou 24 horas, consoante a aldeia.

As “*horas de relógio*” são os períodos temporais mais exactos, sendo, geralmente, utilizados quando a água disponível possui um caudal abundante.

No que se refere às quantidades de água, estas têm uma dimensão variável. Nalgumas aldeias, a divisão da água processa-se à poçada, mas a quantidade de água disponível para rega depende, em larga medida, do que cada uma das poças/tanques conseguir recolher, enquanto está fechada. Cada regante, geralmente de acordo com a dimensão da área a regar, pode ter direito a uma ou mais poçadas, ou apenas a uma parte de poçada (1/2 ou 1/4). Nestes casos, quando numa poçada rega mais que uma pessoa, dividem a água no rego, de acordo com os direitos de cada um. Existe ainda outro método de divisão da água na poça/tanque, os décimos. Em Pinho e Sobradelo, cada poçada encontra-se dividida em 10 partes. Cada regante, geralmente de acordo com a dimensão da área a regar, tem direito a um determinado número de décimos ou a poçadas completas (10 décimos). Se em Pinho a divisão dos direitos de água se processa no rego, dividindo o caudal da água consoante tenha mais ou menos direitos, em Sobradelo a medição da água é feita com uma vara. Antes de abrirem a poça/tanque para regar procedem à medição da água com uma vara e fazem a divisão consoante o número de herdeiros e a quantidade de água a que cada um tem direito, colocando laços. À medida que o nível da água atinge cada um dos laços, assim cada um dos regantes rega. Normalmente, os regantes entendem-se bem, mas como se sabe “*no tempo de rega não há santos*”, como se costuma dizer “*quem sacha mal, rega bem*”, algumas pessoas *tornam* a água quando os outros andam a regar. Isto gera alguns conflitos dentro da comunidade mas acabam por ser resolvidos entre os intervenientes.

Em algumas aldeias, a *aviação* da água faz-se de acordo com a disposição das parcelas agrícolas. É o chamado giro, de forma a evitar perdas de tempo e desperdícios de água enquanto é encaminhada para outras zonas. Noutras aldeias, segue a disposição das casas da aldeia. Em Bobadela, foi estabelecida uma lógica distributiva dos turnos de água, equitativamente entre as casas da aldeia, regando alternadamente, uma *casa* da parte de cima da aldeia e uma *casa* da parte de baixo.

Por vezes, acontece os herdeiros trocarem a água entre si, conforme as necessidades de cada um, como nos disse um informante “*se um não precisa pode a dar ó vizinho, ou se precisar pode-lha pedir*”.

Nalgumas aldeias, como em Pinho e Valdegas, existem os *gestores da água*, pessoas com um profundo conhecimento da distribuição da água, encarregues de organizar o rol semanal da água das diferentes poças de rega. No Eiró (Boticas), a água da Poça do Amedo, não tem uma *aviação* pré-definida. O rol da água é feito semanalmente, e quem quer regar dirige-se à pessoa que gere a água e pede-lhe para a incluir no rol dessa semana.

Quando acabam de regar, quem se encontra para regar a seguir vai *tapar* a poça, de forma a entancar água para regar. Geralmente, as poças têm um horário para serem fechadas, aproximadamente às 08:00h e às 20:00h, quando a cada dia correspondem duas *poçadas*; às 08:00h, 14:00h e 20:00h, quando a cada dia correspondem três *poçadas*. A água de rega, proveniente de rios, ou corgos, não estando sujeita a entancamento, corre sempre, pelo que regam uns a seguir aos outros.

Para além da água, *aviada* e com períodos ou quantidades definidas, existe a água que anda ao giro pelos terrenos de cultivo, mas cada um rega consoante as necessidades, como acontece em Sapiãos. Essas poças/tanques dispõem de torneiras que controlam o volume de água, não tendo horário estabelecido para serem *tapadas*.

Para além das situações mencionadas, existem ainda as chamadas *águas do pilha* ou *água do torna-torna*, que não têm horas de regas pré-estabelecidas. São *desaviadas*, rega quem a *apanhar*, pelo que as pessoas desenvolveram estratégias que lhe permitem gerir a utilização desta água de forma mais ou menos consensual. Assim, rega quem *apanha* a água, ficando junto à poça a guardá-la, enquanto a poça enche, ou deixando lá *um ramozito* a marcar a sua vez; ou então

os vários interessados nessa água fazem *uma aviação de boca* entre eles e regam uns a seguir aos outros.

No que se refere à água, existem ainda dois pormenores dignos de registo, as terras sem direitos de água e os direitos de água sem terras para regar. No que se refere ao primeiro caso, algumas terras de cultivo não foram integradas na *aviação da água*, aquando da organização do rol. Por exemplo, em Boticas, existem parcelas agrícolas, que estando localizadas na área de rega da chamada Poça da Cruz, não têm quaisquer direitos de água. Esta situação é explicada pelo facto de na altura em que o rol foi feito, estes espaços eram terrenos de maninho, que com a expansão urbana passaram a ser cultivados. Mas outros factores podem ser encontrados para explicar estes casos, existentes um pouco por todo o concelho. Em Secerigo (Codesoso), situações análogas são explicadas pelo facto de na altura em que foi feita a *aviação da água*, essas parcelas serem para cultivo de centeio, ou seja, eram terras de sequeiro. Vale, nestas situações, o recurso ao empréstimo de direitos de água. Por exemplo, em Beça, o terreno onde se encontra implantada a sede da Junta de Freguesia dispunha de horas de água, que actualmente a Junta de Freguesia, distribui por quem não tem.

Há ainda, como acontece em Nogueira (Bobadela) aqueles que têm água e não têm terrenos para regar. Então, dão a água a um vizinho que precise e este, em troca, dá-lhe batatas, dinheiro, etc. Há alguns anos atrás, tentaram alterar o sistema de atribuição da água de rega, de forma a dividirem-na apenas entre os que tivessem terras. Todavia, os que não tinham terras não abdicaram do seu direito à água e depressa se voltou ao *sistema dos antigos*.

A dimensão do caudal da água disponível influi na forma como a distribuição da água se processa. Quando a água é muita, rega quem precisa, o tempo que quer, pois “*o muito dá para todos*”. À medida que o caudal da água diminui, entram em acção os mecanismos distributivos existentes para que “*o pouco, bem repartido, chegue para todos*”.

As múltiplas situações com que nos deparamos, demonstram bem a importância que este recurso assume no dia-a-dia das comunidades aldeãs e os meandros que assumem as vivências a ele ligadas.



FIG. 101 - POÇA DE REGA EM SECERIGO



FIG. 102 - RELÓGIO SOLAR DE VERAL

pela ordem seguinte Em 1873 a saber
 1ª segunda e de meço de fundo de villa
 3 horas segunda de fundo de villa
 3 horas Terça da Via Cova
 3 horas Quarta de Labanco
 3 horas Quinta de Barreiros
 4 horas Sexta de Paço
 4 horas Sabado de São Affo
 4 horas Segunda da Trilheira
 4 horas Terça dos Muiros
 4 horas Quarta e dia a crescer e a dar
 Em 1874 tem a seguir a seguinte ordem
 por ordem decima
 segunda de Barreiros
 Terça de Paço
 Quarta de São Affo
 Quinta da Trilheira
 Sexta de Labanco
 Sabado da Via Cova
 1ª de fundo de villa
 Terça dos Muiros
 Quarta e dia a crescer e a dar
 Do dia da Trilheira q' é em o primeiro mes do
 anno em a quinta tem-se por mais uma hora
 mais de q' se precisa, por isso ainda, alle
 espais de regar, chama-se interia por que nel
 ta hora não tem agua e os melhores da ribeira
 nem também a tem nos dias de Labanco, Via
 cova, e fundo de villa; Do dia da Trilheira
 não tem o Neivinho agua uma hora na ribeira

FIG. 103 - ROL DE REGA DE COVAS DO BARROSO



FIG. 104 - POÇA DE REGA EM CURROS



FIG. 105 - REBANHO DE CABRAS EM ALTURAS DO BARROSO

O Gado

As actividades agro-pastoris fazem parte do quotidiano das comunidades camponesas. O gado, a par da terra, é um dos elementos que garante a sobrevivência dos agregados familiares. É, simultaneamente, fonte de riqueza e alimento, para quem enfrenta as labutas diárias e os rigores de um clima, para retirar da terra os magros recursos que complementam a sua subsistência.

A terra e o gado formam, assim, os dois pilares base que garantem a reprodução sócio-económica da população local. Como referiu Taborde (1932:131), a criação do gado assumiu uma enorme importância nas regiões de montanha, onde os rigores do clima e a fraca produtividade dos solos garantem apenas o sustento da população. Não admirando, pois, que à agricultura tenha andado aliada, *desde remotos tempos*, a pastorícia.

Nesta região, assume especial destaque o gado bo-

vino. Foi este, com a sua força, que aliado à perícia humana, moldou, durante séculos, a agricultura local. Utilizados nos trabalhos agrícolas, estes animais desempenham funções essenciais na adubação e fertilização das terras, com o *esterco* que produzem, no amanho das terras (*lavar e agradar*) e no transporte das colheitas (*carrar* o feno, o centeio, as batatas, o milho e as uvas). Desempenham também um importante papel enquanto produtores de carne, os vitelos, para auto-consumo ou para venda, tornando-se assim numa fonte de rendimento para os agricultores. Um factor importante para a expansão deste gado foi, sem dúvida, a existência de ricos pastos naturais, os lameiros.

A par da terra, também a posse de bovinos serviu durante muito tempo como base de diferenciação social. Ter uma *junta de vacas*, era possuir um recurso invejável, quer pelo valor simbólico que lhe estava as-

sociado, quer pela sua importância sócio-económica. Quem tinha vacas, detinha recursos para as sustentar, *manter*, ou seja, era proprietário de um considerável património fundiário, que garantia pastagens e produção de *feno* para alimentar os animais no Inverno. Assim, os proprietários das terras, *os Lavradores*, eram simultaneamente os proprietários do gado. Os *Cabaneiros*, alguns deles detentores de pequenas parcelas agrícolas, mas não as suficientes para garantirem a alimentação de tão precioso recurso, viam-se muitas vezes obrigados a pedir estes animais emprestados, para o amanhã das suas terras. Dado que não possuíam recursos pecuniários que lhes permitissem pagar esses empréstimos, tinham que pagar em dias de trabalho, o “favor” recebido.

Acontecia, por vezes, em algumas aldeias, como por

exemplo em Valdegas (Pinho) e em Nogueira (Bobadela), as pessoas mobilizarem diferentes recursos para poderem criar gado. Existia um sistema, o chamado *gado a meias*, em que um era dono dos animais e o outro detinha os recursos para a sua alimentação, ou garantia o seu pastoreio. Os lucros obtidos, por exemplo com a venda de crias, eram divididos pelos dois.

Numa região onde eram tantos os constrangimentos com que o agricultor se deparava no dia-a-dia, as comunidades viram-se obrigadas a rentabilizar ao máximo os recursos disponíveis e a criar estratégias de cooperação que lhes permitissem aceder a recursos essenciais, com custos mínimos. Foi em torno do gado que se criaram duas estratégias de cooperação com características únicas: o Boi do

O Boi do Povo

Em grande parte das aldeias do concelho era frequente os lavradores associarem-se para a compra, manutenção e sustento de um ou mais touros reprodutores, consoante o número de vacas existente na aldeia.

Este animal, localmente designado como Boi do Povo, era propriedade comum dos lavradores da aldeia e tinha como principal função a reprodução.

Geralmente, a manutenção e sustento do Boi do Povo *estavam a cargo dos lavradores* de cada uma das aldeias, num sistema de rotatividade entre eles, *à roda*, durante um período de tempo proporcional ao número de vacas que cada um tivesse. Todavia, em algumas aldeias, eram os maiores lavradores, que detinham mais recursos, quem cuidava do Boi, um determinado tempo, que variava consoante as aldeias. Em Covas do Barroso, *eram nove os pensadores do Boi*. Cada um ficava com ele durante um mês. Os restantes lavradores, *que não pensavam o Boi*, pagavam a esses uma quantia em cereais, os alqueires de *pão* (milho) por cada vaca que tivessem para *cobrição*. Por seu lado, em Viveiro, eram apenas seis, os lavradores que tinham obrigação de cuidar do Boi, dois meses cada um deles.

Mais tarde, em algumas aldeias, como por exem-

plo em Alturas do Barroso, os lavradores passaram a pagar a alguém para cuidar do boi, *o pastor do boi*, e cada um deles *dava a paga ao pastor*. Inicialmente, contribuía para a sua alimentação dando uma determinada quantia de cereais (centeio ou milho), mais tarde substituída por um valor monetário. Esta *paga*, era sempre proporcional ao número de vacas para *cobrição*.

Se em algumas aldeias o Boi do Povo possuía a sua própria corte e as lamas/lameiras para a sua alimentação, as Lamas do Boi, que produziam feno para o seu sustento durante o Inverno e onde era apascentado, como por exemplo a Lama da Fonte, em Carvalhelhos (Beça), noutras, não existindo estas propriedades, eram os lavradores, ou o seu pastor, quem arranjava a *corte* para ele pernoitar. Da mesma forma que, não tendo lamas/lameiras próprias, eram esses mesmos lavradores que garantiam a sua alimentação pastoreando-o nos seus lameiros e arranjando as forragens necessárias quando o Boi *estava a seu carreg*o.

Para além de garantia de procriação, o Boi do Povo era também utilizado para realizar combates – “*chegas de bois*” – contra os bois do povo de aldeias vizinhas. Este espectáculo, tradicional do Barroso, arrastava consigo aldeias inteiras, que corriam a *afaitar* o seu Boi, vibrando a cada vitória, ou chorando, humilha-

dos, a derrota sofrida. O Boi do Povo, propriedade comum, era representante de todos. Em cada luta, era a aldeia, a sua valentia e a sua fama, que estava representada. É esta comunhão de identidade, Boi do Povo / comunidade aldeã, que Miguel Torga (1968:158/9) descreve numa passagem do seu diário, ao falar sobre Barroso e o simbolismo associado à figura do Boi do Povo.

“Já conheço a paisagem de cor e salteado, em poucas aldeias ou lugarejos deixei de meter o nariz, os caracteres humanos são de tal clareza que se decifram à primeira leitura. A verdade, porém, é que volto sempre que posso, e cá estou mais uma vez. Atrai-me esta amplidão pagã, sinto-me bem a pisar um chão em que o deus vivo dos ricos e dos pobres, de alfabetos e analfabetos, é o toiro do povo. Um deus de cornos e testículos, que depois de cada chega e de cada vitória, a gratidão dos fiéis cobre de palmas, de flores, de cordões de oiro e de ternura. Um deus que a devoção adora sem lhe pedir outros milagres que não sejam os da força e da fecundidade, provados à vista da infância, da juventude e da velhice. Um deus a quem se dão gemadas para que possa inundar as vacas de sêmen, as moças de esperança, os moços de certeza e a senilidade de gratas recordações. Um deus eternamente viril, num paraíso sem pecado original.”

Nas aldeias onde existiu, o Boi do Povo foi sendo, progressivamente, substituído por bois particulares. Em grande parte das aldeias, a tradição do Boi do Povo acabou por desaparecer há mais de três décadas. Alguns lavradores têm os seus próprios bois, e os que não têm, pedem a um deles para que lho deixe utilizar na cobrição das suas vacas, mediante um pagamento, que pode ser em dinheiro ou em trabalho.

Existe, todavia, uma freguesia onde esta tradição ainda se mantém. Em Ardãos ainda há a tradição comunal do Boi do Povo. *Antigamente*, como havia muito mais gado, existiam dois bois do povo. Actualmente, há apenas um. Os Bois eram tratados por um pastor, pago pelos lavradores que tinham que garantir a sua manutenção, por cada vaca, pagavam *um quarto de pão*, quem tivesse quatro vacas pagava uma *rasa*, mais tarde, passou a ser um alqueire. Actualmente, é um jovem da freguesia que cuida do boi e todas as receitas são divididas em partes iguais entre a Junta de Freguesia e o pastor do Boi. Cada lavrador que queira utilizar o Boi para cobrição das suas vacas, paga uma cota anual de cinco euros por cada vaca que possui. Esse dinheiro é utilizado pela Junta de Freguesia para comprar alimentos para o Boi.

O Boi do Povo de Ardãos tem a sua própria corte

e palheiro, no fundo da Lama do Souto, localizada junto ao Largo do Souto, e cinco lamas próprias. As Lamas do Boi do Povo têm diferentes funcionalidades: a Lama da Sorte e a Lama do Souto são para o pasto do boi; a Lama da Herdade produz feno, que no Inverno é utilizado como forragem, complemento da sua alimentação; por seu lado, a Lama do Pereiro e a Lama de Presquita são anualmente arrendadas a lavradores.

Todavia, esta tradição é cada vez mais difícil de manter, quer por existir cada vez menos gado e alguns agricultores optaram pela inseminação artificial para as suas vacas, que consideram mais segura, quer porque é cada vez mais difícil controlar a sua funcionalidade. Este boi tem uma função essencialmente reprodutora e a Junta de Freguesia exerce um controlo muito rigoroso no que se refere à sua utilização para cobrição, como referiu o Presidente da Junta *“Só os animais devidamente saudáveis é que são cobertos por aquele animal. Fazemos um controlo rigoroso. A pessoa, no início do ano, dirige-se à Junta e diz: eu quero que as minhas vacas sejam cobertas pelo boi comunitário. E eu tenho atenção e estou sempre em contacto com os serviços da Zona Agrária para controlar o estado sanitário dos animais.”* A introdução de regras faz com que a relação com os lavradores nem sempre seja pacífica. Se, antigamente, o Boi do Povo andava na lama a pastar e cada lavrador que precisava ia lá com as vacas quando queria, hoje, a sua utilização obedece a determinadas regras, de forma a evitar abusos e desleixos no controlo sanitário dos animais *“o boi está à responsabilidade daquele moço, mediante o nome das pessoas que já pagaram a cota e que têm os animais saudáveis, e só na presença dele, de manhã ou à noite, é que a vaca é coberta.”*

Além da função reprodutora, ao Boi do Povo continua associada também uma função simbólica e lúdica. As famosas chegadas de bois realizavam-se, outrora, entre os bois do povo de diferentes aldeias. Em jogo, mais do que a fama do boi vencedor, estava a imagem de cada aldeia, representada na figura do boi *“Símbolo de virilidade e fecundidade, o Boi é na região o alfa e o omega do quotidiano. Cada povoação revê-se nele como num deus. Vitorioso cobrem-no de flores, derrotado abatem-no impiedosamente.”* (Torga, 1973:69). Em Ardãos, antigamente, faziam-se muitas chegadas de bois com os bois das aldeias vizinhas com Cervos, Meixide, Nogueira e Seara Velha. Guardam ainda na memória um boi campeão que tiveram, que fez mais de vinte chegadas sem ser derrotado. Actualmente, para

evitar possíveis lesões, o boi do povo apenas realiza uma *chega* por ano, no dia da festa de Nossa Senhora das Neves, padroeira da freguesia.

Apesar de, em todo o concelho, apenas existir Boi do Povo na freguesia de Ardãos, as Chegas de bois continuam a ser um espectáculo muito apreciado. Os bois do povo, de outros tempos, foram substituídos por bois particulares, mas a mística que envolve estes espectáculos de força e perícia é a mesma. Não há festa, nem evento que se preze, que não tenha uma chega de bois. Estas lutas continuam a mover multidões, que por vezes se deslocam dezenas de quilómetros para assistir a tão afamado acontecimento.



FIG. 106 - CHEGA DE BOIS

A Vezeira

Assim como a existência dos lameiros foi essencial para a criação dos bovinos, a imensidão dos terrenos de maninho, existentes no concelho, criaram condições propícias para a pastoreia dos ovinos, que em muitas aldeias adquiriu características comunitárias.

Até há umas décadas atrás, existiam, em algumas aldeias, especialmente na parte Norte do concelho, as chamadas *vezeiras*.

A *vezeira* “*é uma velha prática comunitária de pastoreio em que num só rebanho, ou manada, se juntam as cabeças de gado de 10, 15, 20 ou mais proprietários*” (Santos Júnior, 1980:422). Este rebanho comum era pastoreado, à vez, pelos proprietários dos animais, de acordo com o número de animais que cada um possuía. Nalgumas aldeias, por cada cabeça, era um dia que tinha que ir pastorear a *vezeira*, noutras, cada cinco cabeças equivaliam a um dia e noutras ainda, era por cada dez cabeças de gado que o dono tinha que ir um dia com a *vezeira*.

Neste concelho apenas há memória de terem existido *vezeiras* de ovinos, mistas (ovelhas e cabras) ou apenas cabras, a chamada *cabrada*, como existiu em Vila Grande (Dornelas). Estas *vezeiras* podiam ser permanentes, durante todo o ano, como por exemplo em Beça e Sapiãos, ou sazonais, durante a época de maior aperto dos trabalhos agrícolas, como acontecia, por exemplo, em Alturas do Barroso e Carvalhelhos. Independentemente da sua duração, os motivos que presidiam à sua constituição eram semelhantes: libertar braços para os trabalhos agrícolas.

Geralmente, no Inverno a *vezeira* saía de manhã e era pastoreada o dia todo, apenas regressando à aldeia no fim da tarde. No Verão, apenas era pastoreada durante as horas mais frescas: saía de manhã bem cedo, regressava às cortes no fim da manhã, quando começavam as horas de mais calor, voltava a sair ao fim da tarde, regressando muitas vezes já quase noite.

Quem fosse com a *vezeira* avisava a aldeia que a *vezeira* ia sair, sendo o sinal, geralmente, o toque de

uma buzina, como acontecia em Beça “*Chegava ao cimo da aldeia, tocava a buzina para deitarem os rebanhos para a vezeira*”. Juntavam os rebanhos num determinado lugar da aldeia, quase sempre num largo, em Sapiãos, esse local ainda hoje se chama o Largo da *Vezeira*, e daí os animais eram conduzidos, pelo pastor, para as áreas de pastoreio. Todavia, em Ardãos, os donos dos rebanhos juntavam-nos, repartidos por três pátios da aldeia, e depois, na hora de *botar a bezeira*, o pastor abria as portas dos pátios e encaminhava os animais para a serra.

Geralmente, a área de pastoreio destes animais eram as serras, onde os extensos baldios produziam grandes quantidades de alimentos. Se, durante o Inverno, as *vezeiras* podiam passar pelas veigas, existindo aldeias em que os rebanhos pernoitavam nas terras que iriam ser cultivadas, as chamadas *canceladas*, como forma de estrumar os campos, depois das sementeiras, tinha caminhos próprios para passar, estando proibida de o fazer pelas veigas semeadas, pois estes animais, por onde passassem, comiam e destruíam as culturas.

Este método de pastoreio acabou por desaparecer. Com a florestação de extensas áreas de baldios, estes animais viram drasticamente reduzidas as suas áreas de pastagem, pois era expressamente proibido pastorear a *vezeira*, em especial as cabras, nas áreas florestadas, de forma a preservar o crescimento das árvores. A isto se aliou a emigração, que levou muitas pessoas a venderem os animais, tornando assim, muitas vezes, inviável a *vezeira*.

Nalgumas aldeias, como por exemplo em Secerigo (Codessoso), os donos dos animais pagavam a um pastor para ir com a *vezeira*, mas também aqui, e pelos motivos enunciados, esta acabou por desaparecer.

Actualmente existem inúmeros rebanhos particulares e cada um pastoreia o seu.

A Bênção do Gado

Sendo um dos elementos fundamentais para estas economias de montanha, não é por isso de admirar que o gado seja alvo de constante atenção e inúmeros desvelos por parte dos donos. A doença ou morte de um animal causa inúmeros constrangimentos e prejuízo aos agregados familiares. Dada a fragilidade dos ecossistemas locais e o grau de incerteza que rodeia a vida do agricultor, este recorre muitas vezes à protecção divina para que proteja o seu gado.

Neste contexto, é vulgar o recurso à bênção do gado, às oferendas ao Santo António, protector dos animais, e às promessas com o gado. Em Atilhó, no dia de Santo António, 13 de Junho, os agricultores levam o gado para o monte Galhado, onde está localizada a Capela de Santo António, para assistirem à missa, no fim da qual há a bênção do gado para o proteger e os livrar dos males. São inúmeras as aldeias em que, no final das celebrações dedicadas ao Santo António, se costuma fazer o leilão das oferendas dos fiéis, revertendo o dinheiro para o Santo.

Em Pinho, celebra-se anualmente uma grande festa, no último fim-de-semana de Julho, em honra do Senhor do Monte, considerado o protector dos animais. Manda a tradição que, no sábado, dia reservado à bênção dos animais, os lavradores levem o gado até

ao Santuário e com ele façam três voltas à igreja. Muitos são os que percorrem longas distâncias, não só do concelho, mas também de concelhos vizinhos, outrora a pé, agora em carrinhas, para levarem os seus animais até ao santuário, em busca da protecção do Santo. Nesse dia, dizem os fiéis, apesar da grande concentração de animais nesse espaço, não se vê uma mosca no pinhal. As esmolas das promessas ou agradecimentos pela protecção ou benesse recebida costumavam ser dadas em centeio, mas agora costumam dar dinheiro.

Mais conhecida ainda, é a romaria do Divino Salvador do Mundo, ou S. Salvador do Mundo, em Viveiro (S. Salvador de Viveiro), a que acorrem inúmeros fiéis para a bênção do gado, como descreveu Oliveira (1984:256/8)

“(…) O gado começou a afluír pelas 9 horas da manhã, e essa afluência atingiu o auge pelas 11 horas, formando então um anel quase ininterrupto (embora não denso) em volta do muro do adro, pelo lado exterior. Apenas três bois carregavam cereal à cabeça, amarrado entre os chifres; mais frequentemente este vinha em burros, ou às costas, à cabeça ou debaixo dos braços das pessoas, seguindo os bois atrás. Como dissemos geralmente dão nove voltas (novena), no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio; mas



FIG. 107 - GADO A PASTAR JUNTO AO SANTUÁRIO DE S. SALVADOR DO MUNDO

podem dar mais ou menos, conforme as promessas que fizeram.

Todo o gado trazia coleiras ao pescoço. Por vezes, as juntas iam jungidas para não fugirem nem saltarem. Algumas pessoas, quando passam com o gado em frente à porta sul do muro do adro (as voltas do gado são pelo lado exterior do muro que circunda o adro; a pessoa que conduz os bois vai à frente, ao lado ou atrás dos animais, conforme calha), fazem o sinal da cruz e esboçam uma genuflexão. Cumpridas as voltas da promessa, algum gado fica por ali, para a bênção; outro vai para os lameiros próximos. Também aparecem ovelhas, misturadas com os bois, a andar nas voltas.

Fora da capela, as promessas das pessoas (sem gado) consistem sobretudo em voltas a pé dentro do adro em torno da capela, muitas vezes com cereal em sacos à cabeça ou às costas, que depois irão despejar nas arcas que estão dentro da capela. Uma ou outra pessoa traz cravos ou outras flores. Em frente à porta, aberta, da capela, esboçam a genuflexão. Vê-se também uma ou outra dando voltas de joelhos. Por vezes, de cada volta a pé, põem uma pedra no cachorro que há na fachada, sob o alpendre, à esquerda.

Mais para dentro da capela, estão pousados no chão os sete andores, aguardando a procissão: Santa Quitéria, Santo Isidoro, S. Bento, S. Salvador do Mundo (nascente), Nossa Senhora, Santo Adrião e Nuno Álvares (poente); o andor de Nun'Álvares fica um pouco atrás dos outros, encostado ao arco do transepto. Santo Isidoro é o protector dos lavradores, e a imagem tem aos pés um touro; Santo Antão é dado como “abade protector dos animais”; S. Bento é protector das doenças, e Nun'Álvares protector dos Portugueses. As pessoas que trazem cereal como promessa, depois das voltas (ou directamente, se não

prometeram voltas) entram na capela e despejam os sacos nas arcas respectivas. Às vezes, antes de despejarem os sacos, vão rezar em frente do altar do Salvador, e então com frequência fazem-no com o saco do cereal à cabeça ou nos braços.” A descrição continua, destacando o cumprimento de promessas e os diversos procedimentos dos fiéis ao longo do dia, assim como descreve, ao pormenor, a procissão onde se faz a bênção dos animais que se espalhavam pelo outeiro, e a alocação aos lavradores que foi do teor seguinte:

“Atenção! Pede-se uns minutos de silêncio, porque vai seguir-se a bênção do gado. Interrompam as voltas, porque vai benzer-se o gado. Atenção! Antes de se principiar a bênção do gado, eu quero dirigir umas breves palavras aos lavradores da nossa região, aos lavradores e à boa gente transmontana, à boa gente de Barroso! Lavradores do Barroso! Já há muitos anos que tendes vindo aqui a este santuário, cumprir as vossas promessas. É grande a vossa fé, o vosso entusiasmo, para com o Divino Salvador do Mundo. Há gente que vem da raia de Espanha, de muito longe aqui a este santuário, cumprir as promessas porque o Divino Salvador do Mundo, nos momentos de perigo, cura os seus animais. Por isso, é com fé que vós viestes a este santuário, cumprir as vossas promessas. O Divino Salvador do Mundo abençoe os vossos gados, que o Divino Salvador do Mundo afaste para longe das vossas casas as pestes, que o Divino Salvador do Mundo interceda por vós, abençoe os vossos trabalhos, as vossas canseiras, os vossos campos, os vossos animais. Com fé, com amor, disse ao Divino Salvador do Mundo o ‘muito obrigado’! Ele é o Senhor de tudo. Ele dá-nos tudo, é o nosso Pai, por isso confiai nele. Que o Divino Salvador do Mundo nos salve a todos. E que hoje, neste dia, conceda muitas graças e muitas bênçãos para todos vós, abençoe as vossas famílias, abençoe os vossos gados. São os votos do pároco desta freguesia. Agora vai seguir-se a bênção do gado”.

O Porquinho de Santo António

Mas outros mecanismos de protecção, eram accionados pela comunidade, de forma a garantirem a protecção divina. Como por exemplo, o Porquinho de Santo António, em Sapiãos, alimentado por toda a aldeia, inicialmente andava de casa em casa, mais tarde passou a ter

uma corte própria e era alimentado por todos os agregados familiares, num sistema de rotatividade pelas casas da aldeia. Por altura *das matanças*, era vendido e o dinheiro revertia para a Igreja, a favor do Santo António, para que protegesse os gados da aldeia.

O Pão

As características dos solos moldaram a produção agrícola local, onde desde cedo os cereais adquiriram um papel proeminente. Localmente designados como *pão*, o centeio e o milho, desempenharam ao longo dos tempos um papel central na alimentação da população local e do gado.

Como já foi referido, as populações adoptaram o cultivo destes dois cereais consoante a morfologia e o clima do concelho, podendo afirmar-se que, grosso modo, o centeio predomina na parte Centro e Norte do território concelhio, e o milho na parte Oeste e Sul. O amanho das terras para o cultivo do centeio, cereal que germina durante o Inverno e se colhe no Verão, é feito em Setembro. É necessário *lavr* as terras, *gradar*, semear o cereal e *lavr* novamente.

Se o cultivo deste cereal exige poucos cuidados ao agricultor, a sua maturação e colheita é fonte de inúmeras preocupações e medos, medo que o cereal não *amadureça*, medo que chova e a palha e o grão se estraguem.

Outrora as ceifas deste cereal, estavam na origem de grandes grupos de trabalho. As *segadas* e, inerente a elas, as *malhadas*, eram dos trabalhos agrícolas que maior número de braços exigia, pela celeridade com que estes trabalhos tinham que ser realizados. Grupos de homens e mulheres juntavam-se para *segar* o centeio, divididos, uns *segavam* o centeio, os *segadores*, outros arranjavam-no em molhos, os *atadores*. Depois era necessário proceder ao seu transporte, a *carrada*, para as eiras. Aí, era colocado em *medas*, de forma cónica, tendo o cuidado de virar as espigas para a parte de dentro, para que, no caso de chover, não se molhassem, evitando assim desta forma que o grão se estragasse. As eiras eram previamente preparadas para a debulha dos cereais, as de pedra, eram varridas e nas que eram em terra batida, tinham que “*fazer o chão da eira*”, espalhando bosta seca amassada com água. Essa massa era espalhada pela eira com um *rodo*, depois passavam um *rascalho* por cima, para alisar. Deixava-se secar durante 2 ou 3 dias, formando, assim, uma base dura, que evitava que os grãos deste cereal se desperdiçassem na terra.

Punha-se o dia da malhada, juntava-se um grupo de homens com malhos e procediam à debulha dos cereais, que depois eram limpos com um limpador, sendo

posteriormente armazenados em arcas de madeira e a palha colocada em medas nas eiras ou arrumada nos palheiros. Esta era utilizada como forragem e para a cama dos animais, servindo como estrume.

Muitos destes trabalhos sofreram alterações à medida que se foi introduzindo a mecanização na agricultura. As *malhadeiras* mecânicas substituíram a força humana na debulha dos cereais. Os homens passaram a ter um papel complementar ao trabalho da máquina, introduzindo o centeio, à medida que esta processava a separação do cereal e da palha. O cereal era recolhido em sacos e a palha, enfeixada em molhos atados com *bancelhos*, era transportada para os palheiros. As *segadas* manuais foram substituídas pelas *ceifeiras atadeiras*, que à medida que ceifavam os cereais, o atavam em molhos. Também na *carreja* do cereal se verificaram alterações, os carros de vacas, cujo chiar povoava os campos, foram substituídos pela força motriz e o barulho dos tractores.

Actualmente, as modernas ceifeiras debulhadoras, muitas vezes demasiado grandes para a estrutura fundiária local, desempenham um papel proeminente nestes trabalhos, realizando em simultâneo a ceifa e a debulha do cereal nas terras, pelo que os agricultores apenas têm o trabalho de transportar a palha para os respectivos palheiros e o pão para armazenar em caixas de madeira.

Por seu lado, o milho exige mais cuidados, além da preparação das terras onde é cultivado necessita ser *sachado* e muitas vezes regado. Quando atinge a maturação, são – lhe retiradas as espigas e as suas canas são utilizadas como forragens para os animais. Em Secerigo (Codessoso) fazem *meroucas* com as canas do milho e utilizam-nas ao longo do Inverno para o gado.

A desfolhada do milho reunia grandes e animados grupos, geralmente ao serão. Encontrar uma espiga vermelha, o *milho rei*, era motivo de alegria, permitindo certas liberdades, como abraços e beijos, entre a mocidade. Estes trabalhos eram realizados numa ambiente de alegria, uma alegria espontânea de quem recolhe finalmente o fruto de tantas canseiras, que as cantigas, que então se cantavam, tão bem o demonstravam.

Uma vez *desfolhadas*, ou *escafoladas* como se diz em

Os Moinhos na Economia Local

A economia da região assenta tradicionalmente cultura dos cereais. Pelo que os moinhos foram construídos com o objectivo de garantir a moagem intensiva dos cereais, especialmente o centeio, da casa rural durante a época das chuvas, sem ter que comprar esse serviço ao exterior. Numa região em que predomina a actividade de carácter agro-pastoril e o auto-consumo, a implantação da propriedade e do investimento industrial deu-se muito escassamente. Assim, os moinhos são maioritariamente de rodízio, de dimensão diminuta

e tecnologia acessível. Este facto, aliado aos direitos privados sobre bens comuns e, nomeadamente aos direitos de água, favoreceu o encontro de soluções de cooperação como os moinhos de horas para utilização colectiva mediante contrapartidas ou os moinhos do povo, genuinamente comunitários. Excepcionalmente existem azenhas e moinhos de rodízio que eram explorados comercialmente pelos seus proprietários, que retinham uma parte do grão, levado por particulares para farinação, como pagamento (a *maquia*).

Tipos de moinhos

No concelho de Boticas existe um número considerável de moinhos de água, que se eleva a cerca de 240. Subdividem-se nos dois tipos clássicos, distinguidos pela posição da roda motriz, azenhas de roda vertical de propulsão superior e rodízios ou moinhos de roda horizontal, embora as azenhas sejam numericamente pouco significativas neste conjunto. Nos moinhos de rodízio, a admissão pode ser realizada de duas formas, que obedecem a princípios físicos distintos. A água é admitida por um cubo sem pressão constituído por uma caleira de pedra ou de madeira inclinada, ou então é admitida por um cubo com pressão formado por um tubo estanque constituído por aduelas de pedra. Neste tipo de sistemas de admissão de água o cubo pode adaptar-se facilmente ao declive do terreno em que é construído o moinho, podendo ser inclinado, acompanhando o declive da encosta (moinho de tubo), ou perfeitamente vertical, constituindo um tipo de moinho internacionalmente conhecido como moinho de Arubah, de que subsiste um raro exemplar na aldeia de Atilhó, na freguesia de Alturas do Barroso. Os moinhos funcionavam em geral apenas nos períodos de abundância de água. No período estival toda a água era utilizada para o regadio pelo que não era possível dispor dela para a moagem. Excepcionalmente existem azenhas e moinhos de rodízio



FIG. 108 - RODÍZIO

(nomeadamente em Sapiãos) que eram explorados comercialmente pelos seus proprietários, que retinham uma parte do grão, levado por particulares para farinação, como pagamento (a *maquia*).

Distribuição e localização dos moinhos

A distribuição dos moinhos no concelho reflecte o equilíbrio possível entre o seu povoamento e as linhas de água que asseguram os caudais necessários ao seu funcionamento. Por vezes aparecem aglomerados aproveitando a mesma água. Assim, nas zonas de Boticas, Beça, Carvalhelhos e Codessoso, que correspondem a uma zona de pequena altitude e mais povoada, os moinhos aparecem em número elevado (67 moinhos) e dispersos ao longo das linhas de água. Na zona Leste do concelho, observa-se alguma aglomeração dos moinhos junto de três povoações, nomeadamente Ardãos (5 moinhos, a menos de 1,5 km), Bobadela (7 moinhos, a menos de 1,5 km) e Sapiãos (12 moinhos a menos de 1,5 km). Na zona Oeste do concelho está fortemente marcada a aglomeração dos moinhos ao longo de duas linhas de água, independentemente da proximidade ou distanciamento de povoações. Assim, ao longo de

uma linha de água com origem nas Alturas do Barroso e até junto da povoação de Agrelos (numa linha que se estende por cerca de 6 km) estão situados 31 moinhos. Também ao longo de outra linha de água que bordejia pelo sul da Serra do Barroso e entre Cerdedo e Covas do Barroso (ao longo de cerca de 10 km) estão situados 28 moinhos. Ainda assim, está também patente a aglomeração de moinhos junto de algumas povoações, nomeadamente São Salvador de Viveiro (9 moinhos a menos de 1,5 km), Covas do Barroso (15 moinhos a menos de 1,5 km) e Coimbró (7 moinhos até cerca de 0,5 km). Deve referir-se que na parte Sul do concelho, junto de Fiães do Tâmega existe um único conjunto de cinco moinhos. A ausência de moinhos parece assim estar claramente associada a um maior afastamento entre as povoações e ao facto do território entre elas, de aptidão essencialmente florestal, estar quase despovoado.

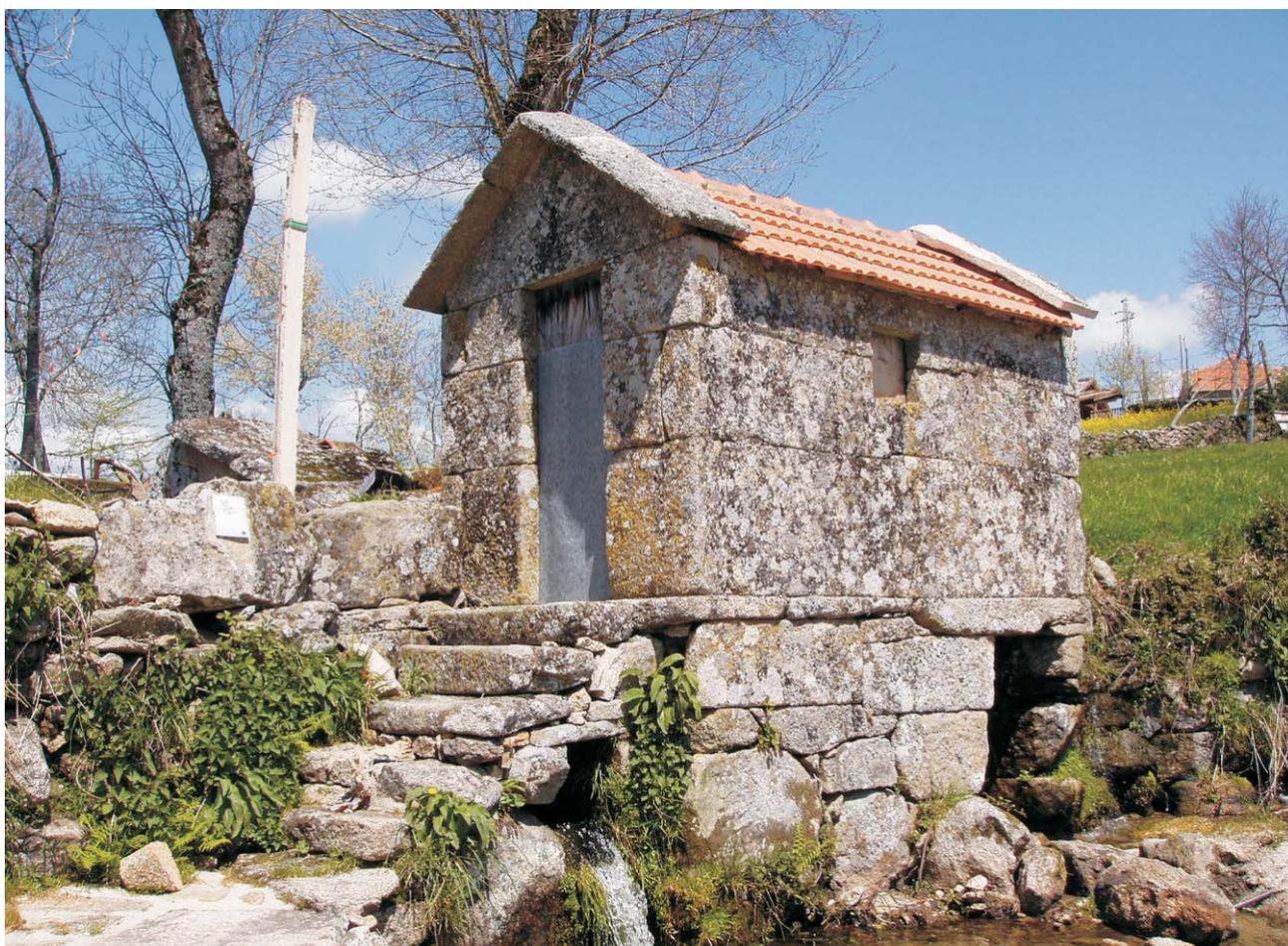


FIG. 109 - MOINHO DE ÁGUA EM VILARINHO SECO

Construção e organização interna dos moinhos

Os moinhos são todos construídos com recurso à pedra local (granito) podendo esta ser aparelhada ou não. Quando era usada pedra aparelhada, esta poderia ser usada apenas nos cunhais ou poderia ser utilizada em toda a construção, dando assim origem, nos casos em que o seu talhe era muito cuidadoso e regular, ao perpianho. Era utilizada sempre argamassa de ligação entre as pedras, fossem aparelhadas ou não. Tradicionalmente a cobertura era colmada e o tecto interior era forrado por um tabuado de madeira (normalmente de carvalho). Os moinhos têm uma planta rectangular e o casal de mós está normalmente posicionado junto do lado menor. A porta de acesso está situada no extremo oposto. A mó inferior, o pouso, está normalmente ligada à construção, embora seja amovível, e está envolvida

pelos cambeiros, que se destinam a impedir que a farinha saia por toda a periferia da mó excepto pela abertura existente para o efeito nos cambeiros. Os cambeiros são normalmente constituídos por lajes de pedra, embora existam exemplos em que são constituídos por um tabuado de madeira. O mecanismo de alimentação, a tremonha, está suspenso sobre o mecanismo de moagem de forma a proceder à sua alimentação automática por acção da gravidade, regulada pela vibração produzida pelo funcionamento da mó superior (andadeira) e transmitida através de um braço de madeira designado por cadelo. A tremonha está suportada por vigas de madeira apoiadas nas paredes, num extremo, e na própria estrutura dos cambeiros de pedra, no outro extremo.

Sistemas de captação, transporte e armazenamento de água

O sistema de captação de água é constituído normalmente por pequenos açudes, aproveitando frequentemente acidentes naturais que constituem desníveis no leito das linhas de água. Destes açudes partem levadas que, tendo uma inclinação média bem menos pronunciada que o leito das linhas de água, ao fim de algumas dezenas de metros permitem a criação de desníveis relativamente à linha de água, compatíveis com o regadio dos lameiros ou com o funcionamento dos moinhos de água. Quando os moinhos estão integrados nos

lameiros, normalmente a levada do moinho parte das valas de irrigação (com origem também em açudes), tendo assim um comprimento bastante reduzido. As levadas podem ser constituídas por pedra, madeira ou terra (menos frequentemente). Os açudes que são utilizados têm a finalidade essencial de elevar o nível da água, para permitir o aumento da energia potencial disponível, ou simplesmente têm a finalidade de conduzir a água para a embocadura da levada. Por isso nem sempre é necessária a construção de açudes para proceder ao aproveitamento hidráulico.

Mecanismos de “motor” e de moagem

Os moinhos de rodízio desenvolvem-se sempre em dois pisos, o piso de moagem e uma pequena cave (o inferno) situada ao nível da saída de água, onde trabalha a roda motriz. A roda motriz (com cerca de 1,3 m de diâmetro),

posicionada com o eixo na posição vertical, era tradicionalmente feita de madeira, embora na actualidade os moinhos que se encontram em funcionamento disponham de rodas metálicas.

O mecanismo de moagem, constituído por uma mó



FIG. 110 - INTERIOR DE UM MOINHO

fixa (o pouso), em posição inferior, e uma mó giratória (a andadeira), em posição superior, tem o seu eixo coincidente com o eixo da roda, assim a transmissão do movimento é realizada directamente através de um veio que liga a roda motriz à mó andadeira. O veio da roda hidráulica, a pela, está acoplado ao veio da mó através de um dispositivo amovível designado por lobete. Tal dispositivo permite a desmontagem independente do mecanismo motor, necessário para eventuais reparações. No caso das azenhas, a roda motriz tem a posição vertical (eixo horizontal) e trabalha no exterior do edifício encostada a uma das paredes. O seu diâmetro normalmente ronda 4 m.

A levada conduz a água até à parte superior da

roda onde enche uns pequenos compartimentos periféricos.

Em ambos os tipos de moinho existe um mecanismo de alimentação de cereal constituído por uma caixa em forma de pirâmide invertida (a tremonha), dentro da qual é colocado o cereal a moer. O vértice inferior da tremonha tem uma abertura por onde o cereal pode sair, sendo conduzido por uma calha (a quelha) de madeira de cerca de 0,4 m de comprimento até ao olho da mó (orifício existente no centro da mó andadeira). O cereal é farinado entre as duas mós e a farinha é lançada por uma abertura para uma caixa delimitada no pavimento do moinho.

Os Fornos do Povo

Dada a importância que o pão assume na alimentação local, face à escassez de recursos individuais, as populações mobilizaram esforços para construção de equipamentos colectivos, os fornos do povo, que lhes permitissem os meios necessário para a confecção deste alimento.

Existem, actualmente, 36 fornos do povo, repartidos por 35 aldeias, ainda em funcionamento. Todas as freguesias do concelho, excepto Boticas, possuem pelo menos um forno do povo, sendo Beça aquela que mais fornos do povo tem (8).

De uma forma geral, os fornos do povo existentes no concelho encontram-se em bom estado de conservação. Estes edifícios, geralmente, encontram-se um pouco afastados do centro da aldeia, muitas vezes isolados, e sem casas à volta, como forma de prevenção contra possíveis incêndios que aí pudessem ter origem. Os fornos do povo têm sido alvo de diversas obras de beneficiação, nomeadamente no que se refere à cobertura, os telhados, outrora de colmo, foram reconstruídos em telha, procedeu-se ao arranjo do chão, das fornhalhas e da zona envolvente, de alguns deles. Em alguns fornos, cujas fornhalhas eram muito grandes e consumiam assim muita lenha para aquecer, estas foram divididas em duas mais pequenas, ou construiu-se uma mais pequena ao lado. Uma

parte significativa destes edifícios, dado o avançado grau de deterioração em que se encontravam, foram reconstruídos, por opção das comunidades locais, com modernos materiais de construção, tijolo e cimento, em vez de pedra. Nas aldeias onde estes edifícios foram reconstruídos, optaram por o fazer no mesmo local do original, excepto quando os difíceis acessos, como por exemplo em Curros, e a sua distância relativamente ao centro da aldeia, como por exemplo em Secerigo (Codessoso) ditaram a sua construção num local mais centralizado e com melhores acessos.

O Forno do Povo da Granja é o mais recente do concelho, foi construído no final dos anos 70. *Antigamente* apenas existiam fornos particulares, quem queria cozer e não tinha forno, pedia a quem tivesse um para o deixar cozer. Apesar dessas pessoas não exigirem nada como pagamento pelo empréstimo, quem pedia ficava sempre em favor e tinha a obrigação moral de pagar de alguma forma, como nos disse um informante “*as pessoas pediam aos particulares para lhe deixarem cozer e depois vinham a segadas e vinham as malhadas e tinham que ir ajudar essas pessoas.*” Cansadas de *dar dias de trabalho* em troca de poderem cozer, o povo e a Junta de Freguesia construíram um Forno do Povo, a Junta de Freguesia arranhou os materiais de construção e o povo deu a mão-de-obra.



FIG. 111 - MAPA DE LOCALIZAÇÃO DOS FORNOS DO POVO EXISTENTES NO CONCELHO DE BOTICAS

Noutros tempos, quando quase todas as casas das aldeias coziavam no forno do povo, foram estabelecidas regras de forma a organizar a sua utilização. Em quase todas as aldeias do concelho, onde este bem comunitário existia, havia a obrigação de *quentar* o forno, que andava à roda pelas casas dos lavradores da aldeia, que eram quem dispunha de meios para ir buscar lenha. Como, por exemplo, acontecia em Alturas do Barroso, *“Todo aquele que tivesse uma junta de vacas para fazer o transporte da lenha, para aquecer o forno, era obrigado pelo uso e costume a aquecer o forno.”* Era o chamado *quentador*, forno de quenta, ou cantador pois ele era, também, o responsável pela marcação da vez das pessoas que coziavam a seguir a ele.

Assim, quem quisesse cozer, dirigia-se ao *quentador*, pedia-lhe a vez, para saber atrás de quem iria cozer, e

colocava um sinal a marcar a sua vez. O sinal podia ser lenha, mato, etc. e à medida que iam cozendo, cada um tirava o seu sinal de marcação, para as pessoas saberem quem ia cozer a seguir e assim prepararem a massa.

Na maior parte das aldeias este *uso* acabou por desaparecer, são cada vez menos as pessoas que ainda utilizam estes espaços, muitas preferem comprar o pão já feito, a um dos inúmeros padeiros que diariamente percorrem as aldeias do concelho, do que terem que andar com trabalho para fazer a massa e cozer o pão. Assim, quem quer cozer aquece o forno e coze. Em Sapiãos, as pessoas ainda têm o hábito de colocar um lareiro junto à fomalha do forno, sinal que indica que alguém vai aquecer o forno e cozer. Normalmente, quan-



FIG. 112 - RECONSTITUIÇÃO DE UMA MALHADA TRADICIONAL EM VILARINHO



FIG. 113 - FORNO DO POVO DE COVAS DO BARROSO



FIG. 114 - AQUECER O FORNO DO POVO (BEÇA)

do alguém coze, as outras pessoas aproveitam a *quentura* do forno e cozem a seguir, pois desta forma já não gastam tanta lenha. Em Valdegas (Pinho) apesar de já não existir a obrigação de *quentar* o forno, quem o acender é obrigado, pelo costume, a dar a vez aos que quiserem cozer a seguir a ele, durante essa semana.

Todavia, em Vilarinho Seco (Alturas do Barroso) este uso ainda vigora. De quinze em quinze dias, um lavrador, ou seja, quem tem vacas ou tractor, aquece o forno, num sistema de rotatividade pelas casas da aldeia. Antigamente esta obrigação demorava cerca de um ano a dar a volta à aldeia, actualmente demora aproximadamente oito meses, pois apesar de existirem cerca de 30 casas habitadas na aldeia, apenas 15 é que aquecem o forno. O forno tem que ser aquecido entre segunda e quarta-feira, depois quem quer cozer vai pedir a vez a quem o aqueceu.

Fazem broas, bôlas, bôlas de carne e bicas de cereais *estremos*, apenas milho ou apenas centeio, mistura centeio/milho ou centeio/trigo, a que em algumas aldeias chamam o *pão casado*, depende dos gostos e do cereal que predomina nas diferentes aldeias. Por altura da Páscoa costumam fazer os folares com carne ou sem carne.

Dependendo da farinha utilizada, assim varia o processo de preparação da massa. Enquanto que a farinha centeia é amassada em água morna, a farinha de milho tem que ser amassada em água muito quente e posteriormente *bandejada* para se conseguir colocar no forno. Da mesma forma que varia o processo de cozedura bem como a temperatura do forno, as broas de milho exigem uma temperatura elevada e constante para a sua cozedura, pelo que a porta do forno tem que ser fechada e vedada, de forma a evitar desperdício de calor; enquanto que as broas de centeio podem cozer com a porta do forno aberta, tendo o cuidado de deixar o borrarho à entrada do forno para manter a sua *quentura*.

Em algumas aldeias, como por exemplo, em Valdegas (Pinho), antes de se começar a preparar a massa para *fazer o pão*, é costume dizer-se: “*Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo Amén. Deus m’ajude e às benditas almas.*”. O processo de fazer o pão obedece a determinadas procedimentos. Coloca-se água a aquecer com sal, enquanto se peneira a farinha para dentro de uma masseira. A essa farinha junta-se a água, o fermento e amassa-se tudo muito bem.

Uma vez feita a massa, coloca-se numa pilha dentro dum cesto para levedar, com a mão faz-se uma cruz na

massa e costuma dizer-se uma pequena oração, de que encontramos diversas variantes, para esta levedar:

I

Deus que te levede
Deus que t’acrescente
Com a graça de Deus e da Virgem Maria
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria

II

S. Mamede te levede
S. Vicente t’acrescente,
S. João de ti faça bom pão,
Deus te ponha a virtude
Que da minha parte fiz tudo que pude.
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria.

III

O Senhor te levede
S. Pedro te acrescente
E o Senhor te faça pão
Com o poder da Virgem Maria
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria

IV

S. Vicente t’acrescente,
S. Mamede te faça pão,
Em louvor de Santiago
Não fiques nem inosso nem salgado

V

São João te faça pão,
S. Mamede te levede,
S. Vicente t’acrescente
Em louvor de Deus e da Virgem Maria
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria.

VI

S. Crescente t’acrescente
S. Mamede t’alevede
S. João te faça pão
E Deus te cubra de benção

VII

S. João te levede
S. João t’acrescente
S. João te faça pão
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria.

VIII

Deus te faça pão,
Deus te ponha a rica bênção
Em nome do Pai do Filho e do Espírito Santo

IX

O Senhor te crescente
O Senhor te levede
Que não fiques cru nem queimado
Nem insosso nem salgado
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria

X

São Mamede te levede,
São Vicente t'acrescente
Tanto tempo leves a levedar
Como levaste a amassar.

Quando a cruz da massa desaparecer, é sinal de que está lêveda. Coloca-se no tendal, tende-se e deixa-se levedar novamente enquanto o forno acaba de aquecer. Uma vez quente o forno, varre-se com um matão, feito de *urzeira* ou giesta, e puxa-se o borrarho para a entrada da fornalha. Com uma pá coloca-se o pão lá dentro e no final faz-se uma cruz à porta do forno e diz-se uma pequena oração, de que também encontramos inúmeras variantes:

I

Cresça o pão no forno, fora do forno,
E paz em casa do seu dono e por todo o mundo.
Pela graça de Deus e da Virgem Maria
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria.

II

Cresça o pão no forno,
E fora do forno,
Os bens pelo mundo todo.
Cresça o cora
E vontade e saúde a seus donos
P'ra comer este e granjear outro,
Um Pai-Nosso pelas almas.

III

Cresça o pão no forno
E ó vinho no torno
E ó bem de Deus pelo mundo todo
Quem nos queira mal que nos queira bem
E um Pai-Nosso com uma Avé-Maria

Amén.

IV

Cresça o pão no forno
E os bens pelo mundo todo
Quem nos quer mal que nos queira bem
Que vá p'ró céu e nós também
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria.

V

Cresça o pão no forno,
E fora do forno
Saúde a seu dono
E a paz pelo mundo todo
Um Pai-Nosso com uma Avé-Maria
Rezem pelas almas

VI

Cresça o pão no forno
Fora do forno
A graça de Deus pelo mundo todo
Em louvor da Virgem Maria
Reze quem puder e quiser.
Um Pai-Nosso com uma Avé-Maria pelas almas
Nós a comer e ele a crescer.

VII

Cresça o pão no forno,
A fazenda ao seu dono
E pelo mundo todo
Reze quem tiver devoção
Um Pai-Nosso pelas almas

VIII

Cresça o pão no forno
E à fazenda a seu dono
E à paz pelo mundo todo.
Reze pelas almas
Quem quiser e puder.
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria.

IX

Cresça o pão no forno
A graça de Deus pelo mundo todo
Reze quem puder e quiser.
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria
E as pessoas, que se encontrarem no forno, rezam também. Em Nogueira (Bobadela), em vez de se fazer a cruz com a pá, colocam-se palhas em cruz, sobre

o borralho à entrada da porta da fornalha, enquanto se diz a oração para o pão crescer e cozer.

Acontece muitas vezes cozerem duas, ou mais pessoas, ao mesmo tempo. Nestas situações cada uma delas coloca uma marcação no seu pão para que não se troque (marcas de dedos, um pauzinho, bicos na massa, etc.).

Para além de cozer o pão, actualmente, os fornos do povo são também muito utilizados por ocasião de festas, casamentos e baptizados para fazer os assados, como por exemplo em Valdegas (Pinho), onde por altura da festa do Divino Espírito Santo, as pessoas colocam no forno a carne para assar, vão à missa e depois da procissão passam pelo forno e

cada um leva a respectiva travessa de carne para o almoço.

Em Vilarinho Seco, sempre que o forno coze os vizinhos ainda se juntam lá para conversar.

Esta era aliás uma das características dos fornos do povo. Muitas vezes, em especial durante o Inverno, como não existiam cafés, *noutro tempo*, era no forno que *s'ajuntava a mocidade*, para passar o serão. O largo do forno era também um local de convívio, tradição que ainda hoje se mantém, nas longas e quentes tardes Verão é habitual ver pessoas sentadas nas pedras junto à parede do forno.



FIG. 115 - CONFECÇÃO DO PÃO DA FORMA TRADICIONAL



FIG. 116 - POR ALTURA DA PÁSCOA AINDA SE COZEM OS FOLARES NOS FORNOS DO POVO

A entreajuda nos trabalhos agrícolas

Dentro de cada comunidade aldeã criaram-se redes de apoio, formas de solidariedade e cooperação vicinal, geralmente designadas como entreajuda.

A entreajuda tem como características principais a gratuidade e a reciprocidade de serviços, uma vez que, o favor recebido deve ser retribuído, pois, existe a obrigação moral de retribuir em iguais circunstâncias, ou em circunstâncias consideradas socialmente como equivalentes. Uma regra estabelecida pelo costume, que o adágio popular “*Uma mão lava a outra e as duas lavam a cara*” tão bem resume.

O êxodo rural, que se registou a partir de 1960, veio alterar quer a agricultura local, quer as formas de organização social, bem como as diferentes interdependências e as relações sociais existentes. Com a debandada geral que se registou, muitas parcelas agrícolas foram votadas ao abandono, o efectivo animal diminuiu e assistiu-se, simultaneamente, à crescente mecanização agrícola, que procurou suprimir a falta de mão-de-obra agrícola.

Actualmente, a mecanização agrícola permite aos agregados familiares realizarem os trabalhos agrícolas sem terem que recorrer à mão-de-obra exterior à unidade doméstica. Todavia, a entreajuda continua a desempenhar um importante papel, na vida da população local, em especial para os mais idosos. Numas aldeias, mais do que em outras, vizinhos e familiares ainda se entreajudam uns aos outros não apenas por

altura do “maior aperto” dos trabalhos agrícolas, mas nos mais diversos trabalhos (ir à lenha, cortar e *carrar* mato, fazer as sementeiras, sachar as terras e fazer as colheitas) numa lógica de reciprocidade dos serviços em iguais circunstâncias ou considerados socialmente como equivalentes. Esta entreajuda é especialmente importante entre os agricultores mais idosos a quem as forças começam a faltar para as árduas jornadas no campo, vale nestas situações a ajuda de outras pessoas.

Na maior parte das aldeias, a entreajuda processa-se, essencialmente, por altura do “pico” dos trabalhos agrícolas, que exigem celeridade na sua execução, como por exemplo as sementeiras, a ceifa e a recolha do feno, a recolha dos cereais e as vindimas. Participar e ajudar os vizinhos nestas tarefas, garante ao agricultor a ajuda e os braços necessários para a realização dos seus trabalhos.

Mas nem sempre quem que é ajudado nos seus trabalhos, pode retribuir essa ajuda em iguais circunstâncias, nestas situações cada um retribui como pode, aproveitando as circunstâncias e fazendo o que está ao seu alcance para ajudar quem o ajudou.

Todavia hoje cultiva-se menos, e entre os mais novos a adopção das modernas máquinas agrícolas veio facilitar a execução dos trabalhos sem ter que recorrer a *muitos braços*. Pelo que, muitas vezes a entreajuda se resume a pequenos círculos de vizinhança e familiares próximos.

Festividades Cíclicas

Face à incerteza do calendário agrícola e aos inúmeros constrangimentos e imprevistos que podem assolar a agricultura local, as comunidades aldeãs criaram um conjunto de mecanismos, aquilo que Brito (1996:218) chamou de “*conjunto de práticas e de intervenções materiais ou simbólicas que eram accionadas no sentido de protecção e preservação das culturas, face ao que de nefasto as pudesse afectar.*”

Assim, estabeleceram-se períodos temporais considerados favoráveis ou nefastos que devem ser tomados em conta, de forma a garantir a reprodução sócio-económica dos agregados familiares. Existe um conjunto de prescrições, que acompanham o dia-a-dia destas comunidades, entre as quais se destacam a obrigatoriedade de respeitar os dias santos, e a atenção dada às fases da lua, para o cultivo dos produtos. Existe também o recurso à protecção divina, nomeadamente a protecção dos Santos, a celebração do espírito da

vida, representado nas fogueiras de Natal, Ano Novo e Carnaval, que simultaneamente permite a leitura das *têmperas*, que previnem os agricultores contra a incerteza e rigores do clima.

Entre as festividades cíclicas que se realizam, um pouco por todo o concelho, destacam-se os Reis, o Entrudo, as tranquilhas das ruas no S. João e no S. Pedro, e as fogueiras de Natal, reacendidas no Ano Novo e por vezes também no Entrudo.

Em algumas aldeias do concelho, ainda é habitual cantarem os Reis. No dia 5 à noite, juntam-se em grupos e andam pelas casas a pedir os reis. São muitas e variadas as quadras que então se cantam como, por exemplo, em Alturas do Barroso:

Ó que Casinhas tão altas
Forradas de papelão
Levante-se minha senhora
Dê-nos cá o salpicão

Se nos querem dar os reis
Venham-nos os dar com tempo
Estamos c'os pés à geada
Está correndo ar e vento

Salta a faca do louceiro

Salta lá àquele fumeiro
Corta lá uma chouriça
Ou um presunto inteiro

Em Sapiãos, costumam cantar:
Aqui estão os Reis à porta
Dispostos p'ra se cantar
Se o Senhor nos der licença
Os Reis vamos começar

Aqui vimos, aqui estamos
Hoje é dia de alegria
Viva o senhor desta casa
E a sua companhia

Se nos querem dar os Reis
Venham-nos os dar com tempo
Estamos com os pés à geada
Corre um arzinho de vento

Se nos querem dar os Reis
Não nos mande a sua criada
Qu'ela tem a mão pequena
Parte pequena talhada

Se o presunto está duro
E a faca não quer cortar



FIG. 117 - CARETOS

Faça-lhe um frum, frum, frum
Nas beijas do aguidar

O que recolhem, essencialmente dinheiro e fumeiro, em algumas aldeias é utilizado para organizar uma merenda para todos, *uma função*. Noutras aldeias, o que se recolhe reverte a favor da Igreja, sendo os produtos oferecidos leiloados, e revertendo o dinheiro para a Igreja.

Por vezes acontecia, pedirem os reis e as pessoas não darem nada, a esses *barbas de farelo*, o grupo *descantava os reis*

Os Reis que agora cantamos
Voltamos a descantar
Este barbas de farelo
Não tem nada p'ra nos dar!

O **Entrudo**, traz consigo os caretos, as brincadeiras e a folia.

No **Domingo Gordo**, o domingo antes do Entrudo, em Covas do Barroso, fazem o **carro do galo**, tradição dedicada ao professor (a) da aldeia. Todos os anos os alunos, da *escola primária*, arranjam um *carrinho de mão*, enfeitam-no com flores levando as suas ofertas que, como manda a tradição, são compostas por um coelho, uma galinha, vinho do porto, doces e um galo. Depois fazem um cortejo com o carro pelas ruas da aldeia.

Nesta aldeia ainda existe a tradição de ler os motes. Juntam-se três rapazes no principal largo da aldeia, um coloca-se no forno do povo, outro no cruzeiro, seguram uma corda com o galo preso no meio e tentam acertar com ele ao que está a ler os motes de forma a atirarem-lhe com o chapéu ao chão. Este, enquanto lê os motes, com uma espada tenta afastar o galo da sua cabeça. No final oferecem o galo e o restante conteúdo do carro.

Mas em muitas outras aldeias existia a tradição dos motes do galo, como por exemplo em Vilarinho Seco, cujo testamento do galo transcrevemos a seguir:

Testamento do Galo

Vilarinho Seco (Alturas do Barroso)

Eis aqui o testamento
Que fez elegante galo
Quando tinha no pescoço
Aguda faca para matá-lo
Não haverá quem me console

Nesta tão triste sorte
Esta noite se escreveu
A minha sentença de morte
Em nome da benta hora
Venham todos venham ver
O que fez um pobre galo
Quando estava para morrer
Já que estou em meu juízo
Testamento quero fazer
Para meus bens eu deixar
A quem melhor me parecer
Porém antes que se escrevam
As derradeiras
Quero também despedir-me
Das amadas companheiras
Galinhas minhas amigas
Com quem sempre acompanhei
Vinde ver e compreendereis
O estado a que eu cheguei
Estou tão atribulado
Nesta nossa despedida
Que deixar-vos nesta hora
Decerto me custa a vida
Um conselho quero dar-vos
E vos falo bem sisudo
Que fuja quanto puderes
Dessas festas do Entrudo
E se acaso vos chamarem
Pila pila vos disserem
Não vades lá que é engano
Que apilar vos querem
Erguei-vos de madrugada
E a casa não torneis
Ficai estes dias fora
Para a Quaresma vireis
E se vires que há doença
Vede bem como andais
Que também vos pilarão
Quando menos vós cuidais
Daqui a sete semanas
Quando entrar o mês de Abril
Eu já estou a adivinhar
Que morrereis mais de mil
E aquelas que escaparem
Alegres passais os dias
Retirai-vos quanto puderes
Das funções de tais folias
Afirmaivos vede bem
Esta cor da minha crista

Talvez seja a última vez
Que vós lhe poreis a vista
De mim pena não tenhas
Aos mais galos dai ouvidos
Que assim fazem as mulheres
Quando lhe morrem os maridos
Em tudo quanto vos disser
Tomai sentido e atento
Que eu principio agora
A fazer meu testamento
Deixo a voz da garganta
Aos galos meus companheiros
Para que cantem de noite
Em cima dos seus poleiros
Deixo mais a minha crista
Vermelhinha e tão bela
Ao galo mais lambareiro
Que puder ficar com ela
Deixo as penas do pescoço
De várias cores pintadas
Às meninas desta terra
Para andarem enfeitadas
Deixo as penas do corpo
Que são todas as mais honestas
Para as biatinhas da moda
Se enfeitarem pelas festas
Deixo as penas do rabo
Por serem as mais brilhantes
Para as meninas solteiras
Darem aos seus amantes
Deixo as unhas dos pés
Para as mulheres viúvas
Se arranharem à noite
Quando lhes morderem as pulgas
Deixo as pernas
Por serem cor amarela
Para todos os cães tomarem
Uma grande atacadela
O bico que me ia esquecendo
Deixo ao galo mais fraco
Para quando travar bulha
Fazer mais um bom buraco
O fígado e a moela
E a minha vontade inteira
Que as coma logo assadas
Quem for minha cozinheira
O papo que toda a vida
Me serviu de bom celeiro
Deixo ao homem mais honrado

Para a bolsa do dinheiro
Deixo o miolo das tripas
E toda a mais demasia
À mulher mais rabugenta
Que houver na freguesia
Ainda agora me lembrou
Já me ia esquecendo
Que das barbas não disponho
Mas deixá-las pretendo
E as deixo de boa vontade
Vermelhinha e tão belas
Àqueles mais desbarbados
Que quiserem servir-se delas
E os móveis da casa
Deixo ao meu testamenteiro
Que no meu falecimento
Fique dono do poleiro
Deixo por uma só vez
Que este meu corpo defunto
Não esqueçais de lhe juntar
Boa porção de presunto
Deixo por advertência
Aos mais galos machacázes
Se desviem ser vizinhos
Da escola dos rapazes
E se por acaso desprezarem
O conselho que vos dou
Daqui a vinte anos se verá
No estado em que agora estou
Deixo mais que o meu enterro
Seja feito com carinho
O que hão-de gastar em esmolas
O gastem antes em vinho
Deixo que todo o estudante
Que andar nesta lição
Dê um galo como eu
Que morra nesta função
E se um galo não derem
Dêem um bom coelho
E nenhum seja tão néscio
Que despreze o meu conselho
Agora torno a lembrar-me
E já me ia sendo erro
No nome da sepultura
No lugar do meu enterro
Deixo é minha vontade
Seja minha sepultura
Dentro dos corpos humanos
Que é melhor que na terra dura

Dos mais galos que morreram
Peço a todos em geral
Que não façam testamento
Que este p'ra todos vale
E vós meus estudantinhos
Já que assim o quereis
Degolai-me bem depressa
Que é favor que me fazeis
Todo o pai que tiver filhas
E dote para lhes dar
Meta-as todas num convento
Eu trato de as casar
Agora por nossos pecados
Estamos vendo em cada canto
Que todo o pai que tiver filhas
Logo se lhe faz o cabelo branco

Antigamente, em Covas do Barroso, havia a tradição de, no dia de Entrudo à tarde, fazer a *horta do Entrudo*. Era um teatro representado por adultos mascarados, retratando a luta entre o Entrudo e a Quaresma. Reservavam um espaço num largo da aldeia, faziam aí uma horta, com umas couves, à volta da qual colocavam uma corda. O Entrudo entrava dentro da horta com intenção de roubar as couves, mas era apanhado em flagrante pela Quaresma, que o matava. Cometido o crime, chamavam-se as testemunhas e procedia-se ao julgamento da Quaresma. Depois, era lida a sentença, por ter morto o Entrudo, condenavam a Quaresma a jejuar *41 dias, de quarta-feira cinzas até sábado aleluias*.

Por altura do **S. João** (24 de Junho) e do **S. Pedro** (29 de Junho), em algumas aldeias do concelho ainda fazem as tranquilhas das ruas com paus e cancelas. Particularmente na freguesia de Beça, onde lhe chamam as *trancheiras*, para além de trancarem as ruas, também é costume colocarem os arados de pau e as grades, que apanham, na torre da Igreja. Por altura do S. Pedro roubam os vasos das flores às mulheres e colocam-nos nos largos junto aos poços, na igreja, capelas ou cruzeiros como nos disse um informante de Torneiros “no S. Pedro, que é o santo mais maroto, às vezes quando as raparigas se esquecem dos vasos, daquelas

flores e assim, os rapazes apanham-nas e levam-nas lá p'ra capela e depois elas tem que as ir lá buscar”, de tal forma que algumas mulheres nesses dias escondem os seus vasos.

Noutras aldeias, tinham por hábito colocar os carros dos bois nos tanques das aldeias, em especial quando os donos, tentando impedir que lhos roubassem nesse dia, dormiam em cima deles. Cansados de mais um dia de labutas, adormeciam profundamente. Juntava-se, então, um grupo de rapazes, pegavam no carro e colocavam-no dentro do poço, com o dono a dormir, em cima.

Outros iam buscar os rebanhos das ovelhas às cortes, roubavam as cancelas das cortinhas e faziam uma *cancelada* no largo das aldeias; também os burros não estavam a salvo, por vezes iam buscar um à corte e prendiam-no à *gramalheira* do sino da igreja ou das capelas e punham-lhe um molho de erva para ele se baixar a comer e assim tocar o sino.

Em Beça e Vilarinho da Mó, por altura do S. Pedro também era hábito fazer um S. Pedro em palha, vestiam-no e colocavam-no junto ao principal tanque da aldeia com uma cana (por vezes com uma sardinha na ponta) a pescar.

Por altura do fim do ano, em grande parte dos aglomerados do concelho, é hábito acenderem-se grandes fogueiras, no largo principal de cada uma das aldeias, são as fogueiras de Natal, ou Canhotos de Natal, como em algumas aldeias lhe chamam, reacendidos por altura do Ano Novo e algumas também no Entrudo.

Em Bobadela, na noite da passagem de ano, lêem as *têmpras*, através da observação do fumo da fogueira, vêem de que lado sopra o vento, o que indica como irá ser o novo ano: Este/Sul - ano frio, Oeste/Norte – chuva. É à volta destas fogueiras, que a comunidade aldeã se reúne, num espírito de convívio e confraternidade, onde se renova o ciclo do tempo e se reproduzem as tradições populares.

A Matança do Porco

A *matança do porco* assume uma grande importância no ciclo anual das tarefas agrícolas e festivas, pois é simultaneamente uma tarefa produtiva e uma festa lúdica. A carne de porco é um dos alimentos base da gastronomia local, pelo que a *matança do porco* é vital para a economia familiar, assegurando grande parte das provisões de carne, além de constituir uma festa familiar e vicinal por excelência. A época da matança do porco decorre de Novembro a Janeiro, uma vez que o frio é um factor essencial para a conservação da carne.

Dada a importância que o porco assume na dieta alimentar dos agregados familiares exige especiais cuidados na sua criação e *ceva*, nomeadamente nos meses que antecedem a *matança*. Assim, as mulheres desvelam-se em mil cuidados no que se refere à sua alimentação que consiste fundamentalmente em alimentos produzidos localmente como centeio, batatas, couves e nabos. Tal é a preocupação constante que rodeia o *trato* deste animal que muitas vezes se prometem oferendas ao Santo António (Santo protector dos animais) para que o proteja das doenças e *males ruins*.

O dia da *matança* combina-se com antecedência. Convidam-se os familiares mais próximos, vizinhos e amigos que mais tarde retribuirão o convite por altura da *matança* dos seus porcos. Este aspecto insere a matança do porco no contexto da entreaajuda tão característica desta região. No dia que antecede a *matança* se aos homens compete o arranjo do espaço onde vai decorrer a *matança do porco* e a loja onde serão dependurados depois de mortos, às mulheres compete toda a azáfama dos restantes preparativos: preparar os alguidares e restantes utensílios utilizados no decorrer da matança do porco. No final desse dia *não se deita comida aos porcos para as tripas estarem limpas*.

Todas as matanças são tristes, mas o dia da matança do porco é uma festa de comida, alegria e convívio. Como que um funeral invertido onde se celebra a morte, que garante o armazenamento de um alimento essencial para a subsistência.

Esse dia é especialmente trabalhoso para as mulheres da casa, vale nesses apertos a ajuda de familiares e vizinhas que *dão uma mãozinha*. Mais tarde essa ajuda será retribuída quando fizerem a matança dos

seus porcos. Numa azáfama constante as mulheres preparam a *parva* ou *mata-bicho* para forrar o estômago aos *convivas*. Dispõem na mesa da cozinha um repasto variado (pão, queijo, carne, pataniscas de bacalhau, sopa, etc.) onde não falta o vinho e a aguardente *para empurrar a comida e aquecer o corpo*.

Terminada esta refeição matinal, os *convivas* dirigem-se para junto da corte onde se encontram os porcos, *ajeitam-se as ferramentas* (o banco de madeira, as facas), *arregaçam as mangas* e dão início à *festa*. Enquanto um homem guarda a porta para não deixar fugir os animais, os restantes entram na corte agarram um porco e levam-no até ao *altar do sacrifício*, o banco onde será morto. Quando junto às cortes existem pátios fechados, soltam os animais para fora da corte e é ver os homens a correr atrás deles tentando apanhá-los, um agarra um perna, outro o rabo, outro as orelhas e o focinho até que finalmente capturam o animal e o matam. Entre estes *convivas* é ao *sangrador* que cabe o papel de *mestre de cerimónias* e imolar o animal, uma mulher acompanha o desenrolar da matança e apara o sangue para um alguidar.

Enquanto isso, em casa, as restantes mulheres preparam o almoço da festa, dividindo as tarefas *“uma tira o testo, outra mete a colher e outra deita o sal”*. A mulher que recolheu o sangue regressa a casa com o alguidar, mexendo-o para evitar que coagule e prepara o *sarrabulho*. Este *petisco* muito apreciado nas terras do concelho, consiste no sangue cozido temperado com sal e que depois é servido partido aos pedaços com cebola cortada às rodelas ou alho cortado aos bocadinhos e temperado com azeite.

Depois de mortos, os porcos são *chamuscados* (queimam-lhe o pelo), outrora com palha, carquejas ou giestas, agora utilizam um maçarico a gás e raspam a pele com uma faca ou lâmina. Em seguida lavam-nos com água, sabão, esfregam muito bem a pele e deitam água para limpar todas as impurezas que possa ter. Depois abrem os porcos e retiram-lhes as entranhas. Mais tarde as mulheres *estremam* as tripas (retiram a gordura que as envolve, utilizando-a posteriormente para fazer rojões).

Todo este processo decorre em alegre *cavaqueira* entre os *convivas*, mas foi grande o esforço exigido e é altura de recuperar energias. Uma mulher leva o sarrabulho, pão, vinho e coloca um pano sobre o

porco, que se encontra em cima do banco, servindo de mesa onde é colocada a travessa com o sarrabulho para os *convivas* comerem.

Recuperadas as forças e com o estômago mais aconchegado, pegam nos porcos, levam-nos para os baixos da casa onde os penduram e deixando-os assim um ou dois dias. Mesa de festa, mesa farta. O almoço é um autêntico banquete onde a tradição manda que se coma essencialmente carne do porco que se matou. Além do sarrabulho comem fígado frito, coração frito e rojões da costela. A esta junta-se um pouco da carne do porco que se matou no ano anterior, é sinal de *bom governo da casa*. Há ainda quem faça também um cozido com vitela, chouriça e frango. Como acompanhamento costuma fazer-se arroz e batatas. A este repasto não faltam muitas e variadas sobremesas: aletria, pão-de-ló, rabanadas,

etc. Todavia, na freguesia de Fiães do Tâmega a refeição mais importante, de comemoração, é a refeição da noite, a *ceia da matança*, onde além dos manjares mencionados se come também o peito do porco que se matou, cozido.

Após o almoço, os homens *entretêm-se* a jogar às cartas e depois vão tratar do gado. Por seu lado as mulheres dividem as tarefas entre si, enquanto umas ficam a lavar a louça e arrumar a cozinha, as outras vão lavar as tripas, consoante as aldeias lavam-nas nos rios, corgos ou lavadouros, construídos para o efeito. Depois de lavadas, as tripas são envoltas em sal e conservam-se assim até ao dia em que se fizer o fumeiro.



FIG. 118 - DEPOIS DE LIMPO, RETIRAM-SE AS ENTRANHAS DO PORCO

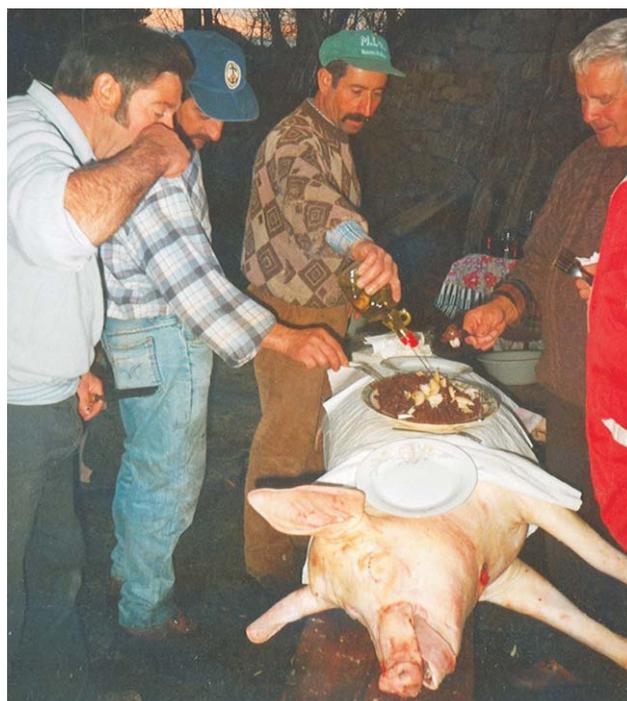


FIG. 119 - AÍNDÁ HÁ A TRADIÇÃO DE COMER O SARRABULHO EM CIMA DO

O Fumeiro e a Carne Fumada

No dia seguinte, ou dois dias depois da *matança*, nas terras mais quentes, desmancha-se o porco e a carne é separada consoante a sua finalidade: a carne para afumar e a carne para o fumeiro. A carne para afumar é colocada numa salgadeira, cada peça é envolta numa generosa camada de sal, ficando assim aproximadamente um mês, findo o qual é pendurada, na cozinha da casa, a *afumar*. Por seu lado, a carne para o fumeiro é cortada aos bocadinhos, colocada em alguidares e temperada com vinho (maduro, verde ou mistura de ambos, há também quem misture vinho e água), alho picado e sal. Fica de sorça, em *vinho e alho*, vários dias (entre quatro a oito dias, depende da aldeia), ao longo dos quais necessita ser mexida, para melhor tomar o gosto dessa calda e rectificar os temperos, se necessário. A carne para os salpicões, dado que são grandes pedaços, necessita ficar mais dias em *vinho e alho* para *tomar o gosto do tempero*.

No dia em que se faz o fumeiro, a dona da casa convida algumas mulheres (familiares próximas, amigas e vizinhas) para a auxiliarem nessa tarefa. Deita-se pimentão doce na carne (*colorau*) e algum alho fresco e *enfunila-se* a carne nas tripas, previamente passadas por água. Depois, o fumeiro é dependurado, atado em lareiros, e colocado a *afumar* ao calor das lareiras das cozinhas.

Nas aldeias do concelho, continua a fazer-se o fumeiro tradicional, onde se destacam, as linguças (chouriças de carne), as chouriças de farinha (*farinhotas* ou *farinheiras*), os chouriços de carne ou de massa, o salpicão e as assaduras. Também costumam fazer alheiras. O fumeiro desta região é de excelente qualidade, que resulta não apenas do saber fazer local, mas também das características do clima, onde os rigores do Inverno desempenham um papel fundamental, e da utilização da lenha de urze (torgos) durante a secagem.

Assim, à semelhança de outrora, a *matança* do porco continua a ser uma tradição que anualmente se renova, mantendo-se as práticas tradicionais na confecção do fumeiro e no amanho das carnes o que lhe confere um elevado nível que qualidade e sabor. O porco continua a ser um produto base na alimentação da população local, mas para além da produção destes bens alimentares para auto consumo, hoje também se faz fumeiro tradicional para vender na Feira Gastronómica do Porco, em Boticas, promovida anualmente pela Autarquia. Devido à crescente procura que estes produtos têm registado, salientando que a maioria deles detém a designação IG, algumas *casas* criam e matam mais porcos do que antigamente.

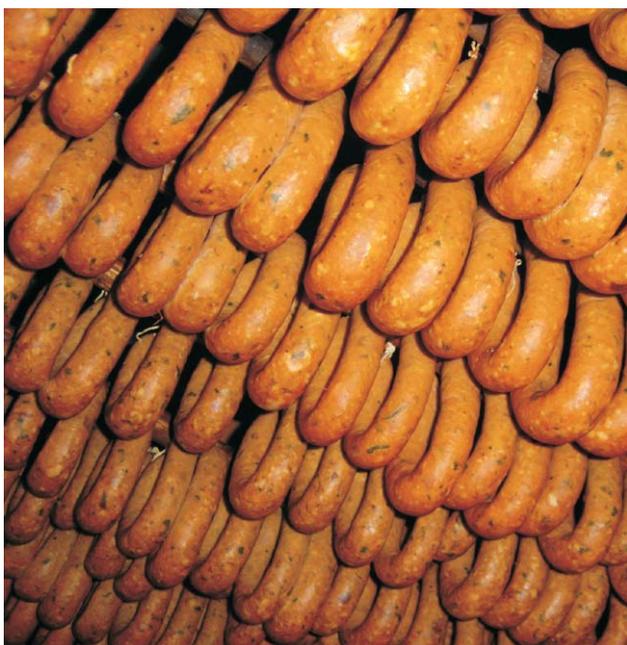


FIG. 120 - AS ALHEIRAS E AS CHOURIÇAS DE CARNE (LINGUIÇAS) FAZEM PARTE DO FUMEIRO TRADICIONAL DO CONCELHO

As Feiras

Mensalmente realizam-se duas feiras em Boticas, nos dias 10 e 20, excepto quando estes dias coincidem com o fim-de-semana ou feriado, passando então a realizar-se no dia útil imediatamente a seguir. Existe um espaço criado para o efeito, localmente designado como “Campo da Feira”, de fáceis acessos e com variados locais de estacionamento nas zonas envolventes.

Também em Ardãos se realiza uma feira mensal, que tem lugar no primeiro sábado de cada mês, no principal largo da aldeia, o Largo do Souto.

Para além das feiras mensais, realiza-se todos os anos, no dia 10 de Novembro, em Boticas, a Feira dos Santos. Esta é a maior feira do ano, quer em termos do número de comerciantes/vendedores que nela participam, quer em termos de afluência de pessoas.

Festas e Romarias

São várias as festas e romarias que se realizam, ao longo do ano, no concelho. Observando o quadro VII, verificamos que, aquilo que genericamente designamos como Festas e Romarias, assume, na prática, uma variedade de formas: refeição comunitária, ou apenas distribuição de pão e vinho aos fiéis; celebração religiosa, geralmente seguida de procissão com a imagem do (a) Santo (a) à volta da igreja/capela; celebração religiosa seguida de uma procissão com vários andores e uma forte componente profana, com arraiais populares; ou festas que geralmente se resumem a celebrações religiosas, mas que em determinados anos são também organizados arraiais populares.

As refeições comunitárias, e as festas em que se distribui pão e vinho, realizam-se em pleno Inverno, em Janeiro em honra de S. Sebastião (Alturas do Barroso, Atilhó, Cerdedo, Vila Grande e Viveiro), em Fevereiro, em honra de S. Brás (Beça). Excepto a Festa do Carolo de Santo António, em Covas do Barroso, que se realiza em plena Primavera.

É no fim da Primavera e durante o Verão que se realiza a grande maioria das festividades, geralmente em honra do patrono de cada uma das localidades.

Grandes partes das festividades que se realizam no mês de Junho são dedicadas ao Santo António,

Santo protector dos animais. Estas, consistem na celebração de uma missa, em honra desse Santo, no final da qual se procede ao leilão das oferendas dos fiéis, revertendo o dinheiro para o Santo. Em Atilhó à celebração religiosa, segue-se a bênção do gado.

O mês de Agosto é aquele em que mais festas e romarias se realizam. O factor que mais contribui para isto é, sem dúvida, o regresso dos emigrantes, que por esta altura enchem as aldeias de vida e alegria. Em muitas aldeias assistiu-se à “deslocação” das festas, em vez de se realizarem no dia da celebração do respectivo Santo, assinalam esse dia com uma missa e realizam a festa neste mês, pois são os emigrantes quem mais contribui para a sua realização. É nesta altura do ano, quando já se realizou uma parte significativa das colheitas (feno e centeio), que a comunidade se junta e celebra. A grande maioria das festas, que por esta altura se realizam, tem uma forte componente profana com múltiplos e variados arraiais populares.

No que se refere à temática das festas e romarias, dois aspectos merecem especial atenção. É, geralmente, nas sedes de freguesia, onde há mais residentes, que mais festas e romarias se realizam. Por outro lado, nos aglomerados que se encontram quase desabitados, não se realiza qualquer tipo de

As Feiras

Mensalmente realizam-se duas feiras em Boticas, nos dias 10 e 20, excepto quando estes dias coincidem com o fim-de-semana ou feriado, passando então a realizar-se no dia útil imediatamente a seguir. Existe um espaço criado para o efeito, localmente designado como “Campo da Feira”, de fáceis acessos e com variados locais de estacionamento nas zonas envolventes.

Também em Ardãos se realiza uma feira mensal, que tem lugar no primeiro sábado de cada mês, no principal largo da aldeia, o Largo do Souto.

Para além das feiras mensais, realiza-se todos os anos, no dia 10 de Novembro, em Boticas, a Feira dos Santos. Esta é a maior feira do ano, quer em termos do número de comerciantes/vendedores que nela participam, quer em termos de afluência de pessoas.

Festas e Romarias

São várias as festas e romarias que se realizam, ao longo do ano, no concelho. Observando o quadro VII, verificamos que, aquilo que genericamente designamos como Festas e Romarias, assume, na prática, uma variedade de formas: refeição comunitária, ou apenas distribuição de pão e vinho aos fiéis; celebração religiosa, geralmente seguida de procissão com a imagem do (a) Santo (a) à volta da igreja/capela; celebração religiosa seguida de uma procissão com vários andores e uma forte componente profana, com arraiais populares; ou festas que geralmente se resumem a celebrações religiosas, mas que em determinados anos são também organizados arraiais populares.

As refeições comunitárias, e as festas em que se distribui pão e vinho, realizam-se em pleno Inverno, em Janeiro em honra de S. Sebastião (Alturas do Barroso, Atilhó, Cerdedo, Vila Grande e Viveiro), em Fevereiro, em honra de S. Brás (Beça). Excepto a Festa do Carolo de Santo António, em Covas do Barroso, que se realiza em plena Primavera.

É no fim da Primavera e durante o Verão que se realiza a grande maioria das festividades, geralmente em honra do patrono de cada uma das localidades.

Grandes partes das festividades que se realizam no mês de Junho são dedicadas ao Santo António,

Santo protector dos animais. Estas, consistem na celebração de uma missa, em honra desse Santo, no final da qual se procede ao leilão das oferendas dos fiéis, revertendo o dinheiro para o Santo. Em Atilhó à celebração religiosa, segue-se a bênção do gado.

O mês de Agosto é aquele em que mais festas e romarias se realizam. O factor que mais contribui para isto é, sem dúvida, o regresso dos emigrantes, que por esta altura enchem as aldeias de vida e alegria. Em muitas aldeias assistiu-se à “deslocação” das festas, em vez de se realizarem no dia da celebração do respectivo Santo, assinalam esse dia com uma missa e realizam a festa neste mês, pois são os emigrantes quem mais contribui para a sua realização. É nesta altura do ano, quando já se realizou uma parte significativa das colheitas (feno e centeio), que a comunidade se junta e celebra. A grande maioria das festas, que por esta altura se realizam, tem uma forte componente profana com múltiplos e variados arraiais populares.

No que se refere à temática das festas e romarias, dois aspectos merecem especial atenção. É, geralmente, nas sedes de freguesia, onde há mais residentes, que mais festas e romarias se realizam. Por outro lado, nos aglomerados que se encontram quase desabitados, não se realiza qualquer tipo de

Localidades	Festas e Romarias											
	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Ser.	Out.	Nov.	Dez.
Alburnas do Barroso												
A Ilhé												
Alarinho Seco												
Ardões												
Beça												
Envalhelhas												
Lavosdas												
Mimos de Beça												
Portal Novo												
Quilobas												
Seiões												
Tenazes												
Alarinho da Mò												
Bobadela												
Boqueirão												
Euro												
Ruficas												
Sangambado												
Casas da Serca												
Cerdedo												
Cimões												
Covelo da Monte												
Vitelo												
Codessau												
Saerenga												
Covas do Barroso												
Muro												
Remainhe												
Arriço da Curvas												
Curvas												
Mu-lenda												
Alago												
Casal												
Esportiza												
Gestosa												
Lousas												
Via Pequena												
Via Grande (Dornelas)												
Fiões do Tâmega												
Vaca												
Granja												
Ventuzelos												
Pinho												
Valega												
Schrocelo												
Agrelho												
Bestafrio												
Compas												
S. S. do Vinheiro												
Sapões												
Sapiões												
Cavallu												
Vilar												

	Refeições Comunitárias
	Distribuição de Pão (e Vinho)
	Celebrações Religiosas
	Festas e Romarias
	Celebrações Religiosas, alguns anos com realização de Festa

QUADRO VII - CALENDÁRIO DAS FESTAS E ROMARIAS DO CONCELHO

Festa de S. Sebastião em Alturas do Barroso

Em Alturas do Barroso realiza-se anualmente, no dia 20 de Janeiro, a Festa em honra de S. Sebastião. Reza a lenda que esta festa se começou a fazer por causa de uma peste que há muitos anos atrás matou muito gado. Prometeram então, os habitantes da aldeia, festejar anualmente o S. Sebastião, advogado contra a fome e a peste.

Esta festa é organizada por mordomos (4 ou 5 vizinhos) num sistema de rotatividade pelas casas da aldeia. Antigamente, era hábito darem pão e vinho para as pessoas comerem. Há, aproximadamente, 15 anos começaram também a oferecer feijoada ao final da tarde e desde então para cá a sua dimensão e a sua fama tem vindo a crescer.

Antes da realização da festa, os mordomos andam pela aldeia a recolher a contribuição que cada uma das casas queira oferecer, desde o fumeiro à carne de porco (pé e peito) e dinheiro com o qual se compram vários alimentos como arroz, feijão, pão e vinho.

Os preparativos para a festa começam uma semana antes. Preparam-se as loiças, o espaço, a lenha e a comida. No dia 20, ainda de madrugada, na ampla sala

do edifício da sede de Junta de Freguesia, numa lareira construída para o efeito, começa a confeccionar-se a refeição comunitária que consistirá em feijoada, arroz, pão e vinho.

De manhã, por volta das 10:30h realiza-se uma missa em honra de S. Sebastião, no final da qual se faz uma procissão, com o andor de S. Sebastião a desfilar pelas principais ruas da aldeia até ao local da festa. Entoam-se cânticos e orações pedindo a protecção do Santo ou agradecendo pelas benesses concedidas. Chegados ao local da festa, o padre procede à bênção da comida, em especial do pão que mais tarde vai ser distribuído pelos fiéis “... *que depois o comem ou o dão aos animais para ficarem livres de doenças*”. O andor com o Santo é colocado numa mesa à entrada da sala, onde, como patrono, preside à refeição.

Depois inicia-se a refeição comunitária. À entrada da sala os mordomos pedem esmolas às pessoas que, em fila, aguardam a sua vez de entrar. Cada um que lá vai tem direito a um prato de feijoada, a pão e vinho. Também há broas a vender.



FIG. 121 - PROCISSÃO DA FESTA DE S. SEBASTIÃO EM ALTURAS DO BARROSO

Festa de S. Sebastião em Cerdedo

A Festa em honra de S. Sebastião, a 20 de Janeiro, em Cerdedo, é muito antiga, como o certifica o Abade em 1758, e caracteriza-se pela sua dimensão intimista. Mantém as características genuínas de uma manifestação religiosa comunitária onde praticamente só os moradores da freguesia e alguns dos seus “filhos” emigrados que por essa altura vêm à terra venerar o Santo e cumprir com os seus votos, se juntam pelas oito da manhã na igreja em torno do pároco para celebrar a missa da festa. Após esta, parte em cortejo processional em direcção à casa do Juiz. Este, com o Santo no regaço, segue atrás da cruz, acompanhado por todos. O pároco, uma vez chegado, benze e abençoa sucessivamente o pão, a carne e o vinho, delicadamente expostos em cestos e tabuleiros, sob a presença do Santo venerado.

Cá fora, no logradouro da casa ou na eira, dispõe-se a mesa coberta com toalha branca e na cabeceira, numa outra mesa pequena, coloca-se o São Sebastião que vai presidir à refeição comunitária.

A mulher do mordomo aparece com tabuleiros de pão cortado em fatias, logo atrás surgem as vizinhas com travessas de carne de porco (peito) cortada em bocados. E, num movimento rápido e partilhado, um traz o vinho, outro os copos, outro os guardanapos de papel. Entretanto os devotos iniciam a refeição. Equipados com uma navalha ou uma faca pegam numa fatia de pão centeio, um pedaço de carne e vão degustando enquanto se trocam opiniões sobre o quotidiano da aldeia. Um ou outro vai entretanto pagar a esmola ao Santo que, alheio a tal burburinho, vela pelos seus devotos. Animam-se os comensais e vai-se terminando a refeição com um pouco de aguardente ou vinho do Porto, mimos com que o mordomo não deixa de presentear os seus concidadãos e amigos. Ao lado de grandes cestos de carvalho é doado a cada romeiro um quarto de broa (cerca de um quilo) que, em casa, será partilhado por toda a família e até animais. O pão santo – a mezinha – ajudará a proteger todos aqueles que o comem.

É hora do Leilão e o Sr. Gomes, que ambiciona ter quem lhe suceda em tarefa tão nobre e também tão alegre, lá sobe as escadas até ao pátio para do alto “cantar” o lanço mais alto para um peito de porco, uma orelheira ou meia dúzia de chouriças. Faz isto há



FIG. 122 - IMAGEM DE S. SEBASTIÃO DE CERDEDO NO REGAÇO DO MORDOMO

mais de vinte anos. As broas de centeio, enormes, são licitadas avidamente, com alegres escaramuças, pela cerca de meia centena de convivas e devotos, todos irmanados no continuar da tradição.

Festa de S. Sebastião em Vila Grande (Dornelas)

Todos os anos, no dia 20 de Janeiro, realiza-se aquela que é umas das mais importantes festas de cariz comunitário: a **Mezi-de S. Sebastião** ou a Festa das Papas, como era inicialmente conhecida. As origens desta festa perdem-se nos tempos. Diz a memória popular que, aquando da segunda invasão francesa, em 1809, comandada pelo general Soult, o povo de Vila Grande avisitou os soldados a passar numa estrada, a estrada velha, perto das aldeias do Couto de Dornelas e sabendo que *por onde passavam, saqueavam tudo*, imploraram a protecção divina. Pegaram na imagem de S. Sebastião, saíram com ele à rua, levaram-no até à torre da igreja e prometeram ao Santo que todos os anos realizariam uma festa em sua honra se as tropas não descessem até às aldeias. Eis que o milagre se deu, caiu uma grande nevada e as tropas passaram ao largo das aldeias e o povo, agradecido, cumpriu a promessa. Existe também outra lenda de que esta festa se começou a fazer depois de uma grande peste que matou muitos animais na freguesia. Desesperadas, as pessoas pediram protecção ao Santo, prometeram-lhe que todos os anos fariam a festa em sua honra se os livrasse de tão terrível maleita. Feito o milagre, o povo cumpriu a sua promessa. Certo ano faltaram ao prometido e não celebraram a festa, contam que por causa disso *deu uma moléstia nas patas dos animais* e, nesse ano, não os puderam utilizar para os trabalhos agrícolas. Em desespero de causa, arrependidos pelo incumprimento da promessa, imploraram novamente a protecção ao Santo e desde então para cá a festa tem-se realizado no dia 20 de Janeiro de cada ano.

A organização desta festa, refeição comunitária, está a cargo dos mordomos, inicialmente os 9 maiores lavradores da aldeia de Vila Grande, os que tinham mais posses, num sistema de rotatividade entre eles.

São os mordomos, com a ajuda de familiares e amigos, que arranjam e preparam a comida servida na refeição comunitária (pão, carne e arroz). Dada a dimensão desta festa, tudo tem que ser preparado com muita antecedência. Por altura do Natal, andam pelas casas das aldeias da freguesia a recolher os cereais (centeio e milho) para fazer

as broas. Em Janeiro, recolhem os restantes donativos: carne de porco (essencialmente peito e queixadas) e dinheiro para comprar o arroz.

Além de procederem à recolha destes produtos, arranjam lenha para cozerem as broas e para cozerem os alimentos; e procedem à moagem dos cereais em dois moinhos locais.

A comida é confeccionada na “Casa do Santo”. Esta casa, construída para o efeito com o apoio da Câmara Municipal, tem uma cozinha com uma lareira, um forno grande, uma amassadeira eléctrica e uma sala para armazenar as broas.

Durante cerca de cinco dias e cinco noites cozem as centenas de broas que vão ser distribuídas ou vendidas no decorrer da festa. No dia 19, à meia-noite, acendem o lume na lareira da “Casa do Santo”, à volta do qual dispõem mais de 20 potes de ferro com a carne partida aos bocados, a cozer. No dia 20, assim que toca o sino para a missa, colocam-se os potes com o arroz a cozer.

Finda a missa, seguem em procissão com o Santo até à “Casa do Santo”, onde o padre procede à bênção do pão, da carne e do arroz.

Pode então iniciar-se a distribuição da comida. Na principal rua da aldeia, ao longo de centenas de metros, estão colocados os bancos de madeira, cobertos com alvas toalhas de linho – a mesa – onde, de vara em vara, será colocada a comida: broa e dois pratos de madeira, um com carne outro com arroz.

Esta refeição é para todas as pessoas que a ela acorram. Pratos e talheres cada um leva os seus, assim como a bebida para acompanhar tão salutarres alimentos. Entretanto, o mordomo percorre a mesa dando o S. Sebastião a beijar e recolhendo as dádivas que cadaromeiro queira oferecer ao Santo.

Dizem que, por ser benzida, esta comida tem propriedades curativas; de tal forma que as broas podem-se guardar muito tempo que não criam bolor. Tais são os benefícios que lhe são atribuídos, que muitos são os que levam pedaços, senão mesmo broas inteiras, para casa, para comer ou dar aos animais para que não padeçam de *maleita* nenhuma.



FIG. 123 - A MEZINHA DE S. SEBASTIÃO, EM VILA GRANDE (DORNELAS)

Festa de S. Sebastião em Viveiro (S. Salvador de Viveiro)

A celebração ao S. Sebastião em Viveiro não tem uma data fixa pois a sua realização depende da disponibilidade do pároco. Esta festa conta com a presença das pessoas da aldeia a quem é distribuído pão e vinho.

É cada uma das casas da aldeia que, num sistema de rotatividade, anualmente organiza a compra e

distribuição do pão e do vinho, ou seja, é o mordomo que compra o pão e o vinho com que enche o *pipo da festa*, um *pipo* que anda à roda pelos mordomos.

Nesse dia celebram uma missa e sermão em honra de S. Sebastião. Finda a missa juntam-se no largo e procedem à distribuição do pão e do vinho entre os fiéis.

As Festas do Corpo de Deus

O Corpo de Deus em Boticas

Festa religiosa que envolve toda a comunidade. Assinala-se esse dia com a celebração de uma Eucaristia, seguida de uma majestosa procissão pelas principais ruas da vila, sede de concelho, onde previamente as mulheres colocaram um tapete de verdes e flores. O largo frente à Igreja de Nossa Senhora da Livração é delicadamente decorado com pétalas de flores, formando variados símbolos religiosos.

O Corpo de Deus em Granja

Mais do que um feriado é considerado um dia Santo em que não é permitido realizar qualquer trabalho nos campos.

Nesse dia celebra-se uma missa, seguida de procissão pelas ruas da aldeia, previamente decoradas com

um tapete de verdes e flores.

O Corpo de Deus em Sapiãos

Nesse dia, as mulheres enfeitam as principais ruas da aldeia, onde mais tarde irá passar a procissão, com um tapete formado por rosmaninho, giestas e pétalas de flores.

Assinala-se este dia com uma missa, sermão e procissão com o “Corpo de Deus”, acompanhada por uma banda de música.

Para além desta componente religiosa, a festa tem também uma componente profana com conjuntos que animam a noite num arraial popular, a que não falta também o tradicional festival de fogo de artifício.



FIG. 124 - AS FESTAS DO CORPO DE DEUS DE BOTICAS E DE SAPIÃOS

Festa do Senhor do Monte – Pinho

Esta festa realiza-se anualmente no último domingo de Julho, no Santuário do Senhor do Monte em Pinho. Localizado na Serra do Facho, é um dos maiores santuários do Concelho, tem uma igreja com duas torres, a casa dos andores, e à volta uma vasta zona de pinheiros e um espaço para merendas.

Conta a lenda, perpetuada pela tradição oral, que *no tempo de antigamente não havia lá nada, apenas um caminho por onde passavam os almocreves que tudo comerciavam. O espaço onde hoje está localizado o Santuário era local de descanso onde costumavam parar e onde se encontrava um nicho onde os almocreves colocavam uma esmola apelando à protecção divina que os protegesse dos ladrões.* Até que um dia, segundo a lenda, apareceu nesse sítio, em cima de um monte de pedras onde ainda hoje se podem ver as pegadas, o Senhor do Monte. *As gentes da terra pegaram no Santo e levaram-no para a Igreja de Pinho, mas o Santo teimava em aparecer no mesmo lugar. Até que as pessoas se renderam à sua vontade e construíram uma capelinha junto ao lugar onde ele apareceu e no monte de pedras colocaram uma cruz.* Com o passar do tempo o dinheiro das esmolas foi sendo cada vez mais. Tal fama de protector conquistou, que construíram uma igreja em pedra, *carrada em carros de bois* pelos lavra-

dores das aldeias da freguesia.

É considerado o protector dos animais e em sua honra realiza-se anualmente esta festa. Manda a tradição que no sábado, dia reservado à bênção dos animais, os lavradores levem o gado até ao Santuário e com ele dêem três voltas à igreja. Muitos são os percorrem longas distâncias, não só do concelho, mas também de concelhos vizinhos, outrora a pé, agora em carrinhas, para levarem os seus animais até ao santuário em busca da protecção do Santo. Nesse dia, dizem os fiéis, apesar da grande concentração de animais nesse espaço, não se vê uma mosca no pinhal. As esmolas das promessas ou agradecimentos pela protecção ou benesse recebida costumavam ser dadas em centeio, mas agora costumam dar dinheiro. No domingo o santuário enche-se de fiéis para assistirem à celebração religiosa e à majestosa procissão com diversos andores, que se realiza em volta do Santuário, acompanhada por várias bandas musicais. Depois, a festa prossegue, animada por um conjunto. Muitos são os que trazem merendas de casa e aproveitam para almoçar no recinto.

A esta festa acorrem também muitos vendedores ambulantes com os mais diversos produtos.



FIG. 125 - FESTA DO SENHOR DO MONTE

Festa do Divino Salvador do Mundo ou S. Salvador do Mundo

Realiza-se no início de Agosto junto ao santuário do Divino Salvador do Mundo em Viveiro. Manda a tradição que esta festa, que é a maior festa da freguesia e uma das maiores do concelho, se realize no dia 6 de Agosto se coincidir num domingo. Caso contrário celebra-se no domingo a seguir ao dia 6.

O Divino Salvador do Mundo é o protector dos animais, pelo que, no dia da festa (ou no dia antes), os lavradores levam o gado para a “bênção do gado”

(ver pág. 123) e com ele andam à volta da igreja para que os proteja das *maleitas* ou em agradecimento a benesses recebidas. Manda a tradição que estas voltas constituam uma novena (9 voltas) ou então 3 ou 6 voltas.

Nesse dia celebram uma missa e fazem uma procissão com 7 andores acompanhada por uma banda musical. Procede-se também ao leilão das oferendas. À noite a festa continua, na aldeia, num animado arraial popular a que não falta também o tradicional

Festa de Nossa Senhora da Livração - Boticas



FIG. 126 - PROCISSÃO DA FESTA EM HONRA DE NOSSA SENHORA DA LIVRAÇÃO

As tradicionais festividades em honra de Nossa Senhora da Livração, que anualmente se realizam no terceiro fim-de-semana de Agosto, trazem à vila de Boticas milhares deromeiros, atraídos pelas celebrações religiosas, e foliões, mais interessados em assistir aos espectáculos musicais e ao reputado espectáculo com fogo de artifício aéreo, preso e aquático.

Figura emblemática associada a esta festa é a enorme imagem de S. Cristóvão colocada no meio do Ribeiro do Fontão.

Na sexta-feira, antecipando a festa, realizam-se diversos jogos populares e as famosas *chegas de bois* que atraem centenas de adeptos.

No sábado, o dia mais importante para osromei-

ros, celebra-se a missa na igreja de Nossa Senhora da Livração e em seguida faz-se a majestosa procissão com vários andores, acompanhada por duas bandas musicais, fanfarra, cavalaria da GNR e milhares de fiéis que preenchem todo o percurso da mesma. À noite dois conjuntos animam a festa no largo da Livração. A festa encerra com uma monumental descarga de fogo de artifício, espectáculo único nesta região, quer pela sua dimensão, quer pela sua duração e variedade.

No Domingo, dia dedicado aos foliões, decorre mais uma edição do Festival Internacional de Folclore, que conta com vários ranchos folclóricos locais, nacionais e estrangeiros. À noite a festa prossegue com um conjunto.

O Ciclo da Vida - O Nascimento

O nascimento, um dos momentos mais importantes no ciclo da vida, afecta não apenas o núcleo familiar onde decorre, mas também todo o conjunto de redes sociais que o envolve. Celebrado com uma alegria transbordante, é a promessa de perpetuação da família e de todo o património que lhe está associado.

Intrinsecamente associada ao nascimento, está a gravidez. O *mistério da gestação* coloca a mulher num estádio muitas vezes ligado ao sobrenatural, sendo encarada pela sociedade com um misto de receio e respeito pela sua condição de grávida.

Nesta região encontram-se diversas crenças associadas à gravidez: À mulher grávida não se deve recusar nada do que ela pedir de forma a evitar possíveis consequências nefastas para o bebé.

Durante o período de gestação, a mulher está sujeita a várias prescrições e proibições, deve evitar tocar determinadas coisas e cheirar as flores muito perto para que a criança não nasça com manchas vermelhas na pele. Existem também outras crenças que relacionam, directamente, o pão com a gravidez e o parto. A mulher grávida quando tira o pão do forno não deve tirar dois pães de cada vez, senão pode vir a ter gémeos; quando faz os folares, não deve colocá-los no forno atravessados porque pode ter problemas na altura do parto, ou seja, a criança pode *atravessar-se* e não

conseguir nascer. Também a toalha estendida sobre o tendal pode ter influência no decorrer do parto. Existe a crença de que, depois de se meter o pão no forno, a toalha onde a massa foi colocada deve ser sacudida e arrumada para facilitar o parto de quem estiver *a parir*, pois diz-se que enquanto esta estiver estendida o bebé não nasce.

O nascimento é comemorado com muita alegria. Todavia, existia uma série de rituais e procedimentos que deviam ser observados para proteger a criança e a mãe. O ritual mais significativo era o primeiro banho, cuja água era peça fundamental para o futuro da criança. Findo o primeiro banho, deitava-se essa água à rua, apenas durante o dia, e era costume dizer-se “*Água a correr, menino (a) a crescer!*”. Em algumas aldeias, esta água tinha destinos diferentes dependendo do sexo da criança: se fosse *rapariga*, *a primeira água do banho deitava-se dentro de casa junto à lareira*, pois às mulheres compete a gestão doméstica; se fosse *rapaz*, *atirava-se com a água para a rua*, pois a rua é o domínio do homem.

Também era usual tomar providências para evitar os *males ruins*. Assim, em algumas aldeias colocavam *um cordãozinho de alho no pescoço da criança por causa do mau olhado*; noutras, logo após o nascimento, colocavam a criança no colo da mãe e sobre elas sete peças de roupa, incluindo a roupa da cama, para que nenhuma

O Namoro

Quando um *rapaz de fora* namorava com uma rapariga da aldeia tinha que *pagar o vinho aos da terra*, como indemnização simbólica por “roubar” a rapariga, considerada “propriedade” da aldeia. Se em algumas aldeias apenas pagavam *remeias* de vinho, noutras além do vinho

tinham que pagar também o equivalente à sua altura em pão e bacalhau; ou então, em vez de *pagar o vinho*, levavam-no até junto de um tanque e obrigavam-no a beber sete chapéus de água. Quem se recusasse a *pagar o vinho*, metiam-no na corte com o Boi do Povo como castigo, ou atiravam-no a um tanque da aldeia.

O Casamento



FIG. 127 - NOIVA CAMINHANDO SOBRE UM TAPETE DE FLORES

O casamento é considerado um dos mais importantes rituais de passagem. Uma das manifestações mais curiosas das bodas da região é descrita por Pinho Leal em 1874, sobre os casamentos em Covas de Barroso que ele descreve como “curiosíssimos, pela antiguidade que revelam”.

Na manhã da boda o noivo “com os seus” familiares, convidados e amigos dirigia-se à residência da noiva onde já os parentes dela estavam todos reunidos.

O noivo batia à porta várias vezes até que os parentes da noiva após conversa entre eles perguntavam:

- Quem é e o que quer?

O noivo respondia: - É (fulano) que aqui vem buscar

honra, gente e fazenda.

- Entre, que tudo encontrará.

Nessa altura, então, as raparigas ofereciam à noiva flores e doces de várias qualidades. Os noivos aceitavam provando os doces que depois eram distribuídos pelos padrinhos e pelos convidados.

Enquanto este cerimonial se desenrolava eram recitados (talvez cantados) versos mais ou menos elaborados conforme a veia criadora dos autores.

A tradição mais antiga era as raparigas oferecerem à noiva uma pomba e a noiva atava uma fita à cinta do noivo, mas nesta altura já tinha caído em desuso segundo descreve o autor.

Para além desta, existiam outras tradições como,



FIG. 128 - NOIVA SOBRE UM ARCO DE FLORES À ENTRADA DA SUA CASA

por exemplo, em Sapiãos, onde, no dia antes do casamento, o noivo ia com os seus amigos fazer uma serenata à noiva:

(...)
S'estás a dormir, acorda
Vem ouvir a serenata
Guitarras com cordas d'ouro
Trilhadas por mãos de prata
Dá-va-te o meu coração
Se o pudesse arrancar
Arrancando sei que morro
Morto não te posso amar
(...)

No dia do casamento as famílias iam ter a casa de cada um dos noivos. Depois, o noivo e a sua família iam a casa da noiva buscá-la para irem para a igreja. As raparigas que *fossem ainda virgens para o casamento*, consideradas pela comunidade como puras, levavam nesse dia um arco branco a acompanhá-las, os rapazes eram acompanhados por arcos de folhas verdes. Colocavam-se também arcos pela rua, desde a casa da noiva até à entrada da igreja. Depois, seguiam em

cortejo pela rua até à igreja, como nos descreveu um informante: “À frente ia a noiva com o padrinho debaixo do arco de flores brancas. A seguir, ia o noivo com a madrinha debaixo de um arco verde feito de arbustos e flores e atrás iam os restantes convidados. Entravam na igreja também por essa ordem, a noiva primeiro.”

Em Pinho, no dia antes do casamento, é costume juntar-se um grupo de rapazes e percorrem as ruas da aldeia a tocar buzinas aos noivos.

Em algumas aldeias, como Granja, Vilar e Espertina, ainda é costume juntarem-se as raparigas solteiras no dia do casamento bem cedo, fazem um arco para acompanhar a noiva à igreja e uma passeadeira de flores desde a sua casa até à igreja.

Adoptaram-se também novos hábitos, como por exemplo atirar arroz e flores aos noivos à saída da igreja, como votos de felicidades e abundância na nova vida que iniciam. Em algumas aldeias enquanto atiram arroz aos noivos, costumam dizer “*Eu deito arroz para vos abençoar, deito e torno a deitar e que seja a mulher em casa sempre a governar*”.

A Morte

O ciclo fecha-se com a morte, ritual de *separação* marcado pela tristeza e pela dor que atinge não apenas a família próxima, mas toda a comunidade. Existem toda uma série de rituais que preparam a transição para o *mundo do além*. É necessário preparar o corpo do morto, as melhores roupas e calçados como se estivessem a preparar o ente querido para uma viagem, *a última viagem*; procede-se aos preparativos do funeral e *vela-se* o corpo. Toda a comunidade se une nestes momentos, presta-se uma última homenagem *benzendo o morto* com água benta, orando e dando apoio aos familiares de luto.

A separação definitiva entre o morto e a comuni-

dade a que pertenceu dá-se com o final da missa de corpo presente, entregando-o em seguida àquela que será a sua *última morada*.

Nas aldeias do concelho, havia a tradição de distribuir pão e vinho às pessoas que iam aos funerais. A família do falecido *chamava mulheres para ajudarem e coziavam uma grande fornada de pão que depois distribuíam à saída do cemitério*. Hoje, essa tradição já quase desapareceu, apenas a família e as pessoas mais próximas se reúnem, para uma pequena refeição, onde, prestam apoio e fazem companhia aos enlutados.

Religião e Medicina Popular

Perante situações de crise, as populações locais recorrem, muitas vezes, ao divino, em busca de protecção e apoio. No concelho, assume especial importância o Santo António, protector dos animais, mediador das coisas perdidas, a quem as pessoas recorrem nas mais variadas situações.

Em algumas aldeias, é comum as pessoas pedirem a mediação do Santo, quando algo precioso se perde, como por exemplo, um animal ficar perdido no monte. A oração funciona nestas situações como o último, e muitas vezes o mais eficaz, recurso, simultaneamente, de protecção e ajuda. É habitual, as pessoas *responsarem* ao Santo António, o gado, ou um objecto perdido, ou a si e à sua família.

No território do concelho encontramos algumas variantes do *Responso de Santo António*, entre as quais se destacam estas duas:

I

Eu estou com Deus
Deus Nosso Senhor está comigo
Nosso Senhor é meu Pai
Nossa Senhora é minha Mãe
Os doze apóstolos são meus irmãos
E as santíssimas mãos
Para que o animal que desapareceu
Que não possa ser preso
Nem amarrado
Nem dos bichos degolado
Como foi Jesus no ventre de Maria
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria

II

Padre milagroso Santo António
Que em Lisboa foste nascido
Em Roma criado
Vosso pai libertastes
A vossa mãe guardastes
As coisas perdidas achastes
As esquecidas “alembraestes”
Rogo-vos ó glorioso Santo,
Pelo hábito que vestistes
Pelo cordão que cingistes
Missa nova que dissestes
Hóstia e cálice que levantastes

O senhor que nela achastes
Pelas treze horas em que o vosso coração re-
pousou

Ó Senhor perguntastes
Qual foi a dor que mais sentistes?
Foi a lançada que Languinhas me deu
Que me partiu o coração em três partes
Pelas ondas do mar que passastes
Para livrar o vosso pai Martinho de Bolhão
Da força de Lisboa
Vos peço que me guardeis,
Me livreis e me defendeis
A mim a à minha família
Pelo poder da Virgem Maria
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria

Também perante situações de perigo, como por exemplo as trovoadas, é vulgar as pessoas recorrerem à ajuda divina, nestes casos, a Santa Bárbara, para que os proteja do trovão e dos seus raios mortais. Encontram-se inúmeras variantes de orações que invocam a protecção desta Santa, durante as trovoadas, para que as leve para longe.

I

Senhora Santa Bárbara
No seu rosairinho pegou
P’ró caminho do céu caminhou.
Nosso Senhor lhe disse:
Babara, onde vás?
Senhor ó céu vou
Acomodar aqueles trobões
Qu’andam tão desacomodados
Levá-los p’ra onde não haja nem pão nem vinho,
Nem bafo de menino
Onde haja só três pedrinhas de sal
P’ra todo o mundo salvar.
Um Pai-Nosso c’uma Avé Maria.

II

Bárbara Virgem s’alevantou
No seu livrinho pegou,
Jesus encontrou,
Jesus lhe perguntou:
Donde vais Bárbara Virgem ?

Senhor ó céu me vou,
Abaixar as trovoadas
Qu'andam muito alevantadas.
Vai Bárbara Virgem, vai
Bota-as ò monte meirinho,
Onde não haja nem bafo de menino
Nem areias de sal
Nem coisa que faça mal.
Amén.”
Um Pai-Nosso e uma Salve Rainha

III

“São Girónimo, Santa Bárbara bendita
Que no céu esteja escrita
Com o seu raminho na mão
Que nos livre do trovão”

IV

“Santa Bárbara se vestiu e se calçou
Suas santas mãos lavou
O seu rosairinho pegou
E Jesus Cristo encontrou
Lhe perguntou: donde vais Bárbara?
Ao céu vou
Pois vai Bárbara deitar essas trovoadas
Onde não haja pão nem vinho
Nem bafo de menino
Nem eira nem beira
Nem ramo de figueira
Uma serpente com vinte e quatro filhos
Não tem nada que lhe dar
trovões e areias do mar.”

V

“Santa Bárbara se vestiu e se calçou
Suas santas mãos lavou
O seu rosairinho pegou
E Jesus Cristo encontrou
Lhe perguntou: donde vais Bárbara?
Ao céu vou
Ó Gerês, ó Gerês
Aqui vai a tua rês
Sant’Ana pariu Maria
Maria pariu Jesus
Assim nos Salve ò meu Jesus.”

VI

Santa Bárbara bendita
Que no céu está escrita

Em papel e água benta
Vai pedir ao Senhor
Que nos livre da tormenta

VII

Donde vais barborinha
Convosco vou
Levantar as trovoadas
Qu'andam muito exaltadas
Leva-las ao mar meirinho
Donde não há pão nem vinho
Nem bafo de menino
Pela graça de Deus e da Virgem Maria um
Pai-Nosso e uma Avé-Maria.

As Ervas Mediciniais e as Mezinhas

As características físicas do território moldaram as vivências das populações locais que aprenderam, ao longo de séculos, a retirar da natureza tudo o que precisavam para a sua sobrevivência.

As populações montanhesas aprenderam a utilizar a natureza como aliada na resolução de problemas de saúde. Às ervas, foram atribuídas diferentes propriedades curativas, consoante as quais eram utilizadas para chás ou remédios caseiros, *as mezinhas*.

Diz a sabedoria popular, que as ervas medicinais devem ser recolhidas no mês de S. João (Junho), de manhã cedo, antes do nascer do sol e devem ser colocadas a secar à sombra.

São várias a ervas cuja utilidade medicinal é sobejamente conhecida na região.

Abretónia ou abretónica – para as dores, em especial a dor de barriga.

Alecrim – bom para os animais doentes. As suas folhas são boas para fazer emplastos e colocar encima do sítio onde dói ou que está infectado.

Baga do sabugueiro madura – para as anginas (secam-se e guardam-se dentro de um frasco. Quem tiver as anginas, ferve-as em água e gorgoleja a garganta.)

Barba de milho ou barbas de milho rei – bexiga / infecções urinárias

Camomila - calmante

Casca de cebola – tosse e constipação

Eucalipto – constipações.

Chá de pedra – intestinos e fígado

Chá verde – desgastar gorduras

Cidreira – estômago, ajuda a fazer a digestão, alivia a má disposição

Columbrina – perdas de urina	Hipericão – bexiga / nervos / rins / fígado
Erva de S. Roberto – estômago e intestinos	Hortelã – digestão / intestinos / lombrigas
Erva de sete sangrias – menstruação / sangue pisado	Limão – constipação
Ervas férreas (maçarocas) - febre	Madroa – intestinos e para as <i>madres</i>
Fel da terra – febre / diabetes	Malva – inflamações
Fiolho - fígado	Malvas – feridas/inflamações e infecções
Medronho – fígado	Malvela – dores menstruais / infecções.
Flor de giesta branca – bexiga / coração / diabetes / fígado	Marcela – estômago
Flor da laranjeira – tosse	Montrastos e urtiga vermelha – tensão arterial e colesterol
Flor de carqueja – constipação / tosse / diabetes / colesterol / intestinos / vesícula /	Néveda – dores menstruais
Flor de limonete – estômago	Oliveira – coração / baixar a tensão arterial
Flor de marmelo – sangue gordo e tensão	Pé de cereja – bexiga / veias urinárias
Flor de sabugueiro – constipação / Bronquite	Pelicão – bexiga / fígado
Flor retuliais - intestinos	Pelicão do mato (nasce junto aos rios, nos lameiros) – fígado e vesícula
Folha de codosso – lombrigas.	Raiz de malva – inflamações
Folha de noqueira - infecções / inflamações	Raiz de morango – bexiga / veias urinárias
Folha de papoila – sangue	Raiz de urtiga – purificar o sangue
Freixo – bexiga	Salva – estômago / tensão arterial
Flor de giesta amarela – bronquite	Tília - nervos



FIG. 129 - MULHER A SELECIONAR ERVAS MEDICINAIS

Urtiga – sangue gordo / tensão arterial
Urtiga branca – Bexiga

Ao longo dos tempos, estas comunidades criaram *mezinhas* para curar algumas doenças e feridas. Algumas destas mezinhas, são receitas relativamente simples.

Bolotas de eucaliptos - Muito utilizadas para fazer *esfregas* em golpes ou pisadelas. Pisam-se as bolotas, para fazer um sumo, esmagam-se e depois colocam-se numa garrafa ou frasco. Deita-se aguardente e depois deixa-se três noites a serenar ao sereno da noite, fora de casa. Depois dessas três noites, arruma-se em casa e utiliza-se sempre que se precisar.

Folha de Nogueira - A água, onde se fervem estas folhas, cura feridas e cortes. Também se pode beber para curar infecções, estômago inflamado.

Malvas – Curam infecções. O seu chá pode ser bebido ou utilizado para lavar partes do corpo “*conforme cura a infecção por fora também cura por dentro*”.

As Papas de Linhaça – Pneumonias e pontadas. Deita-se o linho numa sertã com um pouco de água, *o óleo da linhaça aguenta bem a quentura*. Depois fazem-se uns *emplastos* que se colocam em cima do sítio onde dói.

Pedaços de telha quente – Utilizados para curar pontadas.

Vinho maduro fervido com mel – Remédio bom para curar constipações.

Rezas e benzeduras

Existem inúmeras doenças que, de acordo com a sabedoria popular, *não são males de médico*. A sua cura depende de uma série de preceitos a serem seguidos, rezas e benzeduras. Transcrevemos, em seguida, as orações e preceitos que se realizam, para *talhar* aos *males ruins* mais conhecidos.

Cortar a Ciática

A ciática, ou ciética, como localmente lhe chamam, é uma dor que dá, tão forte, que por vezes as pessoas nem se conseguem levantar. A *dor ciética* é parecida com o reumatismo.

Este mal ruim, *corta-se* com uma faca, fazendo uma cruz sob a zona atingida, enquanto se diz a seguinte reza:

Eu te corto presia, ciética, plato e reumatismo

Pelo poder do apóstolo S. Pedro e S. Paulo
Santiago faço mézinha até ó cabo
Ciética corto em nome do Pai
Ciética corto em nome do Filho
Ciética corto em nome do Espírito Santo
Amén
(Tês vezes)

Outra versão

Eu te corto ciética,
Ciética corto,
Ciética atalho
Faço mezinha até ó Cávado,
Pelo poder de S. Pedro e de S. Tiago
Faço mezinha até ó Cávado,
Pelo poder de deus e da Virgem Maria
Esta ciética não lavraria
Nem de noite nem de dia
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
Um Pai-Nosso e um Avé-Maria.

Cortar o Cocho

Começa com a pessoa a dizer:

Em Nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, Amén. Nosso Senhor e Maria Santíssima m'ajude.

Depois benze-se, e com uma faca vai fazendo uma cruz, perto da zona atingida por este mal, à medida que vai rezando:

Eu te corto cocho
Com a faca do pão
De Cobra, cobrão
De Rato, ratão
Toupeira, toupeirão
Aranha, aranhão
Bicho de toda a nação
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
Qu'este cocho aqui não mais lavraria
Tudo venha a bem amor
Como vieram as cinco chagas de Jesus Cristo Nosso Senhor
Em louvor de Deus e da Virgem Maria
Um Pai-Nosso e uma Avé-Maria.

Tem que se cortar três dias seguidos rezando em cada um desses dias três vezes seguidas, como nos disse um informante “*diz-se a oração três vezes e há*

peças que vão ou três, ou seis ou nove vezes cortar”.

Outra versão:

Jesus, Santo nome de Jesus
Eu te talho
Bicho, bichão
Sapo, sapão
Cobra, cobraão
Rata, ratão
Aranha, aranhão
Bichos de toda a nação
Nem cresças,
Nem reverdeças
Em louvor de S. Silvestre
Quanto faço
Tudo preste.
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
Um Pai-Nosso com uma Avé-Maria.

O cocho varia conforme o animal que o originou
“... se for Cocho de toupeira é um buraco, se for de sapo
fica tudo às borbulhas.”

Cortar as Dadas

Também se reza às dadas, por exemplo quando as
pessoas têm tremores, arrepios de frio.

Há quem utilize uma tigela com água, com a qual
se benze a cabeça da pessoa doente.

Eu te corto a dada e o cobranto
Sob o gargalo da água
Assim como a Santíssima Trindade quer e pode
Este mal donde veio p’ra lá torne

E deita-se um bocadinho d’água fora. Três vezes
a mesma coisa. No final, a água que sobra tem que
se deitar fora. Havia também quem rezasse com o
terço, mas assim a reza era diferente. Com o terço
benzia-se e dizia-se:

Quando Deus andou pelo mundo
O Homem lhe deu pousada
A má Mulher lhe fez a cama
Sobre vidro e sobre lama
Assim como isto é verdade
Esta dada seja cortada e atalhada
Pelo poder de Deus e do apóstolo S. Pedro e S.
Paulo
Santiago e S. Silvestre

Tudo quanto fizer nesta criatura preste
Jesus Cristo seja o verdadeiro mestre
Em louvor de Deus e da Virgem Maria
Um Pai-Nosso c’uma Avé-Maria.

Cortar o Mau Ar

Também é cortado com uma faca.

Há quem diga que “p’ra cortar o ar que faz bem colocar
três areias de sal, três dentes d’alho, três codinhas de pão e
três pingas de azeite numa tigela”, enquanto se procede
à reza, de forma a evitar que o mau ar passe para a
pessoa que o está a cortar.

Em Nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo,
Amén.

Nossa Senhora Maria Santíssima m’ajude.

Eu te corto
Ar do medo, ar d’inveja
Ar da noite, ar do dia
Ar das estrelas, ar do luar
Ar das encruzilhadas
Todos os maus ares qu’andam pelo mundo
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
Qu’este mau ar aqui mais não pararia
Tudo venha a bem amor
Como vieram as cinco chagas de Jesus Cristo Nosso
Senhor

Também se corta sempre três vezes.

Outra versão

Eu que corto? E a pessoa responde:
O ar.
Ar de inveja, ar espinhado, ar do mau olhar,
Ar de defunto, ar das encruzilhadas,
Ar de todos os ares que andam pelo mundo.
Assim venha em bem e amor,
Assim como vieram as cinco chagas de Nosso Se-
nhor.
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria um Pai-
Nosso com um Avé-Maria.

Cortar a Névoa

A névoa é um *mal ruim* que dá nos olhos.
Corta-se com uma tigela com água e nove grãos de
trigo. Faz-se a cruz com um grão de trigo, de cada
vez, nos olhos e diz-se a oração. À medida que se
vai cortando deitam-se os grãos de trigo na tigela da
água.

Oração
“Senhora Santa
Pelo Maria
Três novelinhos tenia
Um urdia
Outro tecia,
Outro pano e névoa moía
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
Um Pai-Nosso com uma Avé-Maria”
Tem que se repetir o procedimento nove vezes,
durante nove dias consecutivos.

Cortar o Unheiro

O unheiro é uma doença que atinge os olhos e provoca picadelas.

A reza para *talhar* esta doença começa com um diálogo entre quem reza e quem está doente:

Jesus, Santíssimo Jesus que em nome da virtude Nossa Senhora Maria Santíssima m’ajude. E pergunta-se à pessoa: Eu que corto? E a pessoa responde: O unheiro. E depois diz-se a seguinte oração:

Borbulhas e borbulhões
Sejam delidas como os carvões
Quando os sapos tiverem rabo
As bichas pernas para andar
Assim vós aqui haveis de navegar
Pelo poder do apóstolo S. Pedro, Santiago e S. Silvestre
Tudo quanto fizer nesta criatura preste

Jesus Cristo seja o verdadeiro mestre
Em louvor de Deus e da Virgem Maria
Um Pai-Nosso c’uma Avé-Maria
Acaba sempre assim, dizendo: “*Jesus Cristo seja o verdadeiro mestre, porque a gente não tem poder p’ra nada.*”

Cortar a Jipela

Pedro Paulo foi a Roma
Pedro Paulo veio de Roma
O Senhor lhe perguntou:
O que vai por lá Pedro Paulo?
Morre por lá muita gente
Com quê Pedro Paulo?
Com Jipela e Jipelão
Vai lá Pedro Paulo cura lá essa gente
Com quê meu Senhor?
Com cordas d’espargo, espigas de pão e penas de galinha
Pelo poder de Deus e da Virgem Maria
Um Pai-Nosso c’uma Avé-Maria / Cortou-te a
Nossa Senhora qu’eu não sabia

Para curar a jipela, como nos disse um informante, “*umas pessoas cortam-na com uma espiga molhada em azeite, outras com uma pena de galinha. Acho que a minha mãe tirava uma pena à galinha e molhava no azeite. A jipela daba no corpo em qualquer lado... depois até untavam aquele sítio onde tinham o mal. No fim queimava a pena da galinha.*”



FIG. 130 - TIGELA COM AZEITE E ESPIGA DE CENTEIO UTILIZADOS EM ALGUMAS REZAS

Adágios Populares

Os Meses do ano

Janeiro

A castanha em Janeiro vale mais que um carneiro.
Em Janeiro já ia o porquinho ó fumeiro
Janeiro giadeiro.
Em Janeiro vai ao outeiro. Se vires verdejar põe-te a chorar, se vires negrejar põe-te a cantar.
Não há luar como o de Janeiro, nem amor como o primeiro.

Fevereiro e Março

Em Fevereiro já os dias tem um salto do carneiro
Fevereiro chuva, cada suco seu rigueiro.
Lá vem o meu Febreirinho curto que me deixas-te oito bezeros. Bem o meu irmão mês de Março que de oito me deixou quatro e desses quatro pelados.
Fevereiro é *fermeleiro* / *fermelegeiro* (come bem o gado).
Março pelarço (não há comida para o gado).
Março arreganhaço.
Março marçagão, de manhã Inverno à tarde Verão.
Março, bocadinhos de chuva que a velha leva no regaço
No Março já tanto durmo como faço.

Abril

Abril águas mil coadas por um funil.
Abril águas mil e quantas mais puderem vir.
Abril águas mil.

Maió

Em Maio encho o palaio.
Maio desapondaio.
Maio louro, mas não muito louro.
Maio quer-se claro como o olho do galo.
Maio turbo e S. João claro.
Páscoa enxuta, ano de muita fruta.
Fraco é o Maio que não rompe uma croça.

Junho

Em Junho calco a punho.

Junho seitoira no punho.
S. João claro como o olho do galo.

Agosto

Em Agosto, como à saúde do meu rosto.
Luar de Agosto ao lavrador dá no rosto (as pessoas andavam até tarde a trabalhar: a colher, semear, regar...).
Água que de Verão regar, de Abril e Maio há-de ficar.

Setembro

Setembro molhado figo estragado.

Novembro

Entre Santos e Natal, Inverno crucial.

Sabedoria Popular

A malvela, a mulher nunca habia de comer o caldo sem ela.
A mulher e a ovelha com sol à cortelha (antigamente, as raparigas e as mulheres ao tocarem as trindades recolhiam a casa).
Abre o teu porco e verás o teu corpo.
Ao rico não peças e ao pobre não prometas.
Atrás de mim virá, quem a mim me fará.
Cada terra tem seu uso, cada roca tem seu fuso.
Casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão.
Com Pão e erva, Deus tudo governa.
Como e bebo e pago a quem devo.
Dá com que não peças e pede com que não aborreças.
Deitar cedo e cedo erguer dá saúde e faz crescer.
Deus ajuda quem muito madruga.
Dorme e depois come do sono.
Em casa deste homem quem não trabalha não come.
Filho és, pai serás, como o fizeres assim o acharás.
Grão a grão enche a galinha o papo.
Mais vale um pássaro na mão, do que dois a voar.
Mãos à obra como diz a moda.
Nada me és, nada me dois.
Não faças mal ao teu vizinho que o teu vem pelo caminho.

Nos casamentos e nos murtórios é que se fazem os falatórios.

Pica pico, se fores pobre, não chegas a rico.

Quem a ferro mata, a ferro morre.

Quem adiante não olha, atrás volta.

Quem anda à chuva molha-se.

Quem está de fora racha lenha.

Quem muito dorme pouco aprende.

Quem não arrisca não petisca.

Quem não come por ter comido não tem doença de perigo

Quem semeia ventos, colhe tempestades.

Quem tem medo compra um cão.

Quem troca o odre por odre, algum deles sai pobre.

Quem tudo quer, tudo perde.

Quem vai casar longe ou vai enganar ou ser enganado.

Se a mulher soubesse o que era a malvela nunca a tirava da panela.

Se d'um lado chove do outro faz sol.

Só se lembra de Santa Bárbara quando toa.

Notas

1 Para além destes produtos, encontram-se também certificados com a IG a Bola de Carne de Boticas, a Broa de Centeio de Boticas e o Folar de Carne de Boticas.

2 Em muitas aldeias do concelho este produto é também designado como chouriça de carne ou simplesmente chouriça.

3 Pia cilíndrica em pedra.

4 No Ano Lectivo 2005/2006 encontravam-se a funcionar os cursos de Informática, Contabilidade e PME's.

5 Estes textos seguem de perto o trabalho de Santos Júnior *et al.* (1983) e Santos Júnior *et al.* (1986) editado pela Câmara Municipal de Boticas.

6 A propósito da apropriação de baldios há imensa literatura que descreve as queixas dos povos contra os aforamentos de terras comuns e doutrina sobre o direito dos povos sucessivamente reiterado pela Coroa. Ver CAPELA, 1997: 47 e ss.

7 Sobre esta temática ver alguns trabalhos de cariz etnográfico sobre a região do Barroso realizados pelo Pe. António Fontes, com especial destaque para FONTES, 1992.

Glossário

Acalhoar – atirar pedras (calhaus).

Afumar – secar ao fumo.

Ajuntamento – adjunto, reunião de pessoas.

Amanhar – preparar a terra para semear.

Arrematar – comprar ou arrendar algo em leilão.

Aviação – distribuição (da água).

Bancelho – uma espécie de corda feita de palha que se utiliza para atar os molhos.

Bandejar – atirar a massa ao ar com uma bandeja e apará-lo, tentando dar-lhe uma forma arredondada antes de o meter no forno.

Cabaneiros – a classe dos agricultores mais pobres, com poucos recursos, que vivem essencialmente da jeira.

Cacarenhas – cócoras

Canceladas – reunir os rebanhos, nas terras que vão ser cultivadas, rodeando-os com uma cerca de cancelas para que permaneçam na área pretendida. Esta técnica de estrumação era muito utilizada em algumas aldeias do concelho.

Carmear - desfazer os nós da lã

Carpins - meias

Carrar – transportar, geralmente em carros de vacas

Carreja – transporte.

Cisco - poeira.

Corte – Loja onde estão os animais

Desabagado – livre

Desenciscar – tirar os ciscos

Desorbalhado – sem orvalho

Emeroucar - fazer meroucas

Enfunilar ou ensacar – introduzir a carne, para o fumeiro, nas tripas, utilizando um funil largo. A carne é colocada no funil e depois empurrada, para dentro das tripas, com um *fuso*.

Escafolar / Escafular – tirar da cafula, desfolhar ou esfolhar o milho.

Escangalhar – estragar.

Escotchar – cortar.

Esterco – fertilizante natural, formado pelos matos

com que se estrumam as cortes dos animais e os seus dejectos, é utilizado para a adubação das terras agrícolas.

Fogatcha – fogueira.

Garmalheira / Gramalheira – corrente de pendurar os potes à lareira, ou corrente de ferro que está presa ao sino da Igreja/Capela.

Lameiros – pastagens naturais.

Lavrar – arar.

Liar – combater, lutar.

Malhadeira – máquina que faz a debulha, malhando o cereais.

Masseira – uma espécie de caixa de madeira onde se amassa a massa do pão.

Mata-Bicho – primeira refeição do dia.

Matão – vassoura de urze ou giesta, enfiada num pau, que serve para varrer o forno.

Mato – designa o conjunto de arbustos existentes nos baldios (carqueja, giesta, urze, tojo, etc.).

Merouca – meda, monte de palha ou de canas de milho.

P'ra môr de – por causa de.

Palheiro – arrecadação de ferragens (feno e palha) para alimento dos animais.

Parva – primeira refeição do dia.

Pote – panela de ferro com três pernas.

Poulo – terreno de poisio.

Quentador / Quentadeiro – pessoa que aquece o forno para cozer o pão e que marcava a vez de cozer às pessoas.

Rasa – medida usada para os cereais, equivalente a um alqueide (doze quilos).

Rascalho – ramo de carvalho, vassoura improvisada feita de um ramo.

Responsar – rezar responsos (oração por coisas perdidas)

Restolho – terreno depois de ceifado (restos de centeio).

Segadas - ceifas.

Segar – ceifar.

Bibliografia

- BORRALHEIRO, Rogério, 2005, *Montalegre, Memórias e História*, Ed. Barrosana, Câmara Municipal de Montalegre.
- BRITO, Joaquim Pais de, 1996, “Coerência, incerteza e ritual no calendário agrícola” in BRITO, Joaquim Pais de *et al. (Coords.)*, 1996, *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, pp. 217-229.
- CALLIER-BOISVERT, Colette, 1996, “Soajo dans le haut-Minho – L’entraide em milieu agro-pastoral hier et aujourd’hui” in BRITO, Joaquim Pais de *et al. (Coords.)*, 1996, *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, pp. 301-309.
- Câmara Municipal de Boticas, 2005, *Carta Desportiva de Boticas*, Boticas.
- Câmara Municipal de Boticas, 2005, *Plano Municipal de Defesa da Floresta Contra Incêndios*, Boticas.
- CAPELA, J. Viriato, 1997, *Política de Corregedores*, Braga, Ed. ICS, Universidade do Minho.
- CAPELA, José Viriato, 1997, *A Revolução do Minho de 1845*, Braga, Ed. G. C. de Braga.
- CAPELA, José Viriato, BORRALHEIRO, Rogério, 2001, *Boticas nas Memórias Paroquiais*, Boticas, Edição da Câmara Municipal de Boticas.
- COSTA, António Firmino da, 1999 (10ª ed.), “A pesquisa de terreno em sociologia” in SANTOS SILVA, Augusto e PINTO, José Madureira, *Metodologia das Ciências Sociais*, pp.129-148.
- COUTO, Artur Monteiro do, 1998, *Património histórico de uma aldeia transmontana, Sapiãos*, Ed. Câmara Municipal de Boticas.
- DIAS, Adamir, TENDER, Manuela, 2005, *Dicionário de Transmontanismos*, Chaves, Associação Rotary Club de Chaves.
- DIAS, Jorge, 1983 (2ª Ed.), *Vilarinho da Furna – Uma aldeia comunitária*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- FERREIRA, Virgínia, 1999 (10ª ed.), “O inquérito por questionário na construção de dados sociológicos” in SANTOS SILVA, Augusto e PINTO, José Madureira, *Metodologia das Ciências Sociais*, pp.165-196.
- FONTE, Barroso da e FONTES, António L., 1972, *Usos e Costumes do Barroso*, Chaves, Edições Gutenberg.
- FONTE, Barroso da, 2003, *Dicionário dos mais ilustres Transmontanos e Alto Durienses*, Guimarães, Editora Cidade Berço, Volume III.
- FONTES, António L., 1982, “Cultura Popular da Zona do Barroso” in *Brigantia*, Número 4, pp.3-12.
- FONTES, António L., 1992, *Etnografia Transmontana (vol. I Crenças e tradições de Barroso; vol.2 O comunitarismo de Barroso)*, Lisboa, Editorial Domingos Barreira.
- FONTES, António Lourenço; SANCHES, João Gomes, 1999, *Medicina Popular (Ensaio de antropologia médica)*, Lisboa, Âncora Editora.
- GHIGLIONE, Rodolphe; MATALON, Benjamin, 2001 (4ª ed.), *O Inquérito (Teoria e prática)*, Oeiras, Celta Editora.
- GONÇALVES, Maria Ortelinda Barros, 2003, *Emigração, Retorno e Desenvolvimento Sustentável no Barroso (Concelho de Boticas)*, Tese de Mestrado em Relações Interculturais, Porto, Universidade Aberta.
- GOUVEIA, Adelino *et al.*, (s.d.) *Raça Barrosã*, Braga, AMIBA – Associação dos Criadores de Bovinos de Raça Barrosã.
- GUIMARÃES, Rui Dias, 2002, *O Falar de Barroso (O homem e a linguagem)*, Viseu, João Azevedo Editor.
- LEAL, Augusto Soares d’Azevedo de Pinho, 1874, *Portugal Antigo e Moderno*, vol II, Lisboa.
- MARTINS, João Baptista, 1992, *o Concelho de Boticas – A sua história*, Boticas, Edição da Câmara Municipal de Boticas.
- MARTINS, Manuel José Carvalho, 1995, *O Senhor do Monte (Freguesia de Pinho – Boticas)*, Vila Real, Minerva Transmontana.
- O’NEILL, Brian Juan, 1984, *Proprietários, Lavradores e Jornaleiras (Desigualdade social numa aldeia transmontana, 1870-1978)*, Porto, Publicações Dom Quixote.

- O'NEILL, Brian Juan, 1989, "Repensando trabalhos colectivos lúdicos: A matança do Porco em Alto Trás-os-Montes", in *Estudos em Homenagem a Ernesto Veiga de Oliveira*, Lisboa, INIC/Centro de Estudos de Etnologia, p.471-520.
- OLIVEIRA, César de (dir.), 1995, "A sociedade local e os seus protagonistas" in: *História dos Municípios e Poder local.*, Lisboa, Ed. Círculo de Leitores.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, 1984, *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa, Publicações D. Quixote.
- OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando, PEREIRA, Benjamim, 1976, *Alfaias Agrícolas Portuguesas*, Lisboa, IAC/Centro de Estudos de Etnologia.
- PEREIRA, José Pacheco (org.), 1991, *Notícias Históricas do Concelho e Vila de Boticas*, Boticas, Câmara Municipal de Boticas, Volume 3.
- POLANAH, Luís, 1992, "A propósito do comunitarismo na serra do Gerês" in *Terras de Bouro o Homem e a Serra*, Ed. Câmara Municipal Terras do Bouro, pp. 57-66.
- PORTELA, José, 1986, *Trabalho Cooperativo em Duas Aldeias de Trás-os-Montes*, Porto, Edições Afrontamento.
- PORTELA, José, 1996, "Regadios Tradicionais em Trás-os-Montes" in BRITO, Joaquim Pais de *et al.* (Coords.), 1996, *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, pp. 343-357.
- Recenseamento Geral da Agricultura, 1999, INE
- Recenseamento Geral da População, 1991, INE
- Recenseamento Geral da População, 2001, INE
- Rede Social de Boticas, *Pré-Diagnóstico Social*.
- RIBEIRO, Manuela, 1991, "Ter, ser e morrer no Barroso. (A morte como meio de abordagem aos sistemas de estratificação social)" in *Cadernos de Ciências Sociais*, Nº10/11, pp.101 – 122.
- RIBEIRO, Manuela, 1996, "A Terra e os Camponeses no Barroso" in BRITO, Joaquim Pais de *et al.* (Coords.), 1996, *O Voo do Arado*, Lisboa, Museu Nacional de Etnologia, pp. 343-357.
- RIBEIRO, Manuela, 1997, *Estratégias de reprodução socio-económica das unidades familiares camponesas, em regiões de montanha Barroso (1940-1990)*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica.
- RIBEIRO, Orlando, 1998 (7ª edição), *Portugal o Mediterrâneo e o Atlântico*, Lisboa, Livraria Sá da Costa Editora.
- SANTOS JÚNIOR, *et al.*, 1986, *Castros do Concelho de Boticas – II (Campanhas de 1984-1985)*, Boticas, Câmara Municipal de Boticas.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim R. dos, 1980, *A Vezeira da Cabrada do Couto de Dornelas (Barroso) e Outras Vezeiras*, Porto, Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Faculdade de Ciências do Porto.
- SANTOS JÚNIOR, Joaquim R. dos, MIRANDA JÚNIOR, Avelino Alves; SANTOS, Norberto dos, 1983, *Castros do Concelho de Boticas* (fasc. 3, v.24), Porto, Ed. Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, Faculdade de Ciências do Porto.
- SILVA, Manuel Carlos, 1998, *Resistir e adaptar-se (constrangimentos estratégias camponesas no Noroeste de Portugal)*, Porto, Edições Afrontamento.
- TABORDA, Vergílio, 1932, *Alto Trás-os-Montes – Estudo Geográfico*, Coimbra, Imprensa da Universidade.
- TORGA, Miguel, 1968, *Diário X*, Coimbra, Gráfica de Coimbra.
- TORGA, Miguel, 1973, *Diário XI*, Coimbra, Gráfica de Coimbra.
- VIEGAS, João Carlos, MIRANDA, Jorge Augusto e LUCAS, Óscar, s.d., *Levantamento dos Moinhos de Boticas*,